UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA GERAL

Joana Dworecka Autuori

Fonologia e morfossintaxe da língua Sanöma (Yanomami)

São Paulo

2019

Joana Dworecka Autuori

Fonologia e morfossintaxe da língua Sanöma (Yanomami)

Versão corrigida

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Semiótica e Linguística Geral da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção de título de Doutora em Linguística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Luciana Raccanello Storto

São Paulo

2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

A939f Autuori, Joana Dworecka
Fonologia e morfossintaxe da língua Sanõma
(Yanomami) / Joana Dworecka Autuori ; orientadora
Luciana Raccanello Storto. - São Paulo, 2019.
351 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de Linguística. Área de concentração:
Semiótica e Linguística Geral.

1. Yanomami. 2. Sanõma. 3. Línguas Indígenas. 4.
Fonologia. 5. Morfossintaxe. I. Storto, Luciana
Raccanello, orient. II. Título.

fflch

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Joana Dworecka Autuori

Data da defesa: 20/09/2019

Nome do Prof. (a) orientador (a): Profa. Dra. Luciana Raccanello Storto

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 20/11/2019

(Assinatura do (a) orientador (a))

Para o Moreno e a Valentina

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Agradeço ao povo Sanöma, especialmente aos das comunidades Awaris, Katonau, Kolulu, por me abrirem as portas de suas casas e me permitirem conhecer sua cultura e sua língua. Aos que, pacientemente, participaram das sessões de elicitação de dados e aos que, de uma forma ou de outra, colaboraram com essa pesquisa.

Agradeço à minha orientadora Professora Doutora Luciana Storto pelas discussões, análises e comentários, e por sua maneira objetiva e pragmática de conduzir a orientação.

Agradeço ao Instituto Socioambiental (ISA) por me receber como pesquisadora associada e possibilitar muitas de minhas idas à campo e de meus encontros com os Sanöma. Em especial, agradeço à toda a equipe do ISA Boa Vista que sempre me auxiliou com a logística das idas a campo e me ofereceu seu escritório como local de encontro com os Sanöma para trabalhar nesta tese.

Agradeço ao Helder Perri Ferreira pelas longas discussões sobre a linguística e as línguas yanomami, pelo estímulo para seguir produzindo e pelo apoio técnico com os *softwares* de linguística.

Aos colegas de doutorado Antonia Fernanda Nogueira, Ana Carolina Alves, Klauber Renan, Rafael Camacho, Karolin Obert, Karin Vivanco, obrigada pela amizade e pelas discussões enriquecedoras.

Aos que me deram abrigo em Boa Vista: Ana, Helder e Lino, Paulo Mesquita, Isabela Couto e Tito, Estêvão Senra e Virgínia Amaral, Ana Paula Caldeira, Marisa Araújo, Amanda Diógenes, meu muito obrigada. E a todos os amigos que tornaram muito prazerosas minhas longas estadas em Boa Vista!

Ao Moreno Saraiva Martins, por ter me apresentado aos Sanöma e me inserido no universo indígena. Pelo apoio incondicional para que eu pudesse realizar essa tese. À Valentina, que chegou ao mundo durante essa pesquisa e me trouxe energia e propósito para seguir em frente. À toda a minha família, que sempre me apoiou nessa árdua jornada da pesquisa acadêmica.

Resumo

AUTUORI, Joana D. **Fonologia e morfossintaxe da língua Sanöma (Yanomami)**. 2019. 351 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

O presente trabalho consiste em uma descrição de aspectos da fonologia e da morfossintaxe da língua Sanöma falada no Brasil. Sanöma é uma das seis línguas da família linguística Yanomami, falada na Terra Indígena Yanomami, nos estados do Amazonas e de Roraima, e na Venezuela. Os dados foram coletados em primeira mão com falantes nativos das comunidades do entorno da pista de pouso de Awaris. Descrevemos a fonologia e a morfofonologia apontando para diferenças existentes entre o inventário fonológico do Sanöma e de outras línguas da família. A tese identificou a consistência da condição de núcleo final dessa língua polissintética, que se manifesta, entre outros contextos, na ordem de constituintes SOV. A morfossintaxe das duas classes gramaticais principais (Nomes e Verbos) foi descrita com exemplos. Raízes atributivas (adjetivas) foram analisadas como uma subclasse verbal. Assumimos, no entanto, sua semelhança com a classe dos Nomes. Em relação aos Nomes, uma rica morfologia associada a classificadores nominais foi apresentada. Foram expostas as evidências para a análise do Sanöma como uma língua de caso ergativo-absolutivo. Foram identificadas quatro subclasses verbais: dinâmicas, atributivas, posicionais e irregulares. A concordância verbal ocorre por meio de proclíticos. Enclíticos verbais são derivacionais, flexionais e subordinadores. Sentenças interrogativas polares e não polares foram brevemente descritas. Foi apresentada a rica morfologia de tempo, aspecto, espaço e evidencialidade, assim como as orações subordinadas temporais, causais, contrafactuais, e concessivas.

Palavras-chave: Sanöma; Yanomami; Línguas Indígenas; Fonologia; Morfofonologia Morfossintaxe;

Abstract

AUTUORI, Joana D. **Phonology and morphosyntax of Sanöma (Yanomami)**. 2019. 351 p. Dissertation (PhD in Linguistics) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

This dissertation describes aspects of the phonology and morphosyntax of the Sanöma language spoken in Brazil. Sanöma is one of the six languages of the Yanomami linguistic family, spoken in the Yanomami Indigenous Territory, in the states of Amazonas and Roraima (Brazil), and Venezuela. The data were collected in fieldwork with native speakers from the communities around the Awaris landing strip. We describe aspects of the phonology and morphology by pointing to the distinction between the phonological inventory of Sanöma and the other languages of the family. This dissertation has identified a consistency of the head final order of this polysynthetic language, which is manifested in the SOV unmarked order of constituents, among other contexts. The morphosyntax of the two major classes (Nouns and Verbs) has been described with examples. Attributive stems (adjectives) were analyzed as part of a verbal subclass. We show, however, their similarity with the class of nouns. Regarding the class of nouns, a rich morphology associated with nominal classifiers was identified. Evidences for the analysis of an ergative-absolutive case system was presented. Four verbal subclasses were described: dynamic, attributive, positional and irregular. Verbal agreement occurs through proclitics. Verbal enclitics are derivational, inflectional and clausal. Polar and nonpolar interrogative sentences have been briefly described. The rich morphology of tense, aspect, space and evidentiality was presented, as well as temporal, causal, counterfactual and concessive subordinate clauses.

Key words: Sanöma; Yanomami; Indigenous Language; Phonology; Morphosyntax

Lista de figuras

Figura 1: Mapas: Terra Indígena Yanomami e região de Awaris.....	23
Figura 2: Mapa das línguas Yanomami no Brasil e na Venezuela.....	40
Figura 3: Espectrograma de [p] e [b] em meio de palavra.....	62
Figura 4: Espectrograma de [p] e [b] em início de palavra.....	63

Lista de quadros

Quadro 1: Línguas Yanomami no Brasil.....	38
Quadro 1: Fonemas Vocálicos Orais Breves.....	45
Quadro 2: Pares mínimos - fonemas vocálicos.....	45
Quadro 3: Pares Mínimos - fonemas vocálicos orais e nasais.....	47
Quadro 4: Morfemas com Fonemas Vocálicos Nasais.....	48
Quadro 5: Fonemas Vocálicos Nasais.....	49
Quadro 6: Pares Mínimos - Vogal Breve /a/ e Vogal Longa /a:/.....	50
Quadro 7: Fonemas Vocálicos.....	50
Quadro 8: Fonemas Consonantais do Sanöma.....	51
Quadro 9: Pares mínimos de fonemas consonantais oclusivos.....	52
Quadro 10: Pares mínimos de fonemas consonantais fricativos.....	52
Quadro 11: Pares mínimos de fonemas consonantais aproximantes.....	52
Quadro 12 - Pares mínimos de fonemas consonantais nasais.....	53
Quadro 13: Pares mínimos de fonemas consonantais aspirados.....	53
Quadro 14: Pares mínimos de fonemas consonantais bilabiais.....	53
Quadro 15: Pares mínimos de fonemas consonantais coronais.....	54
Quadro 16: Fones Consonantais.....	59
Quadro 17: Alofones dos fonemas consonantais e ambientes de realização.....	59
Quadro 18: Exemplos com os fonemas cognatos /s/, /tʰ/ e /t/ nas línguas Yanomami, possivelmente oriundos do proto /tʰ/.....	69
Quadro 19: Exemplos com os fonemas cognatos /s/, /tʃ/ e /j/ nas línguas Yanomami, possivelmente oriundos do proto /j/.....	70
Quadro 20: Exemplos com os fonemas cognatos /s/, /ʃ/ e /x/ nas línguas Yanomami, possivelmente oriundos do proto /ʃ/.....	70
Quadro 1: Informações dos argumentos requeridas na Frase Mínima.....	96
Quadro 1: Demonstrativos e a localização do nome em relação ao falante e ao ouvinte.....	119
Quadro 2: Pronomes Possessivos de Primeira e Segunda Pessoas do Singular.....	120
Quadro 3: Pronomes Pessoais.....	129
Quadro 4: Morfemas Nominais.....	137

Quadro 5: Classificador Nominal u ‘líquido’	144
Quadro 6: Classificador Nominal ko / koko ‘arredondado’	144
Quadro 7: Classificador Nominal kökö ‘comprido, serpentiforme’	145
Quadro 8: Classificador Nominal ti ‘madeira’	145
Quadro 9: Classificador Nominal ösö ‘pele, invólucro, meio de locomoção’	146
Quadro 10: Classificador Nominal amo ‘cogumelo comestível’	146
Quadro 11: Classificador Nominal sö ‘palmeira e bananeira’	147
Quadro 12: Classificador Nominal ösö ‘ingá e cana’	147
Quadro 13: Classificador Nominal si ‘brilho, fumaça’	147
Quadro 14: Classificador Nominal toto ‘cipó, corda’	148
Quadro 15: Morfemas de número.....	149
Quadro 16: Morfemas de caso.....	157
Quadro 1: Morfemas de subclasse verbal em diferentes contextos.....	176
Quadro 2: Proclíticos verbais.....	188
Quadro 2: Concordância com argumentos absolutivos.....	190
Quadro 3: Concordância com argumento ergativo.....	195
Quadro 4: Alinhamento Ergativo-Absolutivo da concordância com 1PL e 2PL.....	200
Quadro 5: Enclíticos verbais derivacionais.....	212
Quadro 6: Enclíticos verbais flexionais.....	212
Quadro 7: Enclíticos oracionais.....	212
Quadro 8: Raízes verbais que ganham novo significado com =pa.....	218
Quadro 9: Raízes de verbos dinâmicos derivadas com =pa sem alteração de significado.....	221
Quadro 10: Raízes de verbos atributivos derivadas com =pa.....	224
Quadro 11: Raízes de verbos posicionais derivadas com =pa.....	226
Quadro 12: Morfemas de aspecto perfectivo.....	246
Quadro 13: Morfemas de Localização.....	256
Quadro 14: Morfemas de direção.....	259
Quadro 15: Combinação de Morfemas de Localização e de Direção.....	264
Quadro 16: Morfemas de tempo usados em contextos testemunhados.....	265
Quadro 17: Morfemas de tempo usados com os evidenciais não testemunhado (tha) e inferido (noa)	268
Quadro 18: Morfemas de tempo usados com o evidencial neutro.....	270

Quadro 19: Paradigmas de tempo usados com cada tipo de evidencial.....	272
Quadro 20: Morfema de evidencialidade.....	286
Quadro 21: Morfemas de evidencialidade. Comparativo com análise de Borgman (1990)..	287
Quadro 1: Conjunção utilizada com cada tipo de oração subordinada adverbial.....	312
Quadro 1: Pronomes interrogativos utilizados em sentenças interrogativas de constituintes.....	340
Quadro 2: Pronomes interrogativos utilizados em sentenças interrogativas adverbiais.....	341

Lista de Abreviaturas

Abreviatura	Glosa
1	primeira pessoa
2	segunda pessoa
3	terceira pessoa
ANA	anáfora
AND	andativo (translocativo)
APP	aplicativo
AUM	aumentativo
CAUS	causativo
CAUSE	caso causal
CEL	celerativo
CLN	classificador nominal
CNT.FACT	contrafactual
COM	caso comitativo
CONCS	concessiva
COND	condicional
CONT	container
COP	cópula
CSV	conservativo
DECL	modo declarativo
DEM	demonstrativo
DEPR	depreciativo
DER	derivacional
DIM	diminutivo
DISTR	distributivo
DL	dual/paucal
DUR	durativo
DYN	dinâmico

ERG	caso ergativo
FUT	futuro
GEN	genitivo
HOD	hodierno
INDEF	pronome indefinido
INFR	inferencial
INS	caso instrumental
INT.PRO	pronome interrogativo
INTNS	intensificador
INTRZ	intransitivizador
LOC	locativo
MM.PLAN	mesmo plano
MODAL	modalidade
N.VIS	não visível
NEG	negação
NMLZ	nominalizador
NTEST	não testemunhado
OBL	oblíquo
PFV	perfectivo
PFV.VWL	vogal perfectiva
PL	plural
POS	pronome possessivo
POST	posicional
PRE.HOD	pré-hodierno
PROX.VIS	próximo visível
PRS	presente
PSP.H.NREC	passado hodierno não recente
PST	passado
PST	passado
PST.H.REC	passado hodierno recente

PST.PRE.HOD	passado pré-hodierno
PTC.INT	partícula interrogativa
QUANT	quantidade
REAS	conjunção causal
RECIP	recíproco
REL.DUR	duração relativa
REL.PRS	presente relativo
REL.PST	passado relativo
REPET	repetitivo
RIO.AB	rio abaixo
RIO.AC	rio acima
SG	singular
STV	estativo
TEST	testemunhado
TOT	totalizador
VEN	venitivo (cislocativo)

Sumário

Forma de apresentação dos dados.....	20
1 Introdução.....	21
1.1 Localização e história dos Sanöma.....	22
1.2 Uma sociedade majoritariamente monolíngue.....	27
1.3 Participação em projetos interculturais com os Sanöma.....	31
1.4 Trabalhos de campo e metodologia de coleta de dados.....	35
1.5 Línguas Yanomami.....	36
1.6 Bibliografia sobre línguas Yanomami.....	41
1.7 Estrutura desta tese.....	38
2 Fonologia.....	44
2.1 Vogais.....	44
2.1.1 Vogais orais breves.....	44
2.1.2 Vogais nasais.....	47
2.1.3 Vogais orais longas.....	49
2.2 Consoantes.....	51
2.3 Sílabas.....	54
2.4 Processos fonológicos e morfofonológicos.....	56
2.4.1 Traço vozeado não distintivo.....	61
2.4.2 Palatalização regressiva e progressiva condicionada por /i/ ou /j/.....	65
2.4.3 Lenição e vozeamento de /t/ e /k/.....	72
2.4.4 Assimilação de nasalidade.....	73
2.4.5 Assimilação de ponto de articulação.....	77
2.4.6 Síncope.....	79
2.5 Resumo do capítulo.....	84
3 Características sintáticas.....	85
3.1 Núcleo final.....	86
3.1.1 SOV.....	86
3.1.2 Orações subordinadas à esquerda de orações matrizes.....	90
3.1.3 Posposições.....	91

3.1.4	Ordem possuidor – possuído.....	92
3.2	Frase mínima.....	93
3.2.1	Omissão de nomes classificados.....	93
3.2.2	Omissão de nomes classificados.....	94
3.2.3	Omissão de nomes na relações parte-todo.....	95
3.3	Classes gramaticais.....	97
3.3.1	Raízes nominais.....	97
3.3.2	Raízes verbais.....	100
3.3.3	Raízes que denotam propriedades (verbos atributivos).....	103
3.4	Resumo do capítulo.....	114
4	Nome.....	115
4.1	Pronomes e adnomes.....	115
4.1.1	Demonstrativos.....	115
4.1.2	Pronomes possessivos e construções de posse.....	120
4.1.3	Pronomes pessoais.....	128
4.2	Morfologia nominal.....	134
4.2.1	Pessoa e número.....	140
4.2.2	Número e classificadores nominais.....	142
4.2.2.1	Singular (nomes classificados e nomes não classificados).....	142
4.2.2.2	Dual/paucal e plural (nomes classificados e nomes não classificados).....	149
4.2.3	Partes de entidades.....	152
4.2.3.1	Dual/paucal e plural de partes de entidades.....	155
4.2.4	Raízes atributivas.....	155
4.2.5	Aplicativo.....	156
4.2.6	Caso.....	157
4.2.6.1	Caso ergativo e caso absolutivo.....	158
4.2.6.2	Caso instrumental ou causa.....	160
4.2.6.3	Caso oblíquo.....	163
4.2.6.4	Caso locativo.....	166
4.2.6.5	Caso comitativo.....	167
4.2.6.6	Caso genitivo.....	168

4.3	Resumo do capítulo.....	170
5	Verbo.....	172
5.5	Subclasses verbais.....	173
5.5.1	Contextos de ocorrência dos morfemas de classe verbal.....	175
5.5.1.1	Presente habitual.	176
5.5.1.2	Passado imperfeito.....	180
5.5.1.3	Orações relativas.....	182
5.5.1.4	Morfemas de localização.....	183
5.6	Morfologia verbal.....	187
5.6.1	Concordância.....	189
5.6.1.1	Concordância com o argumento absolutivo.....	190
5.6.1.2	Concordância com o argumento ergativo.....	195
5.6.1.3	Perda de concordância.....	197
5.6.1.4	Alinhamento ergativo-absolutivo das marcas de concordância.....	200
5.6.1.5	Origem das marcas de concordância.....	205
5.6.1.6	Aplicativo.....	209
5.6.2	Enclíticos derivacionais.....	213
5.6.2.1	Derivacional = <i>a</i>	213
5.6.2.2	Derivacional = <i>pa</i>	215
5.6.2.3	Reflexivo/intransitivizador = <i>mo</i>	226
5.6.2.4	Causativo/transitivizador = <i>ma</i>	233
5.6.2.5	Conservativo = <i>po</i>	237
5.6.2.6	Recíproco = <i>so</i>	242
5.6.3	Enclíticos flexionais.....	245
5.6.3.1	Aspecto.....	245
5.6.3.2	Espaço.....	254
5.6.3.3	Tempo e modalidade.....	264
5.6.3.4	Evidencialidade.....	279
5.7	Negação.....	290
5.7.1	Negação com o morfema = <i>mi</i>	292
5.7.2	Negação com o verbo <i>ma</i> ‘não existir’	296

5.8	Resumo do capítulo.....	299
6	Orações subordinadas.....	300
6.1	Orações subordinadas adverbiais temporais.....	300
6.1.1	Passado relativo.....	301
6.1.2	Presente relativo.....	303
6.2	Orações subordinadas adverbiais causais.....	306
6.3	Orações subordinadas adverbiais contrafactuais.....	308
6.4	Orações subordinadas adverbiais concessivas.....	310
6.5	Orações relativas.....	312
6.6	Resumo do capítulo.....	318
7	Sentenças interrogativas.....	319
7.1	Interrogativas polares.....	320
7.2	Interrogativas de constituintes.....	328
7.3	Interrogativas adverbiais.....	334
7.3.1	Interrogativas adverbiais de maneira.....	335
7.3.2	Interrogativas adverbiais de tempo.....	337
7.3.3	Interrogativas adverbiais de lugar.....	338
7.3.4	Interrogativas adverbiais de causa.....	339
7.4	Resumo do capítulo.....	341
	Referências.....	343

Forma de apresentação dos dados

Neste trabalho os dados são apresentados em sua forma ortográfica, exceto no capítulo sobre a fonologia, em que são apresentados em transcrição fonológica e fonética.

Os exemplos são apresentados em quatro linhas:

(1) *dado* (transcrição ortográfica)

dado (*segmentação morfológica*)

glosa

‘tradução livre para o português’

As glosas seguem as diretrizes do Documento produzido pelo Departamento de Linguística do Instituto Max Planck (2015).

Para indicar sentenças consideradas agramaticais pelos falantes, isto é, sentenças que não são possíveis na língua Sanöma, utilizaremos um asterisco (*) antes da transcrição ortográfica do dado.

Com a finalidade de padronizar ao máximo a descrição das línguas da família Yanomami, sempre que nossa análise for compatível com a de Ferreira (2017), adotaremos a mesma glosa que o autor. Optamos por usar essa tese como base para a análise e rotulagem das glosas em Sanöma pois é o trabalho mais recente sobre uma língua Yanomami.

1 Introdução

O objetivo deste capítulo é apresentar o contexto geral em que a língua Sanöma é falada, bem como, apresentar a estrutura desta tese. Em 1.1 (Localização e História dos Sanöma), apresentamos o povo Sanöma, os Yanomami como um todo, e seu histórico de dispersão pelo território. Essa seção também discorre sobre a história recente do contato dos Sanöma com a sociedade não-indígena, bem como os graves problemas de saúde que esse processo acarretou, e as estratégias dos Sanöma para contornar a situação em busca de seu bem-viver.

Na seção 1.2 (Uma Sociedade Majoritariamente Monolíngue), apresento alguns dados sobre os Sanöma que também falam português, e comento que este número está aumentando. Por outro lado, aponto para o fato de que a língua Sanöma é cem por cento transmitida para as crianças e é falada em todas as situações de interação entre os falantes.

A seção 1.3 (Participação em Projetos Interculturais com os Sanöma) apresenta os trabalhos de pesquisa que a autora realizou junto aos Sanöma desde que começou a trabalhar com eles em 2011, e as publicações que resultaram dessa parceria. Em 1.4 pontuamos os trabalhos de campo realizados para a elaboração das publicações e a forma como se deu a coleta dos dados utilizados na pesquisa que resultou nesta tese.

A seção 1.5 apresenta as propostas que foram feitas para a divisão das línguas da família Yanomami, iniciando por Migliazza (1972) e posteriormente por Ramirez (1994), que fizeram diferentes sugestões, porém ambas considerando a existência de quatro línguas; a proposta de Ferreira (2011) (2017), de que são cinco as línguas Yanomami, e a mais recente, de Ferreira, Machado e Senra (2018), de seis línguas: Yanomam, Yanomamɨ, Sanöma, Ninam, Yãroamë e Yãnoma. Essa seção apresenta um mapa com a distribuição das línguas no território yanomami no Brasil e na Venezuela.

A seção 1.6 trata da bibliografia sobre cada língua da família. Finalmente, 1.7, apresenta a estrutura desta tese.

1.1 Localização e história dos Sanöma

A língua Sanöma, pertencente à família linguística Yanomami, é falada por aproximadamente 4.600 pessoas que vivem na fronteira entre o Brasil e a Venezuela. No Brasil, o Sanöma é a terceira língua Yanomami mais falada, por cerca de 3.164 falantes. É a segunda língua mais falada na Venezuela, por cerca de 1.444 Sanöma (FERREIRA; MACHADO; SENRA, 2018).

No Brasil, os Sanöma distribuem-se em cerca de 35 comunidades ao longo da bacia do rio Awaris, no extremo noroeste do estado de Roraima. A área está localizada na Serra Parima, uma das cadeias de montanhas que compõem a formação geológica do Planalto das Guianas e marca a divisa entre o Brasil e a Venezuela.

A língua Sanöma falada no Brasil é composta por três variantes, ou dialetos: o dialeto de Awaris, o de Hokomawë e o de Aracaçá. O dialeto mais falado é o de Awaris, seus falantes localizam-se próximos à pista de pouso de Awaris, ao Posto de Saúde e ao 5º Pelotão Especial de Fronteira do Exército brasileiro. Ainda mais próximo à fronteira com a Venezuela, a sudoeste da pista de pouso de Awaris, o dialeto de Hokomawë é falado por aproximadamente 180 pessoas. A leste de Awaris, a pequena comunidade de Aracaçá é composta por cerca de 30 pessoas que falam o dialeto Sanöma de Aracaçá (FERREIRA; MACHADO; SENRA, 2018). Em 2017 alguns Sanöma da região de Awaris migraram para a uma região chamada de Korekorema, às margens do rio Uraricoera, à jusante da região do Palimiu, onde habitam Yanomami falantes da língua Yanomam.

Os Sanöma de Awaris vivem em áreas de floresta tropical cujo acesso à capital do estado, Boa Vista, é realizado por aviões de pequeno porte em um trajeto que dura cerca de duas horas, ou de canoa, em uma viagem que pode durar um mês devido à grande quantidade de trechos não navegáveis pela presença de diversas cachoeiras. A altitude no trajeto varia de mais de 800 metros de altitude na região de Awaris, a cerca de 90 metros a do nível do mar, em Boa Vista.

Na Terra Indígena Yanomami (TIY), além das 25.826 pessoas pertencentes aos diferentes grupos yanomami, vivem cerca de 593 Ye'kwana, povo de família linguística Karib (GONGORA,

2017). No Brasil e na Venezuela o território yanomami abriga cerca de 40 mil Yanomami e possui cerca de 192 mil quilômetros quadrados (ALBERT, 1999).

A TIY foi homologada em 1992, com aproximadamente 96.650 km², maior que a área de de Portugal. Localiza-se entre os afluentes da margem direita do rio Branco e os afluentes da margem esquerda do rio Negro, no noroeste do estado de Roraima e no norte e extremo nordeste do estado do Amazonas. A porção mais setentrional da TIY é habitada pelos Sanöma. Na Venezuela, os Yanomami habitam parte da bacia do alto rio Orinoco e do rio Cassiquiare.

Os mapas abaixo mostram a localização da TIY e no destaque da imagem à direita está a região de Awaris.

Figura 1 – Mapas: Terra Indígena Yanomami e região de Awaris.

Fonte: François Michel Le Tourneau: CCPY (2007)

No começo do século XIX, antes do contato com a sociedade não indígena, os Yanomami teriam iniciado seu processo de dispersão a partir da Serra Parima, a cadeia de montanhas que marca a divisa entre o Brasil e a Venezuela. Em meados do século XX teriam atingido a disposição territorial, com as diferenças linguísticas e culturais, dos dias de hoje.

Ao longo da história, relações de troca e de guerra entre os Yanomami e grupos de diferentes famílias linguísticas teriam sido mantidas. A norte e a leste de seu território teriam se relacionado com grupos Karib (Ye'kwana, Purukoto, Sapara, Pauxiana); a sul e oeste, com populações Aruak (Bahuana, Mandawaka, Yabahana, Kuriobana, Manao, Baré); e também com povos falantes de línguas ou famílias linguísticas isoladas (Naduhup, Awaké, Marakana) (RAMIREZ, 1994).

Os primeiros contatos com pessoas não indígenas teriam ocorrido de maneira esporádica no começo do século XX, entre 1910 e 1940, com coletores de produtos da floresta, viajantes e militares. De 1940 a 1960 a instalação, no território da atual TIY, de postos do Serviço de Proteção aos Índios e de missões religiosas dos Estados Unidos (as evangélicas Novas Tribos do Brasil e Missão Evangélica da Amazônia) e da Itália (as católicas Consolata e Salesianos) intensificaram o contato. Algumas missões ainda hoje permanecem no território yanomami (ALBERT, MILLIKEN & GOMEZ, 2009) (ALBERT & KOPENAWA, 2015).

A partir da década de 1970 o contato com a sociedade não indígena se intensifica em decorrência de projetos econômicos do governo militar voltados para a Amazônia que atingem o território habitado pelos Yanomami. Em 1974, com o Plano de Integração Nacional, a construção da Rodovia Perimetral Norte e a invasão garimpeira, o contato é intensificado de maneira extremamente danosa para os Yanomami. As obras da Rodovia Perimetral Norte, que pretendia unir os extremos leste e oeste da Amazônia, e conectar-se com a Transamazônica, ocorreram no sudeste do território yanomami, causando doenças, mortes e uma desestruturação social, cujas consequências perduram até hoje, ainda que a construção tenha sido abandonada em 1976 (DUARTE DO PATEO, 2005) (VERDUM, 1996) (ALBERT & KOPENAWA 2015). No mesmo período, o projeto Radambrasil identificou a riqueza mineral da Amazônia, atraindo para a região milhares de garimpeiros desde 1975. Assim como os demais Yanomami, os Sanöma viveram parte dos efeitos do contato com a sociedade nacional, sobretudo as doenças trazidas pelo garimpo.

Antes da chegada dos Sanöma em Awaris, a região era habitada pelo povo Ye'kwana. Depois de alguns conflitos com esse povo, ao migrarem para o norte e se estabelecerem em Awaris, os Sanöma passaram a dividir com os Ye'kwana o mesmo território, vivendo em paz até os dias de hoje.

Durante a década de 1960, missionários da MEVA (Missão Evangélica da Amazônia), entre eles o missionário e linguista Donald Borgman, chegam em Awaris. O grupo constrói algumas residências e se fixa na região por aproximadamente uma década. Os missionários retiraram-se de Awaris e atualmente o trabalho de evangelização está concentrado na região de Olomai.

Muito próximo às casas da MEVA e da comunidade de Awaris há uma pista de pouso de aviões, que foi inaugurada em 1963. Em 1985 é instalado ao lado da pista de pouso o 5º

Pelotão Especial de Fronteira (5º PEF) do Exército Brasileiro, que permanece ativo, com a presença constante de 60 militares e uma estrutura que contém internet e um orelhão.

Na década de 1990, foi instalado em Awaris um posto da FUNAI, que atualmente está desativado) e no ano 2000 a ONG Urihi, que foi responsável pelos serviços de saúde em parte da TIY de 2000 a 2004¹, construiu um posto de saúde.

No final da década de 1980 e na década de 1990, o impacto para os Sanöma da invasão garimpeira que assolou parte da Terra Indígena Yanomami, foi, não somente a presença de garimpeiros, mas também a disseminação de doenças (GUIMARÃES, 2005). O alto índice de malária apresentados pelos Sanöma no início dos anos 1990 foi contornado somente em 2000, quando a ONG Urihi Saúde assumiu o atendimento à saúde na TIY, respeitando a forma de ocupação do território dos Sanöma e se dedicando à formação de Agentes Indígenas de Saúde (MARTINS, 2017).

O atendimento de saúde e a possibilidade de obtenção de bens industrializados dos não indígenas que se fixaram em Awaris atraíram uma grande parcela da população Sanöma para os arredores da infraestrutura não indígena, gerando sua sedentarização e uma alta densidade populacional (RAMOS, 1990). Antes das instalações não indígenas em Awaris, os Sanöma viviam uma dinâmica de constantes mudanças que se adequavam ao uso que faziam dos recursos da floresta. Os Sanöma se mudavam quando a caça e os espaços apropriados para fazer as roças se tornavam escassos nas proximidades de suas casas. Hoje ainda há casos de comunidades que se mudam, mas em menor quantidade do que antes.

A comunidade de Awaris, também chamada de Asikama localiza-se muito próximo ao posto de saúde, às casas da MEVA e ao pelotão do Exército. Possui atualmente quase 300 pessoas². Esse número, elevado para os padrões Sanöma, acelera o processo de escassez de animais de caça e a falta de espaços apropriados para fazer roças.

¹ A ONG Urihi Saúde Yanomami, surgida como um braço da CCPY, foi responsável pelos serviços de saúde prestados à cerca de 50 por cento da população yanomami. O trabalho da Urihi foi fruto de convênio com a FUNASA, que no período de 2000 a 2004 repassou a ONGs parte dos serviços da saúde voltada a populações indígenas. A Urihi conseguiu acabar com as mortes por malária; capacitou jovens Yanomami para realizarem diagnóstico laboratorial dessa doença nas comunidades; reduziu em 65 por cento os casos de mortalidade infantil, oferecendo um serviço de qualidade que reverteu o quadro de diminuição populacional o que gerou o crescimento demográfico entre os Yanomami. Desde 2010, ano da criação da SESAI (Secretaria de Saúde Indígena), ligada ao Ministério da Saúde, os serviços de saúde indígena passaram ser executados pelos Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEI) e não mais estavam sob responsabilidade da FUNASA.

² Censo nominal do DSEI (Distrito Sanitário Especial Indígena) Yanomami por polo base/aldeia, criado em 23/02/2011. Sesai (Secretaria Especial de Saúde Indígena).

Os Yanomami, além de exímios caçadores, pescadores e coletores, praticam também a agricultura de coivara. O cultivo da roça ocupa parte significativa das suas atividades cotidianas e provê uma quantidade importante de alimentos em sua dieta. A região de serras onde se localizam as comunidades Sanöma, por ter um relevo abrupto, com grande quantidade de cachoeiras, não oferece peixes grandes, mas apenas peixes muito pequenos. Nas comunidades do entorno das instalações não indígenas a escassez de proteínas gera um clima de apreensão, que é em parte contornada pela grande variedade de alimentos que os Sanöma utilizam em sua dieta, incluindo as mais diversas fontes de proteína, como larvas, lagartas, minhocas, insetos, cogumelos, aves e mamíferos, e muitos outros itens encontrados na floresta, como frutas, diferentes tipos de cocos, palmitos, mel de diversos tipos de abelha. As roças fornecem mandioca, matéria-prima do beiju (a base da refeição Sanöma), banana, e muitas outras frutas e raízes, além do tabaco, que é amplamente utilizado.

Quando os Sanöma saem para uma grande caçada, normalmente percorrem vários quilômetros, o que pode durar alguns dias de caminhada. Permanecem no local de caça dormindo em tapiris e defumando as carnes ali mesmo, para conservá-las até voltarem para suas comunidades.

O adensamento populacional gera uma situação sanitária alarmante, com os maiores índices de mortalidade infantil e geral e de desnutrição da TIY (MARTINS, 2016).

Atualmente, os Yanomami como um todo estão sofrendo com o garimpo ilegal em seu território. A presença de garimpeiros vem aumentando exponencialmente. Em 2018 calculava-se que o número de garimpeiros na TIY era de cinco mil. Recentemente foi divulgado pela grande mídia que o número de garimpeiros dentro da Terra Indígena Yanomami já chega a 20 mil.

O garimpo ilegal em terra indígena traz não apenas problemas de saúde ligados diretamente ao uso do mercúrio, mas também à disseminação de doenças trazidas pelos garimpeiros, que rapidamente se alastram pelas comunidades. O desequilíbrio ecológico gerado pelo desmatamento, e pelo ruído dos motores e dos aviões afeta a atividade da caça e da pesca. Há também uma série de questões sociais atreladas à presença dos garimpeiros e à atividade ilícita que realizam (ALBERT, 1995) (KOPENAWA & ALBERT, 2015). A situação atual assemelha-se ao que ocorreu no final da década de 1980, quando cerca de 45 mil garimpeiros invadiram a TIY, cerca de cinco vezes a população yanomami que ali residia, levando 20% dos yanomami à morte.

Uma pesquisa realizada pelo Instituto Socioambiental e pela Fundação Oswaldo Cruz na região do Papiu e Waicas em 2014, e divulgada em 2016, identificou que os Yanomami e os Ye'kwana dessas regiões apresentam índices de mercúrio no organismo. Esse metal é utilizado na atividade garimpeira e contamina os rios, de onde vem a água que esses povos utilizam para beber, cozinhar e se banhar, assim como os peixes, que são parte importante de sua dieta. O mercúrio pode causar sérios danos no organismo, levando a uma série de doenças. É perigoso especialmente para mulheres grávidas, já que, ao atravessar a barreira placentária, pode atingir o feto (FIOCRUZ, 2016) (OLIVEIRA, 2016).

Uma matéria divulgada pela Folha de São Paulo em dezembro de 2018 sobre a atividade garimpeira na Amazônia que utiliza dados da RAISG (Rede Amazônica de Informação Socioambiental Georreferenciada) afirma que o Brasil lidera o ranking mundial de garimpo ilegal dentro de terras indígenas (MORAES, 2018). O mapa divulgado na matéria mostra que a região onde se localiza a TIY possui inúmeros pontos de mineração ilegal ativa. Em maio de 2019 a Folha de São Paulo (VALENTE, 2019) divulgou uma notícia que denuncia a presença de 20 mil garimpeiros ilegais na TIY ocupando os rios Uraricoera, Mucajaí, Apiaú e Baixo Catrimani. Segundo a matéria, a região de Awaris também está sendo diretamente afetada pelo garimpo.

Apesar da intromissão da sociedade não indígena, os Sanöma continuam resistindo e criando suas estratégias de sobrevivência física e cultural. Para Ramos (1990, p. 26) os Sanöma “Formam, juntamente com os Yanomam, os Yanomamĩ e Yanam, o maior grupo indígena das Américas a preservar ainda suas tradições, apesar do contato maciço a eles imposto desde meados da década de 1970 (...)”.

1.2 Uma sociedade majoritariamente monolíngue

O povo Sanöma que habita o lado brasileiro da fronteira é majoritariamente monolíngue em Sanöma. Há algumas pessoas que falam também alguma outra língua Yanomami, normalmente o dialeto Yanomae, da língua Yanomam, que tem se tornado a língua franca entre os Yanomami (FERREIRA; MACHADO; SENRA, 2018), estes são algumas pessoas que

possuem liderança política nas comunidades ou que participaram de cursos de formação oferecidos pela CCPY (Comissão Pró-Yanomami³), que reunia Yanomami de diversas regiões.

O número de falantes de português vem aumentando, porém de forma lenta e concentrada nos jovens que se envolvem em projetos de pesquisa intercultural, ou que trabalham como Agentes Indígenas de Saúde ou professores nas escolas da comunidades, contratados por órgãos de governo. Essas pessoas possuem um acesso mais facilitado a Boa Vista e assim aprendem um pouco de português.

Em relação às demais comunidades, em Asikamau, Katonau, Kolulu, Olomai e na recém criada comunidade do Korekorema, há mais pessoas que falam mais de uma língua além do Sanöma. Esse fato decorre do contato mais frequente dos moradores dessas comunidades com pessoas não indígenas, seja no posto de Saúde, no pelotão do Exército, ou na interação com pessoas do Instituto Socioambiental que ainda não falam a língua. Todos os Sanöma que também falam português aprenderam depois de adultos. Eles apresentam graus de fluência muito diversos nessa língua. Todos, porém, podem ser enquadrados na categoria “bilíngue sequencial adulto”, pela classificação de Montrul (2008, apud AMARAL, 2011)⁴. A categoria abarca falantes que adquiriram uma segunda língua após os doze anos de idade (o período crítico da aquisição).

Não dispomos de dados sobre a quantidade de Sanöma que falam também a língua portuguesa, no entanto, apresentaremos abaixo uma estimativa, baseada em nosso conhecimento da região.

³ ONG que atuou entre os Yanomami a partir de 1978 em defesa do povo Yanomami e com o objetivo de fazer pressão para a demarcação da TIY. Nos anos 2010 os trabalhos da CCPY foram assumidos pelo Instituto Socioambiental, que continuou o trabalho com os Yanomami.

⁴ Em sua análise acerca de teorias sobre bilinguismo, Amaral (2011) afirma que o falante bilíngue não é visto mais como alguém com conhecimento nativo de duas línguas (BLOOMFIELD, 1933 apud AMARAL, 2011). A capacidade do bilíngue passou a ser vista a partir do uso da língua, isto é, as línguas são usadas pelo falante em contextos comunicativos distintos. Essa assunção inclui falantes com diferentes graus de fluência na categoria de bilíngue. Considerando a idade de aquisição, Montrul (2008, apud AMARAL, 2011, p. 5) classifica os falantes bilíngues em três categorias: (i) bilíngue simultâneo, em que a aquisição das duas línguas ocorre até os três anos de idade, (ii) bilíngue sequencial de primeira infância, em que a L2 começa a ser adquirida em idade pré-escolar, entre quatro e seis anos de idade, (iii) bilíngue sequencial de segunda infância, em que a L2 começa a ser adquirida na idade escolar, antes do período crítico da aquisição, entre sete e doze anos e (iv) bilíngue sequencial adulto, em que a L2 é adquirida após o período crítico da aquisição, que normalmente ocorre por volta dos doze anos de idade. Os Sanöma que também possuem conhecimento da língua portuguesa pertencem a última categoria.

Menos de dez por cento das pessoas das comunidades de Awaris (composta por cerca de 352⁵) pessoas), Katonau (com 181 habitantes), Kolulu (com cerca 263 pessoas) e Olomai (com 593 pessoas) são bilíngue em Sanöma e português. Nas comunidades mais distantes das instalações não indígenas, há ainda menos Sanöma que falam português.

Esses números se alteram com certa rapidez, pois os Sanöma têm tido mais acesso a Boa Vista, o que aumenta a possibilidade de aprenderem português. Os que já possuem algum domínio de português vêm aprimorando seu nível de fluência. O constante contato com não indígenas falantes de português dentro da TIY é outro fator que contribui para o aumento do número de Sanöma bilíngues.

O fluxo de aviões que chega em Awaris atualmente é intenso devido aos turnos dos enfermeiros e técnicos de enfermagem que atuam no posto de saúde. Com menos frequência há também voos do Exército. Pelo menos uma vez por semana aviões vão e vem de Awaris a Boa Vista, o que torna mais fácil o acesso dos Sanöma e dos Ye'kwana à capital do estado.

Ainda que haja alguns Sanöma que falem também português, em diferentes níveis de proficiência, a língua Sanöma é falada em todas as esferas de interação entre os Sanöma, tanto em suas comunidades, como fora delas, em Boa Vista, ou na CASAI (Casa de Saúde Indígena). E a transmissão da língua Sanöma para as crianças é total.

Na região de Awaris, como mencionamos anteriormente, além dos Sanöma, há o povo Ye'kwana, na comunidade Fuduwaaduinha, que hoje é composta por cerca de 426 pessoas e na comunidade de Pedra Branca, com apenas 13 pessoas. Os Ye'kwana são um povo de língua da família linguística Karib e estão localizados majoritariamente na Venezuela, onde totalizam cerca de 7.997 pessoas (GONGORA, 2017).

As instalações não indígenas de Awaris e o modelo de assistência à saúde adotado pela SESAI acarretaram mudanças na forma de ocupação do território pelos Sanöma, o que trouxe consequências importantes e nefastas a essa população. O modelo de atenção à saúde utilizado pela ONG Urihi Saúde, que prestou atendimento aos Yanomami entre 2000 e 2007, baseava-se no deslocamento dos funcionários da ONG para as comunidades, respeitando, dessa forma, o modelo Sanöma de ocupação do território, em que havia muitas comunidades com poucas pessoas distribuídas pela região. Quando, em 2010 a SESAI é criada e passa a gerir o atendimento à saúde dentro da TIY, comunidades populosas se formam ao redor dos postos

⁵ Os dados populacionais das comunidades Sanöma e Ye'kwana foram retirados do CENSO demográfico da SESAI (DSEI Yanomami de 2018).

de saúde, e ali se instalam. Comunidades Sanöma possuíam, na década de 1960/1970, de 28 a 52 pessoas, segundo dados de Ramos (1990, p. 40). A sedentarização dos Sanöma se intensificou, provavelmente, a partir dos anos 1990, quando foi ampliada a pista de pouso, houve a construção de um pequeno hospital e a instalação do 5º Pelotão Especial de Fronteira do Exército brasileiro, em 1995. Atualmente as comunidades maiores possuem cerca de 300 pessoas, o que significa um grande aglomerado de comunidades do modo tradicional de ocupação. Não apenas há comunidades grandes, mas há diversas comunidades grandes em um espaço relativamente pequeno. As comunidades Sanöma, que antes desse período migravam com frequência, conforme os locais para fazer novas roças começavam a rarear, atualmente permanecem nas cercanias dos postos de saúde e da pista de pouso. Em um raio de trinta quilômetros da pista de pouso há 35 comunidades Sanöma e cinco comunidades Ye'kwana (FERREIRA; MACHADO; SENRA, 2018).

Se antes da sedentarização os Sanöma possuíam acesso à caça, palhas para fazer os telhados das casas e solos férteis para fazer as roças, por outro lado, seu acesso ao serviço de saúde oferecido pelo Estado e pelas missões religiosas era muito difícil. Com a chegada dos não indígenas na região, e, sobretudo com a invasão garimpeira que assolou a terra Indígena Yanomami nos anos 1980, chegaram também doenças a que os Sanöma não eram imunes. Sendo infectados por novas doenças trazidas pelos não indígenas, que o xamanismo e a medicina tradicional não curavam (BISERRA, 2006), a necessidade de estarem mais próximos ao atendimento de saúde foi imperativa, e levou os Sanöma a mudarem significativa seu modo de ocupação do território, passando a se estabelecerem no local ao redor das instalações não-indígenas, ao invés de mudarem seus locais de moradia com frequência.

A grande quantidade de pessoas vivendo basicamente da floresta e das roças, e permanecendo no mesmo local por tanto tempo, resultou na saturação, ao redor das comunidades, dos principais recursos utilizados pelos Sanöma: locais apropriados para as roças, animais de caça e palhas para fazer o telhado das casas. Em um local onde as distâncias são percorridas a pé ou de canoa, normalmente a remo, a distância desses recursos para os locais de moradia é enorme, e o trajeto até eles pode durar dias, como no caso das caçadas de grande porte, ou da busca por palha para os telhados.

A distância cada vez maior das roças é um impacto direto do novo modo de ocupação do território. Como a fertilidade do solo da roça dura cerca de quatro anos, após esse período, a roça deve ser abandonada para dar espaço à regeneração da floresta, com o crescimento da

capoeira. Neste momento é preciso encontrar um local para fazer uma roça nova. Depois de aproximadamente dois anos que um local de roça se regenerou, ele pode ser utilizado novamente para roça, porém, o solo fértil nessa área reaproveitada dura somente dois anos (MARTINS et al., 2016).

À medida que roças vão ficando improdutivas, e vão sendo abandonadas, os locais encontrados para fazer novas roças ficam cada vez mais distantes das comunidades. O que aumenta, e muito, o trabalho quase diário de colher, plantar, limpar o mato, e carregar para casa os pesados cestos contendo mandioca, macaxeira, banana e uma série de outros alimentos que os Sanöma cultivam em suas roças.

Animais de caça são escassos nos arredores das comunidades. É preciso viajar durante alguns dias a pé para conseguir um bom volume de alimento. Essa caçadas exigem o envolvimento de uma grande quantidade de pessoas. Ao final de uma boa expedição de caça, é preciso carregar de volta para casa uma enorme quantidade de carne, que, para sua conservação, vai sendo defumada durante os dias em que os Sanöma permanecem acampados na floresta. Esse tipo de caçada não ocorre com frequência, mas ocorre para preparar grandes rituais, normalmente em ocasião da morte de alguém importante da comunidade.

Com a dificuldade imposta para a obtenção dos alimentos, os Sanöma acabam não consumindo o que necessitam, o que gera uma série de consequências à saúde, que se revelam nas maiores taxas de óbito infantil e geral do DSEI Yanomami, na desnutrição, nos altos índices de baixo peso ou muito baixo peso em crianças.

1.3 Participação em projetos interculturais com os Sanöma

Desde 2011 venho atuando junto aos Sanöma em pesquisas interculturais de interesse da comunidade e em pesquisas sobre a estrutura de sua língua. Em 2013 defendi minha dissertação de mestrado, que descreveu aspectos da fonética e da fonologia da língua Sanöma.

Diante do cenário de insegurança alimentar encontrado em Awaris, alguns projetos interculturais começaram a ser desenvolvidos em 2010, em uma parceria entre pesquisadores e sábios Sanöma, o Instituto Socioambiental, ONG que atua entre os Yanomami e a Hutukara Associação Yanomami. Esses atores também promoveram a migração de alguns Sanöma para outra região mais à jusante da região de Awaris, na Terra Indígena Yanomami, às margens do rio Uraricoera (rio que é formado pela junção do rio Auaris com o rio Parima), onde há abundância de animais de caça e locais para fazer roças. Espera-se que em um novo local, com um adensamento populacional muito menor que o de Awaris haja uma qualidade de vida maior para os Sanöma que ali estão vivendo.

O primeiro passo da pesquisa sobre alimentação foi realizar um levantamento de todos os alimentos que os Sanöma consomem. Dentre alimentos coletados na floresta e cultivados nas roças, animais de caça (mamíferos, répteis, anfíbios), insetos, peixes, moluscos e crustáceos, cogumelos e mel de diferentes espécies de abelhas, foram listados mais de 350 itens. Os alimentos foram agrupados conforme a classificação Sanöma, a partir da primeira grande separação entre os alimentos que saciam a fome de proteínas (*naki*) e os demais. Dentro da primeira categoria incluem-se os animais e os cogumelos.

A partir desse levantamento, iniciou-se uma pesquisa aprofundada sobre cada categoria de alimento, identificando os locais e as formas de coleta ou caça; as épocas de cada alimentos; os tabus alimentares relacionados a cada um deles, quando há; como o alimento é preparado para o consumo; outras utilizações que não a alimentar; e a mitologia associada a cada item. Estão sendo produzidos volumes para compor uma enciclopédia de alimentos Sanöma. Os dois primeiros livros (*Salaka pö*: Peixes, Moluscos e Crustáceos e *Ana amopö*: Cogumelos) já foram publicados pelo Instituto Socioambiental (MARTINS et al., 2016a), (MARTINS et al., 2016b). São livros bilíngues em Sanöma e Português escritos em coautoria entre pesquisadores indígenas e não indígenas.

Para a produção do livro cogumelos foram feitas parcerias também com pesquisadores especialistas em micologia, que identificaram as espécies e identificaram que a forma de manejo das roças pelos Sanöma é o fator responsável pelo crescimento de cada espécie de cogumelo. Com a produção desse material se divulga um conhecimento tradicional, que, quando incorporado pelo meio científico, é validado e valorizado.

Atualmente, a realização de pesquisas interculturais, em parceria com os povos indígenas, e não apenas a realização de pesquisas sobre os povos indígenas, traz ganhos para

todas as partes, sobretudo quando o conhecimento produzido é divulgado e valorizado. O momento político que estamos vivendo clama para que os povos indígenas sejam vistos dentro de sua complexidade cultural, que deve ser respeitada pelos não indígenas.

O processo de produção dos livros bilíngues é, na realidade, um trabalho de tradução para o português de textos escritos em Sanõma por pesquisadores Sanõma. Isto é, primeiramente os textos que compõem o livro foram escritos em Sanõma. No caso do mito que conta a história do início da utilização dos instrumentos de pesca, que está no livro *Salaka pö: Peixes, Moluscos e Crustáceos* (MARTINS et. al, 2016b), a narrativa, contada por um sábio Sanõma, foi gravada e transcrita por um Sanõma letrado. A tradução do mito para o português foi feita por pesquisadores indígenas e não indígenas, em conjunto. Posteriormente o texto em português foi escrito por um dos autores não indígenas do livro.

O trabalho de revisão do texto em Sanõma consistiu basicamente em padronizar a segmentação morfológica e inserir pontuação. Os Sanõma reproduzem a fonologia de sua língua na escrita de forma muito coerente com o sistema que produzem na fala. O alfabeto criado pelo missionário Donald Borgman, missionário da MEVA (Missão Evangélica da Amazônia) que passou um período morando em Awaris, representa bem o sistema fonológico Sanõma, e os Sanõma letrados o utilizam com perfeição para reproduzir os fonemas. A morfologia, no entanto, não parece ter sido um tema trabalhado pelos missionários junto aos Sanõma, pois não há um padrão que todos os Sanõma letrados sigam. O que ocorre, porém, é a segmentação morfológica diferente para cada escritor.

Participei desde o início da pesquisa sobre alimentação que culminou na elaboração dos dois livros da enciclopédia de alimentos Sanõma publicados até o momento: *Salaka pö: Peixes, moluscos e Crustáceos*, e *Ana amopö: Cogumelos*. Trabalhei junto à equipe do Instituto Socioambiental e dos Sanõma, na elaboração na exaustiva lista de alimentos consumidos pelos Sanõma, no acompanhamento da elaboração de textos em Sanõma, em sua tradução para o português, com o auxílio dos falantes, e, finalmente na realização da revisão dos textos em português e em Sanõma. A elaboração dos textos em português ficou a cargo do antropólogo Moreno Saraiva Martins e, no caso do livro *Ana amopö*, da pesquisadora Noemia Ishikawa, especialista em micologia, a ciência que estuda os cogumelos.

Vale comentar que o livro *Ana amopö: Cogumelos* foi ganhador do primeiro lugar na categoria Gastronomia do Prêmio Jabuti da edição de 2017. Esse prêmio auxilia ainda mais na divulgação do conhecimento tradicional Sanõma a respeito dos recursos provenientes da

floresta amazônica e mostra a importância da cultura desse povo, que ajuda inclusive para manter em pé o mar de floresta que ainda é a Amazônia brasileira.

Particpei também na elaboração de dois livros de alfabetização voltado para o uso nas escolas Sanöma. Um dos livros trata das consoantes, outro, das vogais. Os livros são escritos apenas em Sanöma e contêm exercícios para serem praticados pelos alunos de alfabetização. Esse material foi publicado pela editora Traço Fino, de Belo Horizonte/ MG em 2017 e foi realizado em uma parceria entre o projeto do Projeto Saberes Indígenas na Escola, coordenado pela Faculdade de Educação da UFMG e pelo Instituto Socioambiental e Hutukara Associação Yanomami.

Em 2017 particpei do Projeto Salvaguarda do Patrimônio Linguístico e Cultural de Povos Indígenas Transfronteiriços e de Recente Contato na Região Amazônica, promovido pelo Museu do Índio/Funai e pela UNESCO, na elaboração de um dicionário bilíngue Sanöma-Português. A primeira etapa consistiu na elaboração de um dicionário com 600 entradas lexicais. Cada entrada contém um item lexical em Sanöma com a definição ou a tradução para português, a transcrição fonética, a classe gramatical, o campo semântico a que pertence e exemplos de uso do item lexical. O dicionário possui itens lexicais pertencentes aos campos semânticos 'roça', 'caça', 'pesca' e 'coleta'.

A segunda etapa do projeto, já iniciada, será focada no campo semântico 'saúde', e baseia-se no livro 'Saúde Yanomami: Um manual etnolinguístico' (ALBERT; GOMEZ, 1997) produzido para facilitar a comunicação entre profissionais de Saúde que atuam dentro da Terra Indígena Yanomami prestando serviços de atendimento à saúde para os Yanomami. O material contém, além de um extenso léxico sobre as partes do corpo, as enfermidades e as formas de tratamento, a tradução de diálogos que ocorrem na interação entre o profissional e o paciente no momento da consulta e na elaboração de dados censitários, tão importantes para se produzir diagnósticos sobre a situação de saúde dos Yanomami. A maioria dos profissionais de saúde que atua na TIY é não-indígena e não falante das línguas yanomami. Assim, esse trabalho vem como uma resposta à demanda por um melhor atendimento, que seja capaz de compreender as dinâmicas sociais dos yanomami e suas formas de lidar com as doenças e a cura.

O dicionário de Saúde Sanöma pretende transpor para a língua Sanöma o material produzido em língua Yanomae e português a fim de incentivar o aprendizado da língua Sanöma pelos profissionais não indígenas de saúde e promover uma melhor interação entre

profissional e paciente, com o intuito de trazer melhoras na compreensão mútua e consequentemente, no atendimento prestado.

Todo o material citado nesta seção contribui para a análise da língua Sanöma que culminou na elaboração desta tese.

1.4 Trabalhos de campo e metodologia de coleta de dados

Meu acesso ao campo foi possível graças a alguns trabalhos que realizei junto ao Instituto Socioambiental para a elaboração dos materiais citados na seção acima (Livros Salaka pö: Peixes, Moluscos e Crustáceos (MARTINS et. al., 2016a) e *Ana amopö*: Cogumelos (MARTINS et al., 2016b), materiais de Alfabetização (APIAMÖ et al., 2017a) (APIAMÖ et al., 2017b).

A primeira vez que estive na região de Awaris foi em julho 2011, quando permaneci por um mês. Em janeiro de 2012, voltei a Awaris em um trabalho de campo que também teve duração de um mês. Em maio do mesmo ano permaneci apenas duas semanas em campo. Retornei a campo em julho de 2015. Nos hospedamos sempre nas comunidades de Awaris, Katonau ou Kolulu.

Nas comunidades, mantínhamos contato mais estreito com os professores das escolas indígenas e com as mulheres em seus afazeres cotidianos, como ir à roça, fazer beiju, cuidar das crianças, etc., e com as crianças, que sempre nos acompanhavam. As mulheres e as crianças são monolíngues em Sanöma. Assim, a comunicação com elas só é possível em língua Sanöma ou com a ajuda de um intérprete. Os momentos com elas são valiosos para aprender a língua. Os trabalhos de campo me permitiram conhecer os Sanöma, sua cultura sua língua e foram fundamentais para estabelecer a relação de confiança mútua entre mim e os falantes, que culminou nesta pesquisa.

Outra parte do trabalho de elaboração dos livros foi realizada em Boa Vista/Roraima. Assim como as coletas de dados para este trabalho. Neste caso, trabalhei com Sanöma que estavam de passagem pela cidade, ou morando temporariamente em Boa Vista.

Uma coleta de dados foi feita em São Paulo, em janeiro de 2016, quando dois Sanõma estavam por ali de passagem.

Os dados coletados em Boa Vista e São Paulo que servem de *corpus* para a elaboração deste trabalho são: o formulário de frases elaborado por Marcus Antônio Rezende Maia, Maria das Graças Dias Pereira e Ana Cristina Gonçalves do Museu Nacional/UFRJ e do CEDI (Centro Ecumênico de Documentação e Informação) em 1987; sentenças produzidas em inúmeras sessões de elicitación controlada com falantes nativos sobre os diversos temas tratados nesta tese; pequenas narrativas produzidas por meio de estímulos visuais como o *The Pear Film* (CHAFE, 1980), e situações de conversas espontâneas entre mim e os Sanõma.

Os dados foram coletados com falantes nativos das comunidades de Awaris, Kolulu, Katonau e Olomai. A metodologia de coleta de frases com elicitación controlada, na maioria das vezes consistia em eu produzir a frase em Sanõma e o falante avaliar se era gramatical, ou seja, possível na sua língua. Quando o falante não considerava a sentença como possível de ser produzida por um falante nativo, ele me apresentava a versão gramatical. Outra forma de coletar sentenças em Sanõma foi a partir da tradução de frases do português.

1.5 Línguas Yanomami

Baseado em critérios como inteligibilidade mútua e aspectos da gramática e da fonologia, Migliazza (1972) atribuiu quatro línguas à família linguística Yanomami: Yanomam; Yanomamɨ; Yanam/Ninam e Sanima.

Ramirez (1994) considerou a classificação de Migliazza (op. cit.), propondo, porém, uma modificação. Para este autor, a família Yanomami também é composta por quatro línguas, cada uma delas contendo dialetos e subdialetos. Sua proposta, no entanto, agrupa as línguas Yanomam e Yanomamɨ (que foram consideradas como línguas diferentes por Migliazza), classificando-as como dialetos pertencentes à língua Y; mantém as divisões Sanima (S) e Yanam/Ninam (N) e separa deste último grupo a língua falada na região dos rios Ajarani, Apiau, Mucajaí e médio Catrimani, classificando-os como “divisão A”, que seria composta por dois

dialetos. Ramirez (1994, p. 33) afirma, porém, que não dispõe de dados suficientes sobre a divisão A.

Para Ferreira (2011) (2017) são cinco as línguas da família Yanomami: Yanomam, Sanöma, Ninam, Y̌aroamë, e Yãnomamɨ. O autor mantém a divisão de Migliazza (1972) e acrescenta a divisão da língua Y̌aroamë no extremo sudeste da TIY.

Um estudo recente ainda não publicado (FERREIRA; MACHADO; SENRA, 2018) assume a existência de uma sexta língua, falada no extremo leste da TIY, o Yãnoma.

Atualmente, assume-se, portanto, que a família linguística Yanomami é composta pelas línguas Yanomam, Yanomamɨ, Sanöma, Ninam, Y̌aroamë e Yãnoma. O quadro abaixo, baseado em (FERREIRA; MACHADO; SENRA, 2018), sintetiza a classificação das línguas atualmente reconhecidas pela comunidade científica.

Quadro 1 – Línguas Yanomami no Brasil

nome da língua	outros nomes atribuídos à língua	principais dialetos	região em que é falada	número aproximado de falantes
Yanomam	Yanomae, Yanomama, Yanomami	Yanomami das Serras Norte, Yanomami das Serras Central, Yanomama das Serras Sul e Yanomae	Região central, centro-leste e sul da TIY	11.906
Yanomamĩ	Yanonami	Yanomamĩ do Oeste ou Yanonami, o Yanomamĩ do Medio Rio Negro e o Yanomamĩ das Serras	Estado do Amazonas, regiões das serras em Roraima, na fronteira com a Venezuela	8.531
Sanöma		Sanöma de Awaris, Sanöma de Hokomawë, Sanöma de Aracaçá	Extremo noroeste da TIY, na fronteira com a Venezuela	3.164
Ninam		Ninam do Norte, Ninam Central e Ninam do Sul	Leste da TIY	1.680
Yãroamë		Yãroamë da Serra (Opiki), Yãroamë da Baixada (Yawaripë)	Leste e sudeste da TIY, em Roraima	418
Yãnoma		Apenas um dialeto	Leste e sudeste da TIY, em Roraima	130

No mapa abaixo, extraído de (FERREIRA; MACHADO; SENRA, 2018), estão indicadas as regiões no Brasil e na Venezuela onde cada língua Yanomami é falada. Os pequenos triângulos representam a localização das comunidades.

Figura 2 - Mapa das línguas Yanomami no Brasil e na Venezuela

Fonte: (FERREIRA; MACHADO; SENRA, 2018)

Segundo Ferreira, Machado e Senra (2018), as línguas mais semelhantes entre si são o Yanomam e o Yanomami. São as que possuem maior número de falantes no Brasil, seguida

do Sanöma, que é considerada pelos falantes das demais línguas como a menos inteligível. Ninam e Ỹaroamë são próximas, mas possuem características que permite que sejam classificadas como línguas diferentes. O Ỹanoma é a única língua que ainda não foi objeto de descrição.

Possíveis relações das línguas da família Yanomami com as famílias linguísticas Karib e Aruak foram aventadas por Ramirez (1994, p. 26) e Migliazza (1972, p. 11), Pano (Migliazza, 1978; Migliazza, 1985; Girard, 1971) e Chibchan (Migliazza, 1978, 1985) e Macro Chibchan ou Chibchan-Paezan (Greenberg, 1987). No entanto, até o momento essas hipóteses corroboradas pela comunidade científica, e o Yanomami tem sido considerado como uma família linguística isolada, descendente de um grupo indígena que teria permanecido em um relativo estado de isolamento durante um longo período.

Segundo Albert e Gomez (1997, p. 30) e Albert, Milliken e Gomez (2009, p. 13) a família linguística Yanomami derivaria de uma língua Proto-Yanomami, que teria existido há cerca de 2.500 anos e iniciado seu processo de diferenciação de línguas há cerca de 700 anos, formando o quadro linguístico que conhecemos atualmente. Ferreira, Machado e Senra (2018) atestam que o período de migração dos Yanomami da Serra Parima até as regiões de baixada teriam durado cerca de 150 anos, ocorrendo entre 1800 e 1950. As migrações em parte explicam a existência das línguas e dialetos conhecidos atualmente.

1.6 Bibliografia sobre línguas Yanomami

Trabalhos de linguística tratam de temas diversos das diferentes línguas da família Yanomami. A línguas que foram alvo de mais trabalhos são o Yanomam e o Yanomamĩ, seguido do Sanöma, Ninam e Ỹaroamë. A língua Ỹanoma ainda não foi descrita ou documentada.

Migliazza (1972) propõe a primeira divisão das línguas pertencentes a família Yanomami, fazendo a descrição e análise comparativa entre suas estruturas fonológicas e sintáticas e avaliando o grau de inteligibilidade mútua entre elas.

Sobre a língua Sanöma falada na região de Awaris, há a descrição feita pelo missionário Donald Borgman, e a descrição da fonética e fonologia de Autuori (2013). Borgman (1976) é uma cartilha bilíngue (Sanöma e português) para ensino de Sanöma.

Sobre a língua Yanomamĩ, há a tese de doutorado de Ramirez (1994) (*Le parler Yanomamĩ des Xamatauteri*) que descreve o dialeto Yanomami do Oeste, falado na região do rio Marauaiá.

Sobre a língua Yanomam há diversos trabalhos: A dissertação de mestrado de Ferreira (2009), que trata dos classificadores nominais do dialeto Yanomama (ou Yanomami das Serras Sul), falada na região do Papiu. O Dicionário de verbos Português-Yanomama, organizado pelo mesmo autor (FERREIRA, 2011), e sua tese de doutorado intitulada *Yanomama Clause Structure* (FERREIRA, 2017). Dois artigos de Gómez (2000, 2009) tratam do dialeto Yanomae (ou Yanomami das Baixadas). O primeiro trata do sistema de classificadores nominais utilizados em espécies etnobotânicas. O tema do segundo artigo são empréstimos do português e neologismos.

Gómez (1990) descreve o dialeto Ninam do Norte em sua tese de doutorado intitulado *The Shiriana Dialect of Yanam (Northern Brazil)*, pertencente à língua Ninam.

Sobre a língua Ȝaroamẽ foi realizado um trabalho de documentação no âmbito do Projeto de Documentação de Línguas Indígenas (Prodoclin), promovido pelo Museu do Índio/FUNAI e Unesco que resultou no “Esboço gramatical do Ȝaroamẽ: língua falada na Serra do Pacu/Roraima” (FERREIRA, s/d).

Sobre a língua Sanöma foi publicado o trabalho de Borgman (1990), que analisa a morfologia e a sintaxe e trata brevemente da fonologia, e a dissertação de mestrado de Autuori (2013) que descreve a fonética e a fonologia.

1.7 Estrutura desta tese

Este trabalho está dividido em sete capítulos. O capítulo 2 descreve a fonologia e os processos fonológicos e morfofonológicos do Sanöma. No capítulo 3 são apresentadas algumas características sintáticas da língua como sua condição de língua de núcleo-final; a

possibilidade de omissão dos argumentos, e as classes gramaticais principais: Nome e Verbo.

O capítulo 4 é dedicado à morfologia nominal. São apresentados os pronomes e os adnomes, e os morfemas funcionais que se ligam às raízes nominais. No capítulo 5 são apresentadas as quatro subclasses de verbos: dinâmicos, atributivos, posicionais e irregulares; são apresentados os proclíticos de concordância e os enclíticos derivacionais, flexionais e funcionais; e as estratégias de negação de verbos. O capítulo 6 apresenta as orações subordinadas temporais, causais, contrafactuais e concessivas. No capítulo 7 são apresentadas as sentenças interrogativas polares e não polares.

2 Fonologia

Neste capítulo serão apresentados os fonemas da língua Sanöma. A seção 1.1 apresenta os fones vocálicos (orais breves 1.1.1, nasais 1.1.2 e orais longos 1.1.3) e 1.2 os fones consonantais. O padrão silábico é apresentado em 1.3. Na seção 1.4 mostramos os processos fonológicos e morfofonológicos de palatalização, lenição vozeamento, assimilação da nasalidade, assimilação de ponto de articulação e síncope.

2.1 Vogais

A língua Sanöma possui vogais orais breves, vogais nasais e vogais orais longas. Nesta seção mostraremos que o paradigma de vogais orais breves é composto por sete fonemas (/i/, /ĩ/, /u/, /e/, /ə/, /o/, /a/), enquanto o das vogais nasais possui seis fonemas (/ã/, /ĩ/, /ũ/, /ẽ/, /õ/, /ĩ/). Somente identificamos a existência da vogal oral longa /a:/.

2.1.1 Vogais orais breves

A língua Sanöma possui sete fonemas vocálicos orais breves: /i/, /ĩ/, /u/, /e/, /ə/, /o/, /a/. Outras línguas da família Yanomami possuem o mesmo inventário de vogais, como as línguas Yanomamĩ (Ramirez, 1994) e Yanomama (uma variedade do grupo de línguas Yanomam) (Ferreira, 2017). As línguas Ninam e Yãroamẽ possuem apenas seis fonemas vocálicos, uma vez que o contraste entre os fones [ĩ] e [ə] foi neutralizado (Ferreira, op. cit.).

Quadro 1: Fonemas Vocálicos Orais Breves

	anterior	média	posterior
alta	i	ɨ	u
média-alta	e	ə	o
baixa		a	

Apresentamos no quadro abaixo os pares mínimos que demonstram a existência dos fonemas vocálicos:

Quadro 2: Pares mínimos - fonemas vocálicos

fonemas	Sanõma	português	Sanõma	português
/a/, /e/	['po.la]	‘cachoeira’	['po.le]	‘cachorro’
/a/, /i/	['ka.ma]	‘terceira pessoa’	['ka.mi]	‘primeira pessoa’
	['wa.ni]	‘ruim/depreciativo’	['wi.ni]	‘ser pequeno’
/a/, /o/	['la.pe]	‘alto, longo’	['lo.pe]	‘ser rápido’
/a/, /u/	[ta.'ai]	‘ver’	[tu.'ai]	‘cozinhar’
/a/, /ɨ/	['a.la]	‘arara’	['ɨ.la]	‘onça’
/a/, /ə/	[saɨ]	‘assar em cima da brasa’	[səɨ]	‘bater’
/e/, /i/	['ho.le]	‘andar em quatro apoios, engatinhar’	['ho.li]	‘colocar água na boca’
/e/, /o/	['o.po]	‘tatu’	['e.po]	‘frouxo, solto’
/e/, /u/	['he.la]	‘macaco da noite’	['hu.la]	‘borboleta’

/e/, /ɨ/	[pe]	‘ser grande’	[pɨ]	‘pai dele/pai dela’
/e/, /ə/	[‘pe.wɨ]	‘tudo’	[‘pə.wɨ]	‘somente, apenas’
/i/, /o/	[‘mi.hi]	‘demonstrativo’	[‘mo.hi]	‘ser preguiçoso’
/i/, /u/	[‘li.ə]	‘cru’	[‘lu.ə]	‘verde/não maduro’
/i/, /ɨ/	[‘su.i]	‘leite materno’	[‘su.ɨ]	‘mulher’
/i/, /ə/	[ti]	‘classificador nominal de madeira’	[tə]	‘classificador nominal genérico’
/o/, /u/	[‘ko.a]	‘beber’	[‘ku.a]	‘existir’
	[‘ha.lo]	‘estar embrulhado’	[‘halu]	‘madrugada’
/o/, /ɨ/	[‘po.sɨ]	‘vagina’	[‘pɨ.sɨ]	‘trama fechada (cesto)’
	[po]	‘facão’	[pɨ]	‘pai dele/pai dela’
/o/, /ə/	[ko.‘li]	‘espécie de ave (<i>Cacicus cela</i>)’	[kə.‘li]	‘partir, cortar’
	[po]	morfema conservativo	[pə]	‘somente, apenas’
/u/, /ɨ/	[‘hu.la]	‘borboleta’	[‘hɨ.la]	‘bravo’
/u/, /ə/	[‘hu.la]	‘borboleta’	[‘hə.la]	‘queimadura’
/ɨ/, /ə/	[‘hɨ.la]	‘bravo’	[‘hə.la]	‘queimadura’

2.1.2 Vogais nasais

Com exceção de /ə/ as demais vogais possuem também uma forma nasal: /ã/¹, /ĩ/, /ũ/, /ẽ/, /õ/, /ĩ/. Vogais nasais são grafadas com um til acima do grafema. Apesar de termos pares mínimos apenas dos fonemas /i/ e /ĩ/, /ĩ/ e /i/, /ã/ e /a/, adotaremos a análise de que vogais nasais são fonemas em Sanöma, e não alofones de vogais orais condicionadas por consoante nasal, pois há uma lista extensa de palavras que utilizam vogais nasais em contextos não condicionados por consoantes nasais. Comentaremos adiante o processo fonológico de nasalização de vogal oral em ambiente adjacente a consoante nasal.

Quadro 3: Pares Mínimos - fonemas vocálicos orais e nasais

fonema	Sanöma	português	Sanöma	português
/ĩ/, /i/	[ˈhĩ.ja]	‘rapaz’	[ˈhi.ja]	‘aqui’
/ĩ/, /i/	[pĩ]	‘pai dele’/‘pai dela’	[pi]	‘plural de terceira pessoa’
/ã/, /a/	[sã]	‘carne’	[sa]	‘casa’

O par mínimo apresentado acima ocorre apenas na variedade da língua falada na comunidade Asikamau. Não encontramos essa distinção com os falantes da comunidade Kolulu que nos forneceram os dados, mas somente a palavra *hisa* ‘jovem’ pronunciada com [i] oral, da mesma forma que a palavra traduzida como ‘aqui’.

Apresentamos abaixo um pequeno corpus com ocorrências de fonemas vocálicos nasais.

¹ O fonema /ã/ se realiza como vogal anterior baixa não arredondada nasalizada, diferentemente do que ocorre em português, em que quando /a/ é nasalizado, se realiza mais fechado, como [ã] ou [ɶ̃].

Quadro 4: Morfemas com Fonemas Vocálicos Nasais

Sanõma	português	Sanõma	português
pisa ãte	tipo de flor	õkoma ãte	coração da bananeira
ĩ	pronome anafórico	ĩkapalo	rir
hĩsikiþi	gripe	hĩsoka	nariz
hĩsoma	bravo	hĩãkule	enfiar
hĩsa	‘rapaz’	ĩsã ãĩ	beiju
ĩkiĩ	chorar	ĩhĩmo	gemer
ĩla ãsopa	onça pintada	ãseke	azedo
sinanu ũko	linha	ũkunũ	ruga
maa tu ũka	porto	hũkomĩ a	batata doce
hũko	‘rosto’		
hẽhã	costurar	hẽã tã	som que o passarinho emite para avisar chegada de caça, pessoa, ou avião.
ẽhẽẽhẽmoĩ	ofegar	hẽtu	‘lado’
õko	‘caranguejo’	õka	‘povo inimigo’
nasi kõi	xibé	kõi	pelo
ãsokama ti	espécie de árvore	hãkiki	‘estar misturado’
hãkimoĩ	dançar junto	hãhõ a	‘coelho’
kusi ãka	formiga saúva	ãka	língua

Devido à presença de uma quantidade razoável de realizações de fones vocálicos nasais em ambientes não adjacentes à consoantes nasais, consideraremos que, com exceção de [ə], cuja ocorrência nasal não foi atestada, os demais fones serão considerados fonemas em Sanöma, conforme apresenta o quadro abaixo:

Quadro 5: Fonemas Vocálicos Nasais

	anterior	média	posterior
alta	ĩ	ɿ	ũ
média-alta	ẽ		õ
baixa		ã	

2.1.3 Vogais orais longas

Borgman (1990, p. 223) observa que, frequentemente, há uma pausa glotal entre duas vogais iguais. Por essa razão e por existirem na língua sequências de duas vogais diferentes, sem pausa, o autor considera que não há vogais longas fonêmicas em Sanöma, mas apenas sequências de vogais breves.

Trabalhos sobre outras línguas da família Yanomami também afirmam que a pronúncia de duas vogais iguais em sequência ocorre com uma pausa entre elas. Ferreira (2017), além de não considerar o comprimento da vogal como um traço produtivo na língua Yanomama, comenta que palavras grafadas com duas vogais iguais em sequência são pronunciadas não como uma unidade, mas muitas vezes com uma pausa glotal entre as vogais, o que gera hiatos e não vogais longas.

Em nossa análise sobre vogais longas, encontramos apenas pares mínimos que evidenciam a existência de um fonema vocálico breve /a/ e de um fonema vocálico longo /a:/, não havendo pares mínimos com os demais fones vocálicos breves e longos. Sequências de vogais iguais em Sanöma normalmente decorrem da junção de um morfema que termina com

a mesma vogal com que se inicia o morfema seguinte. Essa união gera uma vogal longa, mas em fala lenta ocorre uma oclusão glotal entre elas, e fica claro que cada vogal ocupa uma sílaba. Sendo assim, não se trata de uma vogal longa, mas de uma sequência de duas vogais breves iguais. Esse fenômeno ocorre inclusive com o fonema /a/ em muitos contextos.

Existem dois casos, no entanto, em que a duração de [a] é um traço distintivo, ou seja, há duas palavras que são idênticas a não ser pela duração de [a], que, em uma delas é breve, e na outra é longa. Como o contraste aparece em dois pares de palavras monossilábicas, fica evidente o contraste entre [a] e [a:], conforme demonstra o quadro abaixo. Sendo assim, assumiremos, preliminarmente, que /a:/ é um fonema da língua Sanöma, opondo-se à sua contraparte breve: /a/. A ausência de pares mínimos com os demais fones vocálicos longos, no entanto, nos leva a compreender que é necessário um estudo mais acurado sobre a realização de vogais longas em Sanöma.

Quadro 6: Pares Mínimos - Vogal Breve /a/ e Vogal Longa /a:/

fonema	Sanöma	português	Sanöma	português
/a/, /a:/	[ma]	não	[ma:]	água
	[taɪ]	‘saber’	[ta:i]	‘ver’

Nossa proposta considera, portanto, a existência de sete fonemas vocálicos orais breves (/i/, /i:/, /u/, /e/, /ə/, /o/, /a/), seis fonemas vocálicos nasais breves (/ĩ/, /ĩ:/, /ũ/, /ẽ/, /õ/, /ã/) e um fonema vocálico oral longo /a:/.

Quadro 7: Fonemas vocálicos

	anterior	média	posterior
alta	i ĩ	ɨ ɥ	u ũ
média-alta	e ẽ	ə	o õ
baixa		a a: ã	

2.2 Consoantes

A língua Sanöma possui onze fonemas consonantais: /p/, /t/, /k/, /m/, /n/, /s/, /h/, /th/, /w/, /j/, /l/, conforme apresenta o quadro abaixo.

Quadro 8: Fonemas Consonantais do Sanöma

	bilabial	alveolar	velar	glotal
oclusiva	p	t	k	
oclusiva aspirada		t ^h		
nasal	m	n		
fricativa		s		h
aproximante	w	j		
aproximante lateral		l		

Um dado interessante sobre o inventário consonantal da família Yanomami é que vozeamento de fones consonantais não é um traço distintivo. Em Sanöma, as consoantes oclusivas (/p/, /t/, /k/) e a fricativa /s/ podem ser pronunciadas tanto como surdas ([p], [t], [k], [s], [ʃ]) quanto como sonoras ([b], [d], [g], [z], [ʒ]). Esse assunto será tratado com mais detalhes na seção 1.4.1 Traço Vozeado não Distintivo.

Diferentemente do que ocorre em outras línguas da família, o Sanöma não possui a aproximante /j/ em posição de ataque de sílaba, mas somente em coda silábica. A semivogal /j/, que se realiza em posição de ataque de sílaba em algumas línguas Yanomami, ocorre em Sanöma como /s/. Voltaremos a esse assunto na seção sobre alofonia.

Apresentamos no quadro abaixo alguns pares mínimos que atestam a existência dos fonemas consonantais.

Quadro 9: Pares mínimos de fonemas consonantais oclusivos

Fonema	Sanöma	português	Sanöma	português
/p/, /t/	[tu]	classificador rio	[pu]	mel
/p/, /k/	[pu]	mel	[ku]	falar
/t/, /k/	['ta.lo]	aprofundar (buraco)	['ka.lo]	abrir (embrulho, livro)
/p/, /t ^h /	['po.ko]	braço	['t ^h o.ko]	tosse
/t ^h /, /k/	['t ^h a.ka]	buraco	['ka.ka]	rasgar
/t ^h /, /t/	['ta.ai]	ver	['t ^h a.ai]	fazer

Quadro 10: Pares mínimos de fonemas consonantais fricativos

fonema	Sanöma	português	Sanöma	português
/s/, /h/	['sa.ma]	anta	['ha.ma]	visitante

Quadro 11: Pares mínimos de fonemas consonantais aproximantes

fonema	Sanöma	português	Sanöma	português
/w/, /l/	['wa.lo]	chegar	['la.lo]	reproduzir
/w/, /j/	(inexistente)		(inexistente)	
/l/, /j/	(inexistente)		(inexistente)	

Devido à restrição de [j] ocorrer em posição de ataque de sílaba, não há pares mínimos entre /j/ e as demais aproximantes: /w/ e /l/. Este último ocorre apenas em posição de ataque de sílaba e em posição de coda silábica decorrente de processos fonológicos de apagamento de vogal e ressilabificação, como comentaremos adiante nesta seção.

Quadro 12 - Pares mínimos de fonemas consonantais nasais

fonema	Sanöma	português	Sanöma	português
/m/, /n/	[^h mo.hi]	‘estar com preguiça’	[^h no.hi]	‘amigo’

Quadro 13: Pares mínimos de fonemas consonantais aspirados

fonema	Sanöma	português	Sanöma	português
/t ^h /, /h/	[^h t ^h o.ko]	‘tosse’	[^h ho.ko]	‘bacaba’

Quadro 14: Pares mínimos de fonemas consonantais bilabiais

fonema	Sanöma	português	Sanöma	português
/p/, /m/	[^h po.ko]	‘braço’	[^h mo.ko]	‘moça’
/p/, /w/	[^h pa.so]	‘macaco aranha’	[^h wa.so]	‘espécie de morcego’
/m/, /w/	[^h ma.no]	‘magro’, ‘esquelético’	[^h wa.no]	‘homem’

Quadro 15: Pares mínimos de fonemas consonantais coronais

fonema	Sanöma	português	Sanöma	português
/t/, /tʰ/	[ˈta.aɪ]	‘ver’	[ˈtʰa.aɪ]	‘fazer’
/t/, /s/	[tə]	‘classificador nominal genérico’	[sə]	‘bater’
/t/, /n/	[ˈwa.ti]	‘frio’	[ˈwa.ni]	‘ruim’
/t/, /l/	[ˈta.low]	‘aprofundar (buraco)’	[ˈla.low]	‘reproduzir’
/tʰ/, /s/	[tʰaɪ]	‘saber’	[saɪ]	‘colocar em cima da brasa’
/tʰ/, /n/	[ˈtʰa.ka]	‘buraco’	[ˈna.ka]	‘pedir’
/tʰ/, /l/	[ˈtʰa.ka]	‘buraco’	[ˈla.ka]	‘taquara’
/s/, /n/	[ˈso.ka]	‘fruta’	[ˈno.ka]	‘seguir’
/s/, /l/	[ˈho.se]	‘irmão mais novo’	[ˈho.le]	‘andar sobre quatro apoios’/‘engatinhar’
/n/, /l/	[ˈna.ka]	‘chamar’	[ˈla.ka]	‘taquara’

Na próxima seção apresentaremos os tipos de sílaba que ocorrem em Sanöma.

2.3 Sílaba

Na língua Sanöma, a maior parte das sílabas são CV², porém há também sílabas V, VC, CVC e, com menor frequência ocorrem encontros consonantais, formando sílabas CCV e CCVC. Sílabas CVC ocorrem como ditongos, com uma semivogal ocupando a posição de coda. Sílabas CCV e CCVC ocorrem em ideofones, em nomes e verbos formados a partir de ideofones e no

² C é utilizado como abreviatura para consoante, enquanto V é abreviatura de vogal.

nome *plolo* ‘lontra’, como mostra o exemplo (6a). Sílabas CVC e VC também decorrem de um processo fonológico de apagamento vocálico que gera ressilabificação, conforme comentaremos adiante. Mostramos abaixo ocorrências de cada tipo de sílaba, em negrito.

CV

- 1) [ˈa.**so**.pa] ‘tucano’

V

- 2) [ə.pə.ˈti] ‘macio’

CVC

- (3) a. [aˈ**waj**] ‘sim’
 b. [ˈʃi.no.**mow**] ‘de maneira frequente’
 c. [ˈa.wa.**gul**] ‘apertando’
 d. [ci.ri.**ʔ**as.ˈmõ] ‘caroço de banana brava’

CCV

- (4) a. [ˈ**plo**.lo] ‘lontra’
 b. [ˈ**kle**.ti] onomatopeia (rasgando)

CCVC

- (5) a. [**plow**] ideofone (caindo)

Os exemplos (3c-d) são fruto de um processo fonológico de ressilabificação decorrente do apagamento de uma vogal alta ou média-alta. Em fala lenta esses processos fonológicos não ocorrem, conforme comentaremos na seção 1.4.6 sobre síncope. O lexema em (3a-b), por outro lado, possui uma sílaba CVC subjacente, isto é, que não decorre de processo fonológico, e ocorre dessa forma inclusive em fala lenta. Note que somente em (3a-b) a posição de coda

é ocupada por semivogais: /j/ e /w/, enquanto em (3c-d) a posição de coda silábica é ocupada por consoantes que em fala lenta posicionam-se somente em ataque de sílaba.

A posição de ataque em todos os tipos de sílaba pode ser preenchida por qualquer fonema consonantal exposto no Quadro 8, exceto por /j/. Assim, /p/, /t/, /th/, /k/, /n/, /m/, /s/, /h/, /w/, /l/ podem iniciar sílabas na posição C de CV. Em sílabas com encontros consonantais (CCV OU CCVC), a segunda consoante somente pode ser /l/. Em todos os tipos de sílabas, qualquer fonema vocálico exposto no Quadro 1 pode preencher o núcleo (V). A posição de coda em sílabas CVC ou CCVC (o último C, mais à direita) somente pode ser preenchida por semivogais (/w/ ou /j/) ou por consoantes com valor positivo para os traços [contínuo³], (/s/, /l/) e [nasal] (/m/, /n/), (CHOMSKY; HALLE, 1968), (JAKOBSON; FANT; HALLE, 1952), (JAKOBSON; HALLE, 1956). Sílabas CVC em que a posição de coda é ocupada por uma consoante, e não por uma semivogal, decorrem de processos de ressilabificação que resultam de apagamento de vogal, como será apresentado na seção 1.4 sobre processos fonológicos.

Esta seção apresentou os tipos de sílaba que ocorrem em Sanõma. A maioria das sílabas é CV. Sílabas V também ocorrem em grande quantidade. CVC é frequente com semivogal na posição de coda silábica (i.e. a C final ocorre como [w] ou como [j]). Sílabas em que a posição de ataque é preenchida por um ou duas consoantes (CCV e CCVC) ocorrem somente em um nome (*plolo* 'lontra') e em ideofones, e são, portanto, menos frequentes.

2.4 Processos fonológicos e morfofonológicos

A seção anterior trata do inventário fonológico da língua Sanõma, apresentando pares mínimos para comprovar os sons que distinguem significado. Pares mínimos são duas sequências de sons que são idênticas exceto em uma posição, que em cada uma das realizações é preenchida por um dos membros do par suspeito, isto é, dos fones que queremos comprovar se são ou não fonemas na língua. Se cada realização gera um significado

³ Apesar de também possuir valor positivo para o traço contínuo, o fonema aspirado /h/ não participa do processo de ressilabificação em Sanõma, pois ele é comumente apagado em meio de palavra, como comentamos na seção 1.4 sobre processos fonológicos, enquanto os demais fonemas contínuos que participam desse processo (/s/ e /l/) não sofrem apagamento.

diferente, comprova-se que cada um desses segmentos é um fonema na língua, como no exemplo abaixo, em que o par suspeito [o] e [u] são testados:

6) a. /koai/ → ['ko.ai]
'beber'

b. /kuai/ → ['ku.ai]
'existir'

As duas sequências de sons apresentadas acima são idênticas a não ser nos segmentos que estão sendo testados ([o] e [u]). Neste caso, a troca de um segmento por outro, gera diferentes significados. Enquanto ['ko.a] significa 'beber', ['ku.a] significa 'existir', o que atesta a existência tanto de /o/ como de /u/ como fonemas, ou sons distintivos, na língua.

Existem, no entanto, ambientes em que [o] e [u] perdem seu valor distintivo, ou seja, quando são usados na mesma posição em duas sequências de sons que são iguais, a não ser pela presença desse segmento, não geram significados diferentes, como mostram os exemplos abaixo:

7) /si =toto/ → [ji:.'to.ru] ~ [ji:.'to.ro]
rede =CLN:cipó
'rede'

Note que em posição pós-tônica e em final de palavra [o] e [u] podem ser utilizados sem alterar o significado da palavra. Quando dois fones distintos são utilizados sem distinção de significado, dizemos que eles possuem *status* de alofone do fonema /o/, e não de fonema. Assim, apesar de /o/ e /u/ serem fonemas da língua, há ambientes em que eles se neutralizam. Somente nesses ambiente eles perdem seu *status* de fonema e passam a ser denominados 'alofones' de um fonema, ou seja, realizações distintas de um mesmo fonema.

Como descrevemos acima, um fonema pode ter diferentes realizações, como é o caso do fonema /o/, que em ambiente pós-tônico e em fim de palavra pode se realizar tanto como [o] quanto como [u]. Neste caso, dizemos que [o] e [u] são alofones que ocorrem em variação

livre, pois podem se realizar no mesmo ambiente. Em outros casos, alguns ambientes condicionam a realização de um alofone, enquanto outros ambientes condicionam a realização do outro alofone. Quando isso ocorre, dizemos que os alofones ocorrem em distribuição complementar, em que um alofone somente ocorre nos ambientes em que o outro não ocorre. Para estes casos são formuladas regras que explicam a realização de cada fone. A estas regras chamamos regras fonológicas ou processos fonológicos. Quando a união de morfemas resulta em um ambiente que condiciona a realização de um alofone em detrimento de outro, dizemos que se trata de um processo morfofonológico, ou de uma regra morfofonológica, e cada realização do morfema é chamada de alomorfe.

Esta seção tem como objetivo descrever os processos fonológicos e morfofonológicos da língua Sanõma. Com esse intuito, identificamos os fonemas que possuem mais de uma realização, ou seja, fonemas que possuem alofones. Quando há alofones, analisamos se a realização de cada um é condicionada pelo contexto, isto é, se há regras que definem sua distribuição complementar, ou se não há regras, e, portanto, os alofones ocorrem em variação livre. Apresentamos também, nesta seção, se há ambientes em que dois fonemas distintos se neutralizam, fazendo com que determinado fone ora possua *status* de fonema, ora de alofone.

No quadro abaixo, que utiliza parâmetros do Alfabeto Fonético Internacional, os elementos que estão circulados correspondem às diferentes realizações de um mesmo fonema. Assim, o par de fones [p] e [b] são realizações do fonema /p/. Os fones [t], [d] e [r] são realizações do fonema /t/. Os segmentos [s], [z], [ʃ], [ʒ], [ʈ], [ɖ] e [ɖʒ] são alofones do fonema /s/. [c], [k], [kʲ], [g], [gʲ] e [ɣ] são alofones do fonema /k/. O fonema /m/ é realizado apenas como [m]; /n/ é realizado como [n]; /h/, apenas como [h]. O fonema /th/ se realiza como [tʰ] ([t] seguido de uma soltura de ar), como na palavra *top* ‘topo’ do inglês. O aproximante /j/ se realiza somente como [j], /w/, somente como [w]. O fonema /l/ se realiza como [l], [n] ou como [ʌ].

Ao longo da seção apresentamos os contextos que definem a realização de cada alofone, assim como os alofones que ocorrem em variação livre.

Quadro 16- Fones Consonantais

	bilabial	alveolar	pós- alveolar	palatal	velar	glotal
Oclusivo	p b	t d		c	k k ^j g g ^j	
Nasal	m	n				
Tepe		r				
Fricativo		s z	ʃ ʒ		ɣ	h
Africado		ʈ	ʈʂ ɖʒ			
Aspirado	t ^h					
aproximante	w			j		
Lateral		l		ʎ		

São descritos nesta seção os processos fonológicos e morfofonológicos de palatalização, lenição, assimilação e síncope.

O quadro abaixo sintetiza as diferentes realizações de cada fonema consonantal e apresenta os ambientes que condicionam a ocorrência dos alofone, quando há, ou aponta a variação livre.

Como explicita o quadro, com exceção de /j/, todos os demais fonemas consonantais ocorrem em posição de ataque de sílaba. Os fonemas /j/, /w/, /m/, /n/, alguns alofones de /s/ e um alofone de /l/ ocorrem em posição de coda silábica. O fonema /l/ ocorre como a segunda consoante de um encontro consonantal.

Quadro 17 - Alofones dos fonemas consonantais e ambientes de realização

Fonema	Grafema	Alofone	Ambiente
/p/	p	[p]	Ataque de sílaba. Variação livre com [b].
		[b]	Ataque de sílaba. Variação livre com [p].
/t/	t	[t]	Ataque de sílaba em início de palavra: variação livre com [d].

			Ataque de sílaba em meio de palavra: variação livre com [d] e [r].
		[d]	Ataque de sílaba em início de palavra: variação livre com [t]. Ataque de sílaba em meio de palavra: variação livre com [t] e [r].
		[r]	Ataque de sílaba em meio de palavra: variação livre com [t] e [d]
/t ^h /	th	[t ^h]	Ataque de sílaba: antes de [u], [e], [o] e [a].
/k/	k	[k]	Ataque de sílaba: ambientes em que não é precedido por [i] ou [j]. Variação livre com [g]. Ataque de sílaba em meio de palavra: variação livre com [g] e [ɣ].
		[g]	Ataque de sílaba: ambientes em que não é precedido por [i] ou [j]. Variação livre com [k]. Ataque de sílaba em meio de palavra: variação livre com [k] e [ɣ].
		[k ^j]	Ataque de sílaba: após [i] ou [j] e seguido por [a]. Variação livre com [g ^j].
		[g ^j]	Ataque de sílaba: após [i] ou [j] e seguido por [a]. Variação livre com [k ^j].
		[c]	Ataque de sílaba: antes de [i], [e] e [ɛ].
		[ɣ]	Ataque de sílaba antes de /i/, /u/, /ə/, /o/, /a/. Variação livre com [k] e [g].
/m/	m	[m]	Ataque de sílaba: todos os ambientes. Coda silábica.
/n/	n	[n]	Ataque de sílaba: todos os ambientes. Coda silábica.
/s/	s	[s]	Ataque de sílaba: quando não é precedido ou seguido por /i/ ou /j/. Em variação livre com [z] e [ʈs]. Coda silábica.

		[z]	Ataque de sílaba, quando não é precedido ou seguido por /i/ ou /j/. Variação livre com [s] e [ts].
		[ʃ]	Ataque de sílaba: antes ou após [i] ou [j]. Variação livre com [ʒ], [tʃ] e [dʒ]. Coda silábica.
		[ʒ]	Ataque de sílaba: antes ou após [i] ou [j]. Variação livre com [ʃ], [tʃ] e [dʒ]. Coda silábica.
		[dʒ]	Ataque de sílaba: antes ou após [i, j]. Variação livre com [ʃ], [ʒ] e [tʃ].
		[tʃ]	Ataque de sílaba: antes ou após [i] ou [j]. Variação livre com [ʃ], [ʒ] e [dʒ].
		[ts]	Ataque de sílaba: quando não é precedido ou seguido por /i/ ou /j/. Variação livre com [s] e [z].
/h/	h	[h]	Ataque de sílaba: todos os ambientes.
/w/	w, u	[w]	Ataque de sílaba: todos os ambientes. Coda silábica.
/j/	i	[j]	Coda silábica.
/l/	l	[ʌ]	Ataque de sílaba: antes de [i], [e], [ɛ].
		[l]	Ataque de sílaba: quando não é sucedido por [i], [e] ou [ɛ]. Coda silábica. Segunda posição de um encontro consonantal.
		[n]	Ataque de sílaba: quando precede sílaba contendo consoante nasal ([m] ou [ɲ]).

2.4.1 Traço vozeado não distintivo

Uma característica das línguas da família Yanomami é o fato de o traço [vozeado] não ser distintivo (FERREIRA, 2017) (RAMIREZ, 1994). As consoantes podem ser realizadas em sua forma surda ou sonora (isto, com ou sem vibração das cordas vocais) sem alteração de significado, assim, os segmentos /p/, /t/, /k/ e /s/ podem ser realizados tanto como [p], [t],

[k], [s] (sua forma surda) quanto como [b], [d], [g], [z] (sua forma sonora). Como não há regras fonológicas que definam os contextos de ocorrência de um ou de outro, pode-se afirmar que eles ocorrem em variação livre.

Segunda a análise de Borgman (1990, p. 220) oclusivas vozeadas e não vozeadas ocorrem em variação livre e há uma tendência maior para a realização dos segmentos oclusivos como não vozeados. Para o segmento /ts/ (que em nossa análise não é considerado fonema, mas um alofone do fonema /s/), o autor observa uma maior tendência para a ocorrência dos alofones vozeados [dz] e [z] em fala rápida, geralmente em palavras com mais de duas sílabas. Ainda segundo o autor, esse mesmo fonema /s/, quando vizinho a /i/ se realizaria ou como [tʃ] ou como [dʒ], em variação livre.

Percebemos que atualmente existe uma tendência para a realização de fones surdos em determinados contextos e de sonoros em outros. O alofone surdo é realizado em um maior número de casos em início de palavra, e o sonoro, entre vogais. Nosso corpus contém mais casos em que a distribuição ocorre dessa maneira, mas há casos em que ocorre o contrário.

O espectrograma abaixo, feito no programa *Praat* (BOERSMA; WEENINK) mostra um exemplo de variação livre entre as oclusivas bilabiais [p] e [b] em contexto intervocálico.

Figura 1 - Espectrograma de [p] e [b] em meio de palavra.

A figura mostra a sequência *ipa hepala* 'meu irmão mais velho' realizada duas vezes pelo mesmo falante. Note na primeira realização, um espaço vazio antes da barra vertical de explosão de cada oclusiva (circulados). Na segunda realização, antes de cada barra de

explosão de oclusiva, vemos uma barra horizontal ininterrupta, que representa o vozeamento. Dessa forma, podemos ver que na primeira realização o falante utilizou a oclusiva surda [p], e na segunda vez utilizou a oclusiva sonora [b]:

- 8) a. /ipa hepala/ → [i.pa.'he.pa.la] ~ [i.ba.'he.ba.la]
 1PO s irmão.mais.velho
 'meu irmão mais velho'

É interessante notar que o falante seguiu o padrão de vozeamento cada vez que produziu o enunciado, realizando somente oclusivas surdas na primeira vez, e somente oclusivas sonoras na segunda vez.

O espectrograma abaixo mostra variação livre ocorrendo entre [p] e [b] em início de palavra:

Figura 2 - Espectrograma de [p] e [b] em início de palavra.

O espectrograma acima mostra a realização de *po a namo* 'faca amolada'. Na primeira realização, vemos a barra horizontal de vozeamento antes da barra vertical de explosão da oclusiva (circulada). Na segunda realização a barra horizontal não aparece nessa posição (circulada). Temos então a realização de um segmento sonoro e de um segmento surdo ocorrendo no mesmo contexto:

- 9) a. /po a= namo/ → [bo.a.'nã.mõ] ~ [po.a.'nã.mõ]
 faca 3SG= estar.amolada
 'A faca está amolada.'

Exemplos de variação livre do traço vozeado ocorrem com oclusivas bilabiais [p], [b]; oclusivas alveolares [t], [d]; oclusivas velares [k], [g], conforme os exemplos abaixo. Comentaremos a variação livre entre os alofones de /s/ mais adiante nesta seção:

Variação livre entre oclusiva bilabial surda e oclusiva bilabial sonora:

[p] ~ [b]

- 10) a. /henapo =a/ → [hẽ.nã.bo.'a] ~ [hẽ.nã.po.'a]
 marimbondo =3SG
 'marimbondo'
- b. /ipokomo/ → [i.bo.kõ.'mõ] ~ [i.po.kõ.'mõ]
 'vento'
- c. /wanapanaimi =a/ → [wã.nã.bã.nãj.mĩ.'a] ~ [wã.nã.pã.nãj.mĩ.'a]
 'espécie de fruta =3SG'

Variação livre entre oclusiva alveolar surda e oclusiva bilabial sonora:

[t] ~ [d]

- 11) a. /maa =tu/ → [mã:.'tu] [mã:.'du]
 água =CLN:líquido
 'água' / 'rio'
- b. /mitati/ → [mɔa.'di] ~ [mĩ.da.'ti]
 'sal, saboroso'

Variação livre entre oclusiva velar surda e oclusiva velar sonora:

[k] ~ [g]

- 12) a. /anokoimi/ → [ã.nõ.ˈgo.i.ˈmẽ] ~ [ã.nõ.ˈko.i.ˈmẽ]
 ‘lagarta’
- b. /hasakatimi =a/ → [ha.zə.ˈka.rẽ.mĩ.ã] [ha.za.ˈga.rẽ.mĩ.ã]
 espécie de veado =3sg
 ‘veado’
- c. /kuu ke/ → [ku:.ˈge] [ku:.ˈke]
 falar TEST.PST.H.REC
 ‘falou’

Embora haja em nosso corpus um número maior de casos em que o fone surdo ocorre em começo de palavra e o sonoro em meio de palavra, há muitos casos de meio de palavra com fone surdo e começo de palavra com fone sonoro. Sendo assim, é possível afirmar que a utilização do fone surdo em início de palavra e de sonoro em meio de palavra é apenas uma tendência, e não uma regra, e que, portanto, os fones ocorrem em variação livre.

2.4.2 Palatalização regressiva e progressiva condicionada por /i/ ou /j/

O Quadro 16 mostra que três fonemas do Sanõma (/k/, /s/ e /l/) além de suas realizações no ponto de articulação velar ([k] e [g]) e alveolar ([s], [z], [tʃ] e [l]) possuem também alofones palatalizados. O fonema /k/ possui os alofones palatalizados [kʲ], [gʲ] e [c]; /l/ possui [ʎ] como alofone palatalizado; /s/ possui muitas realizações, dentre elas as dos fones palatalizados: [ʃ], [ʒ], [tʃ] e [dʒ]. Em todos os casos a adjacência de /i/ ou /j/ é o gatilho para a palatalização. A seguir apresentamos cada caso.

2.4.2.1 Palatalização de /k/

Depois de /i/ a consoante /k/ pode ser palatalizada, realizando-se como [kʲ] ou [gʲ], como mostram os exemplos em (13). O fonema /a/ que ocorre após o segmento palatalizado pode ser pronunciado como [a] ou [ɛ]. Em (13b-c) o mesmo falante pronunciou o fonema /a/ das duas formas, ora utilizando [a], ora [ɛ]. A palatalização de [k] ou [g] após /i/, no entanto, não é obrigatória, como mostra o exemplo (13d). Nos ambientes não precedidos por /i/, o segmento /k/ não é palatalizado, como em (13a,e).

- 13) a. /laka/ → ['la.ka]
'taquara'
- b. /sitikali/ → [ʃi.ti.'kʲɛ.ʌi] [ʃi.di.'kʲal]
'estrela'
- c. /Waika/ → [waj.kʲa] [waj.ɣʲɛ#dɪ]
'Waika (Yanomami)'
- d. /sai =a sika =na/ → [saj.a#ʲi.ga.na]
casa =3SG fora =OBL
'quintal'
- e. /hapoka/ → ['ha.po.ka]
'panela'

2.4.2.2 Palatalização de /s/

O fonema /s/ é realizado como [s], [z], [ʈ], [ʃ], [ʒ], [ʧ] ou [dʒ]. Os fones alveolares ([s], [z] e [ʈ]) ocorrem em variação livre, com uma maior tendência à realização do fone africado em início de palavra (14a-b), mas com a possibilidade de ocorrer também entre vogais (14c). Os

alofones palatalizados ([ʒ], [ʝ], [tʃ], [dʒ]) ocorrem antes ou depois de /i/ ou /j/ como nos exemplos (14e-i).

Devido ao fato de o vozeamento não ser distintivo na língua, os alofones surdos variam livremente com os alofones sonoros, mas sempre seguem a regra de palatalização regressiva ou progressiva acarretada por /i/ ou /j/.

- 14) a. /sai =a sika =na/ → ['**ts**aj.ʌ#ʼʃi.gã.nã] ~ ['saj.ʌ#ʼʃi.gã.nã]

casa =3SG fora =OBL

‘quintal’

- b. /sui =tə / → ['**ts**u.i#dɪ] ~ ['su.i#dɪ]

mulher =CLN:gnr

‘mulher’

- c. /hasa/ → ['ha.**ts**a] ~ ['ha.za]

‘veado’

- d. /tosa =isi/ → ['to.za#ʼis]

espécie de ingá =CLN:gnr

‘ingá’

- e. /hisa/ → ['hi.ʃa]

‘aqui’

- f. /silaka/ → ['ʃi.la.ga]

‘flecha’

- g. /kami =sa/ → ['ka.mĩ#**ʒ**a]

1 =1SG

‘eu’

h. /si =toto/ → [tʃi#do.ro]

rede =CLN:cipó

‘rede’

i. /pili =a =wesiku/ → ['pi.ʌe#we.dʒi.ku]

INDEF =3SG =sobrancelha

‘sobrancelha’

Borgman (1990) considera que tanto /s/ quanto /ts/ são fonemas. Segundo a análise do autor, os alofones de /s/ são [s] e [ʃ]. A consoante fricativa palatal [ʃ] ocorre em ambiente adjacente a /i/, e a fricativa alveolar [s], nos demais ambientes. Os alofones de /ts/ são [ɬ], [z], [tʃ] e [dʒ]. Segundo o autor, [z] ocorre em fala rápida, normalmente em palavras com mais de duas sílabas. Os fones [tʃ] e [dʒ] ocorrem em ambiente adjacente a /i/. O autor afirma que, apesar da existência desses dois fonemas, ele optou por grafar ambos como ‘s’ devido a três fatores: 1) a dificuldade em distinguir um do outro em muitos ambientes; 2) a dificuldade dos Sanõma alfabetizados em grafar essa diferença; 3) por ser interessante uniformizar a ortografia da língua Sanõma falada no Brasil e na Venezuela.

O *corpus* de que dispomos atesta que o fonema /s/ é realizado como [s], [z], [ts] em variação livre. Há poucas ocorrências de [ts]. Não possuímos nenhum exemplo com [ɬ].

No material de ensino de língua Sanõma elaborado por Borgman (1976), há o grafema ts, correspondente ao fone [ts], que ocorre em ambientes hoje em dia pronunciados como [s]. Isso pode estar indicando que há uma mudança de pronúncia em curso na língua, com o fone [ts] sendo progressivamente menos pronunciado.

Considerando as hipóteses até agora formuladas sobre o inventário de fonemas do Proto-Yanomami, (MIGLIAZZA, 1972), (FERREIRA, 2017), (FERREIRA; MACHADO; SENRA, 2018), o fonema /s/ do Sanõma parece ser o resultado de alguns processos fonológicos envolvendo três fonemas provavelmente existentes no Proto-Yanomami: /tʰ/, /j/ e /ʃ/.

Migliazza (1972, p. 39) observa que, com exceção do Sanõma, nas demais línguas da família Yanomami, [s] é um alofone de /tʰ/, que se realiza como [s] antes de [i] e [u], e como [tʰ] nos demais ambientes. Para (FERREIRA, 2017) (FERREIRA; MACHADO; SENRA, 2018), no entanto, os alofones [s] e [tʰ] teriam se consolidado como dois fonemas distintos nas línguas

Sanöma, Yanomamĩ e Yanomam. Em algumas línguas Yanomami, [t^h] perde a aspiração, e passa a se realizar também como [t] em alguns contextos.

Em Sanöma não há [t^h] seguido de [i] ou [u], e há poucas ocorrências de /t^h/. /s/ por outro lado, é muito produtivo e se realiza como [s] em distribuição complementar com [ʃ] quando está adjacente a /i/. O quadro abaixo mostra exemplos cognatos em que há utilização de /t^h/, /s/ e /t/.

Quadro 18 – Exemplos com os fonemas cognatos /s/, /t^h/ e /t/ nas línguas Yanomami, possivelmente oriundos do proto /t^h/

Sanöma	Ninam	Yaroamẽ	Yanomamĩ	Yanomam	Português
sui	t ^h uə	tuə	suə	t ^h uə	mulher
suaĩ	t ^h ilaĩ	turai	suhai	suhrai	vomitar
suitu	t ^h uup	tuhu upə	suhe upə	su(h)u upə	leite

Outra provável origem do fonema /s/ do Sanöma seria o fonema /j/, que no Proto-Yanomami teria [j] e [ɲ] como alofones, segundo Ferreira, Machado e Senra (2018). As línguas Yanomamĩ e Yanomam teriam mantido essa alofonia, atualmente realizando /j/ como [ɲ] quando seguido de sílaba com consoante nasal e como [j] quando seguido de sílaba oral. Nas línguas Ninam e Yaroamẽ a alofonia entre [j] e [ɲ] se converteu em oposição fonológica. O fonema /j/, no entanto, passou a se realizar como o africado [tʃ], convertendo-se no fonema /tʃ/.

Em Sanöma, o proto-fonema /j/ teria se fricativizado, passando a se realizar como [s]. Há uma série de cognatos que comprovam sincronicamente a correspondência de /s/ do Sanöma com o fonema /j/ de outras línguas, como nos exemplos abaixo (extraídos de Ferreira, Machado e Senra (2018)).

Quadro 19 – Exemplos com os fonemas cognatos /s/, /tʃ/ e /j/ nas línguas Yanomami, possivelmente oriundos do proto /j/

Sanöma	Ninam	Yaroamë	Yanomami	Yanomam	Português
samaki	tʃamak	tʃamaki	jamaki	jamaki	primeira pessoa do plural
salo	tʃalo	tʃalo	jalo	jalo	animal
hasa	hatʃa	atʃa	haja	haja	veado
masupi	matʃopi	matʃopə	majepi	majopa	tucano

O fonema /j/, provavelmente existente no Proto-Yanomami, teria sido conservado em Ninam, Yanomam e Yanomami. O Yaroamë é a única língua que passou a realizar /j/ como uma fricativa velar ([x]). Em Sanöma esse fonema teria se anteriorizado, passando a realizar-se como alveolar ([s]). Assim como em Sanöma, também em Yaroamë há um processo de palatalização desse fonema cognato (/s/ em Sanöma, /x/ em Yaroamë) engatilhado por /i/. Em Yaroamë, no entanto, esse processo fonológico é apenas regressivo, enquanto em Sanöma pode ser regressivo ou progressivo. Nos exemplos abaixo, extraídos de Ferreira, Machado e Senra (2018), vemos os fonemas cognatos /s/, /j/ e /x/.

Quadro 20 – Exemplos com os fonemas cognatos /s/, /j/ e /x/ nas línguas Yanomami, possivelmente oriundos do proto /j/

Sanöma	Ninam	Yaroamë	Yanomami	Yanomam	Português
sama	ʃama	xama	ʃama	ʃama	anta
paso	paʃo	paxo	paʃo	paʃo	macaco- aranha
səi	ʃəi	xəi	ʃəi	ʃəi	bater

2.4.2.3 Palatalização de /l/

O fonema /l/ sofre palatalização regressiva engatilhada pelos fones anterior alto [i]. A regra para esse processo fonológico está descrita em (15), abaixo estão alguns exemplos que atestam sua ocorrência:

15) /l/ → [ʎ] / __[i]

→ [l] / nos demais contextos

16) a. /sitikali/ → [ʃi.ti.'kʲɛ.ʎi]

‘estrela’

b. /uli / → ['u.ʎi]

‘lugar’

c. /pili=a=wölösö/ → ['pi.ʎa#'wi.li. si]

INDEF=3SG=queixo

‘queixo’

d. /luä/ → [lu.'ə]

‘verde’

e. /pole=a/ → ['po.le#a]

cachorro'=3SG

‘cachorro’

f. /walä =a/ → ['wa.lə#a]

queixada =3sg

‘queixada’

g. /lo =a/ → ['lo.a]

estar.sentado =POST

‘estar sentado’

h. /wälali/ → [wə.la.'li]

‘morder’

2.4.3 Lenição e vozeamento de /t/ e /k/

O processo fonológico de lenição e vozeamento ocorre quando um segmento oclusivo se realiza sem a oclusão. Em Sanõma, o fonema oclusivo /t/ pode ocorrer como [r] em ambiente intervocálico, em variação livre com [t] e [d]. A tonicidade da sílaba não influencia nesse processo, como demonstra o exemplo (17c), em que mesmo em uma sílaba tônica a consoante é produzida com menor esforço.

O fonema /k/ também sofre um processo fonológico de lenição, realizando-se como o fone fricativo velar [ɣ] em ambiente intervocálico, como ilustra o exemplo em (18). Esse processo fonológico ocorre em variação livre com os fones [k] e [g], embora a realização de [k] seja menos frequente entre vogais, e mais comum em início de palavra.

17) a. /tho =toto/ → [,tʰo# 'do.do] ~ [,tʰo# 'do.ro]

corda =CLN:cipó

‘corda’ / ‘cipó’

b. /si=toto/ → [ʃi:#'to.ɗu] ~ [ʃi:#'to.ru]

rede =CLN:cipó

‘rede’

c. /koataka → [ko.a#'ta.ga] ~ [ko.a#'ra.ga]

‘fogo’

18) /hatokami=a/ → [ha.ro.'ʎa.mẽ#a] ~ [ha.ro.'ga.mẽ#a]

aracuã =3sg

‘aracuã (ave)’

2.4.4 Assimilação de nasalidade

A língua Sanõma possui processos fonológicos produtivos de nasalização de vogais condicionados por consoante nasal, e de nasalização do fone aproximante lateral [l], que quando ocorre em sílaba adjacente a uma sílaba com consoante nasal, assimila a nasalização e mantém seu ponto de articulação alveolar, realizando-se como [n]. Os dois processos fonológicos serão descritos abaixo.

Nasalização de vogais

Além de haver fonemas vocálicos nasais em seu inventário fonológico, em Sanõma fonemas vocálicos orais podem se realizar como nasais em decorrência de um processo fonológico de assimilação regressiva e progressiva do traço nasal das consoantes nasais [m] ou [n]. A realização da nasalização condicionada por consoante nasal é mais branda do que a que ocorre nas vogais nasais. A ortografia de vogais que são nasalizadas por consoantes não levará til por se tratar de um fenômeno sistemático, e para diferenciá-las das vogais nasais.

A nasalização de vogais condicionada por consoante nasal em Sanõma ocorre de maneira ligeiramente diferente do que em outras línguas Yanomami. Ferreira (2017) e Ramirez (1994) afirmam que o processo de nasalização regressiva e progressiva em Yanomama e em Yãnomamĩ ocorre no nível morfológico, fazendo com que morfemas inteiros sejam nasalizados. Segundo esses autores, o espalhamento da nasalização é bloqueado apenas por consoante oclusiva anterior à consoante nasal. No entanto, Ferreira (2017) afirma que há exceções na língua Yanomama. Em Sanõma também há exceções, mas na maioria das ocorrências o espalhamento da nasalização ocorre conforme sugerido por Ramirez (1994), com a única diferença que o processo de bloqueio da nasalização por consoante oclusiva é tanto regressivo, como em outras línguas, quanto progressivo. Isto é, uma oclusiva que ocorra à direita da consoante nasal também bloqueia a nasalização para a direita.

Os exemplos (19a-g) da língua Sanõma, abaixo, se comportam da forma descrita por Ramirez (1994). Em (19a-c), a nasalização se espalha por todo o morfema, exceto quando há uma consoante oclusiva, que barra progressivamente ou regressivamente o avanço da nasalização. Em (19d-h), a nasalização ocorre no nível do morfema em que o fone nasal aparece. Em (19i-j) temos exceções à regra de espalhamento da nasalização no nível do morfema bloqueado por consoante oclusiva. Conforme a regra, as primeiras duas sílabas de (19i) também deveriam ser nasalizadas, porém, são realizadas como orais. Em (19j), o espalhamento ultrapassa a barreira morfológica, e se espalha no morfema adjacente ao morfema que contém a consoante nasal.

19) a. /amotha/ → [ã.mũ.'tʰa]

‘paca’

b. /ipokomo/ → [i.bo.kõ.'mõ] ~ [i.po.kõ.'mõ]

‘vento’

c. /nohi/ → [nõ.'hĩ]

‘amigo’

d. /hoko =amo/ → [ho.ko#¹ã.mõ]

bacaba =CLN:fruto

‘bacaba’

f. /manu =a/ → [ˈmã.nũ#a]

mutum =3SG

‘mutum’

g. /pili =a =sömöka/ → [ˈpi.ʎa#¹sĩ.mĩ.ka]

INDEF =3SG =orelha

‘orelha’

h. /nisa ku =le/ → [ˈnĩ.ʃẽ#gul]

cheirar TEST =PRS.PROX.VIS

‘cheira’

i. /aloamö=kökö/ → [a.lo. ˈõ.mĩ#ki.gi]

jararaca =CLN:long

‘cobra jararaca’

j. /numai =ha/ → [ˈnũ.mãj#õ]

noite =OBL

‘à noite’

Nasalização de aproximante lateral /l/ após sílaba contendo consoante nasal /m/ ou /n/

Quando /l/ se realiza depois de sílaba contendo consoante nasal (/m/ ou /n/), sofre nasalização regressiva, passando a se realizar como [n], conforme a regra fonológica representada abaixo:

20) /l/ → [n] / mV_

→ [n] / nV_

→ [l] / nos demais ambientes

21) a. /a= isi= wani= wə =la =li ke/ → [a= isi= wani= wə =la =li ke]

3SG= CLN:pele= DEPR= morder =DISTR =PFV TEST.PST.H.REC

‘o mordeu’ / ‘mordeu ele’

b. /ulu tə= ke =ma =li ke/ → [ulu tə= ke =ma =ni ke]

criança CLN:gnr= cair =CAUS =PFV TEST.PST.H.REC

‘Fez a criança cair.’

No exemplo (21b) acima, a consoante do morfema =li ‘perfectivo’ é nasalizada em decorrência da sílaba com /m/ que o antecede, passando a se realizar como /n/.

O exemplo abaixo mostra novamente a nasalização de /l/, porém ocorrendo no morfema =la ‘distributivo’, em decorrência do fonema /m/ do morfema causativo =ma. O [n] do morfema =la, por sua vez, nasaliza o /l/ do ‘perfectivo’ =li, que passa a se realizar como [ni].

22) a. /a= ta =la =li ke/ → [a= ta =la =li ke]

3SG= ver =DISTR =PFV TEST.PST.H.REC

‘Viu.’

b. /a= ta =ma =**la** =**li** =ke/ → [a= ta =ma =**na** =**ni** =ke]

3SG= ver =CAUS =**DISTR** =**PFV** TEST.PST.H.REC

‘Fez ver.’ / ‘Mostrou.’

2.4.5 Assimilação de ponto de articulação

Sanõma possui alguns processos fonológicos de assimilação de ponto de articulação. Nesta seção apresentamos a assimilação do ponto de articulação de /a/ pela vogal /i/ do morfema =*li* ‘perfectivo’, e a assimilação do ponto de articulação da vogal antecedente pelo morfema =*i* ‘dinâmico’.

Assimilação regressiva do ponto de articulação pelo morfema /li/ ‘perfectivo’

O morfema =*li* ‘perfectivo’ também pode ser realizado como [li], em um processo morfofonológico de posteriorização de [i] quando seguido de sílaba contendo a vogal [a].

23) a. /sə =pa =**li** ke/ → [səpa**li** ke]

bater =DER =PVF TEST.PST.H.REC

‘matou’

b. /sə =pa =**li** =ma/ → [səpa**li**ma]

bater =DER =PVF =PST

‘matou’

Assimilação progressiva do ponto de articulação pelo morfema /ɨ/ ‘dinâmico’

O morfema =ɨ ‘dinâmico’ (grafado como ‘ö’), que indica a classe de verbos dinâmicos, é realizado como [ɨ], [u] ou [i], a depender da vogal que o precede. Se a vogal é anterior alta ou média-alta ([e] ou [i]) =ɨ se realiza como a anterior alta [i]. Se a vogal é posterior alta ou média-alta ([u] ou [o]) =ɨ se realiza como a posterior alta [u]. Nos demais ambientes (após /ɨ/, /ə/, /a/), =ɨ se realizará como a central alta [ɨ]. Ou seja, o morfema dinâmico assimila o ponto de articulação da vogal que o antecede. A regra das realizações do morfema dinâmico está representada abaixo:

- 24) /ɨ/ → [i] / V[anterior alta ou média-alta]_
 → [u] / V[posterior alta ou média-alta]_
 → [ɨ] / nos demais ambientes

Abaixo estão os exemplos em que a vogal dinâmica segue /i/, /ɨ/, /u/, /e/, /ə/, /o/, /a/. Note que ela só mantém sua realização como [ɨ] quando é precedida por vogal central [ɨ] (25b), [ə] (25e) ou [a] (25g). Nos demais casos, o morfema dinâmico assimila o ponto de articulação da vogal que o precede, realizando-se como anterior alta [i] após as vogais anteriores alta [i] (25a) e média-alta e [e] (25d), e como posterior alta [u] após as vogais posteriores alta [u] (25c) e média-alta [o] (25f).

- 25) a. /pi =ɨ/ → [pi =i]

pensar =DYN

‘pensa’

- b. /ʔki =ɨ/ → [ʔki =ɨ]

chorar =DYN

‘chora’

c. /salu =i/ → [salu =u]

lavar =DYN

‘lava’

d. /ke =i/ → [ke =i]

cair =DYN

‘cai’

e. /sə =i/ → [sə =i]

bater =DYN

‘bater’

f. /ia=palo=i/ → [ia=palo=u]

comer =REPET =DYN

‘Coma!’

g. /ia =i/ → [ia =i]

comer =DYN

‘comer’

2.4.6 Síncope

Síncope é um processo fonológico de apagamento de segmentos em meio de palavra. Em Sanõma encontramos dois processos de síncope, um deles ocorre com o fonema /h/, cujo apagamento é muito frequente; outro processo de síncope apaga vogais gerando ressilabificação, como mostraremos adiante.

Apagamento de /h/

A fricativa glotal [h] pode sofrer apagamento em ambiente tônico. Os exemplos em (26) mostram que esse processo fonológico não é obrigatório, uma vez que, no dado coletado com o mesmo falante, na primeira realização o segmento é pronunciado e na segunda é apagado.

26) a. /ohi/ → [o'hi] ~ [o'i]

‘estar.com.fome’

b. /waiha/ → [waj'ha] ~ [waj'a]

‘depois’

Síncope e ressilabificação

Em nossos dados há casos de apagamento da vogal final de sílabas que podem estar em qualquer posição da palavra - começo, meio ou fim. Nesses casos, a consoante que precede a vogal que foi apagada também é apagada somente se essa consoante for oclusiva, ou seja, se possuir valor negativo para o traço [contínuo] ou [nasal]. Esse processo gera o apagamento de uma sílaba CV e não resulta em ressilabificação, como em (27). No entanto, quando a consoante que precede a vogal que é apagada possui valor positivo para os traços [contínuo] ou [nasal] ela não é apagada, e são geradas sílabas CVC ou VC, como mostram os exemplos em (28):

27) a. /toma =kiki/ → [to.mã'kɨ]

lagarto =CLN:long

‘calango’

b. /walotiki/ → [,wa.lɔ'di]

‘aranha’

Nos exemplos acima, toda a sílaba que possui na posição de ataque uma consoante oclusiva é paga da.

28) a. /tosa =i**si**/ → [to.za'**is**]

ingá =CLN:pele

‘ingá’

b. /masita =tə/ → ['mãj.ta#də]

chão =CLN:gnr

‘chão’

c. /amatosilemi =a/ → [ã.mã.'roʒ.ʌe.mĩ#a]

peixe.cascudo =3SG

‘cascudo [peixe]’

d. /kitipasi =mo/ → [kʲi.ri.'bʌs#mõ]

/banana.brava =CLN:semente

‘caroço de banana brava’

e. /amamo ku =le/ → ['ã.mã.mõ#gul]

cantar TEST =PRS.PROX.VIS

‘cantando’

f. /huu kō =oli/ → [hu#'**gõn**]

ir voltar =AND

‘vá’

g. /pai =hami/ → [paj#'**ãm**]

longe =LOC

‘longe’

h. /waikasi =amo/ → [waj. 'gja.sa#ãm] ~ [waj. 'ɣja.sa#ãm]

povo Waika =CLN:cogumelo

‘cogumelo (*Favolus brasiliensis*)’

Nos exemplos (27) vemos que as vogais que se apagam são as que seguem as consoantes oclusivas /k/ e /t/. Já nos exemplos (28) se apagam vogais que seguem as consoantes [s], [ʃ], [n], [l], [m]. Em (28) a consoante anterior à vogal apagada permanece, enquanto em (27) ela é apagada juntamente com a consoante oclusiva. Neste caso não há ressilabificação e o padrão CV ou V é mantido. Por outro lado, em (28), as consoantes com o traço [+contínuo] e [+nasal] não se apagam e se unem à sílaba anterior formando uma sílaba CVC ou uma sílaba VC.

Em consonância com Borgman (1990), vemos que somente se apagam vogais altas e média-altas /i/, /i/, /e/, /o/, aparentemente não sendo permitido o apagamento da vogal baixa /a/, como mostra o exemplo (29a) abaixo. Encontramos também um dado em nosso corpus em que a vogal central [ə] é mantida (29a).

29) a. /pasanaimi/ → [pa.sa.nãj.'mẽ] *[pas.nãj.'mẽ]

‘marimbondo’

b. /hatokami =a/ → [ha.ro.'ɣa.mẽ#a] ~ [ha.ro.'ga.mẽ#a]

aracuã =3sg

‘aracuã’

Precisamos de mais elementos para afirmar quais são as vogais que possuem restrição de apagamento. Nos exemplos em (29) é preciso verificar se a presença de uma vogal à direita da vogal que é mantida influencia em seu não apagamento. É necessário também investigar se a tonicidade da sílaba interfere na vogal que é apagada ou mantida. Na maioria dos exemplos em (28) a vogal apagada está em posição pós-tônica, com apenas uma exceção em (28e), em que, em fala lenta, a sílaba tônica seria a da vogal que foi apagada.

Borgman (1990, p. 223) observa que o padrão CVC ocorre apenas em fala rápida, devido à perda da vogal final. O autor interpreta as sílabas VC e CVC resultantes do apagamento da

vogal como V.CV e CV.CV, respectivamente. O autor mostra alguns exemplos em que, em posição final de palavra, determinadas vogais podem ser apagadas depois de determinadas consoantes: /ɨ/ pode ser apagada quando segue as consoantes /p/, /k/, /s/, /m/ ou /n/; a vogal /o/ pode ser apagada quando segue as consoantes /k/ ou /m/; a vogal /i/ pode ser apagada quando segue /s/. Os exemplos abaixo foram retirados de Borgman (op. cit., p. 223).

- 30) a. kumisipö → [kumiʃipɨ] ou [kumiʃip]
 ‘cera de ouvido’
- b. ala kökö → [ala kɨkɨ] ou [ala kɨk]
 ‘araras’
- c. hamö → [hamɨ] ou [haam]
 ‘direção’
- d. silaka nö → [silakani] ou [silakan]
 ‘por meio de uma flecha’
- e. walemo koko → [walemo koko] ~ [walemo kok]
 ‘macaxeira’
- f. misi → [miʃi] ou [miʃ]
 ‘gato’

Vimos que a análise de Borgman (1990) é diferente da nossa. Segundo o autor, apenas a vogal é apagada, a consoante da sílaba CV original permanece, independentemente de ser oclusiva ou [+contínua] e [+nasal]. Como Borgman coletou seus dados na década de 1960, e nossos foram coletados durante a década de 2010, é possível que no intervalo de 50 anos a língua tenha sofrido mudanças.

2.5 Resumo do capítulo

Neste capítulo apresentamos o inventário fonológico da língua Sanöma, que é composto por sete vogais orais breves (/i/, /ɨ/, /u/, /e/, /ə/, /o/, /a/), seis vogais nasais (/ã/, /ĩ/, /ũ/, /ẽ/, /õ/, /ĩ/) e apenas uma vogal oral longa /a:/. O paradigma das consoantes contém onze fonemas: /p/, /t/, /k/, /m/, /n/, /s/, /h/, /th/, /w/, /j/, /l/.

A seção 1.4 mostrou alguns dos processos fonológicos que ocorrem em Sanöma, como a palatalização engatilhada por /i/ ou /j/; a lenição de /t/ e /k/, isto é, a perda da oclusão, resultando no tepe [r] e no fricativo velar sonoro [ɣ]; a assimilação do traço nasal por vogais e pelo fone consonantal /l/, que adquire a nasalização engatilhadas por /m/ ou /n/, mas mantém seu ponto de articulação coronal, realizando-se então como [n]; a assimilação do ponto de articulação, que influencia o morfema =li ‘perfectivo’, e o morfema =i ‘dinâmico’; e por fim, a síncope, que é o apagamento de segmentos em meio de palavra. A síncope em Sanöma é muito frequente no fonema /h/, e sua realização não depende da tonicidade da sílaba em que ocorre. Há síncope também de vogais altas e média-altas que gera ressilabificação.

Muito ainda há por investigar sobre a fonologia do Sanöma, ficando um maior aprofundamento para trabalhos futuros.

3 Características sintáticas

A língua Sanöma possui apenas duas classes gramaticais principais: nomes e verbos. Por ser uma língua tipologicamente polissintética, as palavras são facilmente segmentáveis em morfemas e há poucos casos de fusão. Assim como ocorre em outras línguas polissintéticas (COMRIE, 1989), clíticos gramaticais são ligados às raízes nominais e verbais, compondo os nomes e os verbos.

Os morfemas gramaticais são analisados como clíticos e não como afixos pois possuem certa mobilidade em relação à raiz à qual se ligam, podendo ter sua posição alterada conforme a composição da palavra (FERREIRA, 2017).

Este capítulo tem o objetivo de apresentar as principais características sintáticas da língua Sanöma, assim como suas classes gramaticais principais. Na seção 3.1 mostramos que Sanöma é uma língua de núcleo final, e portanto a ordem de palavras em uma sentença é SOV (sujeito, objeto, verbo). Mostramos também que a língua apresenta características esperadas em línguas com essa ordem de constituintes, como a ordem oração subordinada – oração principal; a ocorrência de posposições (em vez de preposições), e a ordem possuidor - possuído em construções de posse.

Na 3.2 apresentamos a frase mínima permitida em Sanöma, mostrando que sua característica polissintética permite apagar os argumentos do verbo, pronunciado apenas a raiz verbal e seu clíticos, que indicam as categorias pessoa, número, assim como tempo, espaço, aspecto, etc.

A seção 3.3 argumenta que as principais classes gramaticais da língua Sanöma são nome e verbo.

3.1 Núcleo final

Sanöma apresenta características típicas de línguas de núcleo final, como a ordem SOV, orações subordinadas à esquerda de orações principais, a ocorrência de posposições em vez de preposições, e a ordem possuidor-possuído em construções de posse (PAYNE, 2006) (GREENBERG, 1966) (COMRIE, 1989). Nesta seção apresentaremos cada uma dessas características.

3.1.1 SOV

Sanöma é uma língua de núcleo final, portanto a ordem dos constituintes nas sentenças é SOV, isto é, em sentenças transitivas a ordem é “sujeito, objeto, verbo” e em sentenças intransitivas é SV “sujeito, verbo”.

A ordem das palavras nas sentenças em Sanöma é “sujeito objeto verbo” (SOV) em sentenças transitivas (1a) e “sujeito verbo” (SV) em sentenças intransitivas (1b).

S O V

(1) a. *Sanöma tönö salo a oalöma*

Sanöma =tä =nö *salö* a= oa =li =ma

Sanöma =CLN:gnr =ERG animal 3SG= comer =PFV =PST

‘O Sanöma comeu o animal.’

S V

b. *salö a nomasoma*

salö a= *noma* =so =ma

animal 3SG= morrer =PFV =PST

‘O animal morreu.’

Note que em (1a) a ordem da sentença transitiva é SOV: o sujeito ‘Sanöma’ antecede o objeto *salo* ‘animal’ e este antecede o verbo *oa* ‘comer’. A sentença intransitiva do exemplo (1b) possui ordem SV, em que o sujeito *salo* ‘animal’ precede o verbo *noma* ‘morrer’.

Sentenças em que o sujeito de verbo transitivo se realiza após o verbo são gramaticais (2), porém menos frequentes. No exemplo abaixo o objeto é o nome possuído *Kunatoi a hai ãkomakö luö* ‘as bananas verdes de Kunatoi’, e o sujeito, *õka tönö* ‘os inimigos’. O sujeito de um verbo intransitivo, no entanto, não pode se realizar após o verbo.

O	V	S
- (2) *Kunatoi a hai ãkomakö luö pautia pia kule ãka tönö*
- Kunatoi* =a =hai *ãkoma* *kö*= *luö*=
Kunatoi =SG =GEN banana 3DL= verde
-
- pauti* =a *pi* =a *kule* ***ãka*** =***tä*** =***nö***
 roubar =PFV querer =PFV PRS **inimigo** =CLN:gnr =ERG
- ‘O inimigo quer roubar as bananas verdes de Kunatoi.’ (Lit. ‘De Kunatoi as bananas verdes quer roubar, o inimigo.’)

Argumentos oblíquos tem maior mobilidade e podem ocorrer em posição pré-verbal, antes (3a) ou depois do sujeito (3b), e, com menor frequência, após o verbo. Argumentos oblíquos não ocorrem entre o objeto e o verbo. Em (3c) temos uma sentença intransitiva com o argumento oblíquo ao final, e em (3d), uma sentença transitiva com o argumento oblíquo ao final.

OBL	S	O	V
- (3) a. *salaka puu naha Kakatima anö paki tä hami kemaki ke*
- salaka* *puu* =***naha*** *Kakatima* =a =***nö***
peixe **caldo** =OBL *Kakatima* =SG =ERG
-
- paki* *tä*= *hami* *ke* =***ma*** =***ki*** *ku* =***he***
 pimenta CLN:gnr= ser.picante cair =CAUS =PFV TEST =PST.H.REC
- ‘Kakatima colocou uma pimenta forte **no caldo de peixe**.’

S OBL O V

b. *Totolima anö **walä a puu naha** ãsã ãĩ häama*

*Totolima =a =nö **walä** =a **puu** =**naha***

*Totolima =SG =ERG **queixada** =SG **caldo** =OBL*

ãsã ãĩ= hä =a =ma

beiju CLN:beiju= molhar =PFV =PST

*‘Totolima molhou o beiju **no caldo de queixada.**’ (Dic.)*

S V OBL

c. *Totolima a kalipaloma **kama hai ã hikali a naha***

*Totolima a= kalipalo =ma **kama** =**hai ã** **hikali** =a =**naha***

*Totolima 3SG= trabalhar =PST **3** =GEN ANA **roça** =SG =OBL*

*‘Totolima trabalhou **em sua roça.**’ (Dic.)*

S O V OBL

d. *Totolima anö kama hai ã kutiata ösö nomöhöpali ke **pola a naha***

*Totolima =a =nö kama=**hai ã** kutiata*

*Totolima =SG =ERG **3** =GEN ANA canoa*

*ösö= nomöhö =pa =li ku =e **pola** =a =**naha***

*CLN:pele= virar =DER =PFV TEST =PST.H.REC **cachoeira** =SG =OBL*

*‘Totolima virou sua canoa **na cachoeira.**’*

Argumentos com papel temático de instrumento ou causa, que são marcados pelo morfema =nö, também possuem mobilidade dentro da sentença. Em nosso corpus temos exemplos tanto de transitivas quanto de intransitivas em que o instrumento aparece na primeira posição, em que ocorre entre o sujeito e o objeto, e após o verbo. Assim como os argumentos oblíquos, a única posição não permitida para o argumento causa ou instrumento é entre o objeto e o verbo ou entre o sujeito (de verbo intransitivo) e o verbo.

Ins S V

- (4) a. *atakusa anö lope epi salo a nomaö*

atakusa =a =nö *lope* =epi *salo* a= *noma* =ö

espingarda =SG =INS rápido =INTNS animal 3SG= morrer =DYN

‘Com *espingarda* o animal morre rápido.’ (Dic.)

Ins O V

- b. *hanoko anö hikali a thaö*

hanoko =a =nö *hikali* a= *tha* =ö

machado =SG =INS roça 3SG= fazer =DYN

‘Com *machado* se faz roça.’ (Dic.)

Note que o sujeito da sentença (4b) não está expresso, apenas o instrumento, o objeto e o verbo. Poderíamos supor que o argumento que recebe o clítico =nö é o sujeito da sentença, no entanto, em Sanöma nomes inanimados não têm agentividade e portanto não têm função de argumento ergativo, isto é, de sujeito de transitiva. Assim, o nome ‘machado’ só pode ser interpretado como instrumento. A confusão ocorre pois o clítico de caso ergativo e o de caso instrumental possuem a mesma forma: =nö.

S Ins O V

- (5) a. *Kunatoi anö sola anö salo ose holapalöma*

Kunatoi =a =nö *sola* =a =nö *salo*

Kunatoi =SG =ERG *zarabatana* =SG =INS animal

ose= *hola* =pa =li =ma

pequeno soprar =DER =PFV =PST

‘Kunatoi flechou o passarinho com a *zarabatana*.’

S O V Ins

b. *Kakatima anö maatu pii söpöa konönöma **holokoto anö***

Kakatima =a=nö maa tu= pi= söpö =a

Kakatima SG =ERG água CLN:líq= CONT= carregar =PFV

*ko =olö =li =ma **holokoto** =a =nö*

voltar =AND =PFV =PST **cabaça** =SG =INS

‘Kakatima carregou água **com uma cabaça.**’

S V Ins

c. *waka a salö naioö **anepokonö***

*waka a= salö naio =ö **anepoko** =nö*

tatu.canastra 3SG= asfixiar também=DYN **cupinzeiro** =INS

‘Tatu canastra também se asfixia com a fumaça do fogo do cupinzeiro.’

Além de possuir a ordem SOV, Sanöma apresenta outras características típicas de línguas de núcleo final, conforme apresentamos a seguir.

3.1.2 Orações subordinadas à esquerda de orações matrizes

Sentenças matrizes, ou principais, se posicionam à direita de subordinadas e relativas. Nos exemplos abaixo as sentenças principais estão em negrito.

Subordinada Matriz

(6) a. *Kunatoi a waloki tähä samakö ia pia kule*

Kunatoi a= walo =ki =tähä samakö= ia pia kule

Kunatoi 3SG= chegar =PFV =REL.PRS 1PL= comer querer PRS

‘Quando Kunatoi chegar, nós vamos comer.’

	Relativa	Matriz
b.	<i>suö tä nö ãsã ãĩ namömahe ãa nomaso ke</i>	

suö =tö =nö ãsã
mulher =CLN:gnr=ERG beiju

ãĩ= *namö* =*ma* =*he*
CLN:beiju= *preparar* =CAUS =PST

ANA 3SG= morrer =PFV TEST =PST.H.REC

'A mulher que fez o beiju morreu.' (Lit. 'A mulher que fez o beiju, ela morreu.')

3.1.3 Posposições

A língua possui posposições, e não preposições como o português. Em (7a) o clítico de caso locativo =*hamõ* sucede o nome Boa Vista, gerando a ordem “Boa Vista para”, diferente do que ocorre em português em que a preposição precede o nome, e gera a ordem “para Boa Vista”. O mesmo ocorre em (7b), em que o clítico de caso oblíquo =*naha* ocorre após o nome *koataka* ‘fogo’, gerando a ordem “fogo no” e não “no fogo” como seria em português.

(7) a. *Boa Vista hamö sa huu pia kule*
Boa Vista =hamö sa= huu pia kule
Boa Vista =LOC 1SG= ir querer PRS
 ‘Eu vou para Boa Vista.’

b. *koataka naha wa amo halo sapanö*

koataka =**naha** *wa*= *amo*= *halo* *sa* =*pa* =*nö*
 fogo =**OBL** 2SG= CLN:cogumelo= estar.embrulhado assar =**DER** =**REL.PST**
 ‘Depois de assar seu embrulho de cogumelos no fogo...’ (Ana amopö p. 62)

3.1.4 Ordem possuidor – possuído

Outra característica típica de línguas SOV é o fato de o possuidor preceder o nome possuído em construções genitivas (COMRIE, 1989). Em (8) o possuidor Kakatima precede o nome possuído *wö a* ‘cesto’.

Possuidor	Possuído			
(8) <i>Kakatima a hai ã wö a</i>				
<i>Kakatima</i> = <i>a</i>	= <i>hai</i>	<i>ã</i>	<i>wö</i>	= <i>a</i>
Kakatima =SG	=GEN	ANA	cesto =SG	
‘O cesto de Kakatima.’				

Esta seção mostrou que a ordem de palavras nas sentenças em Sanöma é SOV, com a possibilidade do Sujeito de verbo transitivo se mover, podendo ocorrer após o verbo. A ordem OV, no entanto, é imutável e nenhum constituinte pode ocorrer entre o objeto e o verbo. Vimos que argumentos oblíquos e argumentos instrumento possuem também mobilidade dentro da sentença, mas não se posicionam entre o objeto e o verbo. A seção também mostrou que as sentenças em Sanöma se organizam de modo a manter o núcleo no final da sentença por isso há posposições, as sentenças principais ocorrem após as subordinadas ou relativas, e o possuidor ocorre após o nome possuído.

3.2 Frase mínima

Uma característica marcante das línguas Yanomami é a possibilidade de omitir os argumentos centrais das sentenças, pronunciando apenas o verbo, isto é, a raiz verbal juntamente com os clíticos que a acompanham. Não sendo expressos os argumentos da sentença, o que a torna inteligível, além do contexto, são as marcas de concordância, que indicam quais são seus argumentos centrais (sujeito de verbos transitivos e sujeito e objeto de verbos intransitivos), seguindo as regras que apresentaremos no capítulo 5 (Verbos).

Nesta breve seção, apenas chamaremos atenção para o fato de que na maioria das sentenças em Sanöma os argumentos são omitidos.

O verbo em Sanöma concorda tanto com nomes classificados, por meio de concordância com o classificador nominal e morfemas de plural, quanto com nomes não classificados, com morfemas de pessoa e número.

Nesta seção, apresentaremos inicialmente a omissão de nomes não classificados e posteriormente dos nomes classificados.

3.2.1 Omissão de nomes classificados

À esquerda de raízes nominais ocorrem os clíticos de concordância, que indicam quais são os argumentos centrais do verbo (o sujeito e o objeto). Elas ocorrem mesmo quando o argumento é expresso. O mesmo ocorre com os pronomes pessoais que são omitidos.

Nos exemplos abaixo o nome omitido aparece entre parênteses. A sentença à direita do parênteses é frase mínima permitida.

(9) a. (ala) *a lo kule*

(ala) *a=* *lo* *=a* *ku* *=la* *=e*

(arara) **3SG=** sentar =PFV TEST =PRS =PROX.VIS

‘(A arara) está pousada.’

b. (*kami samakönö kutiata*) **sama pö** thaama

(*kami=samakö* =*nö* *kutiata*) **sama= pö=** *tha* =*ma*

(1 =1PL =ERG canoa) **1PL= 3PL=** fazer =PST

‘(Nós) fizemos as canoas.’

Na sentença intransitiva em (9a) o nome *ala* ‘arara’ foi apagado, mas não a concordância com a terceira pessoa do singular no verbo. Em (1b) foram apagados o pronome de primeira pessoal do plural (*kami samakö*) e o nome canoa (*kutiata*), mas permaneceram expressos a concordância referente ao pronome de primeira pessoa do plural (*sama*) e à terceira pessoa do plural (*pö*), que se refere à canoa.

3.2.2 Omissão de nomes classificados

O verbo concorda com nomes classificados por meio da concordância com o classificador, como ilustra o exemplo abaixo.

(10) a. (*ana*) **amo** halo saköma

(*ana*) **amo=** *halo* *sa* =*ki* =*ma*

(cogumelo) **CLN:cogumelo=** embrulhar assar =PFV =PST

‘Assou a trouxa de cogumelos.’ (Ana amopö, p.23)

b. (*ĩsã*) **ãĩ** aketemama

(*ĩsã*) **ãĩ=** *akete* =*ma* =*ma*

(beiju) **CLN:beiju=** espremer =CAUS=PST

‘Preparou a massa de beiju.’ (Dic)

Note que os nomes classificados *ana* (cogumelo) e *ĩsã* (beiju) foram omitidos, mas há, à esquerda da raiz verbal a concordância com os classificadores nominais (*amo* (10a) e *ãĩ* (10b)).

3.2.3 Omissão de nomes na relações parte-todo

Em relação aos nomes que se referem a partes de entidades, o apagamento ocorre no nome que expressa a entidade independente a que a parte pertence, e o morfema que expressa a parte do corpo é realizado:

(11) a. (*Pakokai*) a **poko** hamisoma

(*Pakokai*) a= **poko**= hami =so =ma

(*Pakokai*) 3SG= **braço**= machucar =PFV =PST

‘(*Pakokai*) machucou o braço.’

b. (*Kunatoi*) a **ami** hanösoma

(*Kunatoi*) a= **ami**= hanö =so =ma

(*Kunatoi*) 3SG= **mão**= cortar =PFV =PST

‘(*Kunatoi*) cortou a mão.’

Esta seção mostrou que os nomes não-classificados, os nomes classificados e os nomes que se referem a partes de entidades possuem comportamentos diferentes na frase mínima, quando o argumento é apagado. O conteúdo lexical do nome somente pode ser completamente apagado nos nomes não classificados, sendo permitida a realização apenas da concordância, que expressa categorias gramaticais de pessoa e número. Já nos nomes classificados, não é permitido o apagamento do classificador nominal, que possui conteúdo lexical. Nomes que se referem a partes de entidades também não podem ser omitidos, mas somente pode ser apagada a entidade independente a que a parte pertence.

O Quadro 1 sistematiza as informações mínimas que cada tipo de nome deve expressar quando há omissão de argumentos nas sentenças:

Quadro 1. Informações dos argumentos requeridas na frase mínima

Tipo De Nome	Apaga	Permanece
Não classificados	Nome	morfemas gramaticais de pessoa+número
Classificados	Nome	classificador nominal+número
Parte-todo	Entidade independente	parte do corpo

Note que quando há apagamento de argumentos, apenas nos nomes classificados e nas partes do corpo as marcas de concordância possuem conteúdo lexical. Quando nomes não classificados pronomes e nomes próprios são omitidos, as marcas de concordância não possuem conteúdo lexical, mas somente gramatical, de pessoa e número.

A próxima seção apresenta as regras de ocorrência das marcas de concordância, tanto na frase mínima, quanto nas sentenças em que não há omissão de argumentos.

3.3 Classes gramaticais

O objetivo desta seção é descrever as principais classes gramaticais da língua Sanöma com base em critérios morfológicos, semânticos e distribucionais. Para os primeiros, são verificados os tipos de morfemas funcionais que ocorrem com cada grupo de raízes. Critérios semânticos são considerados para fazer uma primeira classificação das raízes, a partir da qual se verificam os critérios morfológicos e de distribuição (PAYNE, 2006). Os critérios distribucionais, isto é, a posição do item lexical na sentença, também são utilizados para identificar classes de palavras.

Os trabalhos sobre outras línguas Yanomami identificaram a classe dos nomes e a classe dos verbos como classes principais. Para a língua Sanöma adotaremos a mesma análise, que é exposta ao longo desta seção. Primeiramente apresentamos as raízes nominais em 3.3.1, depois as raízes verbais em 3.3.2 e finalmente, em 3.3.3, discutiremos o fato de as raízes que expressam propriedades pertencerem à classe dos verbos, formando uma subclasse verbal, ao invés de formarem uma classe independente de adjetivos, apesar de sua semelhança com a classe dos nomes. Os capítulos a seguir apresentarão os clíticos que acompanham cada classe gramatical.

3.3.1 Raízes nominais

A seção 3.1.1 mostrou que a ordem dos constituintes em Sanöma é SOV e que o sujeito ergativo possui certa mobilidade, e pode ocorrer em posição pós-verbal.

Em Sanöma, nenhuma raiz nominal pode ser pronunciada em sua forma nua, mas será marcada à sua direita no mínimo por um clítico de número, como o singular *a* em (14a) ou por um classificador nominal (no caso de nomes classificados), como *tä* em (14b) (ambos em negrito).

(12) a. *po anö**po* =**a** =*nö*facão=**3sg** =INS

‘Com um facão.’

b. *ulu tönö**ulu* =**tä** =*nö*

criança =CLN:gnr =ERG

‘A criança’.

Se a raiz for um pronome pessoal, ela será marcada por um clítico de pessoa, como nos exemplos em (13), em que os clíticos *sa* ‘singular de primeira pessoa’ e *makö* ‘plural de segunda pessoa’ se ligam às raízes nominais *kami* ‘primeira pessoa’ e *ka* ‘segunda pessoa’, respectivamente. Essas raízes não recebem os mesmos morfemas de número que os demais nomes, mas possuem seu próprio sistema de marcação, conforme descrito na seção 4.1.3.

(13) a. *kami sa**kami* =*sa*

1 =1SG

‘eu’

b. *ka makö**ka* =***makö***

2 =2PL

‘vocês’

Dependendo de sua função sintática, uma raiz nominal também será marcada por morfemas que indicam o caso a que ela pertence. Argumentos ergativos (sujeito de verbo transitivo) recebem marcas morfológicas de caso (= *nö* em (14b)), argumentos absolutivos não são marcados para caso, o argumento oblíquo é marcado (14a).

(14) a. *ki moko tönö*

ki moko =tö =nö
 aquela moça =CLN:gnr =ERG
 ‘Aquelela moça’

b. ***sami** wö a naha*

sami wö =a =naha
 um cesto =3SG =OBL
 ‘Em um cesto.’

À esquerda da raiz nominal (sublinhada nos exemplos acima) podem ocorrer formas livres, como quantificadores (14b) e demonstrativos (14b), em **negrito** nos exemplos.

Nomes podem receber também clíticos que expressam a relação parte-todo, clíticos quantificadores, modificadores.

(15) a. *hi ti **poko***

*hi ti= **poko***
 árvore CLN:madeira= braço
 ‘galho da árvore’

Raízes nominais podem receber um morfema livre com função de modificador à sua direita, como no exemplo abaixo (em **negrito**).

(16) a. *sätanapi **pata** tönö*

*sätanapi **pata** =tä =nö*
 não.indígena homem.velho =CLN:gnr =ERG
 ‘O homem velho não indígena.’

Conforme as características morfológicas de raízes nominais apresentadas acima, apresentamos os critérios de identificação de nomes em Sanöma:

Critério de identificação de nomes:

Raiz que recebe clíticos somente à sua direita. Pode receber morfemas livres à sua esquerda, porém não de forma obrigatória.

O critério exposto acima opõe a classe dos nomes à classe dos verbos, cujas raízes obrigatoriamente são marcadas por clíticos funcionais à sua esquerda. A classe de verbos será o assunto da próxima subseção.

3.3.2 Raízes verbais

Raízes verbais recebem clíticos obrigatoriamente à sua esquerda. Em quase todos os contextos, raízes verbais recebem morfemas funcionais também à sua direita, com exceção apenas de verbos atributivos em contextos de tempo presente, que ocorrem sem morfologia à direita, como apresentado na seção 5.5 sobre classes verbais.

Os morfemas que ocorrem à esquerda dos verbos são morfemas de concordância e morfemas que denotam partes de entidades. Em sua maioria, morfemas derivacionais e flexionais ocorrem à direita de raízes verbais.

Os clíticos de concordância podem ser morfemas de número e de concordância com classificadores nominais (no caso de nomes classificados). A concordância verbal seguirá a seguinte regra: o argumento absolutivo (sujeito de verbo intransitivo e objeto de verbo transitivo) sempre será marcado no verbo (17^a). O verbo concordará com o argumento ergativo somente se ele for primeira ou segunda pessoa (do singular ou do plural) (17b), porém, como comentamos na seção 5.6.1, em alguns casos essa concordância não ocorre.

- (17) a. [ipa pole]_{sujeito} [a **nomasoma**]_{verbo}
- ipa pole a= **noma** =so =ma
- 1POSS cachorro 3SG= **morrer** =PFV =PST
- ‘Meu cachorro morreu.’

- b. *[kami samakönö]_{sujeito} [hi waheta]_{objeto} [sama tä **thapalöma**]_{verbo}*
- kami =samakö =nö hi waheta*
- 1 =1PL =ERG DEM livro
-
- sama= tä= **tha** =pa =li =ma*
- 1PL= CLN:gnr= **fazer** =DER =PFV =PST
- ‘Nós fizemos este livro.’

O exemplo (17a) apresenta o verbo intransitivo *noma* ‘morrer’. Note que à esquerda da raiz está o morfema de terceira pessoa do singular *a*, que concorda com o sujeito *pole* ‘cachorro’. À esquerda da raiz estão os morfemas flexionais: aspecto perfectivo *so* e o passado *ma*.

O exemplo (17b) é uma sentença com um verbo transitivo. Como o argumento ergativo é primeira pessoa, há concordância no verbo tanto com o sujeito quanto com o objeto. Essas marcas estão localizadas à esquerda da raiz *tha* ‘fazer’, e são expressas por *sama* ‘primeira pessoa do plural’ e *tä* ‘classificador nominal genérico’. À direita da raiz verbal localizam-se os morfemas derivacional *pa* e os morfemas de aspecto perfectivo *li* e passado *ma*.

Clíticos que expressam partes de entidades podem ocorrer à esquerda da raiz verbal, como no exemplo abaixo, em que *poko* ‘braço’ ocorre entre a marca de concordância com o sujeito *a* ‘terceira pessoa do singular’, e a raiz verbal *hä* ‘queimar’:

- (18) *[Pakokai]_{sujeito} [a poko **hälaso ke**]_{verbo}*
- Pakokai a= poko= **hä** =laso ku =he*
- Pakokai 3SG= braço= **queimar**=PFV TEST =PST.H.REC
- ‘Pakokai queimou o braço.’ / ‘O braço de Pakokai queimou.’

À direita da raiz verbal, além dos morfemas derivacionais e flexionais, podem ocorrer morfemas oracionais (sublinhados nos exemplos abaixo), isto é, morfemas que adicionam informações a toda a sentença e não somente ao verbo. Esses morfemas ocorrem como subordinadores.

(19) a. [*sa hamiso tãhã*]_{subordinada} [*sa huumi*]_{principal}

sa= hami =so =tãhã sa= hu=mi

1SG= machucar =PFV =REL.PRS 1SG= ir =NEG

‘Se eu me machucar eu não vou.’

b. [*suötönö nasi koko hölöka wi*]_{subordinada} [*ĩtä koamö toita*]_{principal}

suö =tö =nö nasi koko= hölöka =wi

mulher =CLN:gnr=ERG mandiocaCLN:mandioca= ralar =NMLZ

ĩ =tä koa =mö toita

ANA =CLN:gnr beber =INTRZ bom

‘A mandioca que mulher ralou faz um xibé bom de beber.’ Lit.: ‘A mandioca que a mulher ralou é boa de beber.’

Note que à direita do verbo na oração subordinada em (19^a) há o morfema de aspecto perfectivo *so* e o morfema de presente relativo *tãhã* ‘se/quando’, que marca a oração subordinada. Em (19b) o morfema relativizador é o nominalizador *wi*, que se liga diretamente à raiz verbal *hölöka* ‘ralar’.

Conforme as características morfológicas das raízes nominais apresentadas acima, sugerimos a seguinte estratégia de identificação de verbos em Sanöma:

Critérios de identificação de verbos:

Raiz que recebe clíticos funcionais obrigatoriamente à sua esquerda. À direita pode receber morfemas derivacionais, flexionais e oracionais, com exceção somente nos verbos atributivos no presente, que podem ocorrer sem morfemas à direita.

3.3.3 Raízes que denotam propriedades (verbos atributivos)

Em Sanöma, raízes que expressam propriedades possuem características semelhantes tanto à classe dos nomes quanto à classe dos verbos. Nas demais línguas Yanomami, essas raízes são analisadas como uma subclasse verbal. Assumiremos a mesma análise em Sanöma, embora o fato de também apresentarem características semelhantes a nomes faz com que essas raízes possuam um status mais flexível em Sanöma do que nas demais línguas Yanomami.

Como seu comportamento morfossintático difere do comportamento da classe dos verbos dinâmicos e da classe dos verbos posicionais, são consideradas uma outra subclasse verbal, formando a classe dos verbos atributivos, assim como ocorre nas demais línguas Yanomami (FERREIRA, 2017) (RAMIREZ, 1994a) (GOMEZ, 1990).

Ao longo desta seção apresentaremos as características morfossintáticas das raízes que expressam propriedades que sustentam a análise de que são raízes verbais e não uma classe independente de adjetivos.

A principal característica que aproxima essas raízes de nomes se apresenta na função modificadora, em que elas modificam o nome sem a necessidade de derivação morfológica. Ferreira (2017) mostra que na língua Yanomama, quando esse tipo de raiz ocorre no nome na função modificadora, necessita de um morfema derivacional (*-rima*).

Para analisarmos o comportamento morfossintáticos das raízes que denotam propriedades na língua Sanöma, as subdividimos nos tipos semânticos sugeridos na tipologia sobre adjetivos de Dixon e Aikhenvald (2004, p. 3): (i) Dimensão, (ii) Propriedade Física e a subclasse Propriedade Corporal, (iii) Cor, (iv) Propensão Humana; (v) Idade, (vi) Valor, (vii) Velocidade.

Coletamos dados para analisar o comportamento morfossintático de raízes de cada tipo semântico na função modificadora do nome. Verificamos que raízes pertencentes a todos os tipos semânticos podem ocorrer no nome ou no verbo sem a necessidade de adição de morfologia derivacional. Apenas raízes do tipo idade e do subtipo Propriedade Corporal, incluídas no tipo semântico Propriedade Física não foram permitidas no argumento absoluto, porém foram consideradas gramaticais no argumento ergativo. Raízes do tipo Velocidade não podem ser utilizadas com função modificadora.

Dimensão

(20) a. *sakawai* **hototi** *sa a thalali ke*

sakawai **hototi** *sa=* *a=*
remo **curto** 1SG= 3SG=

tha *=la* *=li* *ku* *=he*

fazer =DISTR =PFV TEST =PST.H.REC

‘Fiz um remo curto.’

b. *sakawai sa a* **hototi** *thalali ke*

sakawai *sa=* *a=* **hototi**
remo 1SG= 3SG= **curto**

tha *=la* *=li* *ku* *=he*

fazer =DISTR =PFV TEST =PST.H.REC

‘Fiz um remo curto.’

Note que a raiz adjetival pode ocorrer no sintagma nominal (20a) e no sintagma verbal (20b). O mesmo ocorre nos exemplos (21).

Propriedade Física

(21) a. *saia* **sami** *sa tä thali ke*

saia **sami** *sa=* *tä=* *tha* *=li* *ku* *=he*

saia **sujo** 1SG= CLN:gnr= fazer =PFV TEST =PST.H.REC

‘Vesti a saia suja.’

b. *saia sa tä **sami** thali ke*

*saia sa= tä= **sami** tha =li ku =he*

saia 1SG= CLN:gnr= sujo fazer =PFV TEST =PST.H.REC

‘Vesti a saia suja.’

Propriedade Corporal

(22) a. **kamisa nö wano **manisi** sa tä tapa ke*

*kami =sa =nö wano **manisi***

1 =1SG =ERG homem **com.sono**

sa= tä= ta =pa ku =he

1SG= CLN:gnr= ver =DER TEST =PST.H.REC

Leitura buscada: ‘Eu vi o homem [que estava] com sono.’

b. *kamisa nö wano sa tä **manisi** tapa ke*

kami =sa =nö wano

1 =1SG =ERG homem

*sa= tä= **manisi** ta =pa ku =he*

1SG= CLN:gnr= **com.sono** ver =DER TEST =PST.H.REC

‘Eu vi o homem [que estava] com sono.’

Quando estão na posição de objeto, raízes que denotam uma propriedade corporal não ocorrem no nome (22a), mas somente são permitidas no verbo (22b).

Quando estão na posição de sujeito, no entanto, essas raízes podem ocorrer no nome (23a) ou no verbo (23b).

(23) a. *wano **manisi** tä kelaso ke*

*wano **manisi** tä= ke =laso ku =he*

homem **com.sono** CLN:gnr= cair =PFV TEST =PST.H.REC

‘O homem sonolento caiu.’

b. *wano tä **manisi** kelaso ke*

*wano =tä **manisi** ke =laso ku =he*

homem =CLN:gnr **com.sono** cair =PFV TEST =PST.H.REC

‘O homem sonolento caiu.’

Raízes que denotam cores e propriedades humanas podem ocorrer tanto no nome quanto no verbo, como mostram os exemplos (24) e (25).

Cor

(24) a. *masulu **ausi** sa kö lukumani ke*

*masulu **ausi** sa= kö=*

miçanga **branco** 1SG= CLN:long=

luku =ma =li ku =he

pendurar =CAUS=PFV TEST =PST.H.REC

‘Vesti as miçangas brancas.’ (‘Vesti o colar de miçangas brancas.’)

b. *masulu sa kö **ausi** lukumani ke*

*masulu sa= kö= **ausi***

miçanga 1SG= CLN:long= **branco**

luku =ma =li ku =he

pendurar =CAUS=PFV TEST =PST.H.REC

‘Vesti as miçangas brancas.’ (‘Vesti o colar de miçangas brancas.’)

Propensão Humana

- (25) a. *wano tönö ulu **pi mosai** tä talali ke*

*wano =tö =nö ulu **pi.mosai***

homem =CLN:gnr=ERG criança **inteligente**

tä= ta =la =li ku =he

CLN:gnr= ver =DISTR =PFV TEST =PST.H.REC

‘O homem viu a criança inteligente.’

- b. *wano tönö ulu tä **pi mosai** talali ke*

*wano =tö =nö ulu tä= **pi.mosai***

homem =CLN:gnr=ERG criança CLN:gnr= **inteligente**

ta =la =li ku =he

ver =DISTR =PFV TEST =PST.H.REC

‘O homem viu a criança inteligente.’

Idade

- (26) a. *suö sa tä **ose** täli ke*

*suö sa= tä= **ose** tä =li ku =he*

mulher 1SG= CLN:gnr= **pequeno** pegar =PFV TEST =PST.H.REC

‘Me casei com uma mulher mais nova.’

- b. **suö ose sa tä täli ke*

*suö **ose** sa= tä= tä =li ku =he*

mulher **pequeno** 1SG= CLN:gnr= pegar=PFV TEST =PST.H.REC

Leitura buscada: ‘Me casei com uma mulher mais nova.’

c. *suö tä ose kelaso ke*

suö *tä=* ***ose*** *ke* =*laso ku* =*he*

mulher CLN:gnr= **pequeno** cair =PFV TEST =PST.H.REC

‘A mulher nova caiu.’

Quando raízes que denotam a propriedade idade modificam um argumento absoluto, elas não podem ocorrer no nome, mas somente no verbo, como demonstram (26a-c) acima.

Valor(27) a. *wano toita sa tä talali ke*

wano ***toita*** *sa=* *tä=* *ta* =*la* =*li* *ku* =*he*

homem **bonito** 1SG= CLN:gnr= ver =DISTR =PFV TEST =PST.H.REC

‘Eu vi o homem bonito.’

b. *wano sa tä toita talalike*

wano *sa=* *tä=* ***toita*** *ta* =*la* =*li* *ku* =*he*

homem 1SG= CLN:gnr= **bonito** ver =DISTR =PFV TEST =PST.H.REC

‘Eu vi o homem bonito.’

Raízes que denotam a propriedade Valor podem ocorrer no nome ou no verbo quando modificam um objeto, como demonstram o par de exemplos acima.

No entanto, quando modificam um sujeito, raízes do tipo semântico Valor somente podem ocorrer no verbo e nunca no nome (28a). Note que (28b) foi considerado agramatical pelo falante.

(28) a. *suö tä toita nomaso ke*

suö *tä=* ***toita*** *noma* =*so* *ku* =*he*

mulher CLN:gnr= **bonito** morrer =PFV TEST =PST.H.REC

‘A mulher bonita morreu.’

b. **suö toita tä nomaso ke*

suö toita tä= noma =so ku =he

mulher **bonito** CLN:gnr= morrer =PFV TEST =PST.H.REC

Leitura buscada: 'A mulher bonita morreu.'

Quando modificam um argumento ergativo (agente de verbo transitivo) todas as raízes que denotam conceitos de propriedade ocorrem no nome sem derivação morfológica, como ilustram os exemplos abaixo. Elas não podem ocorrer no verbo nesses contextos, pois quando estão nesta posição modificam o argumento absoluto.

(29) a. *suö tä ose nö amotha talali ke*

suö =tä ose =nö amotha

mulher =CLN:gnr **pequeno** =ERG paca

a= ta =la =li ku =he

3SG= ver =DISTR =PFV TEST =PST.H.REC

'A mulher nova viu uma paca.'

b. *suö hiopö tönö amotha talali ke*

suö hiopö =tö =nö amotha

mulher **feio** =CLN:gnr =ERG paca

a= ta =la =li ku =he

3SG= ver =DISTR =PFV TEST =PST.H.REC

'A mulher feia viu uma paca.'

c. *pole a ausi nö thomö a säpali ke*

pole =a **ausi** =nö *thomö*

cachorro =3SG **branco** =ERG cutia

a= *sä* =pa =li *ku* =he

3sg= bater=der =PFV TEST =PST.H.REC

‘O cachorro branco matou uma cutia.’

d. *ulu tö sami nö masupö a talali ke*

ulu =tö *sami* =nö *masupö*

criança =CLN:gnr sujo =ERG tucano

a= *ta* =la =li *ku* =he

3SG= ver =DISTR =PFV TEST =PST.H.REC

‘A criança suja viu um tucano.’

e. *ulu tä hetete nö ãsã ãi oa kule*

ulu =tä *hetete* =nö *ãsã*

criança =CLN:gnr leve =ERG beiju

ãi= *oa* *ku* =la =e

CLN:beiju= comer TEST =PRS =PROX.VIS

‘A criança leve come o beiju.’

f. *wano tä manisí nö wö a tha kule*

wano =tä **manisi** =nö *wö*

homem =CLN:gnr **com.sono** =ERG cesto

a= *tha* *ku* =la =e

3sg= fazer TEST =PRS =PROX.VIS

‘O homem sonolento faz um cesto.’

g. *wano pi mosai tönö wö a thalali ke*

wano pi.mosai =tä =nö wö

homem **inteligente** =CLN:gnr =ERG cesto

a= tha ku =la =e

3sg= fazer TEST =PRS =PROX.VIS

‘O homem inteligente faz um cesto.’

Como ilustram os exemplos apresentados acima, na língua Sanöma as raízes que expressam propriedades podem ocorrer sem derivação na função modificadora.

Por outro lado, na função predicativa, raízes que expressam propriedades, apesar de se comportarem diferentemente de verbos ativos, se assemelham a verbos estativos. Note que em (30a) o morfema relativizador *=wi* se liga diretamente à raiz do verbo ativo *ke* ‘cair’, enquanto em (30b), *=wi* não se liga diretamente à raiz que expressa propriedade, pois há necessidade de ocorrência do morfema *=o*, que indica a classe dos verbos estativos, ligado à raiz. O mesmo ocorre em (30c) na oração relativa com um verbo estativo posicional.

(30) a. *ulu tä ke wi ã a aulu*

ulu tä= ke =wi ã a= aulu

criança CLN:gnr= cair =NMLZ ANA 3SG= doente

‘A criança que caiu está doente.’

b. *wö a heteheo wi ulu tönö ã wö a sipoö*

wö =a hetehe =o =wi

cesto =3SG leve =STV =NMLZ

ulu =tö =nö ã wö a= si =po =ö

criança =CLN:gnr =ERG ANA cesto 3SG= carregar =CSVT =DYN

‘O cesto que é leve a criança carrega.’

c. *salō a makeō wi ã a hote*

salō a=make =o=wi ã a=hote

animal 3SG= apoiado =STV =NMLZ ANA 3SG= podre

‘A carne que está apoiada está podre.’

Em contraposição com os exemplos em (30), o exemplo (31) mostra que raízes que expressam propriedades diferenciam-se de raízes nominais em orações relativas, pois raízes nominais necessitam da cópula verbal (*ku* ‘existir’) para poderem receber um morfema relativizador.

(31) *Sanōma tä AIS kuo noai ã a nomasoma*

Sanōma =tä AIS ku =o =noai

Sanōma =CLN:gnr AIS existir =STV =INFR

ã a= noma =so =ma

ANA 3SG= morrer =PFV =PST

‘O Sanōma que era AIS (Agente Indígena de Saúde) morreu.’

Apesar de se assemelharem aos verbos posicionais em orações relativas, as raízes que expressam propriedades se diferenciam das raízes posicionais em orações principais. Note em (32a) que enquanto o verbo posicional *lo* ‘sentar’ é marcado pelo morfema posicional =*a*, a raiz que expressa propriedade não necessita de morfologia, como em (32b):

(32) a. *ulu a loa*

ulu a=lo =a

criança 3SG= sentar =POST

‘A criança está sentada.’

b. *ulu a sami*

ulu a=sami

criança 3SG= sujo

‘A criança está suja.’

Por se assemelharem mais aos verbos do que aos nomes, e por possuírem características distintas às subclasses dos verbos ativos e dos verbos posicionais, assumimos que raízes que expressam propriedades em Sanöma são uma subclasse verbal, porém com uma flexibilidade maior que as demais classes verbais. Essa análise está em consonância com Dixon e Aikhenvald (2004), que argumentam que toda língua possui uma classe ou uma subclasse de adjetivos.

3.4 Resumo do capítulo

Vimos neste capítulo que a língua Sanöma é tipologicamente polissintética e possui uma consistente característica de núcleo final. Mostramos que os argumentos do verbo podem ser omitidos e somente o verbo e seu clíticos serem produzidos. Identificamos duas classes gramaticais principais: nomes e verbos. Mostramos, entretanto, que a subclasse dos verbos atributivos possui semelhanças também com a classe dos nomes.

4 Nome

Este capítulo tem o objetivo de apresentar a classe gramatical dos nomes na língua Sanöma. A seção 4.1 é dedicada a descrição e análise dos pronomes e adnomes (demonstrativos, possessivos e pronomes pessoais). Em 4.2 apresentamos os morfemas que acompanham as raízes nominais.

4.1 Pronomes e adnomes

Esta seção tem como objetivo apresentar os morfemas livres que compõem os pronomes e os adnomes da língua Sanöma. A seção 4.1.1 apresenta os demonstrativos, que indicam a localização de entidades do mundo real em relação ao falante e ao ouvinte. Em 4.1.2 apresentamos os pronomes possessivos de primeira e segunda pessoas do singular.

Mostraremos também a estratégia utilizada para marcar a posse nas demais pessoas, que é feita através da marcação de caso genitivo. Mostraremos que tanto os demonstrativos quanto os pronomes possessivos podem substituir nomes, e assim, funcionar como pronomes. Em 4.1.3 apresentamos os pronomes pessoais.

4.1.1 Demonstrativos

Demonstrativos em Sanöma definem a localização de uma entidade em relação ao falante e ao ouvinte. Sanöma possui os demonstrativos *hi*, *mi(hi)* e *ki(hi)*. O primeiro (*hi*) possui significado genérico, ou seja, não indica uma localização precisa em relação ao falante e ao ouvinte. *mi(hi)* indica que a entidade está próxima ao ouvinte e não leva em conta a distância

do falante. *ki(hi)* indica que o nome está distante tanto do falante quanto do ouvinte. A distribuição dos demonstrativos em Sanöma corresponde a tipologia observada em Diessel (1999, 2013), em que toda língua possui ao menos um demonstrativo que se refere a uma entidade próxima ao centro dêitico, e um demonstrativo que se refere a uma entidade distante do centro dêitico.

Os demonstrativos distribuem-se de diferentes maneiras na língua Sanöma: quando coocorrem com o nome, sua função é determinar sua localização. Os demonstrativos também podem funcionar como pronomes, substituindo o sintagma nominal e definindo sua localização.

Demonstrativos como Determinantes

Nos exemplos em (1) os demonstrativos coocorrem com o nome, determinando sua localização em relação ao falante e ao ouvinte.

(1) a. *hi au halo ösö hõ?*

hi au halo =ösö hõ?

Esse 2POS estar.embrulhado =CLN:pele PTC.INT

‘Essa roupa é sua?’

b. *mi au halo ösö hõ?*

mi au halo =ösö hõ?

Esse 2POS embrulho =CLN:pele PTC.INT

‘Essa roupa é sua?’

c. *ki au haloösö hõ?*

ki au halo =ösö hõ?

aquele 2POS embrulho =CLN:pele PTC.INT

‘Aquele roupa é sua?’

O exemplo (1a) foi considerado gramatical em todas as configurações testadas: o falante estando próximo ou distante do ouvinte. A localização do objeto em relação ao falante e ao ouvinte também foi testada em diferentes distâncias.

O demonstrativo *mi(hi)*, em (1b), foi permitido em situações em que o ouvinte estava vestindo a camisa, mas não quando a camisa estava pendurada em um varal próximo a ele, por exemplo. Os testes nos permitem concluir que *mi(hi)* só é utilizado quando o objeto está muito próximo ao ouvinte.

O exemplo (1c), em que o demonstrativo *ki(hi)* é utilizado, somente é considerado gramatical pelo falante quando o objeto está distante tanto do falante quanto do ouvinte.

Os demonstrativos em Sanöma podem determinar um nome ou um sintagma nominal, ou podem substituí-los, funcionando como pronomes. Diessel (1999) atesta a ocorrência desse fenômeno em diversas línguas do mundo, em que o mesmo morfema pode ser utilizado como pronome independente, ou adjacente ao nome com o qual coocorre. Nos exemplos acima, *hi*, *ki* e *mi* determinam o nome *halo ösö* ‘roupa’. Quando têm essa função, os demonstrativos ocorrem à esquerda do nome.

Demonstrativos como Pronomes

Nos exemplos (2a) e (3a), os demonstrativos determinam o nome *wö* ‘cesto’ e *wano* ‘homem’, respectivamente. Em (2b) e (3b), substituem os sintagmas nominais, operando como pronomes. Note que os demonstrativos são neutros para número, e quando estão na posição de pronome recebem os clíticos nominais à sua direita, da mesma forma que os nomes. Vemos em (3b) e (4b) que quando o demonstrativo funciona como pronome de um nome que recebe classificador nominal, ele é marcado pelo classificador nominal. Em (4c) há também a marca de plural à direita do classificador.

(2) a. *hi wö a poke*

hi wö a= poke

Esse’ cesto 3SG= vazio

‘Esse cesto está vazio.’

b. *hi a poke*

hi a= poke

Esse 3SG= vazio

‘Esse está vazio.’

(3) a. *hi wano töpö hua konasoli ke*

hi wano töpö= hu =a ko =laso =olö ku =he

Esse homem 3PL= ir =PFV voltar =PFV =AND TEST =PST.H.REC

‘Esses homens (que estavam ali) foram embora.’

b. *hi töpö hua konasolike*

hi töpö= hu =a ko =laso =olö ku =he

Esse 3PL= ir =PFV voltar =PFV =AND TEST =PST.H.REC

‘Esses (que estavam ali) foram embora.’

(4) a. *ki ãsã ãĩ pioso*

ki ãsã ãĩ= pio =so

aquele beiju CLN:beiju= querer =RECIP

‘Quero aquele beiju. / Me dê aquele beiju.’

b. *ki ãĩ pioso*

ki ãĩ= pio so

aquele CLN:beiju= querer =RECIP

‘Quero aquele beiju. / Me dê aquele beiju.’

c. *ki ãĩpö pioso*

ki ãĩ= pö= pio so

aquele CLN:beiju= 3PL querer =recip

‘Quero aqueles beijos. / Me dê aqueles beijos.’

É possível ainda haver um modificador do nome, como “outro”, à esquerda do pronome demonstrativo:

(5) a. *ai hi toto heua soa kule*

ai hi toto= heu =a soa kule

outro esse CLN:cipó= molhar = PFV continuar PRS

‘Essa outra rede continua molhada.’

O Quadro 1 sistematiza a localização do nome em relação ao falante e ao ouvinte expressa por cada demonstrativo.

Quadro 1. Demonstrativos e a localização do nome em relação ao falante e ao ouvinte

	falante	ouvinte
hi	±	±
mi(hi)	+	±
ki(hi)	–	–

O sinal de ± indica que o objeto pode estar tanto próximo quanto distante, ou seja, a localização é indiferente. O sinal de – indica que está distante e o sinal de +, que está próximo. Note que somente *ki* não possui sinal de ±, isso quer dizer que para *ki(hi)* ser utilizado, o objeto necessariamente deve estar distante do falante e do ouvinte, como “aquele” em português.

O significado dos demonstrativos mudou ao longo do tempo. Comparando a descrição de Borgman (1990), que foi feita com base na língua falada na década de 1960, com os dados atuais, vemos que o autor descreve uma precisão e um contraste entre os demonstrativos que não se verifica nos dias de hoje.

A mudança mais significativa ocorreu com o demonstrativo *hi*, que, segundo Borgman (op. cit.), significa “este”, ou “próximo ao falante”. Ferreira (2017) descreve o mesmo uso de *hei/hi* na língua Yanomama falada atualmente. Nossa coleta de dados verificou que o uso de *hi* foi generalizado em Sanöma, ou seja, ele deixou de corresponder a “este” e perdeu a propriedade de especificar a localização do nome em relação ao falante e ao ouvinte. Hoje, *hi* corresponde ao uso que se faz atualmente de “esse” em português informal, pois não define a localização do falante e do ouvinte.

mi ou *mihi* também parece ter sofrido mudança pois, na década de 1960 Borgman (1990) o descreveu como “that one, near you”, o que equivale ao uso formal de “esse” em português, ou seja, distante do falante e próximo ao ouvinte. Assim também é a descrição do

cognato de *mi(hi)* na língua Yanomama (FERREIRA, 2017). Atualmente, para *mi(hi)* ser usado em Sanöma, a entidade necessariamente deve estar próxima ao ouvinte, mas a localização do falante em relação a ela é irrelevante.

Apenas *ki(hi)* manteve significado que foi descrito por Borgman (1990) na língua Sanöma na década de 1960 e que é descrito por Ferreira (2017) para a língua Yanomama dos dias de hoje: distante do falante e do ouvinte.

Esta seção mostrou que os demonstrativos em Sanöma podem ter a função de determinantes, coocorrendo com o nome; ou de pronomes, substituindo o sintagma nominal. Os exemplos mostraram que o significado de *hi* e de *mi(hi)* mudou nas últimas décadas, distanciando-se também do significado dos determinantes na língua Yanomama falada nos dias de hoje.

4.1.2 Pronomes possessivos e construções de posse

A língua Sanöma possui formas distintas de marcação de posse de primeira e segunda pessoas do singular e das demais pessoas. Para a posse de primeira e segunda pessoas do singular, uma das estratégias é utilizar um pronome possessivo antes do objeto possuído. Essa forma de marcação de posse é frequente nas línguas do mundo (KOPTJEVSKAJA-TAMM, 2001). O pronome possessivo de primeira pessoa do singular é *ipa*, e o de segunda pessoa do singular é *au*.

Quadro 2: Pronomes Possessivos de Primeira e Segunda Pessoas do Singular

possessivo 1sg	possessivo 2sg
<i>ipa</i>	<i>au</i>

Nos exemplos (6) os pronomes possessivos aparecem em negrito:

- (6) a. *ki wano tönö **ipa** sai a thaki ke*

*ki wano =tö =nö **ipa** sai a= tha =ki ke*

DEM homem =CLN:gnr=ERG **1POS** casa 3SG= fazer =PFV PST

‘Aquele homem construiu minha casa’

- b. *au sai a toita*

au sai a= toita

2POS casa 3SG= boa

‘Tua casa é boa.’

A posse também pode ser expressa por meio de uma construção analítica, inclusive para a primeira e a segunda pessoas do singular, composta pelo possuidor seguido do clítico de genitivo *hai* e do pronome anafórico *ĩ* antecedendo o nome ou o pronome possuído. A função do anafórico é a de retomar o possuidor. O esquema abaixo mostra a ordem de palavras em construções de posse:

Ordem de palavras em construções de posse:

- (7) possuidor + *hai* + *ĩ* + possuído

Nos exemplos abaixo, de construções de posse analíticas, o possuidor e o possuído estão em negrito:

- (8) a. ***pole** a **hai** *ĩ* **nii** **tä** mataso ke*

pole =a **hai** *ĩ* **nii** =tä

cachorro =SG GEN ANA **comida** =CLN:gnr

ma =ta =so ke

acabar =CEL =PFV PST

‘A comida do cachorro acabou.’ (Lit. ‘Do cachorro sua comida acabou.’)

b. *Kunatoi a hai ã ulu anö pu usö wasika ke*

Kunatoi =a =hai ã **ulu** =a =nö

Kunatoi =SG =GEN ANA criança =SG =ERG

pu ösö= wãsi =ka ke

cana CLN:pele= mastigar =PFV PST

‘O filho de Kunatoi chupou cana.’ (Lit. ‘De Kunatoi seu filho chupou cana.’)

c. *Kunatoi anö pusopö a hai ã pin i halo ökapalöma*

Kunatoi =a =nö **pusopö** =a hai

Kunatoi =SG =ERG **esposa** =SG GEN

ã **pi** **ni**= **halo** öka =pa =li =ma

ANA **tabaco** CLN:tabaco= **embrulho** amarrar =DER =PFV =PST

‘Kunatoi amarrou a trouxa de tabaco de sua esposa.’ (Lit. ‘Kunatoi de sua esposa amarrou a trouxa de tabaco.’)

Nos exemplos (9) temos construções analíticas de posse de primeira e segunda pessoas do singular, que podem ser usadas em lugar das construções com os pronomes possessivos *ipa* ‘posse de primeira pessoa do singular’ e *au* ‘posse de segunda pessoa do singular’:

Primeira Pessoa do Singular:

(9) a. *kami Pakokai sa hai ã halo ösö kakapaso ke*

kami Pakokai **sa** hai ã **halo**

1 **Pakokai** **1sg** GEN ANA **roupa**

ösö= kaka =pa =so ke

CLN:pele= rasgar =DER =PFV PST

‘Minha roupa rasgou.’

Segunda Pessoa do Singular:

b. *kama Joana wa hai ỹ halo ösö kakapaso ke*

kama Joana =wa =hai ỹ halo

3 Joana =2sg =GEN ANA roupa

ösö= kaka =pa =so ke

CLN:pele= rasgar =DER =PFV PST

‘Sua roupa rasgou.’ (Lit. ‘A roupa de você, Joana, rasgou.’)

A primeira parte do pronome pessoal de terceira pessoa (*kama*) pode ser pronunciada precedendo o possuidor ou o possuído. Como visto na seção sobre pronomes pessoais, *kama* contém apenas informação de pessoa.

(10) a. *kama pole a hai ỹ nii tä matasoke*

kama pole =a =hai ỹ nii =tä

3 cachorro =sg =GEN ANA comida =CLN:gnr

ma =ta =so =ke

acabar =CEL =PFV =PST

‘A comida do cachorro acabou.’ (Lit.: ‘Do cachorro a comida acabou.’)

b. *kama Kunatoi a hai ỹ ulu anö pu usö wãsi ka ke*

kama Kunatoi =a hai ỹ ulu =a =nö

3 Kunatoi =SG GEN ANA **criança** =SG =ERG

pu =usö wãsi =ka ke

cana =CLN:cana mastigar =PFV PST

‘O filho de Kunatoi chupou cana.’ (Lit.: ‘De Kunatoi, o filho chupou cana.’)

c. *Kunatoi anö kama pusopö a hai ỹ pi ni halo ökapalöma*

Kunatoi =a =nö kama pusopö =a hai

Kunatoi =SG =ERG **3 esposa** =SG GEN

ỹ pi ni= halo öka =pa =li =ma

ANA **tabaco** CLN:tabaco= embrulho amarrar =DER =PFV =PST

‘Kunatoi amarrou a trouxa de tabaco de sua esposa.’ (Lit.: ‘Kunatoi, de sua esposa amarrou a trouxa de tabaco.’)

Quando o possuidor é um pronome pessoal, o pronome livre e os clíticos de pessoa e número devem ser pronunciados, não sendo permitida a omissão de nenhuma parte do pronome pessoal. Seguem exemplos de sentenças em que o possuidor é primeira (11a,b) e segunda (11c) pessoas do plural, respectivamente:

Primeira Pessoa do Plural:

- (11) a.
- kami samakö hai ã hikanino naha ana amo lalo toita*

kami =*samakö* =*hai ã* *hikanino* =*naha*1 =1PL =GEN ANA *capoeira* =OBL*ana* *amo*= *lalo* *toita*

cogumelo CLN:cogumelo= reproduzir bem

‘Cogumelos se reproduzem bem em nossa capoeira.’ (Lit. ‘De nós, na capoeira cogumelos se reproduzem bem.’)

- b.
- kami Sanöma samakö hai ã ulu töpö*

kami Sanöma =*samakö* =*hai ã* *ulu* =*tö* =*pö*

1 Sanöma =1PL =GEN ANA criança =CLN:gnr =PL

‘Nossas crianças.’ (Lit. ‘As crianças de nós, Sanöma.’)

Segunda Pessoa do Plural:

- c.
- kamakö hai ã sai a*

ka =*makö* *hai ã* *sai* =*a*2 =2PL GEN ANA *casa* =SG

‘A casa de vocês.’ (Lit.: ‘De vocês a casa.’)

Como vimos na seção sobre pronomes pessoais, as terceiras pessoas em Sanöma podem ser formadas por um demonstrativo (*hi*, *ki* ou *mi*) seguido do morfema de número (*a* ‘singular’ ou *töpö* ‘plural’). Essas formas podem ser utilizadas como possuidores, como mostram os exemplos em (12):

Terceira Pessoa do Singular:(12) a. *hi a hai ĩ sai a***hi** =**a** *hai* ĩ **sai** =**a****esse** =SG GEN ANA **casa** =SG

‘Casa dele.’ (Lit.: ‘Dele a casa.’)

Terceira Pessoa do Plural:b. *hi töpö hai ĩ sai a***hi** =**töpö** *hai* ĩ **sai** =**a****esse** =PL GEN ANA **casa** =SG

‘A casa deles.’ (Lit.: ‘Deles a casa.’)

c. *Sanöma töpö hai ĩ hikali a pöpönö a pata***Sanöma** =**töpö** *hai* ĩ **hikali** =**a** =**pöpönö** =**a** =**pata****Sanöma** =PL GEN ANA **roça** =SG =grande =SG =grande

‘A grande roça dos Sanöma.’ (Lit.: ‘Dos Sanöma a grande roça.’)

Também é possível, e bastante produtivo, uma construção de posse ser feita sem o morfema de genitivo =*hai*.

(13) a. *Kunatoi a ĩ ulu anö pu usö wasika ke***Kunatoi** **a** ĩ **ulu** =**a** =**nö****Kunatoi** =SG ANA **filho** =SG =ERG*puu* ösö= *wasi* =**ka** *ke*

cana CLN:pele= mascar =PFV PST

‘O filho de Kunatoi chupou cana.’ (Lit.: ‘Kunatoi, seu filho, chupou cana.’)

b. *Joana a ãa*

Joana =a ã =a

Joana =SG ana =SG

‘A (filha) de Joana.’ (Lit. ‘Joana, sua filha.’)

Note em (13b) que é possível elidir também o nome possuído e pronunciar apenas seu morfema de número ou classificador nominal, no caso de um nome classificado.

Construções de posse em que um nome alienável, ou independente, está na posição de possuído são agramaticais quando o morfema anafórico não é utilizado, como mostra o exemplo (14).

(14) **Kakatima a ulu a mia kule*

Kakatima =a ulu =a mi =a kule

Kakatima =SG filha =SG dormir =PFV PRES

‘O filho de Kakatima está dormindo.’

Partes do corpo são nomes inalienáveis. Neles, a posse é expressa por meio da relação parte-todo (STASSEN, 2001). O nome que denota a parte se liga diretamente ao nome que denota o todo, sem morfologia de posse. O exemplo (15b) mostra que quando o pronome possessivo *ipa* é utilizado com partes do corpo, a sentença se torna agramatical. Em (16b) vemos que o uso da construção de posse com o genitivo =*hai* e a anáfora ã também é agramatical para partes do corpo de terceiras pessoas.

(15) a. *kami sa poko käpasoma*

kami sa= poko= kä =pa =so =ma

1 1SG= perna= quebrar =DER =PFV =PST

‘Quebrei a perna. / Minha perna quebrou.’ (Lit. ‘Eu minha perna quebrou.’)

b. **ipa poko käpasoma*

ipa poko= kä =pa =so =ma

1POS= perna= quebrar =DER =PFV =PST

‘Quebrei a perna. / Minha perna quebrou.’

(16) a. *Maria a poko hanaha*

Maria a= poko= hanaha

Maria 3SG= braço= vermelho

‘O braço de Maria está vermelho.’ (Lit. ‘Maria seu braço está vermelho.’)

b. **Maria a hai ã poko hanaha*

Maria =a =hai ã poko= hanaha

Maria =3SG =GEN ANA braço= vermelho

‘O braço de Maria está vermelho.’

Vimos, nesta seção, que a língua Sanöma possui duas estratégias para expressar posse:

i) Por meio dos pronomes possessivos *ipa* e *au* para primeira e segunda pessoas do singular, respectivamente; ii) Através do uso do morfema de posse =*hai*, seguido do pronome anafórico ã, que retoma o possuidor. Esse tipo de construção permite elidir o morfema de posse =*hai*, mantendo o pronome anafórico.

Esta seção mostrou também que a posse de nomes inalienáveis (partes do corpo e de objetos) é feita sem o genitivo =*hai*, mas pronunciando o todo seguido da parte, sem morfologia adicional.

4.1.3 Pronomes pessoais

A língua Sanöma possui pronomes pessoais de primeira, segunda e terceira pessoas, do singular e do plural. Conforme (MÜHLHÄUSLER, 2001, p. 741), o sistema com três pessoas (1,

2, 3) e dois número (singular e plural) é o mais conhecido, ainda que não seja universal. Pronomes pessoais em Sanõma são compostos por duas partes: a raiz pronominal, que é um morfema livre com informação de pessoa e clíticos com informação de número e de pessoa.

Os pronomes de terceira pessoa funcionam do mesmo modo que os sintagmas nominais, isto é, possuem dois tipos de clítico: um tipo se liga a nomes classificados e outro tipo se liga a nomes não-classificados.

O Quadro 3 mostra o paradigma de pronomes pessoais em Sanõma:

Quadro 3: Pronomes pessoais

	morfema livre	singular	plural
1ª pessoa	<i>kami</i>	=sa	=sama ¹ =kö
2ª pessoa	<i>ka</i> ²	=wa	=ma ³ =kö
3ª pessoa - nomes não-classificados	<i>kama</i>	=a	=tö=pö =pö ⁴ =kö =kökö
3ª pessoa - nomes classificados	<i>kama</i>	=CLN	=CLN=pö =CLN=kö

Nesta seção mostraremos que os pronomes pessoais podem ser expressos de três formas: (i) por meio de pronomes livres, como apresentado no

1 Parece ser possível segmentar =sa e =ma, no entanto, não encontramos uma semântica para cada um desses clíticos.

2 Na língua Yanomama o pronome livre de segunda pessoa é *kaho* (Ferreira, 2017, p. 173). A língua Sanõma pode ter perdido diacronicamente a sílaba [ho] em um processo fonológico, existente sincronicamente, de perda da consoante velar aspirada [h]. Após perder essa consoante, pode ter havido um processo de harmonia vocálica de abaixamento da vogal média [o], que, passando a se realizar como [a], foi apagada, resultando no pronome *ka*.

3 Na língua Yanomama o clítico de segunda pessoa do singular é =wa, como em Sanõma, e o de segunda pessoa do plural é =wama (Ferreira, op. cit., p. 173). O paradigma de pronomes pessoais de Yanomama é um pouco mais transparente que o do Sanõma, que parece ter sofrido alguns processos fonológicos que geraram muita discrepância entre a forma dos clíticos do singular e do plural. Note que a forma do clítico de segunda pessoa do singular e do clítico de segunda pessoa do plural não têm qualquer semelhança, diferentemente do que ocorre com os clíticos de primeira pessoa, que tanto no singular quanto no plural contêm a sílaba =sa.

4 Nomes +humanos, que são nome não classificados em Sanõma, recebem no plural o morfema =tö (classificador nominal genérico) seguido do morfema de plural =pö.

Quadro 3; (ii) por meio de demonstrativos; (iii) por meio da coocorrência entre pronome livre e nome próprio. Nas três formas os clíticos de número (e de pessoa, no caso das pessoas da enunciação⁵) ocorrem após os morfemas livres.

Os exemplos abaixo mostram o uso dos pronomes de primeira, segunda e terceira pessoa, singular e plural.

Primeira pessoa:

(17) a. **kami sanö** ana sa amo nokopalöma

kami =sa =nö ana

1 =1SG =ERG cogumelo

sa= amo= noko =pa =li =ma

1SG= CNL:cogumelo moquear =DER =PFV =PST

‘Eu moqueei cogumelo.’

b. **kami samakö** nö sätänapî töpö naha uli sama tä uli taömanöma

kami =sama =kö =nö sätänapî =tö =pö =naha

1 =1PL =PL =ERG não-indígena =CLN:gnr =3PL =OBL

uli sama= tä= uli ta =ö =ma =li =ma

lugar 1PL= CLN:gnr= lugar conhecer =DYN =CAUS =PFV =PST

‘Nós fizemos os não-indígenas conhecerem a floresta.’

Como mostram os exemplos acima, o pronome de primeira pessoa do singular é composto pelo morfema livre *kami* mais o morfema de singular =sa. A primeira pessoa do plural possui o mesmo morfema livre (*kami*), seguido de dois clíticos: o primeiro com informação de número plural e de primeira pessoa (=sama), seguido do clítico de plural =kö.

Borgman (1990, p. 149) comenta que em Sanöma há dois tipos de primeira pessoa do plural, a inclusiva (*kami samakö*), e a exclusiva. A exclusiva teria a mesma forma da segunda pessoa do plural (*ka makö*) e apenas o contexto determinaria a que primeira pessoa o falante

5 Pessoas da enunciação são a primeira e a segunda pessoa.

estaria se referindo. Todas as nossas tentativas de elicitção da primeira pessoa exclusiva foram infrutíferas, e tampouco pudemos encontrar sua realização em textos e narrativas. Portanto, por ora consideraremos que essa pessoa gramatical ou não é mais utilizada, ou tem um uso marcado cuja pragmática é desconhecida.

Segunda pessoa:

(18) a. *ka wanö salaka pö noa naha ã kapi wa tä pii kule?*

ka =wa =nö salaka =pö noa =naha

2 =2SG =ERG peixe =PL trocar =OBL

ã kapi wa= tä= pii kule

ANA INT 2SG= CLN:gnr querer PRS

‘O que você quer em troca dos peixes?’

b. *ka makö iapalo waikio ke*

ka ma= kö= ia =palo waiki =o ke

2 2PL= PL= comer =REPET já =PFV PST

‘Vocês já comeram.’

Como mostram os exemplos em (18), a segunda pessoa possui o mesmo sistema que a primeira pessoa, porém o morfema livre é *ka*, e o clítico com informação de pessoa e número para segunda pessoa do singular é *=wa*, e para a segunda pessoa do plural, *=ma*. A segunda pessoa do plural também recebe o clítico de plural *=kö*.

Abaixo estão os exemplos com pronomes de terceira pessoa.

Terceira pessoa:

(19) a. **kama a patasipö kutenö a sömöka komi**

kama=a patasipö=kutenö a= sömöka komi

3 =SG velho =REAS 3SG= orelha fechado

‘Ele é velho por isso está surdo.’

b. **kama töpö patasipö kutenö töpö sömöka komi**

kama tö= **pö=** patasipö=kutenö tö= **pö=** sömöka komi

3 CLN:gnr= 3PL= velho =REAS CLN:gnr= 3PL= orelha fechado

‘Eles são velhos por isso estão surdos.’

Quando o pronome de terceira pessoa se refere a um nome do tipo classificado, o morfema livre de terceira pessoa se mantém (*kama*), e o classificador nominal ocupa a segunda posição, em lugar do morfema de singular, como no exemplo (20) abaixo.

(20) *kami sanö olö kökö säpalöma, kama kökö lape*

kami =sa =nö olö kökö= sä =pa =li =ma

1 =1SG =ERG cobra CLN:cobra= bater =DER =PFV =PST

kama kökö= lape

3 CLN:cobra= comprido

‘Eu matei uma cobra. Ela era comprida.’

No exemplo (20), o classificador nominal *kökö*, pertencente ao nome *olö kökö* ‘cobra’, sendo o clítico que compõe a segunda parte do pronome pessoal de terceira pessoa.

Para as terceiras pessoas podem ser usados demonstrativos no lugar do pronome e do nome. Os demonstrativos também são seguidos dos clíticos de número e de pessoa, como nos exemplos (21) abaixo.

(21) a. *hi a patasipö kütö a sömöka komi*

hi a= patasipö =kütö a= sömöka komi

esse 3SG= velho =REAS 3SG= orelha fechado

‘Ele é velho e por isso está surdo.’

b. *hi töpö walokike*

hi tö= pö= walo =kike

esse CLN:gnr= 3PL= chegar =PFV PST

‘Essas pessoas chegaram.’

Os pronomes pessoais também podem coocorrer com nomes ou nomes próprios. Nestes casos, o nome ocorrerá entre o morfema livre e o clítico de pessoa e número, como vemos no exemplo, em que o nome próprio ‘Sanöma’ coocorre com o pronome pessoal ‘nós’:

(22) *kami Sanöma samakönö hikali a ola naha sinimopö tösa naio sinomoö*

kami Sanöma =sama =kö =nö hikali =a =ola =naha

1 Sanöma =1PL =PL =ERG roça =SG =começo =OBL

sinimo pö= tösa naio sinomo =ö

milho 3PL= plantar também sempre =DYN

‘Nós, Sanöma, também sempre plantamos milho na parte de cima das roças.’

Estamos considerando que o nome que coocorre com o pronome livre é um aposto. No entanto, é preciso verificar se nomes próprios nesses casos são orações relativas, mas que não apresentam a morfologia que aparece em outras construções relativas em Sanöma. A paráfrase para exemplos como (22) sob essa análise seria: “Nós, que somos Sanöma, (...)”.

Esta seção mostrou que os pronomes pessoais em Sanöma são compostos por um morfema livre que contém informação de pessoa e por clíticos flexionais que contêm informação de número, de pessoa, ou de classe⁶ (este último, quando o pronome substitui um

6 Os clíticos com informação de classe, ou classificadores nominais, são flexionais pois possuem conteúdo gramatical de pessoa, mas também possuem conteúdo lexical da classe nominal. Esse assunto é tratado na seção 4.2.2.

nome classificado). Vimos que há outra forma bastante frequente de se referir às terceiras pessoas: utilizando um demonstrativo no lugar do pronome livre *kama*, seguido dos morfemas de número ou do classificador nominal. Vimos que o pronome também pode coocorrer com o nome a que se refere.

4.2 Morfologia nominal

O objetivo desta seção é apresentar os morfemas que se ligam às raízes nominais, sua posição e as restrições de coocorrência.

Os nomes em Sanöma não são expressos em sua forma nua, porém são sempre acompanhados de ao menos um clítico que indica se é classificado ou não, ou o morfema de número. Nomes classificados no singular não são marcados para número singular (23a). Nomes não classificados recebem o morfema de singular *a* (23b). Os clíticos nominais estão em negrito nestes exemplos.

(23) a. *hi ti*

hi =***ti***

árvore =CLN:**madeira**

‘árvore’

b. *pole a*

pole =***a***

cachorro =SG

‘cachorro’

Os morfemas funcionais que acompanham as raízes nominais ocorrem sempre à sua direita. À esquerda da raiz ocorrem morfemas livres (em negrito nos exemplos (24)) que expressam numerais (24a), demonstrativos (24b) e pronomes possessivos (24c).

(24) a. **polakapi** pole kökö

polakapi pole =kökö

dois cachorro =DL

‘dois cachorros.’

b. **ki** wö a

ki wö =a

DEM cesto =SG

‘aquele cesto’

c. **ipa** ulu a

ipa ulu =a

1POS criança =SG

‘meu filho’ / ‘minha filha’

Além da função de determinante do nome, os demonstrativos também podem substituir o nome (25a), e, portanto, hospedar os clíticos nominais que são apresentados nesta seção. O mesmo ocorre com os pronomes possessivos, que tanto podem modificar nomes, quanto substituí-los (25b) e serem marcados pelos clíticos nominais. Os pronomes estão em negrito em (25).

(25) a. **ki** a

ki =a

DEM =SG

‘aquele’

b. **ipa** töpö

ipa =tö =pö

1POS =CLN:gnr =3PL

‘meus’

Os paradigmas pronominais e adnominais foram os temas da seção anterior (4.1). Nesta seção nos dedicamos à apresentação da distribuição e das funções de cada morfema nominal em Sanõma.

O Quadro 4 apresenta os morfemas que podem acompanhar as raízes nominais em Sanõma, conforme a posição que ocupam em relação à raiz nominal. A coluna da esquerda mostra o tipo de raiz a que os morfemas se ligam. A segunda coluna mostra sua posição, mas a terceira estão as categorias de cada morfema, e a quarta coluna apresenta os morfemas.

Quadro 4 - Morfemas Nominais

raízes	posição	glosa	morfemas nominais
Pronomes Pessoais <i>kami</i> 1SG/PL <i>ka</i> 2SG/PL	1	Pessoa e Número	= <i>sa</i> 1SG, = <i>samakö</i> 1PL = <i>wa</i> 2SG, = <i>makö</i> 2PL
Nomes Classificados		Classificador Nominal	= <i>tä</i> 'CLN genérico', = <i>ti</i> 'CLN madeira', = <i>tu</i> 'CLN líquido', = <i>amo</i> 'CLN cogumelo', = <i>mo</i> 'CLN semente', = <i>kökö</i> 'CLN longilíneo' etc.
Nomes não Classificados; Pronome Pessoal 3SG/PL <i>kama</i>		Número (singular)	= <i>a</i> 'singular'
Nomes classificados; Nomes não classificados; Pronome pessoal 3SG/PL	2	Número (não singular)	<i>kö/kökö</i> DL <i>pö</i> PL
Pronomes pessoais; Nomes classificados; Nomes não classificados	3	Parte de Entidades	= <i>poko</i> 'braço/galho' = <i>ami</i> 'mão/pé' = <i>hĩsola</i> 'nariz' etc.
Parte de Entidades	4	Número (não singular)	<i>kö</i> DL <i>pö</i> PL
todas	5	Modificador	<i>pewö</i> 'totalizador' <i>wani</i> 'depreciativo'

			<i>wai</i> 'diminutivo' <i>pata</i> 'aumentativo' etc
todas, exceto partes de entidades	6	Aplicativo	<i>kai</i>
todas (exceto <i>hai</i> 'genitivo' em Partes de Entidades)	7	Caso	= <i>nö</i> 'ergativo, instrumental, causa' = $\emptyset$ 'absolutivo' = <i>naha</i> 'oblíquo' = <i>hamö/ha</i> 'locativo' = <i>hai</i> 'genitivo' = <i>solo</i> 'comitativo'

Dentre os paradigmas que compõem os morfemas nominais, quatro possuem conteúdo gramatical (pessoa e número, número, aplicativo, e caso), dois são raízes presas (partes de entidades e raízes atributivas) e um é composto por clíticos que possuem conteúdo lexical (classificadores nominais).

Não é possível compor um nome preenchendo todas as posições, pois tanto semanticamente quanto funcionalmente, há restrições de coocorrência entre os paradigmas. Um exemplo de restrição de coocorrência acontece entre os morfemas da terceira posição (partes de entidade) e o clítico de caso genitivo, que ocupa a sétima posição. Isto é, uma raiz nominal não pode hospedar uma raiz presa que denota 'parte', como "pata (do animal)", "galho (da árvore)", "pé (da mesa)", e o clítico de genitivo (*hai*) ao mesmo tempo (26a). Essa restrição ocorre pois o clítico de genitivo (*hai*) marca o possuidor somente de entidades independentes (26b), enquanto a relação de posse entre parte e todo, que ocorre entre nomes independentes e partes de entidades, é expressa por uma raiz nominal marcada para número e/ou classificador nominal, representando o todo, seguido do clítico que denota a parte (26c). O morfema de genitivo não é usado em construções que expressam esse tipo de relação de posse.

(26) a. **ulu a hai ã mamo*

ulu =*a* =*hai ã* =*mamo*

criança =SG =GEN ANA =*olho*

Leitura buscada: ‘olho da criança’

b. *ulu a hai ã wö a*

ulu =*a* =*hai ã* =*wö* =*a*

criança =SG =GEN ANA =cesto =SG

‘O cesto da criança.’

c. *ulu a mamo*

ulu =*a* =*mamo*

criança =SG =*olho*

‘olho da criança’

Ao longo desta seção apresentaremos outros casos de restrições como a que foi exibida acima.

Em nosso corpus não há nomes com mais de quatro posições preenchidas. Os exemplos (27) ilustram algumas possibilidades de composição dos nomes com o preenchimento de algumas posições.

(27) a. *mesa tiki kononakö*

mesa =*ti* =*kö* =*konona* =*kö*

mesa =CLN:madeira =DL =perna =DL

‘pé da mesa’

b. *hi ti kolo pata naha*

hi =*ti* =*kolo* =*pata* =*naha*

árvore =CLN:madeira =base =grande =OBL

‘na base da grande árvore’

c. *alaolö kökö waninö*

alaolö =*kökö* =*wani* =*nö*

jararaca =CLN:long =DEPR =ERG

‘cobra jararaca’

d. *Katahia töpö hai*

Katahia =*tö* =*pö* =*hai*

Katahia =CLN:gnr =PL =GEN

‘das pessoas da (comunidade) Katahia’

4.2.1 Pessoa e número

Os clíticos que ocupam a primeira posição à direita da raiz nominal expressam as categorias gramaticais tanto de pessoa quanto de número. Eles ocorrem apenas quando a raiz é um pronome pessoal de primeira do singular ou do plural (*kami*) ou de segunda pessoa do singular ou do plural (*ka*). Uma vez que a seção (4.1) ‘Pronomes Pessoais’ descreve os pronomes pessoais do Sanöma, nesta seção, apresentamos exemplos de uso dos clíticos de pessoa e número com o intuito de mostrar que eles não coocorrem com classificadores nominais (28a) e nem com morfemas de número (singular *a*, dual/paucal *kö/kökö*, plural *pö*) (28b,d). Com exceção desses, todos os demais clíticos podem coocorrer com os clíticos de pessoa e número (28c,e,f,g).

(28) a. **kami sa tä*

kami =*sa* =*tä*

1 =1SG =CLN:gnr

Leitura buscada: ‘eu’

b. **kami sa a*

kami =*sa* =*a*

1 =1SG =SG

Leitura buscada: 'eu'

c. *kami sa*

kami =*sa*

1 =1SG

'eu'

d. **kami samakö pö*

kami =*samakö* =*pö*

1 =1PL =PL

Leitura buscada: 'nós'

e. *kami samakö*

kami =*samakö*

1 =1PL

'nós'

f. *kami sa he wani*

kami =*sa* =*he* =*wani*

1 =1SG =cabeça =DEPR

'minha cabeça'

g. *kami samakö hai*

kami =*samakö* =*hai*

1 =1PL =GEN

'nosso'

4.2.2 Número e classificadores nominais

Os objetivos desta seção são (i) apresentar o sistema de classificadores nominais da língua Sanõma; (ii) mostrar que a língua possui sistemas distintos de marcação de número, um para nomes classificados e outro para nomes não classificados; (iii) mostrar que há duas categorias de número não singular: dual/paucal e plural.

4.2.2.1 Singular (nomes classificados e nomes não classificados)

Nas línguas do mundo existem algumas formas de categorizar os nomes. A literatura sobre a tipologia da classificação nominal distingue Classes Nominais de Classificação Nominal, em que Classes Nominais possuem a função de agrupar os nomes de uma língua em classes, como massivos e contáveis, ou sistemas de gênero, como o das línguas Indoeuropeias (GRINEVALD, 2000) (AIKHENVALD, 2000). Classificação Nominal, por outro lado, possui a função de classificar os nomes conforme características como formato, tamanho, animacidade, taxonomia, etc. Há diferentes tipos de classificadores, como classificadores numerais – que ocorrem nos numerais, caracterizando nomes quantificados; classificadores de posse – que ocorrem em morfemas de posse, caracterizando nomes possuídos; classificadores nominais, que ocorrem nos nomes, caracterizando-os.

O tipo que ocorre nas línguas Yanomami é o chamado de Classificadores Nominais por Aikhenvald (2000). As propriedades dos classificadores nominais dessas línguas coincidem com todos os critérios utilizados por Aikhenvald (2000, p. 81) para caracterizar a tipologia dessa categoria, quais sejam (tradução nossa):

- (i) A escolha de um classificador é baseada na semântica. Não todos os nomes em uma língua necessariamente levam um classificador nominal;
- (ii) As línguas podem permitir a ocorrência de vários classificadores nominais em um sintagma nominal;

- (iii) Um nome pode ser usado com diferentes classificadores, com mudança de significado;
- (iv) O tamanho do inventário de classificadores nominais pode variar, de um conjunto fechado razoavelmente pequeno a um conjunto aberto razoavelmente grande. Consequentemente, classificadores nominais podem ser gramaticalizados em diferentes níveis;
- (v) Classificadores nominais são frequentemente usados anaforicamente, eles podem se gramaticalizar como marcadores de funções sintáticas;

As línguas da família Yanomami possuem um rico sistema de classificadores nominais que agrupam os nomes conforme suas características físicas e taxonômicas (no caso de plantas, animais e fungos) (FERREIRA, 2009). Elas apresentam extensas listas de morfemas classificadores e de nomes classificados. Na maioria dos casos, o significado do classificador nominal é identificável. Há classificadores que agrupam uma grande quantidade de nomes, outros possuem apenas um nome.

Na língua Sanõma há três grandes classes de nomes: nomes classificados, nomes não classificados e nomes que representam partes (do corpo e de objeto).

Os nomes que não são classificados, quando estão no singular recebem o morfema de singular de terceira pessoa =*a*. Nomes classificados, quando estão no singular não recebem esse morfema, mas recebem um morfema classificador nominal, que informa a que classe ele pertence, e, na ausência do morfema de plural, indica também que o nome classificado está no singular.

Os exemplos abaixo demonstram a ocorrência de um nome não classificado no singular, marcado pelo morfema de terceira pessoa do singular =*a* (29a) e de um nome classificado, marcado pelo classificador nominal de cogumelos comestíveis =*amo* (29b).

(29) a. *sama a*

sama =a

anta =3sg

‘anta’

b. *ana amo*

ana = *amo*

cogumelo = CLN:cogumelo

‘cogumelo’

As tabelas abaixo apresentam uma pequena amostra da quantidade e da riqueza de classificadores nominais na língua Sanõma.

Quadro 5 – Classificador Nominal *u* ‘líquido’

classificador nominal	glosa
<i>u/tu</i>	Líquido
<i>maa u</i>	Água, rio
<i>maa tu</i>	Água, rio
<i>õkoma tu</i>	Mingau de banana (Lit.: ‘banana cln:líquido)
<i>pata u</i>	Rio grande
<i>kape tu</i>	Café
<i>oleo tu</i>	Óleo
<i>koami tu</i>	Remédio em forma de líquido
<i>puu tu</i>	Mel

Quadro 6 – Classificador Nominal *ko / koko* ‘arredondado’

classificador nominal	glosa
<i>ko / koko</i>	arredondado
<i>nasi koko</i>	mandioca brava Lit. azedo
<i>walumo ko</i>	mandioca (macaxeira)

Quadro 7 – Classificador Nominal *kökö* ‘comprido, serpentiforme’

classificador	glosa
nominal	
<i>kökö</i>	comprido, serpentiforme
<i>olö kökö</i>	cobra
<i>manasi kökö</i>	espécie de cobra
<i>olö</i>	
<i>motimani kökö</i>	larva de espécie de besouro
<i>holemasi kökö</i>	minhocoçu
<i>ösö kolosö</i>	cobra surucucu
<i>mamö kökö</i>	
<i>aloamö kökö</i>	cobra jararaca

Quadro 8 – Classificador Nominal *ti* ‘madeira’

classificador	glosa
nominal	
<i>ti</i>	madeira
<i>hi ti</i>	árvore (genérico)
<i>thaliki ti</i>	lenha
<i>lotami ti</i>	banco feito de madeira
<i>matakali ti</i>	jirau
<i>apili ti</i>	árvore cedro (<i>Cedrelinga catenaeformis</i>)
<i>nanakapi ti</i>	objeto de madeira utilizado para misturar xibé ou mingau (liquidificador de mão)
<i>nana isi ti</i>	base de madeira sobre a qual se fricciona um graveto para fazer fogo

Quadro 9 – Classificador Nominal *ösö* ‘pele, invólucro, meio de locomoção’

classificador	glosa
nominal	
<i>ösö</i>	pele, invólucro, meio de locomoção
<i>halo ösö</i>	roupa, camiseta Lit.: embrulho
<i>kutiata ösö</i>	canoa
<i>amito ösö</i>	avião
<i>kaho ösö</i>	carro

Quadro 10 – Classificador Nominal *amo* ‘cogumelo comestível’

classificador	glosa
nominal	
<i>amo</i>	cogumelo comestível
<i>atapa amo</i>	<i>Polyporus philippinensis</i>
<i>hami amo</i>	<i>Pleurotus albidus</i> Lit.: picante
<i>hasa sömökali amo</i>	<i>Polyporus aff. thailandensis</i> Lit.: orelha de veado
<i>hiwala amo</i>	<i>Pleurotus djamor</i> Lit.: porco espinho
<i>siokoni amo</i>	<i>Panus neostrigosus</i> <i>Panus strigellus</i> <i>Panus velutinus</i> <i>Lentinus bertieri</i> <i>Lentinus crinitus</i> Lit.: ânus peludo

Quadro 11 – Classificador Nominal *sö* ‘palmeira e bananeira’

classificador nominal	glosa
<i>sö</i>	palmeira
<i>lasa sö</i>	pupunheira
<i>asaka sö</i>	açaizeiro
<i>õkoma sö</i>	bananeira

Quadro 12 – Classificador Nominal *ösö* ‘ingá e cana’

classificador nominal	glosa
<i>ösö</i>	cana, ingá
<i>pu usö</i>	cana
<i>hāsimo ösö</i>	espécie de cana
<i>pai ösö</i>	espécie de ingá
<i>samanemuna ösö</i>	espécie de ingá
<i>öpötilemö ösö</i>	espécie de ingá
<i>hakoko ösö</i>	espécie de ingá
<i>hapokai ösö</i>	espécie de ingá

Quadro 13 – Classificador Nominal *si* ‘brilho, fumaça’

classificador nominal	glosa
<i>si</i>	brilho, fumaça
<i>olö kökö si</i>	arco-íris
<i>wakö si</i>	fumaça

Quadro 14 – Classificador Nominal *toto* ‘cipó, corda’

classificador nominal	glosa
<i>toto</i>	cipó
<i>si toto</i>	rede
<i>si toto nakai</i>	corda usada para atar rede
<i>silosilo toto</i>	cipó (<i>Deguelia</i> sp.)
<i>silaka naka toto</i>	cipó (<i>Salacia</i> sp.)
<i>ukununemö toto</i>	cipó (<i>Philodendron</i> sp.)

Além dos classificadores nominais com significados específicos e previsíveis, há o classificador nominal genérico *tä*, que é muito produtivo. Seu uso está associado a alguns nomes classificados não animados (30a) e a entidades humanas 30(b-c).

(30) a. *waheta tä*

waheta =*tä*
 livro/caderno =CLN:gnr
 ‘livro’ / ‘caderno’

b. *moko tä*

moko =*tä*
 jovem.mulher =CLN:gnr
 ‘moça’

4.2.2.2 Dual/paucal e plural (nomes classificados e nomes não classificados)

O quadro abaixo apresenta os morfemas de número da língua Sanöma

Quadro 15 – Morfemas de número

morfema	significado	ocorrência
<i>a</i>	singular	nomes não classificados
classificador nominal	classificador nominal (singular)	nomes classificados
<i>kökö</i>	dual/paucal	nomes não classificados
<i>kö</i>	dual/paucal	nomes classificados
<i>pö</i>	plural	nomes classificados e nomes não classificados

A língua Sanöma possui duas categorias de não singular: dual/paucal, marcados por *kö* ou *kökö* e plural, cujo morfema é *pö*. Os primeiros são utilizados com duas ou mais entidades, porém em número pequeno, passível de ser contado. Quando se trata de uma grande quantidade, ou incontáveis entidades, utiliza-se *pö*.

O morfema de dual/paucal *kö*, que ocorre apenas em nomes classificados, em oposição a *kökö*, que ocorre apenas em nomes não classificados, possivelmente é o resultado de um processo fonológico de apagamento de sílaba com [k], conforme abordado no capítulo 2, sobre a fonologia do Sanöma.

Segundo Ferreira (2009), o morfema *kɨ* da língua Yanomama, cognato ao *kö* do Sanöma, não é um morfema de dual/paucal. Essa língua possui *kɨpě* como morfema dual. Na análise do autor, *kɨ* é um marcador de plural de entidades em contextos determinados, enquanto *pɨ* nessa língua (cognato ao *pö* de Sanöma) é um marcador de plural utilizado em contextos indeterminados.

Em Sanöma o morfema *kö* ‘dual/paucal’, que expressa duas ou poucas entidades, liga-se a nomes com classificadores nominais, posicionando-se à direita do classificador nominal (31a), enquanto *kökö* ‘dual/paucal’ é utilizado para dois ou poucos nomes não classificados, ocorrendo em distribuição complementar com o morfema de singular de terceira pessoa =*a*

(31b). O morfema *pö*, que expressa ‘grande quantidade’, se liga ao classificador nominal em nomes classificados (31c). Em nomes não classificados, *pö* ocorre em distribuição complementar ao morfema de singular *=a*. Os exemplos abaixo ilustram as ocorrências dos morfemas de dual/paucal e plural em nomes classificados (7a,c) e não classificados (7b,d).

(31) a. *lotami tiki*

lotami =*ti* =*kö*

banco =CLN:madeira =DL

‘(dois ou poucos) bancos’

b. *pole kökö*

pole =*kökö*

cachorro =DL

‘(dois ou poucos) cachorros’

c. *lotami tipö*

lotami =*ti* =*pö*

banco =CLN:madeira =3PL

‘(muitos) bancos’

d. *kutumoni pö*

kutumoni =*pö*

acará =3PL

‘(muitos peixes) acará’

O plural de nomes humanos é produzido com o classificador nominal genérico *tä* seguido do morfema de plural. Quando um Sanöma se dirige a outros Sanöma, ele pode utilizar somente o morfema de plural, sem o classificador nominal genérico, formando um vocativo, como ilustram os exemplos abaixo:

(32) a. *sätänapi töpö**sätänapi* =**tä** =*pö*não.indígena =**CLN:gnr**=3_{PL}

‘não indígenas’

b. *ipa pö**ipa* =*pö*1_{poss} =3_{PL}

‘Meus (Sanöma).’ Lit.: ‘Meu povo (vocativo)’

c. *ulu pö**ulu* =*pö*criança =3_{PL}

‘crianças (vocativo)’

Há também um classificador nominal com a mesma forma do morfema de dual/paucal: *kökö*. É possível que sua origem seja o morfema de número homófono. O classificador nominal *kökö* é utilizado para classificar entidades com formato longilíneo, como cobras, minhocas, e também para miçanga. Com este último, é possível que *kökö* possua um uso estendido do classificador nominal usado em entidades compridas, pois as miçangas são utilizadas pelos Sanöma para produzir colares.

Para Ferreira (2009, p. 188) o classificador nominal *kikí* na língua Yanomama, que é cognato ao *kökö* do Sanöma, é o morfema de número em processo de degramaticalização em vias de se tornar um classificador nominal. Uma das evidências para essa hipótese é o fato de ele não coocorrer com morfemas de plural. Nessa língua, e também em Sanöma, Quando nomes que levam esse classificador nominal estão no plural, o classificador é substituído pelo morfema de plural *pö*, como no exemplo abaixo:

(33) a. *olö kökö**olö* =**kökö**cobra =**CLN:comprido**

‘Uma cobra.’

b. **olö kököpö*

olö =*kökö* =*pö*

cobra =CLN:comprido =**3PL**

Leitura buscada: ‘Cobras.’

c. *olö pö*

olö =*pö*

cobra =**3PL**

‘Cobras.’

4.2.3 Partes de entidades

Em Sanöma, nomes que denotam partes de entidades (partes do corpo de humanos, animais, partes de objetos e plantas) são nomes com comportamento típico de nomes inalienáveis, pois, uma vez que são considerados parte indissociável de seu possuidor (KROEGER, 2005), devem ser pronunciados sempre juntamente com o nome que denota a entidade a que pertencem. Assim, não é possível dizer “galho” desvinculado de “árvore”, por exemplo. Do mesmo modo, não é possível dizer mão, isoladamente, mas é necessário explicitar a quem a mão pertence. Para se referir a uma parte do corpo (de humanos ou animais) sem mencionar a entidade a que ela pertence, a raiz presa que denota a parte deve estar ligada ao pronome indefinido *pili*, um morfema livre.

Os nomes que denotam partes de entidades são analisados como raízes presas que se ligam ao morfema livre que representa o todo. Elas podem se ligar tanto a nomes (34a-c) quanto a pronomes pessoais (34d) ou pronomes demonstrativos, e ocorrem à direita do classificador nominal em nomes classificados e do morfema de número que marcam o nome que representa o todo, conforme ilustram os exemplos abaixo.

(34) a. *hi ti namoka**hi* =*ti* =***namoka***árvore =CLN:madeira =**tronco**

‘tronco da árvore’

b. *pili töpö ami**pili* =*tö* =*pö* =***ami***INDEF =CLN:gnr =3PL =**mão/pé**

‘mãos/pés’

c. *ulu a pokó**ulu* =*a* =***poko***criança =3SG =**braço**

‘braço da criança’

d. *kami sa he**kami* =*sa* =***he***1 =1SG =**cabeça**

‘minha cabeça’

e. *hi a sômöka**hi* =*a* =***sömöka***

DEM =SG =orelha

‘orelha dele’

Nomes que denotam partes de entidades no singular não recebem morfema de singular. Desta forma, a ausência de marcação de dual/paucal ou de plural à direita do clítico que denota a parte indica que se trata de apenas uma parte. Os exemplos abaixo apresentam essa restrição.

(35) a. *pili a ami*

pili =a =ami

indef =SG =mão/pé

‘mão’

a. **pili a ami a*

pili =a =ami =a

indef =SG =mão/pé =SG

Leitura buscada: ‘mão’

Conforme comentamos acima, há restrição de coocorrência entre as raízes que denotam partes de entidades e o morfema de caso genitivo *=hai*. Isso ocorre pois a posse de entidades independentes é expressa por meio do morfema de genitivo (*hai*) ligado ao possuidor, enquanto com entidades dependentes (partes), a posse é expressa por meio da expressão do nome que denota o todo, seguido do nome que denota a parte, sem o uso do genitivo. Os exemplos abaixo ilustram essa restrição.

(36) a. *ka wa kai*

ka =wa =kai

2 =2SG =boca

‘tua boca’

b. **ka wa hai ã kai*

ka =wa =hai ã =kai

2 =2SG =GEN ANA =app

‘tua boca’

4.2.3.1 Dual/paucal e plural de partes de entidades

Para expressar o dual/paucal ou o plural de partes de entidades, um dos clíticos que expressa essas categorias ocorre à direita da raiz que denota a parte. O clítico de dual/paucal utilizado para expressar duas ou mais partes é o mesmo utilizado em nomes classificados (*kö*) (37a), conforme quadro apresentado na seção 4.2.2.2 (Plural). O morfema de plural é *pö*, o mesmo que marca o plural de nomes independentes, classificados e não classificados. Abaixo estão ilustradas as ocorrências de dual/paucal (37a) e plural (37b) em nomes que representam partes de entidades.

(37) a. *pili a ami hĩsolakö*

pili =*a* =*ami* =*hĩsola* =*kö*

INDEF =SG =mão/pé =dedo =DL

‘(dois ou poucos) dedos da mão’ / ‘(dois ou poucos) dedos do pé’

b. *kami sa naköpö*

kami =*sa* =*nakö* =*pö*

1 =1SG =dente =PL

‘meus dentes’

4.2.4 Raízes atributivas

Raízes nominais podem ser modificadas por raízes presas que expressam características, atributos. Conforme foi abordado na seção sobre classes gramaticais do capítulo 3, raízes atributivas são uma subclasse de verbos com características semelhantes às raízes nominais, como a possibilidade de ocorrer como um adjunto do nome. As raízes atributivas serão analisadas como N’ quando ocorrem como modificadoras do nome, pois não modificam todo o sintagma nominal, mas apenas o nome.

Na seção classes gramaticais são expostas todas as raízes atributivas que podem ocorrer no nome. Elas denotam diminutivo (*wai*), aumentativo (*pata*), totalizador (*pewö*) depreciativo (*wani*), idade (*ose* ‘mais novo/pequeno’), cor (*ausi* ‘branco’), etc.

(38) a. *sama pö **pewö pata***

sama =*pö* =***pewö*** =***pata***

anta =3PL =TOT =AUM

‘todas as grandes antas’

b. *amö ösöpö **wai***

amö =*ösö* =*pö* =***wai***

rã =CLN:rã =3PL =DIM

‘rãs pequenas/rãzinhas’

4.2.5 Aplicativo

A função do morfema aplicativo (*kai*) é inserir um novo argumento ergativo ou absolutivo, que atua como coparticipante da ação ou evento. Embora tenha função semelhante à do morfema de caso comitativo (*solo*), que será apresentado em 4.2.6.5, a sintaxe e a semântica associada a cada um desses dois morfemas são diferentes.

Como o clítico de aplicativo se liga somente a um dos participantes da ação ou evento, esse participante pode ser considerado um coparticipante, e não o executor principal da ação, enquanto o clítico de caso =*solo*, se liga aos dois argumentos, o que sugere que os dois possuem pesos iguais na execução da ação. Esse clítico também é tema do capítulo 5 (Verbo), pois possui mobilidade na sentença, podendo ocorrer como um proclítico verbal.

Nos exemplos abaixo, o aplicativo se liga a um argumento ergativo (39a) e a um argumento absolutivo (39b).

(39) a. *Lukas anö Kunatoi a kainö*

Lukas=a =nö Kunatoi =a =kai =nö

Lukas=SG =ERG Kunatoi =SG =APP =ERG

‘Lukas e Kunatoi (ergativo)’

b. *ulu a kai*

ulu =a =kai

criança =SG =APP

‘com a criança’

4.2.6 Caso

Sanöma marca morfologicamente os seguintes casos: ergativo, instrumental, causa, oblíquo, locativo, comitativo e genitivo, conforme apresenta o Quadro 16 abaixo. Esses morfemas ocupam a última posição do sintagma nominal, à direita dos demais clíticos nominais, e indicam a função sintática dos argumentos.

Quadro 16- Morfemas de caso

morfema	significado
=nö	ergativo, instrumento, causa
=naha	oblíquo
=ha, =hamö	locativo
=solo	comitativo
=hai	genitivo

4.2.6.1 Caso ergativo e caso absolutivo

Sanöma é uma língua de caso ergativo-absolutivo que possui marcação morfológica de caso apenas nos argumentos ergativos, sendo os absolutivos não marcados morfológicamente. Desta forma, em sentenças transitivas, o sujeito recebe marca de caso ergativo (=nö) e o objeto não é marcado. Em sentenças intransitivas, o sujeito também não é marcado.

Segundo Iggesen (2013), as línguas que marcam caso morfológicamente possuem no mínimo dois membros em seu paradigma. Desta forma, sempre que uma língua apresenta uma categoria de caso marcada, se sua parte correspondente não for marcada morfológicamente, ela também é considerada como caso. Sanöma funciona desta maneira, pois possui morfema apenas de caso ergativo, enquanto o caso absolutivo é o caso não marcado.

Argumentos ergativos possuem maior grau de agentividade do que argumentos absolutivos (40a) em sentenças com verbo transitivo. Com verbos causativizados, os argumentos ergativos possuem a função de causador da ação (40b,c). Em verbos de transferência como dar, emprestar, enviar, o argumento ergativo é o que realiza a ação de transferência ou envio (40d).

O exemplo abaixo ilustra a ocorrência do morfema =nö, de caso ergativo.

(40) a. *Kakatima anö masupö a mööke*

Kakatima =a =nö masupö a= möö ku=he

Kakatima =SG =ERG tucano 3SG= ver TEST =PST.H.REC

‘Kakatima viu o tucano.’

b. *ulu töpönö kutiata a laköpamanöma*

ulu =tö =pö =nö kutiata a= lakö =pa =ma =li =ma

criança =CLN:gnr=3PL =ERG canoa 3SG= afundar =DER =CAUS=PFV =PST

‘As crianças afundaram a canoa.’

c. *Kakatima a naha Pakokai anö anamo nokopamanike*

Kakatima =a =naha Pakokai =a =nö ana

Kakatima =SG =OBL Pakokai =SG =ERG cogumelo

amo= noko =pa =ma =li ku =he

CLN:cogumelo= moquear =DER =CAUS=PFV TEST =PST.H.REC

‘Pakokai fez Kakatima moquear cogumelo.’ / Pakokai moqueou cogumelo por meio de Kakatima.’

d. *kamisa nö ipa nao a naha pii sa ni simöpalöma*

kami =sa =nö ipa nao =a =naha pi

1 =1SG =ERG 1POS mãe =3SG =OBL tabaco

sa= ni= simö =pa =li =ma

1SG= CLN:tabaco enviar =DER =PFV =PST

‘Eu enviei tabaco para minha mãe.’

Argumentos absolutivos em construções com verbos intransitivos possuem agentividade nos verbos inergativos, como correr, dançar, nadar (41a), porém, não possuem agentividade em verbos inacusativos, como morrer, cair, chegar (41b).

Nos exemplo abaixo, o argumento absolutivo não recebe morfema de caso. Somente neste exemplo para ilustrar a posição em que seria esperada sua marcação, caso houvesse, o morfema será marcado pelo símbolo de morfema zero ($\emptyset$).

(41) a. *ulu $\emptyset$ tä paöa kule*

ulu = $\emptyset$ tä= paöa ku =la =e

criança = $\emptyset$ CLN:gnr= dançar TEST =PRS =PROX.VIS

‘A criança está dançando.’

b. *ipa pole ∅ a nomasoma*

ipa pole =∅ a= noma =so =ma

1POS cachorro =∅ =3SG morrer =PFV =PST

‘Meu cachorro morreu.’

4.2.6.2 Caso instrumental ou causa

As funções sintáticas de causa ou instrumento são expressas também por um morfema cuja forma é *=nö*. Sintagmas nominais marcados pelo caso instrumental ou causa, no entanto, não são argumentos centrais da sentença, como são os argumentos ergativos, pois além do fato de não desencadearem uma estrutura argumental transitiva, esses argumentos não apresentam concordância no verbo, isto é, o verbo não possui marca de pessoa para eles, como ocorrem com os argumentos centrais (ergativos e absolutivos), conforme abordado na seção 3.3.

Nos exemplos em (42), em que há apenas um argumento central (absolutivo) e um argumento periférico (instrumento), o verbo é intransitivo. Em (43) o verbo é transitivo pois há dois argumentos centrais (ergativo e absolutivo) além do argumento periférico (instrumento).

(42) a. *atakusa monö salo a sai noma totioö*

atakusa =mo =nö salo a= sai noma totio =ö

espingarda =CLN:semente =INS animal 3SG= de.verdade morrer bem =DYN

‘Com chumbo se mata bem os animais de caça.’

b. *hi ti naha halahala nō wa tuoö*

hi =*ti* =*naha* *halahala* =*a* =***nō***

árvore =CLN:madeira =OBL amarração.com.cipó =SG =INS

wa= tu =o =ö

2SG= subir =STV =DYN

‘Você sobe em árvore com uma amarração de cipó.’

(43) a. *Kunatoi anō hi ti namonō amotha a tiwöhölöma*

Kunatoi =*a* =*nō* *hi* =*ti* =*namo* =***nō***

Kunatoi =SG =ERG árvore =CLN:madeira =afiado =INS

amotha a= tiwöhö =li =ma

paca 3SG= atingir =PFV =PST

‘Kunatoi atingiu uma paca com a lança de madeira.’

b. *Kunatoi anō sola anō salo ose holapalöma*

Kunatoi =*a* =*nō* *sola* =*a* =***nō*** *salo* *ose=*

Kunatoi =3SG =ERG zarabatana =SG =INS animal ser.pequeno=

hola =*pa* =*li* =*ma*

atirar.com.zarabatana =DER =PFV =PST

‘Kunatoi flechou o passarinho com a zarabatana.’

Sintagmas nominais marcados por =*nō* também podem ter a função sintática de causador de uma ação ou evento, como em (44).

(44) *ĩ na masi tönö ĩsã ãĩ nokopoö*

ĩ =naha =masi =tö =nö

ANA =OBL =verão =CLN:gnr =CAUSE

ĩsã ãĩ= noko =po =ö

beiju CLN:beiju moquear =CSV =DYN

‘O beiju secou por causa do verão.’

Na maioria das situações, argumentos inanimados não possuem a função de agente. Essa característica desse tipo de sintagma nominal já foi observada por Ferreira (2017, p. 397), que analisa, na língua Yanomama, que somente nomes humanos e de mamíferos são considerados agentes. O mesmo tipo de restrição parece ocorrer também em Sanöma, que funciona da mesma forma em quase todas as sentenças coletadas. No entanto, há um exemplo em nosso *corpus* que aparentemente falsifica a hipótese de que apenas argumentos animados possuem a função de agente.

Os exemplos (45), abaixo, mostram que a valência do verbo é aumentada quando o novo argumento, aparentemente inanimado, é inserido. (45a) é uma sentença com verbo intransitivo. Em (45b), quando o argumento *kamakali* ‘malária’ é acrescentado à sentença, o verbo torna-se transitivo, o que não é esperado considerando a hipótese de que somente argumentos animados são capazes de aumentar a valência do verbo. É necessário verificar se há mais casos como esse e verificar a semântica dos nomes que ocorrem nessas situações. Para este exemplo é preciso buscar compreender se *kamakali* ‘malária’ é um nome considerado animado pelos Sanöma, ou se essa regra não é tão estrita nessa língua quanto na língua Yanomama.

(45) a. *Pakokai a utiti*

Pakokai a= utiti

Pakokai 3SG= ser.fraco

‘Pakokai está fraca.’

b. *Kamakali tönö Pakokai a utitipamanöma*

Kamakali =tö =nö *Pakokai* a= *utiti* =pa =ma =li =ma

malária =CLN:gnr=CAUSA *Pakokai* 3SG= ser.fraco =DER =CAUS=PFV =PST

‘Pakokai ficou fraca por causa da malária.’ / ‘A malária fez Pakokai ficar fraca.’

4.2.6.3 Caso oblíquo

O caso oblíquo marca argumentos periféricos, isto é, que não possuem concordância no verbo e podem ser suprimidos das sentenças sem prejuízo para o significado central. Assim como os demais morfemas de caso, também o oblíquo ocupa a última posição à direita do sintagma nominal, sendo marcado por =*naha* (também muitas vezes pronunciado como [na] devido à regra fonológica de apagamento de sílabas com a fricativa glotal [h], conforme descrito no capítulo sobre fonologia), ou por =*ha*.

Sintagmas nominais que são marcados para caso oblíquo podem possuir uma série de papéis temáticos, como ilustram os exemplos a seguir.

Em verbos de transferência =*naha* marca o argumento com papel temático de beneficiário, isto é, o alvo da transferência (46).

(46) a. *kamisanö Kunatoi a naha sote sa totoköma*

kami =sa =nö *Kunatoi* =a =**naha** *sote* sa= *toto* =ki =ma

1 =1SG =ERG *Kunatoi* =SG =OBL peneira 1SG= dar =PFV =PST

‘Eu dei a peneira para Kunatoi.’

b. *ipa nao a naha pii sa ni simöpalöma*

ipa *nao* =a =**naha** *pii* sa= *ni*= *simö* =pa =li =ma

1POS mãe =SG =OBL tabaco 1SG= CLN:tabaco= enviar =DER =PFV =PST

‘Enviei tabaco para minha mãe.’

O argumento com papel temático de receptor em verbos de comunicação é marcado pelo morfema oblíquo *=naha* (47).

(47) a. *kawa naha sa likamo ke*

ka =wa =naha sa= lika =mo ku =he

2 =2SG =OBL 1SG= telefonar =INTRZ TEST =PST.H.REC

‘Eu te telefonei.’

b. *ipa hepala a naha sa hapaloma*

ipa hepala =a =naha sa= hapalo =ma

1POS irmão =SG =OBL 1SG= falar =PST

‘Falei com meu irmão.’

O morfema oblíquo *=naha* marca argumentos com o papel temático tema em verbos que expressam estados mentais, como sonhar (48) e pensar.

(48) *kawa naha sa manimo ke*

ka =wa =naha sa= manimo ku =he

2 =2SG =OBL 1SG= sonhar TEST =PST.H.REC

‘Sonhei com você.’

Meios de transporte são marcados por *=naha* (49).

(49) *kutiata ösö naha Pakokai a itopasoma*

kutiata =ösö =naha Pakokai a= ito =pa =so =ma

canoa =CLN:pele =OBL Pakokai 3SG= descer =DER =PFV =PST

‘Pakokai desceu (o rio) de canoa.’

Sintagmas nominais que expressam recipientes dentro dos quais se coloca algo ou superfícies sobre a qual se apoiam abjetos são marcados por *=naha* (50).

(50) a. *sätänapi tönö okomasö hena **naha** ana amo halopalöma*

sätänapi =tö =nö okoma =sö =hena =naha

não.indígena =CLN:gnr=ERG banana =CLN:palmeira =CLN:folha =OBL

ana amo= halo =pa =li =ma

cogumelo CLN:cogumelo= estar.embrulhado =DER =PFV =PST

‘O não indígena embrulhou os cogumelos na folha de bananeira.’

b. *matakali ti **naha** wanotönö salo a alaköma*

matakali =ti =naha wano =tö =nö salo

jirau =CLN:madeira =OBL homem =CLN:gnr=ERG animal

a= ala =ki =ma

3SG= apoiar =PFV =PST

‘O homem apoiou a caça no jirau.’

Sintagmas nominais que possuem função de alvo ou direção são marcados pelo morfema oblíquo =*naha* (51).

(51) *hena tähä França tä uli **naha** sa huu wi ã tä*

hena =tähä França =tä uli =naha

cedo =REL.PRS França =CLN:gnr lugar =OBL

sa= huu =wi ã =tä

1SG= ir =NMLZ ANA =CLN:gnr

‘Minha ida para a França será amanhã.’

Em verbos causativizados, o argumento oblíquo é o *causee*, isto é, o argumento ergativo original do verbo não causativizado. O exemplo (52a) mostra o argumento ergativo original em uma sentença com verbo transitivo. Em (52b) o verbo é causativizado e sua valência é aumentada, incorporando um novo argumento, que passa a ter a função de agente. O argumento que era agente na transitiva passa a oblíquo na bitransitiva.

(52) a. *Pakokai anö ana amopö nokopali ke*

Pakokai =a =nö *ana* *amo*= *pö*=
 1 =SG =ERG cogumelo CLN:cogumelo= 3PL=

noko =pa =li *ku* =he
 moquear =DER =PFV TEST =PST.H.REC

‘Pakokai moqueou os cogumelos.’

b. *Pakokai a naha Kakatima anö anamo nokopamani ke*

Pakokai =a =**naha** *Kakatima* =a =nö *ana* *amo*=
Pakokai =SG =OBL *Kakatima* =SG =ERG cogumelo CLN:cogumelo=

noko =pa =ma =li *ku* =he
 moquear =DER =CAUS=PFV TEST =PST.H.REC

‘Kakatima fez Pakokai moquear o cogumelo.’

O argumento que tem a função de estímulo em verbos de experiência, como ‘sentir medo’ é um argumento oblíquo marcado por *=naha*, como ilustra o exemplo abaixo.

(53) a. *öla a naha ulu tä kili*

öla =a =*naha* *ulu* *tä*= *kili*
 onça =SG =OBL criança CLN:gnr= estar.com.medo

‘Criança tem medo de onça.’

4.2.6.4 Caso locativo

Argumentos que expressam locais são marcados por *=hamö* ou *=ha*. Normalmente ocorrem em sentenças com verbos de movimento, como mostram os exemplos em (54a) e

(54b). Algumas vezes os Sanöma avaliam que *=hamö* é utilizado para locais muito distantes do falante, enquanto *=ha* seria utilizado para locais próximos. Essa diferença foi falsificada em coleta de dados. No livro bilíngue *Saúde Yanomami*, em Yanomae e português (ALBERT; GÓMEZ, 1997) *witi hamí* é traduzido como ‘aonde?’, enquanto *witi ha*, como ‘onde’. Essa tradução não corresponde ao que ocorre em Sanöma, como mostram os exemplos abaixo, em que *=ha* expressa deslocamento, sendo traduzido como ‘para’ em (54b). Ainda não identificamos a semântica associada a cada uma das marcas em Sanöma.

(54) a. *Kolulu hamö töpö hulasolöma*

Kolulu =hamö tö= pö= hu =laso =olö =ma

Kolulu =LOC CLN:gnr= 3PL= ir =PFV =AND =PST

‘Eles foram para o Kolulu.’

b. *hikali a ha samakö huu pia kule*

hikali =a =ha samakö= huu pia ku =la =e

roça =3SG =LOC 1PL= ir querer test =PRS =PROX.VIS

‘Estamos indo para a roça.’

4.2.6.5 Caso comitativo

O caso comitativo, marcado por *=solo*, é utilizado quando dois ou mais argumentos são executores de uma ação ou evento. Note que, diferentemente do que ocorre com o aplicativo *kai*, apresentado em 4.2.6, o clítico de caso comitativo se liga a todos os executores da ação (sujeito de verbo transitivo e de verbo intransitivo), como ilustram os exemplos (55).

(55) a. *suö tösolo wano tösolo*

suö =tä =solo wano =tä =solo

mulher =CLN:gnr =COM homem =CLN:gnr =COM

‘a mulher e o homem’

b. *Totolima a **solo** kama a hai ã pusopö a **solo***

*Totolima =a =**solo** kama=a =hai ã pusopö =a =**solo***

Totolima =SG =COM 3 =SG =GEN ANA esposa =SG =COM

‘Totolima e sua esposa’

4.2.6.6 Caso genitivo

Para marcar a posse de nomes independentes, ou alienáveis, o clítico que marca genitivo se liga ao nome possuidor. Este, por sua vez, precede o nome possuído. A relação de posse de nomes alienáveis é uma condição temporária, que pode ser conquistada ou perdida. Ela difere da posse observada em nomes que denotam partes de entidades, considerados inalienáveis, que são uma condição permanente (KROEGER, 2005). Em construções de posse de nomes alienáveis, o nome que denota o possuidor é marcado pelo morfema de caso genitivo *=hai*, e à sua direita ocorre o nome possuído, conforme os exemplos abaixo.

(56) a. *ipa husopö a **hai** ã si toto*

*ipa husopö =a =**hai** ã si =toto*

1pos esposa =3SG =GEN ANA rede =CLN:corda

‘rede de minha esposa’

b. *kama **hai** ã hikali a naha*

*kama =**hai** ã hikali =a =naha*

3 =GEN ANA roça =3SG =OBL

‘na roça dele’

c. *Kakatima a **hai** ã po anö*

Kakatima =a =**hai** ã *po* =a =nö

Kakatima =3SG =GEN ANA facão=3SG =INS

‘com o facão de Kakatima’

Como comentamos na seção 4.2.3, acima, que mostra de que forma é construída a posse de nomes inalienáveis, o morfema de genitivo não coocorre com clíticos que expressam partes de entidades, pois tanto a morfologia quanto a sintaxe que cada tipo de relação de posse desencadeia são diferentes. Clíticos que denotam nomes inalienáveis se ligam diretamente ao nome que representa a entidade independente a qual pertencem. Em construções de posse com nomes alienáveis, por outro lado, o possuidor é marcado pelo morfema de caso genitivo =*hai*, e é seguido do nome possuído. Sendo assim, não é possível expressar a relação de posse de partes do corpo, por exemplo, utilizando o morfema de caso genitivo =*hai*, como ilustra o par de exemplos abaixo.

(57) a. **masupö a **hai** ã hĩso*

masupö =a =**hai** ã =hĩso

tucano =SG =GEN ANA =bico

‘bico do tucano’

b. *masupö a hĩso*

masupö =a =hĩso

tucano =SG =bico

‘bico do tucano’

4.3 Resumo do capítulo

Este capítulo, dedicado à classe gramatical dos nomes na língua Sanõma apresentou, na seção 4.1, a composição morfológica e os usos dos pronomes possessivos, dos demonstrativos, e dos pronomes pessoais.

Mostramos em 4.1.1 que os demonstrativos podem substituir o nome, e, portanto, funcionar como pronomes. Apresentamos nessa seção evidências que sugerem que os demonstrativos sofreram mudança desde a década de 1960, quando foram coletados os dados analisados por Borgman (1990), e os anos 2010, quando coletamos os dados para esta pesquisa. A principal mudança ocorreu com o demonstrativo *hi*, que, segundo a análise de Borgman (op. cit), expressava ‘próximo ao falante’, e atualmente, não especifica a localização da entidade em relação ao falante ou ao ouvinte. Essa mudança é muito semelhante ao que ocorreu com o demonstrativo ‘esse’, do português informal. Se há algumas décadas ‘esse’ denotava ‘próximo ao ouvinte’, atualmente esse demonstrativo perdeu sua função de localizar o objeto em relação à localização do falante ou do ouvinte. O demonstrativo ‘este’ em português, que denotava ‘próximo ao falante’ está deixando de ser usado em contextos coloquiais.

Podemos considerar a hipótese de que o fator responsável pelo uso mais abrangente de *hi* em Sanõma, que neutralizou as diferenças entre a localização do falante e do ouvinte, seja o crescente contato com a língua portuguesa, que também neutralizou a localização de entidades, passando a utilizar, na fala, apenas o demonstrativo ‘esse’, e deixando de utilizar ‘este’.

Em 4.1.2 mostramos que o Sanõma possui duas estratégias de marcação de posse de nomes alienáveis: os pronomes possessivos *ipa* e *au*, que são utilizados apenas quando o possuidor é primeira e segunda pessoa do singular (respectivamente). Outra estratégia, utilizada para todas as pessoas, é a marcação do possuidor com o morfema de caso genitivo *hai*.

A seção 4.2 sobre Morfologia Nominal apresentou os clíticos que se ligam às raízes nominais em cada uma das oito posições. Mostramos que, como há incompatibilidade entre alguns clíticos, não é possível que uma raiz nominal tenha todas as posições preenchidas.

Desta forma, clíticos de pessoa e número que se ligam aos morfemas livres que representam os pronomes pessoais de primeira pessoa (do singular e do plural) (*kami*), e de segunda pessoa (do singular e do plural) (*ka*), não coocorrem com morfemas de número (singular *a*, dual/paucal *kö/kökö*, e plural *pö*), nem tampouco com classificadores nominais.

Mostramos também que clíticos que expressam partes de entidades, ou nomes inalienáveis não coocorrem com o morfema de caso genitivo (*hai*), pois este somente é utilizado para expressar a posse de nomes alienáveis, ou, independentes. Desta forma, não é possível expressar uma relação de posse de nome inalienável utilizando o morfema de caso genitivo.

Os clíticos nominais foram apresentados, com exemplos de uso.

5 Verbo

Os objetivos deste capítulo são: (i) apresentar as subclasses verbais da língua Sanöma (5.5 Subclasses verbais), e (ii) mostrar quais são os clíticos que se ligam às raízes verbais, analisando suas funções (5.6 Morfologia verbal). As estratégias de negação são apresentadas em 5.7.

A identificação das subclasses verbais baseia-se na análise de Ferreira (2017), que classificou os verbos da língua Yanomama a partir de suas características morfossintáticas. A semântica associada às raízes verbais é utilizada como um ponto de partida para a identificação da subclasse verbal. A morfossintaxe, porém, permitiu subdividir os verbos dessa língua em quatro subclasses: Dinâmicos (verbos ativos), Posicionais (verbos estativos de postura ou posição), Atributivos (verbos estativos que denotam características de entidades, como fazem os adjetivos em línguas que possuem essa classe gramatical (DIXON; AIKHENVALD, 2004) (DIXON, 1982) e Irregulares. Para a língua Sanöma identificamos a ocorrência das mesmas subclasses de verbos.

Como mostraremos na seção que analisa as subclasses verbais do Sanöma, embora as subclasses verbais possuam rótulos que remetem à sua semântica, é a homogeneidade morfossintática de cada classe que a define.

Em outros trabalhos de análise de línguas da família Yanomami algumas subclasses verbais são baseadas em critérios semânticos, enquanto outras possuem a morfossintaxe como elemento definidor. Desta forma, Borgman (1990) subdividiu os verbos da língua Sanöma nas seguintes subclasses: verbos estativos, que se divide em verbos de existência, de posição e de emoção; verbos receptivos; verbos intransitivos; semitransitivos, que se divide em verbos de atividade e verbos de movimento; verbos transitivos, que se divide em verbos de experiência e verbos de operação e a classe de verbos ditransitivos, que se divide em verbos de lançamento e verbos de recepção. Ramirez (1994) identifica as subclasses verbais a partir dos morfemas funcionais que coocorrem com as raízes verbais. Dessa forma o autor subdivide os verbos em sete subclasses: verbos estativos, verbos estativos dinâmicos, verbos posicionais, *sémelfactifs*, intransitivos, transitivos e consonantais.

5.5 Subclasses verbais

As raízes verbais da língua Sanöma podem ser classificadas em quatro classes: Dinâmicas (1a-b), Posicionais (1c), Atributivas (1d) e Irregulares (1e).

Com a intenção de padronizar o máximo possível a terminologia utilizada na descrição das línguas Yanomami, a fim de otimizar o acesso e o entendimento sobre as pesquisas de línguas dessa família, adotamos os mesmos nomes das subclasses verbais utilizadas por Ferreira (2017, p. 185). Analisando as características morfológicas e o comportamento dos verbos da língua Sanöma em alguns dos ambientes sintáticos analisados pelo autor para a língua Yanomama, identificamos em Sanöma as mesmas subclasses verbais, e somente estas.

As subclasses verbais em Sanöma são definidas a partir de suas características morfológicas, isto é, em funções dos morfemas a que as raízes verbais se ligam em diferentes ambientes sintáticos. A semântica é também um fator que contribui para identificar a que classe o verbo pertence, sendo esperado que um verbo que denota movimento, por exemplo, pertença à classe de verbos dinâmicos, assim como um verbo que expresse a característica de uma entidade pertença à classe dos verbos atributivos. No entanto, não podemos nos valer unicamente da semântica para delimitar a que classe uma raiz verbal pertence, pois há exceções dentro de cada classe, sobretudo dentro da classe dos verbos irregulares, como comentaremos adiante.

(1) a. *salopö ose katäö*

salö *pö=* *ose=* *katä* *=ö*
 animal 3PL= ser.pequeno= voar =DYN
 ‘Passarinhos voam.’

b. *Sanöma tönö hi tiki tusäö*

Sanöma =*tö* =*nö* *hi* *ti=* *kö=* *tusä* =*ö*
Sanöma =CLN:gnr =ERG árvore CLN:madeira= DL= cortar =DYN
 ‘Um Sanöma está derrubando árvores.’ / ‘Sanöma derruba árvores.’

c. *hi tiki naha silaka a hãa*

hi *=ti* *=kö* *=naha* *silaka*

árvore =CLN:madeira =DL =OBL flecha

a= *hã* *=a*

3SG= estar.na.diagonal=POST

‘A flecha está apoiada na árvore [na diagonal].’

d. *ulu tä pe*

ulu *tä=* *pe*

criança CLN:gnr= ser.grande

‘A criança é grande.’

e. *si toto naha sa mioö*

si *=toto* *=naha* *sa=* *mi* *=o* *=ö*

rede =CLN:corda =OBL 1SG= dormir =STV =DYN

‘Eu durmo em rede.’

Realizamos testes de alternância causativo-incoativa sugeridos em Hale e Keyser (2002) a fim de verificar a existência de duas subclasses de verbos intransitivos (inergativos e inacusativos). Uma vez que todos os verbos podem ser causativizados, concluímos que não há duas subclasses de intransitivos.

Os verbos pertencentes à classe dos dinâmicos são verbos ativos, que denotam atividades, processos, *accomplishments* e *achievements*¹ (incluindo mudança de posição/postura). Sua estrutura argumental pode ser tanto intransitiva (1a), como transitiva (1b).

¹ Vendler (1957) propõe uma classificação dos verbos de acordo com sua interação com o tempo. Verbos de *accomplishment*, segundo o autor, se contrapõem a verbos de atividade, como ‘correr’, pois possuem um término previsto, ou seja, são verbos lexicalmente télicos, como ‘desenhar um círculo’, enquanto correr é uma atividade que se distribui de forma homogênea em um período de tempo, não sendo previsto seu término. Diferentemente dos verbos de atividades e de *accomplishment*, os verbos de estado e os verbos de *achievement* indicam eventos que não se desenvolvem no tempo, mas ocorrem com o sujeito em momentos de tempo determinados. Verbos de *achievement*, como ‘reconhecer’ se contrapõem a verbos de estado, como ‘amar’, no entanto. A diferença entre essas duas subclasses é que verbos como reconhecer (*achievement*) é télico, isto é, possui um término intrínseco, enquanto amar (estado) não possui um término previsto lexicalmente.

Os verbos posicionais e os verbos atributivos são verbos estativos e possuem uma estrutura argumental intransitiva. Conforme indicam os nomes das subclasses, verbos posicionais denotam a posição ou a postura de entidades e os atributivos denotam as propriedades ou atributos de entidades.

Apesar de possuírem propriedades morfossintáticas uniformes, e, portanto, previsíveis, os verbos irregulares são assim denominados pois não possuem uma homogeneidade semântica, isto é, dentre os verbos que se comportam morfossintaticamente como os irregulares há verbos que denotam atividades, como *tuo* ‘subir, escalar’ e *mio* ‘dormir’, e verbos de estado, como *hĩso* ‘estar.bravo’.

Ao longo desta seção apresentaremos as propriedades morfossintáticas de cada classe verbal em diferentes contextos.

5.5.1 Contextos de ocorrência dos morfemas de classe verbal

A língua Sanõma possui os seguintes morfemas de subclasse verbal: o clítico =*a* é um marcador de verbos da classe dos posicionais. =*õ* marca a subclasse dos verbos dinâmicos e também utilizado na subclasse dos irregulares em alguns contextos. O morfema =*o*, glosado como estativo, é utilizado em verbos posicionais e atributivos no passado e também nos verbos irregulares (no passado e no presente).

Nesta seção apresentaremos diferentes contextos (sentenças com leitura de presente habitual, sentenças no passado imperfectivo, e em orações relativas) em que o uso desses morfemas (ou a sua ausência), demonstra a regularidade morfológica das subclasses verbais.

O quadro abaixo apresenta os morfemas de subclasse utilizados em cada contexto que será abordado nesta seção:

Quadro 1 – Morfemas de subclasse verbal em diferentes contextos

subclasse verbal	contexto de presente	contexto de passado imperfectivo	morfema em oração relativa
dinâmicos	= <i>ö</i>	= <i>∅</i>	= <i>∅</i>
posicionais	= <i>a</i>	= <i>o</i>	= <i>o</i>
atributivos	= <i>∅</i>	= <i>o</i>	= <i>o</i>
irregulares	= <i>o</i> = <i>ö</i>	= <i>o</i>	= <i>o</i>

Apesar de possuírem o mesmo comportamento morfológico em dois contextos (passado imperfectivo, oração relativa) as subclasses dos verbos posicionais, atributivos e irregulares se ligam a diferentes morfemas no presente habitual.

Como comentamos na seção acima, os verbos irregulares possuem regularidade morfológica, porém, são semanticamente heterogêneos. Por essa razão eles são denominados ‘irregulares’. Essa subclasse verbal abarca raízes de verbos ativos e estativos. Interessantemente, no presente habitual, isto é, no contexto não marcado para tempo e aspecto, os verbos da subclasse dos irregulares, recebem o morfema utilizado em raízes estativas (=o) e também o morfema que ocorre em raízes dinâmicas, isto é, ativas (=ö).

5.5.1.1 Presente habitual

A língua Sanõma possui dois tipos de presente: um deles é o presente habitual, que expressa ações ou eventos realizados com frequência, como em ‘Eu **como** todos os dias.’; ações ou eventos de que se tem conhecimento ou para a qual se tem competência, como em ‘Ele **nada**.’ (que também expressa ‘ele sabe nadar’), ou ‘Ele **entende** português.’; ou ainda, que expressa a característica ou a posição de uma entidade no momento da fala, como ‘Ele **é velho**.’, ‘Ele **está doente**.’, ou ‘Ele **está deitado**.’. Esse tipo de presente, a que chamamos de presente habitual, não é marcado por morfema de tempo.

Outro tipo de presente expressa uma ação ou evento que está sendo realizada no ato da fala, ou no momento de referência da fala. Tal ação ou evento apresenta a propriedade de estar em processo, de possuir certa duração de tempo. Este será chamado de presente contínuo.

O presente habitual um dos critérios utilizado para diferenciar as quatro subclasses de verbos, pois, apesar de esse tempo verbal não ser marcado morfológicamente, em contextos de presente habitual, morfemas distintos se ligam à raiz de cada uma das subclasses. Esses são morfemas que indicam a classe a que o verbo pertence. Assim, apesar de o presente não ser marcado morfológicamente, a ausência de morfema de presente e a presença da marca de classe indicam um contexto de presente.

Verbos dinâmicos

No presente habitual os verbos da subclasse dos dinâmicos são marcados morfológicamente pelo morfema =*ö* à direita da raiz verbal. Em consonância com Ferreira (2017), que glosa o morfema =*i* da língua Yanomama como “*dynamic*”, o morfema cognato da língua Sanöma, também será definido como um morfema da classe dos verbos dinâmicos, sendo glosado neste trabalho como DYN. A impossibilidade de glosar =*ö* como morfema de presente decorre do fato de ele poder ser utilizado com verbos dinâmicos também em orações subordinadas de tempo em que não há leitura de presente.

(2) a. *ipa sai sa a thaö*

ipa sai sa= a= tha =ö

1POS casa 1SG= 3SG= fazer =DYN

‘Eu faço minha casa.’ (Lit.: ‘Eu que construo minhas casas.’)

b. *sa häläö*

sa= hälä =ö

1SG= nadar=DYN

‘Eu nado.’ (‘Eu sei nadar.’)

Verbos posicionais

Verbos da classe dos posicionais em sentenças com leitura de presente são marcados pelo morfema que denota a subclasse de verbos posicionais =*a* (POST), como no exemplo (3a,c). Esse morfema marca uma posição ou postura final, e não o processo para se chegar à postura. Quando uma raiz posicional é marcada pelo morfema dinâmico =*ö*, cria-se um verbo dinâmico. Neste caso expressará uma mudança de posição, isto é, o processo para se atingir uma posição (3b).

(3) a. *Pakokai a lo****a***

Pakokai a= lo =a

Pakokai 3SG= sentar =POST

‘Pakokai está sentada.’

b. *hi ti ola naha hiwala a wani loö*

hi =ti =ola =naha hiwala

árvore =CLN:madeira =topo =OBL porco.espinho

a= wani= lo =ö

3SG= DEPR= estar.sentadosentar=DYN

‘O porco-espinho se senta na parte de cima da árvore.’

c. *waheta tökö make****a*** *matakali tiki naha*

waheta =tö =kö make =a matakali =ti =kö =naha

livro =CLN:gnr=DL apoiar =POST jirau =CLN:madeira =DL =OBL

‘Os livros estão apoiados na estante.’

Verbos atributivos

Raízes de verbos atributivos não recebem morfema de classe verbal no presente habitual, como ilustram os exemplos abaixo.

(4) a. *wö a hute*

wö *a=* *hute*

cesto 3SG= pesado

‘O cesto está pesado.’

b. *pe epi sa manis*

pe *=epi* *sa=* *manis*

grande =INTNS 1SG= estar.com.sono

‘Estou com muito sono.’

Verbos irregulares

Verbos irregulares no presente, assim como os dinâmicos, também recebem o morfema da classe dos dinâmicos (=ö). No entanto, os irregulares necessitam do morfema estativo² (=o) após a raiz, e antes do morfema dinâmico. A ocorrência dos dois morfemas associados (=o =ö) demonstra que os verbos irregulares são uma subclasse verbal com propriedades formais distintas das demais classes.

² Em consonância com Ferreira (2017), o morfema =o será glosado como ‘estativo’, pois em diversos contextos ele ocorre em verbos atributivos e posicionais, que são verbos estativos. Ainda que não todos os verbos irregulares possuam uma semântica estativa, a fim de produzir uma descrição mais econômica, o autor optou por glosá-lo dessa forma. Neste trabalho, adotaremos a mesma glosa, porém no futuro será possível sugerir uma glosa que englobe também a classe dos irregulares.

(5) a. *si toto naha sa mioö*

si =*toto* =*naha* *sa*= *mi* =***o*** =*ö*
 rede =CLN:corda =OBL 1SG= dormir =**STV** =DYN
 ‘Eu durmo em rede.’

b. *hi ti naha ipa ulu töpö tuoö*

hi =*ti* =*naha* *ipa* *ulu*
 árvore =CLN:madeira =OBL 1POS criança

tö= *pö*= *tu* =***o*** =*ö*
 CLN:GNR=3PL= subir =**STV** =DYN
 ‘Meus filhos sobem em árvore.’

5.5.1.2 Passado imperfeito

O aspecto imperfeito em Sanöma é identificado pela ausência de morfema de aspecto perfectivo. O passado pode ser marcado de diversas formas, como descreve a seção 5.6.3.3. sobre a morfologia de tempo. A classe dos verbos dinâmicos se opõe às demais subclasses devido ao morfema que ocorre à direita da raiz e precede o morfema de passado. Enquanto os dinâmicos não apresentam morfema neste contexto, os verbos das demais subclasse são marcados pelo estativo =*o* à direita da raiz, entre esta e o morfema de passado.

Verbos dinâmicos

Em raízes de verbos dinâmicos (em negrito nos exemplos abaixo) não há morfema entre a raiz e o morfema de passado. Apresentamos abaixo os exemplos para sentenças intransitivas (6a) e transitivas (6b) com verbos dinâmicos:

(6) a. *sa tä etutua tähä masupö a katäma*

sa= tä= etutua =tähä masupö a= katä =ma

1SG= CLN:gnr= mirar =REL.PST tucano 3SG= voar =PST

‘O tucano estava voando quando eu o mirei.’

b. *Sanöma tönö hitiki tusäma*

Sanöma tö= nö= hi ti= kö= tusä =ma

Sanöma CLN:gnr= ERG= árvore CLN:madeira DL= cortar =PST

‘O Sanöma estava cortando a árvore.’

Verbos posicionais, atributivos e irregulares

Raízes de verbos posicionais (7a-b), atributivos (7c) e irregulares (7d) são marcados pelo morfema =o ‘estativo’ (em negrito) após a raiz quando estão em contexto de passado imperfeito. Há um processo fonológico de harmonia vocálica que faz com que o morfema =o se realize como [a] após uma vogal baixa (7b).

(7) a. *sai naha sa waloa koköma, ulu töpö looma*

sai =naha sa= walo =a ko =ki =ma

casa =OBL 1SG= chegar =PFV voltar =PFV =PST

ulu tö= pö= lo =o =ma

criança CLN:gnr= 3PL= estar.sentado =STV =PST

‘Quando cheguei em casa, as crianças estavam sentadas.’

b. *hoko tä paama*

hoko tä= pa =o =ma

lanterna CLN:gnr= estar.apoiado =STV =PST

‘A lanterna estava apoiada no chão [na horizontal].’

c. *ĩsãĩi äpätioma*

ĩsã *ãi=* *äpäti* **=o** *=ma*

beiju CLN:beiju= ser.macio **=STV** =PST

‘O beiju estava macio.’

d. *a manisilonö a mioma*

a= *manisi* *=li* *=nö* *a=* *mi* **=o** *=ma*

3SG= estar.com.sono =PFV =REL.PST 3SG= dormir **=STV** =PST

‘Depois que ficou com sono, dormiu.’

5.5.1.3 Orações relativas

Em orações relativas, o morfema relativizador **=wi** é ligado diretamente à raízes de verbos dinâmicos (8a), não sendo necessária morfologia adicional. Já nas demais subclasses verbais (posicionais (8b), atributivos (8c) e irregulares (8d)) o morfema estativo **=o** (em negrito) se liga à raiz, precedendo o morfema relativizador.

(8) a. *ulu tä ke wi ã a aulu*

ulu *tä=* *ke* **=wi** *ã* *a=* *aulu*

criança CLN:gnr= cair =NMLZ ANA 3SG= estar.doente

‘A criança que caiu está doente.’

b. *salo a makeo wi ã a hote*

salo *a=* *make* **=o** **=wi** *ã* *a=* *hote*

animal 3SG= estar.apoiado **=STV** =NMLZ ANA 3SG= estar.podre

‘A carne que está apoiada está podre.’

c. *wö a heteheo wi ulu tönö ã wö a sipoo*

wö =a hetehe =o =wi

cesto =3SG leve =STV =NMLZ

ulu =tö =nö ã wö a= si =po =ö

criança =CLN:gnr=ERG ANA cesto 3SG= carregar =CSVT =DYN

‘O cesto que é leve a criança carrega.’

d. *hi ti naha ulu tä tuo wi ã toita*

hi =ti =naha ulu tä=

árvore =CLN:madeira =OBL criança CLN:gnr=

tu =o =wi ã a= toita

subir =STV =NMLZ ANA 3SG= bonito

‘A criança que subiu na árvore é bonita.’

Os contextos apresentados acima são apenas exemplos que demonstram a diferença entre as raízes verbais de cada classe, outros contextos podem ser encontrados na língua que apresentam a diferença entre as subclasses e sua regularidade em relação aos morfemas que se ligam à raízes de cada uma.

5.5.1.4 Morfemas de localização

Diferentemente do que ocorre na língua Yanomama, e na língua Yanomamĩ em que raízes de verbos atributivos não recebem morfemas de localização (FERREIRA, 2017, p. 202) (RAMIREZ, 1994), em Sanõma identificamos essa restrição em apenas parte das raízes atributivas testadas, enquanto em outras raízes atributivas identificamos que é possível utilizar marcas de localização. A seção 5.6.3.2 apresenta as marcas de localização em Sanõma.

Os exemplos abaixo apresentam a ocorrência das marcas de localização em raízes de verbos dinâmicos (9a-b), posicionais (10a-b), atributivos (11a, c) e irregulares (12).

Verbos dinâmicos

(9) a. *hö hamö kulemö a katä**laso** ke*

hö =hamö kulemö a= katä =**laso** ku =he
 rio.acima =LOC jacu 3SG= voar =RIO.AC TEST =PST.H.REC
 ‘O Jacu voou na direção rio acima.’

b. *Kolulu hamö ipa sai sa tha**lasoma***

Kolulu =hamö ipa sai sa= tha**laso** =ma
 Kolulu =LOC 1POS casa 1SG= fazer RIO.AC =PST
 ‘Fiz (rio acima) minha casa no Kolulu.’

Verbos posicionais

(10) a. *pipi hamö ipa salo a makea**kölöa***

pipi =hamö ipa salo
 rio.abaxo =LOC 1POS animal

a= make =a =**kölö** =a
 3SG= estar.apoiado =POST =RIO.AB =PRS

‘A carne de caça está apoiada [no jirau] [rio abaixo].’

b. *silaka a hāakōlōa*

silaka *a=* *hã* =*a* =**kölö** =*a*

flecha 3sg= estar.na.diagonal=POST =**RIO.AB** =PRS

'A flecha estava apoiada [na diagonal] [rio abaixo].'

Verbos atributivos

(11) a. *Hutukara hamö ãsã ãĩ amatosikölöa*

Hutukara =hamö ṽsã ṽĩ= *amatosi* =**kölö** =a

Hutukara =LOC beiju CLN:beiju= ser.duro=RIO.AB =PRS

'O beiju está duro [rio abaixo] na [sede da] Hutukara [Associação Yanomami].'

b. **Hutukara hamö hi ti amatosikölöa*

Hutukara =hamö hi ti= *amatosi* =kölö =a

Hutukara =LOC madeira CLN:madeira= ser.duro=RIO.AB =PRS

Leitura buscada: 'A madeira está dura [rio abaixo] na [sede da] Hutukara [Associação Yanomami].'

c. *Hutukara hamö hi ti amatosikölöma*

Hutukara =hamö hi ti= amatosi =**kölö** =ma

Hutukara =LOC madeira CLN:madeira= ser.duro=RIO.AB =PST

'A madeira estava dura [rio abaixo] na [sede da] Hutukara [Associação Yanomami].'

d. **Hutukara hamö wö a hetehekölöa*

Hutukara =hamö wö a= *hetehe* =**kölö** =a

Hutukara =LOC cesto 3sg= ser.leve =RIO.AB =PRS

Leitura buscada: 'O cesto está leve [rio abaixo] na [sede da] Hutukara [Associação Yanomami].'

Note que apesar de utilizarem o mesmo verbo (*amatosi* ‘ser duro’), a sentença em (11a) foi considerada gramatical, e a de (11b) foi recusada pelo falante. Quando o mesmo verbo ocorre no passado imperfeito, no entanto, a marca de localização é aceita (11c). Com o verbo *hetehe* ‘ser leve’ no presente a marca de localização também não foi aceita (11d). É preciso verificar o uso das marcas de localização em verbos atributivos com mais detalhes para podermos elaborar uma hipótese a respeito de sua distribuição em Sanöma.

Verbos irregulares

(12) *Hutukara hamö ulu a tuokölöa*

Hutukara =hamö ulu a= tu =o =kölö =a

Hutukara =LOC criança 3SG= subir =STV =RIO.AB =PRS

‘A criança está subindo [na árvore] na [sede da] Hutukara [Associação Yanomami].’

Apesar da necessidade de realizarmos mais análises a respeito das diferenças entre as subclasses verbais, assumimos que Sanöma possui as quatro subclasses verbais: Dinâmicos, Posicionais, Atributivos e Irregulares.

5.6 Morfologia verbal

O objetivo desta seção é apresentar a composição do verbo na língua Sanöma, mostrando quais são os clíticos que se ligam a raiz verbal.

Os proclíticos, que ocorrem à esquerda da raiz são clíticos de concordância com os argumentos do verbo. Os enclíticos, que se posicionam à direita da raiz podem ser divididos em: (i) derivacionais, que criam novos verbos a partir de nomes ou de outros verbos, ou ainda, mudam a valência dos verbos, (ii) flexionais, que adicionam informações gramaticais aos verbos, como tempo, espaço, aspecto, evidencialidade e (iii) oracionais, isto é, clíticos que inserem informações sobre a oração, como os subordinadores.

Neste capítulo apresentaremos primeiramente os proclíticos e em seguida os enclíticos.

Proclíticos verbais

Os morfemas que antecedem a raiz verbal são clíticos flexionais que possuem a função de concordância com os argumentos centrais do verbo. Ao longo desta seção apresentaremos a ocorrência dos proclíticos de concordância.

Quadro 2. Proclíticos verbais

	concordância com argumento ergativo	concordância com argumento absolutivo						
tipo de raiz nominal com a qual concorda	pronome pessoal de primeira e segunda pessoas	nome classificado; nome não classificado;	nome classificado; Nome não classificado;	nome inalienável	nome inalienável	todos os nomes	todos os nomes	RAIZ
categoria gramatical/lexical do clítico	pessoa a número	classificador nominal; número (singular)	número (dual/paucal, plural)	partes de entidades	número (dual/paucal, plural)	modificador	aplicativo	
	<i>sa</i> = 1SG <i>sama</i> = 1PL <i>wa</i> =2SG <i>ma</i> = 2PL	<i>tã</i> = 'CLN <i>genérico</i> ' <i>ti</i> = 'CLN madeira' <i>amo</i> = 'CLN cogumelo' etc. <i>a</i> = 3SG	<i>kõ</i> = 3DL <i>kõkõ</i> = 3DL <i>põ</i> = 3PL	<i>ami</i> = 'mão/pé' <i>poko</i> = 'braço' <i>he</i> = 'cabeça' <i>konona</i> = 'perna' etc.	<i>kõ</i> = 3DL <i>kõkõ</i> = 3DL <i>põ</i> = 3PL	<i>wai</i> = 'diminutivo' <i>pata</i> = 'aumentativo' <i>wani</i> = 'depreciativo' <i>pewõ</i> = 'totalizador' etc.	<i>kai</i> 'aplicativo'	

5.6.1 Concordância

Conforme comentamos no Capítulo 3, na seção 3.2 Frase Mínima, a riqueza da morfologia verbal da língua Sanõma é um dos elementos que contribui com a frequente omissão dos argumentos, permitindo que na maioria dos enunciados seja pronunciada apenas a raiz verbal e seus clíticos. Parte dos clíticos que se ligam ao verbo são marcas de concordância. Elas ajudam a dar sentido ao enunciado mesmo que os argumentos do verbo não sejam pronunciados.

Clíticos de concordância informam quais são os argumentos do verbo. Na maioria dos casos eles coocorrem com o nome ou o pronome em sua forma livre, isto é, a concordância é realizada mesmo quando os argumentos da sentença são expressos.

Uma vez que estamos afirmando que a realização desses clíticos auxilia na compreensão do enunciado mesmo quando os sintagmas nominais não são pronunciados, seria esperado que o verbo concordasse com todos os argumentos da sentença, a fim de que a sentença fosse perfeitamente entendida quando os argumentos são elididos. No entanto, a concordância está se perdendo, e atualmente ela não ocorre com todos as pessoas.

O objetivo desta seção é apresentar as marcas de concordância, mostrando quais são e de que forma os proclíticos de pessoa compõem o verbo na língua Sanõma. Mostraremos também que em alguns contextos a concordância não ocorre quando o argumento da sentença é pronunciado.

A seção está organizada da seguinte forma: em 5.6.1.1 e 5.6.1.2 apresenta as marcas de concordância com argumentos ergativos e absolutivos; 5.6.1.3 mostra os casos em que não há concordância; em 5.6.1.4 apresentamos o alinhamento ergativo-absolutivo das marcas de concordância; e, finalmente, em 5.6.1.5 analisamos a origem desses proclíticos e fornecemos evidências que justificam a segmentação morfológica adotada neste trabalho.

O verbo sempre concorda com argumentos absolutivos. Desta forma, em sentenças intransitivas, sempre haverá no verbo a concordância com o sujeito, e em sentenças transitivas o verbo sempre concordará com o objeto. A concordância com o argumento ergativo está gradativamente deixando de ocorrer.

Há concordância com o argumento ergativo exceto nas seguintes situações: (i) quando o agente for uma terceira pessoa do singular, e (ii) quando tanto o agente quanto o paciente forem primeira ou segunda pessoas (do singular ou do plural).

5.6.1.1 Concordância com o argumento absolutivo

O quadro a seguir apresenta as marcas de concordância com argumentos absolutivos. Como o verbo sempre concorda com o absolutivo, um destes morfemas necessariamente se realiza à esquerda da raiz verbal.

Quadro 3. Concordância com argumentos absolutivos

	singular	dual	plural
primeira pessoa	<i>sa=</i>	-	<i>sama= kö=</i>
segunda pessoa	<i>wa=</i>	-	<i>ma= kö=</i>
terceira pessoa	<i>a=</i>		<i>pö=</i>
nome não classificado (alienável)	<i>a=</i>	<i>kökö=</i>	<i>pö=</i>
nome classificado	<i>CLN=</i>	<i>CLN= kö=</i>	<i>CLN= pö=</i>
nome inalienável	<i>(parte)=</i>	<i>(parte)= kö=</i>	<i>(parte)= pö=</i>

O Quadro 3 apresenta as marcas de pessoa no verbo referentes aos argumentos absolutivos (sujeito de verbo intransitivo e objeto de verbo transitivo). Esses morfemas

ocorrem como proclíticos verbais. Eles sempre ocupam a primeira posição dentre os clíticos que acompanham a raiz verbal.

A marca de dual ou paucal expressa duas ou poucas pessoas (conforme apresenta a seção 4.2.2) e ocorre apenas na terceira pessoa. Conforme discussão apresentada na seção 4.1.3 sobre pronomes pessoais, a terceira pessoa do dual parece ser um resquício do paradigma completo de dual que possivelmente existia na língua Proto-Yanomami. Neste paradigma, provavelmente também havia primeira e segunda pessoas duais. Na língua Sanöma teria havido a perda da marca de dual nas primeira e segunda pessoas. Nas línguas Yanomama (FERREIRA, 2017), Ninam do Ericó (GÓMEZ, 1990), Ninam do Uxiú, Ÿaroamë, Yanomamɨ (FERREIRA, s/d) a marca de dual se realiza com todas as pessoas.

O morfema =kō ‘plural’ utilizado na primeira e na segunda pessoa parece ser um caso de apagamento da última sílaba [ki], um processo fonológico produtivo em Sanöma (ver mais sobre esse processo no capítulo 2 sobre a fonologia da língua).

Para simplificar a segmentação e as glosas nos exemplos, a concordância com os pronomes de primeira e segunda pessoas do plural, assim como os clíticos pronominais de primeira e segunda pessoas do plural, serão considerados apenas um clítico, de modo que *sama= kō=* ‘1= PL=’ será segmentado como *samakō=* e glosado como ‘1_{PL}’, e *ma= kō=* ‘2= PL=’ será segmentado como *makō=* e glosado como ‘2_{PL}’.

Os exemplos em () mostram os enclíticos verbais de concordância com o argumento absolutivo quando este é um pronome pessoal de primeira ou segunda pessoa.

Concordância com argumento absolutivo

(13) a. *ĩ tä uli naha “hĩkanino” samakö ku sinomoö*

ĩ =tä uli =naha hĩkanino
ANA =CLN:GNR lugar =OBL capoeira

samakö= ku sinomo =ö

1PL= dizer sempre =DYN

‘Para esse lugar sempre falamos “capoeira” / ‘Damos o nome de capoeira a esse lugar).’³

b. *pole anö kami sa läläapalama ke*

pole =a =nö kami
cachorro =SG =ERG 1

sa= lälä =a =pala =ma ku =he

1SG= correr =PFV =REPET =CAUS TEST =PST.H.REC

‘O cachorro me fez correr.’

Como mostra o Quadro 3, quando o argumento absolutivo é um nome ou um pronome de terceira pessoa, haverá concordância no verbo por meio de um clítico de número (*a*= ‘singular’, *kö*= ‘dual’ ou *pö*= ‘plural’), como nos exemplos em (14) abaixo.

(14) a. *kama a waloki ke*

kama a= walo =ki ku =he

3 3SG= chegar =PFV TEST =PST.H.REC

‘Ele chegou.’

³ Em Sanöma utiliza-se o discurso direto com verbos como *ku* ‘dizer’, *hapalo* ‘falar’, *pii ku* ‘pensar’.

b. *kami samakönö kutiata sama **kö** thaama*

kami =samakö =nö kutiata sama= **kö**= thaa =ma

1 =1PL =ERG canoa 1PL= DL= fazer =PST

‘Nós fizemos duas canoas.’

c. *sakoleto **pö** laloki tähä*

sakoleto **pö**= lalo =ki =tähä

lagarta **3PL**= reproduzir =PFV =REL.PRS

‘Quando as lagartas se reproduzem’

Nos casos em que o argumento absolutivo é um nome que recebe classificador nominal, haverá concordância com o classificador nominal. Nesses casos, quando o nome classificado estiver no singular não haverá morfema de singular, porém quando o nome estiver no plural, haverá concordância com o classificador nominal e com os morfemas de número dual **kö**= ou plural **pö**=.

(15) a. *Kakatima anö ãsã **ãĩ** ãketepalöma*

Kakatima =a =nö ãsã **ãĩ**= ãkete =pa =li =ma

Kakatima =SG =ERG beiju **CLN:beiju**= espremer =DER =PFV =PST

‘Kakatima espremeu massa de beiju.’

b. *nii **tä** mataso ke*

nii **tä**= ma =ta =so ku =he

comida **CLN:gnr** acabar =DER =PFV TEST =PST.H.REC

‘A comida acabou.’

c. *pöpönö tu kasö naha amö ösöpö wai ököpalo ke*

pöpönö =tu =kasö =naha amö

grande =CLN:líquido =margem =OBL rã

ösö= *pö*= wai= *ökö* =palo ku =he

CLN:pele= 3PL= DIM= chorar =REP TEST =PST.H.REC

‘As rãs cantaram na beira do rio.’

Na sentença com verbo transitivo em (15a) o argumento absolutivo *ĩsã* ‘beiju’, que neste caso é o objeto, é um nome do tipo classificado, por isso o verbo concorda com o classificador nominal *ãĩ*= . A sentença intransitiva em (15b) apresenta também um nome classificado como sujeito (argumento absolutivo), assim o verbo concorda com o classificador genérico *tã*= . A sentença intransitiva de (15c) possui como sujeito um nome classificado no plural, assim, o verbo concorda com o classificador nominal (*ösö*=) seguido do clítico de plural *pö*=.

O verbo também concorda com o argumento absolutivo quando este é um nome inalienável, que representa a parte de uma entidade independente.

(16) Totolima a **nakö** käpasoma

Totolima a= **nakö**= kä =pa =so =ma

Totolima SG= **dente**= quebrar =DER =PFV =PST

‘Totolima quebrou seus dentes pois a cana estava muito dura.’

Assim como ocorre com nomes classificados, quando nomes que denotam partes de entidades estão no singular, não há morfema de número, quando se tratam de duas ou poucas partes de entidades à direita da concordância com a parte ocorre o morfema de dual/paucal *kö*, e se estão no plural, recebem o morfema *pö*=.

(17) a. Kakatima a **amiki** nini

Kakatima a= ami= **kö**= nini

Kakatima 3SG= mão/pé DL= doer

‘as mãos/os pés de Kakatima doem.’

b. Totolima a naköpö käpasoma

Totolima a= nakö= **pö**= kä =pa =so =maTotolima 3SG= dente= **3PL**= quebrar =DER =PFV =PST

‘Totolima quebrou seus dentes pois a cana estava muito dura.’

A seguir serão apresentados os clíticos de concordância com argumentos ergativos.

5.6.1.2 Concordância com o argumento ergativo

As marcas de concordância com o argumento ergativo na língua Sanöma estão expostas no quadro abaixo.

Quadro 4. Concordância com argumento ergativo

	singular	plural
1	<i>sa=</i>	<i>sama=</i>
2	<i>wa=</i>	<i>ma=</i>
3	$\emptyset$	<i>=he</i>

A língua está sofrendo um processo gradativo de perda de concordância com argumento ergativo, que já teria se consolidado com a terceira pessoa do singular, com a qual o verbo nunca concorda, e por isso não possui marca morfológica.

A terceira pessoa do plural ergativa estaria em um processo avançado de perda, que pode ser verificado pelo uso marcado de *=he* (concordância com a terceira pessoa do plural ergativa), pronunciado apenas por falantes mais velhos.

A concordância com a primeira e a segunda pessoas (do singular ou do plural) ocorre somente se o absolutivo for terceira pessoa, e mesmo nesse contexto essas marcas estão

sendo frequentemente elididas. Quando o absolutivo é também uma primeira ou segunda pessoa (do singular ou do plural), somente o absolutivo é marcado, e o ergativo não.

A perda gradual das marcas de concordância com o argumento ergativo sugere que a língua está desenvolvendo hierarquia de pessoa, em que a primeira e a segunda pessoas são mais robustas que as terceiras pessoas. Essa hipótese é sustentada pelo fato de as terceiras pessoas estarem em um processo mais avançado de perda de concordância que a primeira e a segunda pessoas. Estas ainda estão ativas, porém, também estão em um processo de perda parcial.

Os exemplos abaixo ilustram a concordância com argumentos ergativos:

Concordância com argumento ergativo

(18) a. *ĩ samakö pewönö mamō hama sama a oaö*

ĩ =samakö =pewö =nö mamō.hama sama= a= oa =ö
 ANA =1PL =TOT =ERG cupim 1PL= 3SG= comer =DYN
 ‘Todos nós comemos o cupim mamō hama.’

b. *sama tä tösaö*

sama= tä= tosa =ö
 1PL= CLN:gnr= plantar =DYN
 ‘Plantamos isso.’

c. *ãsa unai liäi wa tu koali tähä*

ãsa =unai liäi wa= tu= koa =li =tähä
 TUCUPI =CLN:tucupi estar.cru 2sg= CLN:líquido= beber =PFV =REL.PRS
 ‘Quando beber tucupi cru’

d. *Kopali töpönö humo ösönö sama pata söpalomahe*

Kopali =töpö =nö humo =ösö =nö

Kopali =3PL =ERG borduna=CLN:pele =INS

sama a= pata= sä =pa =li =ma =he

anta 3SG= AUM= bater =DER =PFV =PST =3PL

‘Os Kopali mataram uma anta com uma borduna.’

Em (18) os clíticos de concordância de primeira pessoa do plural (18a,b) ocorrem à esquerda da concordância com os argumentos absolutivos. O proclítico *a=* ‘singular’ em (18a) concorda com o objeto *mamo hama* ‘cupim’ e o proclítico *tä=* ‘concordância com o classificador nominal genérico’ em (18b), se refere a um objeto não expresso. Em (18c) *wa=* é a concordância com o agente, uma segunda pessoa do singular que foi omitida pelo falante. (18d) possui como agente um nome na terceira pessoa do plural. Note que a concordância com o agente *Kopali töpö* ocorre como enclítico de última posição (=he).

5.6.1.3 Perda de concordância

Como comentamos no início da seção, Sanöma está sofrendo um processo de perda de concordância com o argumento ergativo que sugere que a língua está desenvolvendo hierarquia de pessoa. Essa análise se baseia no fato da perda de concordância estar mais avançada nas terceiras pessoas, e a primeira e a segunda pessoas apresentarem um processo parcial de perda.

O apagamento da concordância com a primeira e a segunda pessoa ocorre quando o argumento ergativo é expresso na sentença. Em elicitções de dados, muitas vezes o falante produz a sentença sem concordância com o argumento ergativo, porém aceita a inserção dessa marca quando ela é sugerida.

Apresentamos abaixo alguns exemplos de perda de concordância. Note que em todos os casos, o argumento ergativo está expresso.

Os clíticos entre parênteses e em negrito não foram produzidos pelo falante em uma primeira realização, mas sua inserção foi considerada gramatical.

Terceira pessoa do plural

- (19) a. *suö töpönö kotomasö asa wösö naha nasi koko hölökama(he)*

suö =töpö =nö kotomasö asa.wösö =naha

mulher =3PL =ERG tipiti pedaço =OBL

nasi koko= hölöka =ma (=he)

mandioca CLN:mandioca ralar =PST (=3PL)

‘As mulheres ralam mandioca em (cima de) um pedaço de tipiti.’

Primeira pessoa do singular

- b. *kamisa nö ipa husopö (sa)a hosali ke*

kami =sa =nö ipa husopö (sa=) a= hosa =li ku =he

1 =1SG =ERG 1POS esposa (1SG=) 3SG= descartar =PFV TEST =PST.H.REC

‘Eu me separei da minha mulher.’

Primeira pessoa do plural

c. *kami Sanöma samakönö hikali a ola naha sinimo (sama)pö tösa naio sinomoö*

kami Sanöma samakö =nö hikali =a =ola =naha

1 Sanöma 1PL =ERG roça =3SG =começo =OBL

sinimo (sama=)pö= tösa naio sinomo =ö

milho (1PL=) 3PL= plantar primeiramente sempre =DYN

‘Nós, Sanöma, sempre plantamos milho na parte de cima das roças.’

Em (19a) a concordância com argumento ergativo *suö töpö* ‘mulheres’ (terceira pessoa do plural) não foi pronunciada. No exemplo

(19b) não há concordância com o argumento ergativo *kami sa* ‘primeira pessoa do singular’.

A sentença em (19c) possui como agente a primeira pessoa do plural e como paciente uma terceira pessoa (*sinimo pö* ‘milhos’), e somente foi produzida a concordância com o objeto. Em todos os casos o falante considerou gramatical a inserção da concordância com o argumento ergativo.

Em (19c) poderíamos supor que a distância existente entre o argumento ergativo (*kami Sanöma samakö* ‘nós, Sanöma’) e o argumento absolutivo (*sinimo pö* ‘milhos’), que são intermediados pelo argumento oblíquo *hikali a ola* ‘começo da roça’, acarretaria a necessidade de concordância. No entanto, apesar da distância não há concordância.

Seria necessário um estudo sociolinguístico para analisar o uso de *=he* (concordância com o agente na terceira pessoa do plural) em Sanöma, no entanto, esta pesquisa já foi capaz de detectar que seu uso é bastante marcado, e parece estar sendo realizado apenas por pessoas mais velhas. Nosso *corpus*, que foi construído em grande parte por jovens de não mais de 35 anos de idade, e por poucos homens com mais de 45 anos, possui algumas ocorrências com concordância de agente na terceira pessoa do plural, porém na maioria das sentenças que coletamos, o verbo somente concorda com o agente quando este está na primeira ou na segunda pessoa. Ainda nesses contextos há casos de omissão da concordância.

5.6.1.4 Alinhamento ergativo-absolutivo das marcas de concordância

A concordância com a primeira e a segunda pessoas do plural possuem alinhamento ergativo-absolutivo, isto é, as marcas de sujeito de intransitiva são iguais às de objeto de transitiva (*samakö*= ‘primeira pessoa do plural’ e *makö*= ‘segunda pessoa do plural’) e diferentes das marcas de sujeito de transitiva (*sama*= ‘primeira pessoa do plural’ e *ma*= ‘segunda pessoa do plural’), como mostra o Quadro 5.

A concordância com pronomes no singular não variam em função de sua posição argumental, isto é, a primeira pessoa do singular concorda com o verbo por meio do proclítico *sa*=, independentemente de ser agente ou paciente de um verbo transitivo ou sujeito de um verbo intransitivo. Do mesmo modo, a segunda pessoa do singular será marcado por *wa*=, independentemente de ser concordância com o argumento ergativo ou com o absoluto.

Quadro 5. Alinhamento ergativo-absolutivo da concordância com 1PL e 2PL

	ergativo		absolutivo
	agente	paciente	sujeito
1SG	<i>sa</i> =	<i>sa</i> =	<i>sa</i> =
2SG	<i>wa</i> =	<i>wa</i> =	<i>wa</i> =
1PL	<i>sama</i> =	<i>samakö</i> =	<i>samakö</i> =
2PL	<i>ma</i> =	<i>makö</i> =	<i>makö</i> =

As sentenças em

(20) e (21) exemplificam o alinhamento ergativo-absolutivo das marcas de concordância de primeira pessoa do plural em diferentes posições argumentais: nos argumentos absolutivos (sujeito (20a) (21a) e paciente (20b) e (21b)) e no argumento ergativo (agente (20c) e (21c)). Os exemplos abaixo ilustram a ocorrência dessas marcas.

Primeira pessoa do plural (*sama*=)

Sujeito (absolutivo)

(20) a. *hikali a hamö **samakö** huma*

hikalia =hamö **samakö**= *hu*=ma

roça =LOC **1PL**= ir =PST

‘Fomos à roça.’

Paciente (absolutivo)

b. *ki töpönö **samakö** helupaki ke*

ki =töpö =nö **samakö**= *helu* =pa =ki *ku* =he

DEM =3PL =ERG **1PL**= empurrar =DER =PFV TEST =PST.H.REC

‘Aqueles pessoas nos empurraram.’

Agente (ergativo)

c. *Sanöma samakönö salaka **sama** pö haloma sinomoö*

Sanöma =samakö =nö *salaka*

Sanöma =1PL =ERG peixe

sama= pö= halo =ma *sinomo* =ö

1PL= 3PL= embrulhar =CAUS sempre =DYN

‘Nós, Sanöma, sempre embrulhamos peixes’.

Segunda pessoa do plural (*makö=*)

Sujeito (absolutivo)

- (21) a. *hikali a hamö **makö** huma*
*hikali =a =hamö **makö=** hu =ma*
 roça =SG =LOC 2PL= ir =PST
 ‘Vocês foram à roça.’

Paciente (absolutivo)

- b. *ki töpönö **makö** helupaki ke*
*ki =töpö =nö **makö=** helu =pa =ki ku =he*
 DEM =3PL =ERG 1PL= empurrar =DER =PFV TEST =PST.H.REC
 ‘Aqueles pessoas empurraram vocês.’

Agente (ergativo)

- c. *kamakö nö ana **ma** amo nokopali ke*
*ka =makö =nö ana **ma=***
 2 =2PL =ERG cogumelo 2PL=

amo= noko =pa =li ku =he
 CLN:cogumelo= moquear =DER =PFV TEST =PST.H.REC
 ‘Vocês moquearam cogumelo.’

As marcas que possuem alinhamento neutro em vez de ergativo-absolutivo são as de primeira e segunda pessoas do singular. Elas são iguais independentemente da posição que ocupam, como mostram os exemplos (22) e (23).

Primeira pessoa do singular (sa=)Sujeito (absolutivo)

(22) a. *hikali a hamö sa huma*

hikalia =hamö sa= hu=ma

roça =LOC 1SG= ir =PST

‘Eu fui à roça.’

Paciente (absolutivo)

b. *ki töpönö sa helupaki ke*

ki =tö =pö =nö sa= helu =pa =ki ku =he

DEM =CLN:gnr=3PL =ERG 1SG= empurrar =DER =PFV TEST =PST.H.REC

‘Aqueles pessoas me empurraram.’

Agente (ergativo)

c. *kamisa nö ana sa amo nokopali ke*

kami =sa =nö ana

1 =1SG =ERG cogumelo

sa= amo= noko =pa =li ku =he

1SG= CLN:cogumelo= moquear =DER =PFV TEST =PST.H.REC

‘Eu moqueei cogumelo.’

Segunda pessoa do singular (wa=)

Sujeito (absolutivo)

(23) a. *hikali a hamö wa huma*

hikali =a =hamö **wa**= hu=ma

roça =SG =LOC **2SG**= ir =PST

‘Você foi à roça.’

Paciente (absolutivo):

b. *ki töpönö makö helupaki ke*

ki =töpö =nö **wa**= helu =pa =ki ku =he

DEM =3PL =ERG **2SG**= empurrar =DER =PFV TEST =PST.H.REC

‘Aqueles pessoas te empurraram.’

Sujeito (ergativo)

c. *kamisa nö ana sa amo nokopali ke*

ka =makö =nö ana

2 =2PL =ERG cogumelo

wa= amo= noko =pa =li ku =he

2SG= CLN:cogumelo= moquear =DER =PFV TEST =PST.H.REC

‘Você moqueou cogumelo.’

5.6.1.5 Origem das marcas de concordância

As marcas de concordância com os argumentos absolutivos coincidem perfeitamente com os enclíticos que compõem os pronomes pessoais de primeira e segunda pessoas, com os morfemas de número que compõem as terceiras pessoas (pronomes de terceira pessoa, nomes classificados e nomes não classificados) e com os classificadores nominais, que se ligam a nomes classificados. O mesmo ocorre com todos os demais proclíticos verbais (partes do corpo, depreciativo, diminutivo, totalizador): quando concordam com um argumento absolutivo, eles são exatamente correspondentes aos enclíticos nominais que acompanham os morfemas livres.

Ferreira (2017, p. 426) assume que, na língua Yanomama, o fato de esses clíticos serem idênticos não é uma coincidência, pois o que ocorre é que os enclíticos nominais tornam-se, eles mesmos, os proclíticos verbais quando o nome a que se referem é um argumento absolutivo.

Assumiremos que na língua Sanöma os enclíticos que acompanham os nomes e pronomes livres foram gramaticalizados, tornando-se concordância. Originalmente, na língua Proto-Yanomami, possivelmente haveria concordância com todos os argumentos, ergativos e absolutivos. Porém, os dados atuais da língua Sanöma (assim como de outras línguas em que a concordância com o argumento ergativo não ocorre em alguns contextos) sugere que as línguas Yanomami estariam desenvolvendo a perda da concordância com o argumento ergativo. Esta perda estaria obedecendo a uma hierarquia de pessoa, o que se verifica no fato de as terceiras pessoas estarem em processo mais avançado de perda, com a já extinta concordância com a terceira pessoa do singular e a primeira e a segunda pessoas estarem ainda ativas na língua, porém sendo menos pronunciadas.

A maior evidência para a ocorrência de concordância verbal em Sanöma é o fato de essas marcas poderem coocorrer com os argumentos da sentença, fato que, segundo Kroeger (2005) é um dos elementos centrais para considerar as marcas de pessoa no verbo como concordância e não duplicação do nome.

O que evidencia que as marcas de concordância não são parte constituinte do sintagma nominal (como se poderia supor em sentenças com verbo intransitivo), mas são partes do

verbo, é o fato de elas serem pronunciadas mesmo quando o argumento da sentença é omitido.

A ordem em que a concordância ocorre no verbo, com o argumento ergativo na primeira posição e o absolutivo na segunda, é também uma pista para assumi-las como parte constituinte do verbo e não do nome. A ordem de ocorrência da concordância com a terceira pessoa do plural é diferente, pois esta ocorre como enclítico.

Os exemplo abaixo mostram que nas sentenças com verbo intransitivo o morfema livre que expressa o pronome pessoal pode ser apagado, e a concordância permanece expressa no verbo. Desta forma, se assumíssemos que a concordância é parte do sintagma nominal (24a), quando o argumento é omitido ela não teria um morfema livre a que se ligar. Assumindo que essa marca é concordância, mesmo quando o morfema livre é apagado, ela se liga ao verbo (24b).

- (24) a. *kami samakö mohi*
 kami =samakö mohi
 1 =1PL estar.com.preguiça
 ‘Nós estamos com preguiça.’

- b. *(kami) samakö mohi*
 (kami) samakö= mohi
 (1) 1PL= estar.com.preguiça
 ‘Nós estamos com preguiça.’

Nos exemplos abaixo os argumentos das sentenças (entre parênteses) não foram pronunciados, mas podem ser identificados por causa da ocorrência das marcas de concordância. Note que a ordem de ocorrência da concordância impede que ela seja analisada como parte do pronome livre, isto é, como parte integrante do sintagma nominal. Se fosse parte do sintagma nominal, haveria descontinuidade dos sintagmas, com o argumento absolutivo intercedendo o nome ou pronome livre ergativo e seu clítico. Da mesma forma, o argumento absolutivo e seu clítico seriam intercedidos pelo clítico do ergativo.

Note no exemplo abaixo que, se assumíssemos a análise de que a concordância é parte do sintagma nominal, entre o sintagma nominal *kami sanö* ‘primeira pessoa do singular ergativo’ e o clítico *=sa* ‘primeira pessoa do singular’ (ambos em negrito) haveria o argumento absoluto *ni* ‘comida’. Assim como entre o argumento absoluto *ni* ‘comida’ e seu clítico *tä* ‘classificador nominal genérico, haveria o clítico do argumento ergativo *sa* ‘primeira pessoa do singular’.

(25) a. (***kamisanö*** *ni*) ***sa*** *tä* *pewö* *mapali* *ke*

(***kami***=***sa*** =***nö*** *ni*) =***sa*** =***tä***

(1 =1SG =ERG comida) =1SG =CLN:gnr

pewö= *ma* =*pa* =*li* *ku* =*he*

TOT= acabar =DER =PFV TEST =PST.H.REC

‘(Eu) acabei com toda (a comida).’

Assim, assumimos que *Sanöma* apresenta marcas de concordância verbal, e ainda que os argumentos não sejam pronunciados, a sentença permanece inteligível. Os exemplos abaixo ilustram sentenças em que os argumentos não foram pronunciados, mas podem ser identificados pela presença da concordância verbal.

(26) a. (*kamisanö* *ni*) *sa* *tä* *pewö* *mapali* *ke*

(*kami*=*sa* =*nö* *ni*) *sa*= *tä*=

1 =1SG =ERG comida 1SG= CLN:gnr=

pewö= *ma* =*pa* =*li* *ku* =*he*

TOT= acabar =DER =PFV TEST =PST.H.REC

‘(Eu) acabei com toda (a comida).’

b. *(kami samakönö ana) sama amopö täa sinomoö*

(kami=samakö =nö ana) sama= amo= pö=

(1 =1PL =ERG cogumelo) 1PL= CLN:cogumelo= 3PL=

täa sinomo =ö

pegar sempre =DYN

‘(Nós) sempre coletamos (cogumelos).’

c. *(kami samakönö ana) sama amo hukölönö*

(kami=samakö =nö ana) amo=

(1 =1PL =ERG cogumelo) CLN:cogumelo=

halo sa =ki =ma

estar.embrulhado assar =PFV =PST

‘Assou-o (cogumelo).’

d. *sa tä mö pia kule*

sa= tä= mö pia ku =la =e

1SG= CLN:gnr= ver querer TEST =PRS =PROX.VIS

‘Quero ver (isso).’

e. *holemasi wakö tiä pia salo*

holemasi wa= kō= tiä pia =salo

minhocoçu 2SG= CLN:long pegar querer =REAS

‘Para pegar minhocoçus’

Esta seção mostrou que o verbo sempre concorda com o argumento absolutivo, e que a concordância com o argumento ergativo está se perdendo. A perda da concordância do argumento ergativo está evidenciando o surgimento da hierarquia de pessoa na língua.

Mostramos também que os índices pessoais de primeira e segunda pessoa do plural possuem alinhamento ergativo-absolutivo.

5.6.1.6 Aplicativo

Como apresentado na seção 4.2.6, quando um coparticipante é inserido na sentença, ele é marcado pelo clítico aplicativo (*kai*). Quando este argumento é absolutivo, o clítico ocorre como proclítico verbal, após os clíticos de concordância e antes da raiz verbal.

O aplicativo *kai* difere do causativizador (=ma), pois este modifica a função sintática do argumento, transformando o sujeito de um verbo intransitivo em objeto do verbo transitivo. O clítico causativizador será assunto da seção 5.6.2.4 neste capítulo.

Por outro lado, quando o aplicativo é inserido em um verbo intransitivo, o sujeito passa a receber o morfema de ergativo, e o argumento inserido, marcado por *kai*, não recebe morfologia de caso. Apesar de não ser marcado para caso, o argumento inserido não é um absolutivo, como se poderia esperar, já que o absolutivo não é marcado para caso.

O argumento absolutivo que passa a receber morfema aplicativo é coparticipante ergativo ou absolutivo. Com o aplicativo *kai*, verbos intransitivos continuam sendo monoargumentais apesar da adição de um participante.

Nos exemplos abaixo, note que quando *kai* é adicionado, há inserção de um argumento, porém a valência do verbo é mantida.

(27) a. *Kunatoi a iapalöma*

Kunatoi a= ia =palo =ma

Kunatoi 3SG= comer =REPET =PST

‘Kunatoi comeu.’

b. Kunatoi anö kama hai ã töpö **kai** iapaloma.

Kunatoi =a =nö kama =hai ã töpö= **kai**= ia =palo =ma

Kunatoi =SG =ERG 3 =GEN ANA 3PL= APP= comer =REPET =PST

‘Kunatoi comeu com seus parentes.’

(28) a. suö tä kelaso ke

suö tä= ke =laso ke

mulher CLN:gnr= cair =PFV PST

‘A mulher caiu.’

b. suö tönö ulu tä ose **kai** kelaso ke

suö =tö =nö ulu tä= ose= **kai**= ke =laso ke

mulher =CLN:gnr=ERG criança CLN:gnr= pequeno= **APP**= cair =PFV PST

‘A criança caiu com a mulher.’

Os exemplos acima demonstram que o aplicativo *kai* adiciona um participante sem aumentar a valência do verbo. Note que com a adição do clítico aplicativo (*kai*=), no exemplo (27b), o argumento *Kunatoi* recebe marca de ergativo (=nö), então um novo argumento é adicionado à sentença: *kama hai ã töpö* ‘seus parentes’. A sentença possui uma estrutura transitiva: um argumento agente marcado pelo morfema de ergatividade (*Kunatoi anö* ‘Kunatoi’), o objeto (*kama hai ã töpö* ‘seus parentes’) e um verbo ao final (*ia* ‘comer’). No entanto, trata-se de uma sentença intransitiva, já que o verbo comer intransitivo (*ia*) é diferente do verbo comer transitivo (*oa*) e a sentença utiliza a forma do intransitivo.

No exemplo (28b), apesar de o sujeito receber marca de agente (=nö), o verbo é marcado pelo morfema de aspecto perfectivo (=laso) utilizado em sentenças intransitivas, que difere do que é usado em sentenças transitivas (=li). O fato de o argumento *suö* ‘mulher’ receber marca de ergativo mostra que ele tem uma agência na sentença, e o outro argumento (*ulu* ‘criança’) é introduzido não como um paciente, mas como um coparticipante na ação. Dessa forma, a leitura de (28b) é de que a mulher não derrubou a criança, mas sua queda fez com que a criança caísse junto com ela.

Enclíticos verbais

Os verbos em Sanöma possuem uma rica morfologia derivacional e flexional. Morfemas derivacionais criam verbos a partir de nomes ou criam verbos novos a partir de verbos. Dentre os morfemas de derivação verbal estão incluídos os morfemas de mudança de valência e os morfemas que, sem causar alteração de valência, mudam o sentido do verbo. Estes enclíticos se ligam imediatamente à raiz.

Enclíticos flexionais expressam categorias gramaticais de aspecto, tempo, espaço, negação, etc., e se posicionam à direita dos enclíticos derivacionais.

Os enclíticos oracionais inserem informações gramaticais em toda a oração, e não somente no verbo, são os chamados subordinadores. Esses enclíticos ocorrem após os enclíticos derivacionais e flexionais em orações subordinadas.

Os quadros abaixo mostram quais são os enclíticos verbais da língua Sanöma. As seções a seguir se dedicam a apresentar o uso e a função de cada enclítico verbal nessa língua.

Quadro 6. Enclíticos verbais derivacionais

derivacional	derivacional	intransitivizador	causativo	conservativo	recíproco
=a	=pa	=mo	=ma	=po	=so

Quadro 7. Enclíticos verbais flexionais

aspecto		localização		direção		tempo		classe verbal		negação
= <i>ti</i>	DUR	= <i>laso</i>	RIO.AC	= <i>ima</i>	VEN	= <i>a</i>	PRS	= <i>ö</i>	DYN	<i>=mi</i>
= <i>la</i>	DISTR	= <i>taso</i>	MM.PLAN	= <i>(V)lö</i>	AND	= <i>la</i>		= <i>o</i>	STV	
= <i>ta</i>	CEL	= <i>kölö</i>	RIO.AB			= <i>ma</i>	PST	= <i>a</i>	POST	
= <i>laso</i>	PFV	etc.				= <i>pi</i>				
= <i>so</i>						= <i>pili</i>				
= <i>li</i>						= <i>i</i>				
= <i>ki</i>						= <i>li</i>				
= <i>pi</i>										
= <i>a</i>							FUT			

Quadro 8. Enclíticos oracionais

NMLZ	REAS	CNT.FACT	CONCS	REL.PST		REL.PRS	REL.DUR
=wi	=salo	=könaha	=maaki	=nö	=ha	=tähä	=paha

5.6.2 Enclíticos derivacionais

Conforme apresentado nos quadros acima, Sanöma possui seis enclíticos derivacionais com diferentes funções. O enclítico *=a* altera a classe do verbo, isto é, transforma raízes atributivas em raízes dinâmicas. O derivacional *=pa* insere a propriedade télica às raízes. O morfema intransitivizador *=mo* transforma verbos transitivos em intransitivos reflexivos, ou na voz média. O causativizador *=ma* aumenta a valência verbal, inserindo um novo argumento à sentença. O conservativo *=po* insere a noção de permanência em raízes verbais. *=so* é o morfema que deriva raízes verbais recíprocas. As seções a seguir apresentam a função e o uso de cada morfema derivacional em Sanöma.

5.6.2.1 Derivacional *=a*

O morfema derivacional *=a* transforma verbos atributivos em verbos dinâmicos. Veja os exemplos abaixo com o verbo atributivo *hãkiki* ‘estar misturado’.

(29) a. *ana amopö hãkiki*

ana amo= pö= hãkiki

cogumelo CLN:cogumelo= 3PL= estar.misturado

‘Os cogumelos estão misturados.’ (As diferentes espécies de cogumelo estão misturadas.)

b. *ana sa amopö hãkikiaö*

ana sa= amo= pö= hãkiki =a =ö

cogumelo 1SG= CLN:cogumelo= 3PL= estar.misturado =DER =DYN

‘Misturei os cogumelos.’ (Misturei as diferentes espécies de cogumelo.)

c. *ana sa amopö hãkikiama*

ana= sa= amo=

cogumelo 1SG= CLN:cogumelo=

pö= hãkiki =a =ma =ma

3PL= estar.misturado =DER =CAUS =PST

‘Misturei os cogumelos.’ (Misturei as diferentes espécies de cogumelo.)

Note que a sentença (29b) se assemelha a uma causativa, pois há a inserção de um argumento ergativo com a função de causador da ação de misturar. Além disso, o sujeito de (29a) se torna objeto de (29b). No entanto, podemos afirmar que o morfema *=a* não é um causativizador pois ele coocorre com o morfema causativo *=ma*, como vemos em (29c).

No passado, a função de *=a* como um morfema derivador de classes verbais é mais evidente, pois, diferentemente do que ocorre com verbos dinâmicos, a morfologia de tempo não pode se ligar diretamente à raiz de verbos atributivos quando estão em sua forma dinâmica, i.e. ativa, e não estativa, como são os verbos atributivos e posicionais. Note no exemplo (30) que o morfema de passado *=ma* se liga diretamente à raiz verbal do verbo dinâmico *katä* ‘voar’. Já no exemplo (31), como se trata de um verbo atributivo, o morfema de passado *=ma* não se liga diretamente à raiz *ãhu* ‘estar espremido’, mas entre a raiz e o morfema de tempo ocorre a vogal derivacional *=a*.

(30) *masupö a katäma*

masupö a= katä =ma

tucano 3SG= voar =PST

‘O tucano voou.’

(31) *suö tönö halo ösö ãhuama*

suö =tö =nö halo

mulher =CLN:gnr =ERG embrulho

ösö= ãhu =a =ma

CLN:pele= estar_espremido =DER =PST

‘A mulher torceu roupa.’

Esta seção demonstrou que a função do morfema derivacional =*a* é criar verbos dinâmicos a partir de verbos atributivos.

5.6.2.2 Derivacional =*pa*

A primeira posição à direita de raízes verbais pode ser ocupada pelo morfema derivacional =*pa*. Esse morfema é altamente produtivo, e sua função é a de adicionar a noção de telicidade em verbos dinâmicos.

Nas análises de Ferreira (2017) e Ramirez (1994), em determinadas situações, o morfema cognato (=pra) das línguas Yanomama e Yanomamɨ, respectivamente, adiciona ao verbo a noção de completude. Em Sanöma, a inserção de =*pa* parece se relacionar com a noção de completude percebida pelos autores. Em muitos de nossos exemplos, =*pa* adiciona uma característica télica à raízes verbais, isto é, a propriedade lexical de um verbo ter um fim, um término intrínseco, próprio da ação ou evento que denota. Para uma definição de telicidade baseada em Vendler (1957) citamos Sanchez-Mendes (2014, p. 74):

Verbos télicos são aqueles que possuem um fim determinado, previsto (do grego *telos*, 'fim'). Assim, o sintagma *desenhar um círculo* tem um ponto final natural descrito pelo predicado. *Correr*, por outro lado, é um predicado que não tem um ponto final determinado lexicalmente. Por conta disso, faz sentido dizer *terminar de desenhar um círculo*, enquanto não é coerente dizer *terminar de correr* (...) Predicados como *desenhar um círculo* perduram no tempo, do mesmo modo que

verbos de atividade como *correr*, mas progridem em direção a um término determinado, seu *telos*.

Ao longo desta seção exporemos as evidências para afirmar que o morfema *=pa* adiciona a propriedade télica a verbos e apresentaremos hipóteses sobre outra possível atribuição desse morfema baseada em análises de outras línguas Yanomami.

O morfema derivacional *=pa* só pode ser inserido em verbos dinâmicos. Para que seja adicionado a verbos de estado (atributivos e posicionais), estes devem estar em sua versão dinâmica, isto é, expressando o processo para se atingir o estado. Em verbos originalmente atributivos (que denotam a característica de uma entidade) a noção de telicidade refere-se a um estado que tenha sido atingido por completo, isto é, afetando toda a entidade envolvida.

Nesta seção ilustraremos primeiramente a ocorrência de *=pa* em verbos dinâmicos, depois em verbos dinâmicos derivados de verbos atributivos e, por fim, em verbos dinâmicos derivados de posicionais.

Verbos dinâmicos (transitivos e intransitivos):

Conhecemos apenas uma raiz verbal que tem o sentido alterado de maneira significativa em decorrência do derivacional *=pa*: *ke* ‘cair’ passa a significar ‘cair na água’ com a adição desse morfema, como mostram os exemplos (32):

(32) a. *hapoka a kelasoma*

hapoka a= ke =laso =ma
 panela 3SG= cair =PFV =PST
 ‘A panela caiu.’

b. *maa tu naha hapoka a kepasoma*

maa =tu =naha hapoka a= ke =pa =so =ma
 água =CLN:líquido =OBL panela 3SG= cair =DER =PFV =PST
 ‘A panela caiu no rio.’

No exemplo (32b), ainda que o local onde a panela caiu (*maa tu naha* ‘no rio’) não estivesse expresso, o significado do verbo seria ‘cair na água’.

Em outros verbos dinâmicos, *=pa* não altera o significado de forma tão acentuada, mas acrescenta ao verbo a ideia de que a ação ou o evento possui um fim previsível, como nos casos da raiz *sä* ‘bater’, que quando recebe *=pa* torna-se ‘matar’, como se o que se esperasse da ação de bater em uma entidade fosse a morte dessa entidade. Ou de *tha* ‘fazer’, que torna-se ‘construir, realizar’ quando *=pa* é adicionado.

O quadro abaixo apresenta as raízes verbais que têm seu significado alterado com a inserção do derivacional *=pa*.

Quadro 9 – Raízes verbais que ganham novo significado com =pa

raiz	tradução	raiz derivada	tradução
ke (intransitivo)	‘cair	kepa	‘cair na água’
ku (intransitivo)	‘existir’	kupa	‘nascer, tornar-se, restar’
ta (transitivo)	‘ver’	tapa	‘encontrar’
sä (transitivo)	‘bater’	säpa	‘matar’
nia (transitivo)	‘flechar’	niapa	‘matar com flecha’
tha (transitivo)	‘fazer’	thapa	‘produzir, construir’
taö (transitivo)	‘saber’	taöpa	‘conhecer’

O quadro apresenta alguns exemplos de raízes verbais que, quando derivadas com =pa, têm seu significado alterado. Dessa forma, o verbo com significado amplo *ku* ‘existir’, transforma-se em uma raiz que possui um término, um momento culminante no qual o evento se realiza, como ‘nascer, tornar-se’. O mesmo ocorre com a raiz *ta* ‘ver’ que com =pa torna-se um verbo com um término previsto, como ‘encontrar’. Em *taö* ‘saber’, a inserção de =pa também adiciona a noção de telicidade, e o verbo passa a significar ‘conhecer’.

O exemplo abaixo apresenta a diferença entre a raiz verbal *sä* ‘bater’ e a raiz derivada *säpa* ‘matar’.

(33) a. *Pakokai anö Kunatoi a moni säma*

Pakokai =a =nö *Kunatoi* a= *moni*= *sä* =ma

Pakokai =3SG =ERG *Kunatoi* 3SG= quase= bater =PST

‘*Pakokai* quase bateu em *Kunatoi*.’

b. *kokoi a wani nö aloalomö a wani säpalöma*

kokoi =a =wani =nö aloalomö

gavião =3SG =DEPR=ERG aloalomö

a= wani= sä =**pa** =lö =ma

3SG= DEPR= bater =**DER** =PFV =PST

‘O gavião matou um tucano *aloalomö*.’

Há, no entanto, uma restrição para o uso de =*pa* com a função de alterar o significado da raiz. Ele não é permitido quando o objeto está no plural.

(34) *õko nani wapö sälalönö*

õko nani wa= pö= sä =**la** =li =nö

caranguejo *nani* 2SG= 3PL= bater =DISTR =PFV =REL.PST

‘Depois de matar os caranguejos *nani*.’

Note no exemplo (34) que apesar de o significado do verbo ser ‘matar’, como o objeto é plural (*õko nanipö* ‘caranguejos’), o verbo não recebe o morfema derivacional =*pa*, mas sim o morfema que denota distributivo/repetitivo =*la*, que é utilizado quando uma ação é realizada várias vezes, por uma ou por várias pessoas.

Outros verbos dinâmicos quando são derivados por meio do morfema =*pa* não têm o significado alterado, mas recebem a noção de telicidade, ou seja, de uma ação que foi completada, isto é, realizada até seu término, como nos exemplos abaixo:

(35) a. *ĩ wa ösö pewö kokapalöma*

ĩ wa= ösö= pewö= koka =**pa** =li =ma

ANA 2SG= CLN:pele= TOT= juntar =DER =PFV =PST

‘Você juntou todas as cascas.’

(Peixes, pg 45)

b. *sote wa tiä mapalonö*

sote wa= tiä ma =pa =lo =nö

peneira 2SG= tecer parar =DER =PFV =REL.PST

‘Depois que você terminar de tecer a peneira.’

Note que em (35a) o significado do verbo *koka* ‘reunir, juntar’ não foi alterado, mas o morfema *=pa* conferiu à raiz a noção de ação completada, realizada até o fim. Neste exemplo, o trabalho de juntar as cascas terminou, pois todas as cascas já foram reunidas. Em (35b) o verbo *ma* ‘terminar’ também não teve seu significado alterado, mas a noção de telicidade foi acrescida à raiz.

Listamos no quadro abaixo alguns verbos que aceitam *=pa* mas que não têm seu significado alterado com a inserção desse morfema.

Quadro 10 – Raízes de verbos dinâmicos derivadas com =pa sem alteração de significado

raiz	raiz derivada	tradução
<i>mamo tete</i>	<i>mamo tetepa</i>	prestar atenção
<i>hula</i>	<i>hulapa</i>	soltar
<i>ko</i>	<i>kopa</i>	voltar
<i>simö</i>	<i>simöpa</i>	mandar/enviar
<i>ukö</i>	<i>uköpa</i>	tirar
<i>lakö</i>	<i>laköpa</i>	afundar
<i>nosi</i>	<i>nosipa</i>	descascar
<i>öka</i>	<i>öka</i>	amarrar
<i>sopaha</i>	<i>sopahapa</i>	aquecer, esquentar
<i>kalo</i>	<i>kalopa</i>	rachar
<i>lö</i>	<i>löpa</i>	derramar
<i>salaka sokä</i>	<i>salaka sokäpa</i>	pescar
<i>pä</i>	<i>päpa</i>	cortar
<i>koka</i>	<i>kokapa</i>	reunir, juntar
<i>pauti</i>	<i>pautipa</i>	cortar
<i>kusä</i>	<i>kusäpa</i>	abrir, desembrulhar
<i>walo</i>	<i>walopa</i>	chegar
<i>kahe</i>	<i>kahepa</i>	escorregar
<i>hösökö</i>	<i>hösököpa</i>	iluminar

Verbos dinâmicos derivados de verbos atributivos:

Verbos atributivos podem se tornar verbos dinâmicos por meio da inserção do morfema de aspecto perfectivo. Note o contraste entre (36a) e (36b). No primeiro, não há morfemas de aspecto e tempo após a raiz, pois trata-se de uma sentença atributiva, isto é, que denota o

estado de uma entidade. Já no segundo, há, após a raiz, morfologia de aspecto e tempo, trata-se, portanto, de uma sentença dinâmica, isto é, que indica uma mudança de estado.

Quando estão em sua forma dinâmica, verbos originalmente atributivos podem receber o derivacional *=pa* (36c):

(36) a. *ana amo hãsiti*

ana amo= hãsiti
 cogumelo CLN:cogumelo seco/desidratado
 ‘O cogumelo está desidratado.’

b. *kamisanö ipa ana sa amo hãsitiki ke*

kami =sa =nö ipa ana
 1 =1SG =ERG 1POS cogumelo

sa= amo= hãsiti =ki ke
 1SG= CLN:cogumelo= seco/desidratado=PFV PST
 ‘Eu desidratei meu cogumelo.’

c. *kamisanö ipa ana sa amo hãsitipali ke*

kami =sa =nö ipa ana
 1 =1SG =ERG 1POS cogumelo

sa= amo= hãsiti =pa =li ke
 1SG= CLN:cogumelo= seco/desidratado=DER =PFV PST
 ‘Eu desidratei meu cogumelo completamente.’

Ferreira (2017, p. 279), analisando o morfema cognato da língua Yanomama (*=pra*), sugere que seu uso em verbos atributivos denota completude, isto é, expressa que houve uma mudança de estado que afetou toda a entidade. Em Sanöma, a análise do autor condiz com a noção de télico que *=pa* insere nos verbos dinâmicos que apresentamos anteriormente. Em verbos originalmente atributivos, esse morfema adiciona a noção de uma ação realizada no sentido de alterar o estado de uma entidade por inteiro.

No quadro abaixo apresentamos exemplos de verbos atributivos que aceitam o morfema derivacional *=pa*.

Quadro 11 – Raízes de verbos atributivos derivadas com =pa

raiz	significado	raiz derivada	significado
<i>heu</i>	molhado	<i>heupa</i>	molhar
<i>wani</i>	quebrado	<i>waniapa</i>	quebrar
<i>pi honi</i>	triste	<i>pi honipa</i>	entristecer
<i>toti</i>	bom, belo	<i>totipa</i>	embeleazar
<i>hanaha</i>	vermelho	<i>hanahapa</i>	avermelhar
<i>halo</i>	embrulhado	<i>halopa</i>	embrulhar
<i>halo toleke</i>	embrulhado (tipo específico de embrulho)	<i>halo tolekepa</i>	embrulhar
<i>halo humöma</i>	embrulhado (tipo específico de embrulho)	<i>halo humömapa</i>	embrulhar
<i>halo puusi</i>	embrulhado (tipo específico de embrulho)	<i>halo puusipa</i>	embrulhar
<i>löpö</i>	assado	<i>löpöpa</i>	cozinhar, assar?
<i>noki</i>	moqueado	<i>nokopa</i>	moquear
<i>salu</i>	lavado	<i>salupa</i>	lavar
<i>mohi</i>	preguiçoso	<i>mohipa</i>	ficar com preguiça
<i>mota</i>	cansado	<i>motapa</i>	ficar cansado
<i>aulu</i>	doente	<i>aulupa</i>	ficar doente
<i>sopi</i>	quente, febril	<i>sopipa</i>	ficar quente, ficar febril

Verbos dinâmicos derivados de verbos posicionais

Assim como ocorre com verbos dinâmicos, verbos posicionais tornam-se dinâmicos por meio de morfemas gramaticais de aspecto e tempo (37b). Então, passam a expressar o processo para atingir a posição, e não mais a posição como um resultado final. Quando estão em sua forma dinâmica, esses verbos, originalmente posicionais, podem receber o morfema *=pa* (37c).

Em sua tese de doutorado sobre a língua Yanomama, Ferreira (2017) analisa que quando o morfema cognato dessa língua (*=pra*) é inserido em verbos posicionais, ele indica que a mudança de posição foi feita de forma rápida ou repentina. Para afirmarmos que *=pa* possui o mesmo efeito na língua Sanõma, é preciso um estudo específico analisando a ocorrência desse morfema em verbos posicionais em situações diversas.

Nos exemplos abaixo vemos o contraste entre sentenças sem o morfema derivacional *=pa* e com ele. O verbo *öpaa* em (37a) expressa um estado, isto é, a posição do homem. O verbo em (37b) expressa a mudança de estado, ou de posição, (37c) também expressa mudança de posição. No entanto, precisamos de mais elementos para afirmar que a mudança foi brusca ou repentina.

(37) a. *wano tä öpaa*

<i>wano</i>	<i>tä=</i>	<i>öpa</i>	<i>=a</i>
homem	CLN:gnr=	em.pé	=POST

‘O homem está em pé.’

b. *a öpaki ke*

<i>a=</i>	<i>öpa</i>	<i>=ki</i>	<i>ke</i>
3SG=	em.pé	=PFV	PST

‘Se levantou. / Ficou em pé.’

c. *ĩ ti ola naha a wani öpapaköma*

ĩ =ti =ola =naha

ANA CLN:madeira =cabeceira =OBL

a= wani= öpa =pa =ki =ma

3SG= DEPR= estar.em.pé =DER =PFV =PST

‘Ficou em pé na ponta da madeira’

O quadro abaixo ilustra exemplos de verbos posicionais que aceitam o morfema *=pa*.

Quadro 12 – Raízes de verbos posicionais derivadas com *=pa*

raiz	significado	raiz derivada	significado
<i>öpaa</i>	estar em pé	<i>öpapa</i>	levantar
<i>loa</i>	estar sentado	<i>lopa</i>	sentar
<i>titia</i>	estar dentro	<i>titipa</i>	colocar dentro

Vimos nesta seção que o morfema derivacional *=pa* insere a noção de telicidade em verbos dinâmicos e em verbos dinâmicos derivados de verbos atributivos (que denotam a característica de uma entidade). Essas raízes passam a denotar uma ação ou processo que possui um término intrínseco, esperado, como ‘conhecer alguém’, ‘construir uma casa’.

Em verbos dinâmicos derivados de verbos posicionais a função de *=pa* deve ser melhor investigada.

5.6.2.3 Reflexivo/intransitivizador *=mo*

À direita da raiz verbal, após o *=pa*, ocorre o morfema derivacional *=mo*, que tem a função de alterar a voz, ou diátese, do verbo. Voz é a construção sintática que indica os papéis semânticos de cada argumento da sentença (agente, paciente, ou alvo) (PAYNE, 2006) (COMRIE, 1989). *=mo* diminui a valência do verbo ao transformar verbos transitivos em

intransitivos suprimindo um dos argumentos da sentença. As sentenças derivadas com *=mo* podem ser de dois tipos: reflexivas e médias. Esse morfema ocorre com diferentes subclasses de verbos (dinâmicos (transitivos e intransitivos)) e em verbos atributivos (que denotam características de entidades). Outra função desse morfema é criar verbos a partir de nomes.

Reflexivo

Com a inserção de *=mo*, verbos transitivos tornam-se verbos reflexivos intransitivos. O objeto é subtraído, de modo que o único argumento absolutivo (sujeito da intransitiva) é o que executa e o que sofre a ação. Os exemplos abaixo ilustram como a inserção de *=mo* transforma os verbos transitivos *saluu* ‘lavar’ e *taa* ‘ver’, em verbos intransitivos reflexivos.

(38) a. *ipa ulu sa ose salu ke*

ipa ulu sa= ose= salu ke

1POS criança 1SG= pequeno= lavar PST

‘Dei banho em meu filho.’ (Lit. ‘Lavei meu filho.’)

b. *sa sanömo ke*⁴

sa= salu =mo ke

1SG= lavar =INTRZ PST

‘Me lavei.’

O exemplo (38a) mostra uma sentença transitiva com *sa* ‘eu’ e *ulu* ‘criança’ como sujeito e objeto respectivamente. (38b) é a versão reflexiva dessa sentença, em que *=mo* é adicionado à direita da raiz e a sentença se torna intransitiva, com o argumento absolutivo (sujeito) expresso por *sa* ‘eu’.

⁴ A inserção de *=mo* à direita da raiz *salu* ‘lavar’ acarreta um processo fonológico comum em sanöma que é a nasalização da vogal lateral [l] da sílaba anterior, que passa a se realizar como [n]. Há também o abaixamento da vogal alta [u] de *salu* ocasionado pela inserção da sílaba [mo], que contém uma vogal média-baixa. Esse tipo de processo fonológico de harmonia vocálica também é frequente na língua.

Da mesma forma, (39a) é uma sentença transitiva que possui sujeito (*sa* ‘eu’) e objeto (*kusi ãka* ‘fomiga’). Em (39b) o verbo recebe o intransitivizador *=mo* e a sentença se torna intransitiva e reflexiva, com um argumento periférico (*walala* ‘espelho’), que indica o local onde o sujeito se viu.

(39) a. *huki kusi ãka sa pö talali ke*

huki kusiãka sa= pö= ta =la =li ke

hoje formiga 1SG= 3PL= ver =DISTR =PFV PST

‘Hoje eu vi formigas.’

b. *walala naha sa tapamo kule*

walala =naha sa= ta =pa =mo kule

espelho =OBL 1SG= ver =DER =INTRZ PRS

‘Estou me vendo no espelho.’

Voz média

O morfema *=mo* também intransitiviza verbos transitivos sem torná-los reflexivos. A sentença que se forma com *=mo* nesses casos está na voz média, uma construção com um verbo intransitivo derivado de um verbo transitivo cujo agente é eliminado. O objeto da transitiva torna-se o sujeito da intransitiva, um sujeito paciente, que sofre a ação.

Chamamos de voz média o tipo de construção em que o objeto de um verbo transitivo passa a sujeito desse mesmo verbo e o agente do verbo é eliminado (assim como a noção de agência) em sua forma intransitiva. Veja um exemplo do português de alternância da voz ativa (40a) para a voz média (40b):

(40) a. ‘Eu cozinhei o feijão.’

b. ‘O feijão cozinha fácil.’

Veja que o objeto ‘o feijão’ do verbo transitivo ‘cozinhar’ de (40a) torna-se o sujeito do mesmo verbo ‘cozinhar’ em sua forma intransitiva em (40b) e o agente ‘eu’ é eliminado.

Abaixo estão alguns exemplos em Sanõma de sentenças na voz média derivadas com o morfema *=mo*.

(41) a. *moka sai tapamo hatu kua totio pasio makitö*

moka sai= ta =pa =mo hatuku =a toti =o
rã verdadeiro ver =DER =INTRZ claro =PRS bem =STV

pasi =o ma =kitö
evidente =STV não_existir =MODAL

‘Rãs não são encontradas à luz do dia.’

b. *uli hamö wa namö huu tähä kukukumö wa tapa totiomi numai ha a hinimo pöö*

uli =hamö wa= namö huu =tähä kukukumö
floresta =LOC 2SG= caçar ir =REL.PRS kukukumö

wa= a= ta =pa toti =o =mi numai =ha
2SG= 3SG= ver =DER bem =STV =NEG noite =OBL

a= hini =mo pö =o =ö
3SG= ouvir =INTRZ apenas =STV =DYN

‘Quando você caça na floresta, você não encontra a ave *kukukumö*. À noite ela apenas é ouvida.’

Note nos exemplos acima que apesar de serem sujeitos sintáticos das sentenças, *moka sai* ‘rã’ (41a) e *kukukumö* ‘ave’ (41b) não são agentes de ver e ouvir, respectivamente, mas pacientes dessas ações.

Em Sanõma também é possível criar verbos na voz médias com *=mo* com sujeitos inanimados. Note nos exemplos abaixo que os sujeitos dos verbos intransitivos são *hamima amo* ‘um tipo de cogumelo’ (42a) e *hasa tu* ‘um tipo de mel’ (42b). Esses argumentos são os

objetos da forma transitiva dos verbos *oaö* ‘comer’ e *koaö* ‘beber’. Na construção média, o agente da transitiva é eliminado e o objeto torna-se o sujeito paciente da intransitiva.

(42) a. *hamima amo oamo hami*

hamima amo= oa =mo hami

hamima CLN:cogumelo= comer =INTRZ *picante*

‘O cogumelo *hamima* tem sabor picante. / O cogumelo *hamima* é picante ao comer.’

(Literalmente: ‘O cogumelo *hamima* come picante.’)

b. *hasa tuu koamomi*

hasa tu= koa =mo =mi

veado CLN:líquido= beber =INTRZ =NEG

‘O mel *hasa* não é de beber. (Literalmente: O mel *hasa* não bebe.)’

Outra forma de se obter a voz média na língua Sanöma é por meio do morfema conservativo *=po* que adiciona à raiz a noção de permanecer, manter, continuar (ver seção 5.6.2.6 sobre o morfema *=po*). Quando um verbo derivado para a voz média contém a noção de permanência, seria esperado que após a raiz ocorressem os morfemas *=mo* e *=po*, nesta mesma ordem. No entanto, segundo os dados de nosso *corpus*, esses dois morfemas não coocorrem, mas somente *=po* é realizado.

Nossa hipótese para esses casos de voz média com o morfema *=po* é que, por alguma razão a ser identificada em estudos futuros, *=mo* é apagado, e apenas *=po* é mantido fonologicamente. Note que a noção de permanência está contida nos exemplos abaixo. Todas as sentenças se referem a uma verdade incontestável, portanto permanente.

(43) a. *hapoka a naha salo a tupoö*

hapoka =a =naha salo a= tu =po =ö

panela =3SG =OBL *animal* 3SG= cozinhar=*CSVT* =DYN

‘Carne cozinha na panela.’

b. *ĩnamasi tönö ĩsã ãĩ nokopoö*

ĩnamasi =tö =nö ĩsã ãĩ= *noko* =po =ö
 sol =CLN:gnr=INS beiju CLN:beiju= moquear =CSVT=DYN
 ‘Beiju seca com o sol.’

c. *wakalai ha amotha a wani huu tapomi*

wakalai =ha *amotha* a= *wani*= *hu*=a ta =po =mi
 dia =OBL paca 3SG= DEPR= ir =PFV.VWLver =CSVT=NEG
 ‘Durante o dia não se vê paca andando.’

d. *wakalai ha amu una wani komö hinipomi*

wakalai =ha *amu* una=
 dia =OBL *amu* CLN:ave

wani= *komö* *hini* =po =mi
 DEPR= *cacarejar* *escutar* =CSVT=NEG
 ‘Durante o dia não se escuta aves *amu una* cacarejando.’

Nas sentenças acima, além de voz média, temos a noção de permanência, de continuidade. Todos os exemplos tratam de uma ação frequente, habitual, ou ainda de situações que são sempre verdade.

Verbos intransitivos denominais

Outra forma com que o morfema =mo cria verbos intransitivos é a partir de uma raiz nominal⁵. Nesses casos, há uma rica semântica envolvida nos verbos denominais, uma vez que

⁵ Os Sanõma utilizam =mo também para criar verbos a partir de radicais verbais do português, como em:

diferentes tipos de significados podem ser atribuídos a eles. No entanto, em todos os exemplos de nosso *corpus*, verbos denominais derivados por meio de *=mo* podem ser lidos como “ficar com N”, em que N é o nome verbalizado. Esse tipo de derivação é usada para criar verbos com sentido de: usar N (N=adorno ou pintura corporal) (44a), sofrer de N (N=enfermidade ou parte do corpo) (44b-c), produzir N (N=canto, dança, ritual) (44d), coletar N (N=alimento) (44e).

(44) a. *pata tä ãsõnõmotima*

pata tä= ãsõnõ =mo =ti =ma

velho CLN:gnr= carvão =INTRZ =DUR =PST

‘Os homens mais velhos se pintavam de preto.’ / ‘Os homens mais velhos ficavam com carvão.’ (Literalmente: ‘Os homens mais velhos “encarvoavam”.’)

b. *hāwä a oalöma a amukumo opaö*

hāwä a= oa =li =ma

morcego 3SG= comer =PFV =PST

a= amuku =mo opa =ö

3SG= fígado =INTRZ INTNS =DYN

‘Se ele comeu morcego, tem muita dor no fígado.’ / ‘Se ele comeu morcego, sofre do fígado.’

sa ligamo ke

sa= liga =mo ke

1SG= ligação=INTRZ PST

‘Eu liguei. / Telefonei.

e

sa viajamo ke

sa= viaja =mo ke

1SG= viagem =INTRZ PST

‘Eu viajei.

c. *wa kamakalimo tähä koami watä koaö*

wa= kamakali =mo =tähä koami

2SG= febre =INTRZ =REL.PST remédio

wa= tä= koa =ö

2SG= CLN:gnr= beber =DYN

‘Quando você fica com malária, você toma remédio.’

d. *kamisa hekulamo halu ke*

kami sa= hekula =mo halu ke

1 1SG= espírito =INTRZ madrugada PST

‘Eu fiz xamanismo de madrugada.’ / ‘Eu fiquei com espírito de madrugada.’

e. *kamisa salakamo hena ke*

kami sa= salaka =mo hena ke

1 1SG= peixe =INTRZ manhã PST

‘Eu peguei peixe de manhã.’ / ‘Eu fiquei com peixe de manhã.’

Vimos nesta seção que o morfema derivacional *=mo* possui três funções: criar verbos reflexivos a partir de verbos transitivos, criar verbos na voz média a partir de verbos transitivos, transformar nomes em verbos intransitivos com a leitura “ficar com N”.

5.6.2.4 Causativo/transitivizador *=ma*

A função do morfema derivacional *=ma* é adicionar um argumento ao verbo, fazendo com que um verbo intransitivo se torne transitivo. Nessa alternância sintática, o sujeito do verbo intransitivo (45a) se torna o objeto do verbo transitivo causativizado (45b), ou o *causee*.

O argumento adicionado, por sua vez, possui a função sintática de argumento ergativo e

possui o papel temático de *causer*, isto é, o executor da ação (COMRIE, 1989) (SHIBATANI, 2002).

(45) a. *mokota a kelaso ke*

mokota a= ke =laso ku =he
 cuia 3SG= cair =PFV TEST =PST.H.REC
 ‘A cuia caiu.’

b. *Totolima anö mokota a kemani ke*

Totolima =a =nö mokota a= ke =ma =li ku =he
 Totolima =3SG =ERG cuia 3SG= cair =CAUS=PFV TEST =PST.H.REC
 ‘Totolima derrubou a cuia.’ / ‘Totolima fez a cuia cair.’

Sabemos que a sentença *a kelasoke* ‘Caiu’ em (45a) é intransitiva pela presença do morfema de aspecto perfectivo *=laso*, que é usado apenas em verbos intransitivos (ver seção 5.6.3.1).

Em (45b) sabemos que o verbo ‘cair’ está em sua forma transitiva pois a raiz verbal contém o morfema de aspecto perfectivo exclusivo de verbos transitivos *=li* (realizado como *=nö* por causa de processos fonológicos), e há um argumento agente, marcado pelo morfema de caso ergativo *=nö* (*Totolima a*).

Quando um verbo transitivo é causativizado, o argumento ergativo da sentença original (45a), se torna o argumento oblíquo do verbo causativizado (45b), e passa a possuir a função de *causee*, isto é, a entidade que é compelida a realizar a ação (COMRIE, 1989) (SHIBATANI, 2002).

(46) a. *Kakatima anö hapoka a salupali ke*

Kakatima =a =nö hapoka a= salu =pa =li ke
 Kakatima =3SG =ERG panela 3SG= lavar =DER =PFV PST
 ‘Kakatima lavou a panela.’

b. *Pakokai anö Kakatima a naha hapoka a salupamanike*

Pakokai =a =nö Kakatima =a =naha hapoka

Pakokai =3SG =ERG Kakatima =3SG =OBL panela

a= salu =pa =ma =li ke

3SG= lavar =DER =CAUS=PFV PST

‘Kakatima lavou sua panela por meio de Pakokai. / ‘Kakatima fez Pakokai lavar a panela dela.’

O verbo transitivo em (46a) possui dois argumentos: o ergativo (agente) *Kakatima a*, e o absolutivo (objeto) *hapoka a* ‘panela’. Em (46b), a inserção do causativizador *=ma* no verbo introduz um novo participante na sentença: *Pakokai a*, que é o causador da ação, fazendo com que o argumento que era agente em (46a) se torne um argumento periférico em (46b), marcado pelo morfema de caso oblíquo *=naha*.

A sentença pode ser entendida da seguinte forma: O argumento ergativo (*Pakokai a*) é o promotor, ou mandante, da ação, de modo que sua agência faz com que a panela seja lavada, mas o meio usado por *Pakokai* para realizar essa ação é o argumento oblíquo, ou *causee*, marcado por *=naha* (Kakatima), que era o agente da sentença antes da causativização via *=ma* ser realizada.

O morfema *=ma* pode ser inserido em verbos dinâmicos (transitivos e intransitivos), como vimos nos exemplos (45) e (46), e em verbos dinâmicos derivados de verbos estativos (posicionais e atributivos), como ilustram os exemplos abaixo. Em todos os casos, sua função é aumentar a valência do verbo introduzindo um argumento agente.

(47) a. *maa tönö Totolima a hai ĩ wani tökö heulasoma*

maa =tö =nö Totolima =a =hai ĩ wani

água =CLN:gnr=INS Totolima =3SG =GEN ANA coisa

tö= kö= heu =laso =ma

CLN:gnr= 3PL= molhar =PFV =PST

‘As coisas de Totolima molharam com a chuva.’

b. *Kakatima anö Kunatoi a hai atakusa heumanike*

Kakatima =a =nö *Kunatoi* =a =hai *atakusa*

Kakatima =3SG =ERG *Kunatoi* =3SG =GEN *espingarda*

a= *heu* =ma =li *ke*

3SG= molhar =CAUS=PFV PST

‘Kakatima molhou a espingarda de Kunatoi.’

(47a) é uma sentença com verbo intransitivo dinâmico (*heulasoo* ‘molhar’) derivado de um verbo atributivo (*heu* ‘estar molhado’). O argumento central do verbo em (47a) é *Totolima a hai i wani tökö* ‘as coisas de Totolima’. Sabemos que o verbo é intransitivo pois o morfema de aspecto perfectivo é =*laso*, que é usado apenas em verbos intransitivos, por isso, o argumento *maa tä* ‘chuva’ não é marcado com o morfema =*nö* de caso ergativo (sujeito de transitiva), mas com seu morfema homófono que marca caso instrumental. *maa tä* ‘chuva’ é, portanto, um argumento periférico⁶.

No exemplo (47b), quando =*ma* é inserido no verbo dinâmico derivado de um verbo atributivo (que denota a característica de uma entidade), ele habilita a introdução de um argumento agente, que causa a ação, tornando o verbo bivalente, portanto. Note que o morfema de aspecto perfectivo é =*li*, que é usado apenas em verbos transitivos (ver seção 6.6.3.1).

(48) a. *Pakokai a loki ke*

Pakokai a= *lo* =ki *ke*

Pakokai 3SG= sentar =PFV PST

‘Pakokai sentou.’

⁶ Em Sanöma existe uma restrição que impede seres inanimados de serem agentes de verbos transitivos. Por isso, apesar de o morfema utilizado tanto para caso ergativo quanto para caso instrumental ser aparentemente o mesmo, pois a forma é igual (*nö*), suas funções sintáticas devem ser diferenciadas. Em outras palavras, entidades que não possuem o traço [+animado] não podem ser sujeitos de verbos transitivos, mas somente podem ocupar a posição de argumento periférico do verbo. Assim, serão marcados para caso instrumental ou oblíquo, mas nunca para caso ergativo.

b. *ulu sa tä lomaköma a ökösoma*

ulu sa= tä= lo =ma =ki =ma

criança 3SG= =CLN:gnr sentar =CAUS=PFV =PST

a= ökö =so =ma

3SG= chorar =PFV =PST

‘Eu sentei a criança e ela chorou.’

Os exemplos acima ilustram o mesmo tipo de mecanismo de aumento de valência com o causativizador *=ma*, porém com um verbo dinâmico derivado de um verbo posicional. O morfema de aspecto perfectivo é *=ki*, que é o morfema utilizado em verbos posicionais (ver seção 5.6.3.1).

5.6.2.5 Conservativo *=po*

O morfema derivacional *=po* introduz à raiz verbal a noção de conservar, manter, permanecer. O morfema correlato na língua Yanomama (*=pu*) foi glosado por Ferreira (2017, p. 282) como ‘*conservative*’. Utilizaremos a mesma glosa em Sanöma.

Devido à semelhança do sentido e da forma desse morfema com a raiz verbal *po* ‘guardar/possuir’, é possível aventar duas hipóteses sobre o *status* desse morfema:

1. O próprio verbo *po* ocorre como um morfema livre em uma construção multi-verbal modificando o verbo principal e adicionando-lhe o sentido de ‘possuir, guardar’, em sentenças como: ‘A mulher carregou a criança guardando-a em uma tipóia.’ em que ‘carregar’ é o verbo principal e ‘guardando’ é o verbo secundário realizado como *po*, ou ainda em: ‘Eu usei tabaco guardando-o em minha boca.’⁷ em que ‘usar’ é o verbo principal e ‘guardando’ é o verbo secundário realizado como *po*.

⁷ Os Sanöma utilizam dentro da boca, encostado na gengiva inferior, um rolo preparado com folha seca de tabaco e cinzas.

2. Em um predicado composto por mais de um verbo, o uso frequente do verbo *po* ‘guardar/possuir’ como um verbo secundário, que modifica o verbo principal teria acarretado um processo de gramaticalização do verbo, em que este teria se tornado um morfema funcional, que insere em raízes verbais as noções de ‘guardar’, ‘possuir’. Estas noções teriam sido expandidas, abarcando também as noções de ‘conservar’, ‘manter’, ‘permanecer’.

Veja os exemplos abaixo, em que verbos com o sentido de ‘carregar’ ocorrem juntamente com o morfema *=po*. Este é o tipo de construção em que é mais fácil perceber que o morfema *=po* se origina no verbo *po* ‘guardar’:

(49) a. *Totolima anö pii ni kalepoö*

Totolima =a =nö pi

Totolima =3SG =ERG tabaco

ni= kale =po =ö

CLN:tabaco= carregar-na-boca =CSV T =DYN

‘Totolima usa tabaco.’

b. *Pakokai a lotete epö kutenö solai a hute sipö sinomoö*

Pakokai a= lotete =epö =kutenö

Pakokai 3SG= ser.forte =INTNS =REAS

solai a= hute si =po sinomo =ö

cesto 3SG= ser.pesado carregar.na.testa =CSV T sempre =DYN

‘Pakokai sempre carrega o cesto pesado pois anda muito rápido.’

c. *Kakatima anö kama hai ã ulu a halepo sinomoö*

Kakatima =a =nö *kama*=hai ã *ulu*

Kakatima =3SG =ERG 3 =GEN ANA criança

a= *hale* =po *sinomo* =ö

3SG= carregar-no-ombro =CSV sempre =DYN

‘Kakatima sempre carrega seu filho (na tipoia).’

A raiz de um verbo que denota ‘carregar’ também pode ocorrer sem o morfema =po, como em (50b) abaixo:

(50) a. *Totolima anö ulu tä söpöpoma*

Totolima =a =nö *ulu* tä= *söpö* =po =ma

Totolima =3SG =ERG criança CLN:gnr= carregar =CSV =PST

‘Totolima carregou seu filho.’

b. *Kakatima anö maa tu pi söpöa konönöma*

Kakatima =a =nö *maa tu*= *pi*=

Kakatima =3SG =ERG água CLN:líquido= CONT=

söpö =a *ko* =olö =li =ma

carregar =PFV.VWL voltar =VEN =PFV =PST

‘Kakatima carregou água de volta (para casa).’

No exemplo em que o objeto do verbo *söpö* ‘carregar’ é *maa tu* ‘água’, o morfema =po não é utilizado (50b). A razão para que isso ocorra pode ser pragmática. A sentença (50a), que contém =po, indica que a criança foi carregada por um período longo. Já em (50b), como normalmente o local onde se busca água é próximo às casas, perde-se a noção de permanência, pois o ato de carregar água de volta para casa é breve.

Sobre as duas hipóteses sobre o *status* do segmento [po] (se morfema livre ou clítico funcional), vejamos os exemplos abaixo. As duas sentenças abaixo são iguais, porém, em cada uma a segmentação morfológica representa uma interpretação diferente sobre o *status* de

[po]. Em (51a) temos a interpretação de [po] como um morfema derivacional, e em (51b), dele como um verbo, portanto, um morfema livre.

(51) a. *Totolima a hai ã pole anö walä a hõtoma**poma***

Totolima =a =hai ã pole =a =nö walä

Totolima =3SG =GEN ANA cachorro =3SG =ERG queixada

*a= hõto =ma =**po** =ma*

*3SG= acuar=CAUS=**CSV**T =PST*

‘O cachorro de Totolima acuiu a queixada.’

b. *Totolima a hai ã pole anö walä a hõtoma **poma***

Totolima =a =hai ã pole =a =nö walä

Totolima =3SG =GEN ANA cachorro =3SG =ERG queixada

*a= hõto =ma **po** =ma*

*3SG= acuar=CAUS**possuir** =PST*

‘O cachorro de Totolima acuiu a queixada.’

A sentença analisada como (51b) poderia ser classificada como uma construção multi-verbal adverbial, isto é, um tipo de construção em que o verbo secundário modifica o verbo principal. Nesse tipo de construção multi-verbal, no entanto, apenas verbos atributivos podem ocupar a posição de verbo secundário, que adiciona no verbo principal informações sobre o modo como a ação teria ocorrido. No caso do par de exemplos acima, a informação adicionada ao verbo ‘acuar’ seria ‘de forma permanente’ ou ‘por um longo período’. No entanto, a interpretação de que *po* seria um verbo secundário aparentemente não é correta, pois o verbo *po* ‘guardar, possuir’ não é um verbo atributivo, mas sim um verbo dinâmico.

Poderíamos, ainda, considerar a sentença em (51) como uma construção com verbos seriais, em que não há a especificação de que o verbo secundário seja atributivo. Em construções seriais, no entanto, todos os verbos que não estão na última posição da sentença possuem marcas de aspecto conforme o aspecto da sentença. Assim, se a sentença é perfectiva (como é o caso do exemplo (51)), à direita de cada raiz verbal (com exceção da

última) há a marca de aspecto perfectivo *=a* (PFV.VWL) como ocorre no exemplo (50b), e somente a raiz verbal final recebe a marca de perfectivo conforme sua classe (*=li* ou *=ki*). Isso não ocorre no exemplo (51).

Outro argumento que pode ser utilizado para refutar a hipótese de que o segmento [po] seria o próprio verbo usado em uma construção multi-verbal é que é possível ocorrer o morfema causativo *=ma* entre a raiz do verbo *hõto* ‘acuar’ e o segmento [po], como ocorre em (51). No entanto, em construções que envolvem mais de um verbo em sequência⁸, esse morfema não pode ocorrer nesta posição, mas somente à direita do verbo final⁹.

Note nos exemplos abaixo o morfema *=po* ligado a outras raízes verbais com sentidos diferentes de ‘carregar’:

(52) a. *hosa wa wai oalö noai ha ai tänö wa he säki tähä pe epii wa iä mapomi*

hosa wa= wai= oa =li =noai =ha

rolinha 2SG= DIM= comer =PFV =INFR =REL.PST

ai =tö =nö wa= he= sä =ki =tähä

outro=CLN:gnr=ERG 2SG= cabeça= bater =PFV =REL.PRS

pe =epi wa= iä ma =po =mi

grande =INTNS 2SG= comer acabar =CSVN=NEG

‘Se você comeu uma rolinha, quando alguém bater em sua cabeça, você vai sangrar sem parar (continuamente).’

⁸ Para uma análise mais completa sobre construções multi-verbais em uma língua da família Yanomami, ver Ferreira (2017), que detalha os diferentes tipos de construções com mais de um verbo na língua Yanomama. Embora esse tipo de construção na língua Sanõma ainda não tenha sido descrita, muitos fenômenos são similares aos do Yanomama.

⁹ Ferreira (op. cit., p. 570) elenca os morfemas que podem ocorrer nos verbos não finais em construções com mais de um verbo. Apenas são permitidos morfemas de classe verbal e alguns morfemas derivacionais em construções imperativas: (*=i* para verbos dinâmicos *=a* para posicionais, *=o* para irregulares. Posicionais e atributivos podem ainda receber o derivacional *=a* seguido do dinâmico *=i* e o intransitivizador *=mu* seguido do dinâmico *=i*). Em construções perfectivas, verbos não finais podem receber somente o perfectivo *=a*, e nenhum outro morfema. Embora ainda não tenhamos feito a descrição desses fenômenos em Sanõma, os dados de nosso corpus indicam que o comportamento nesse tipo de construção é muito similar ao do Yanomama.

b. *hĩso-ukukulemō wa oalōma wa unamōsō siti**po** pasioō*

hĩso-ukukulemō wa= oa =li =ma

espécie-de-peixe 2SG= comer =PFV =PST

*wa= unamō ösō= siti =**po** pasi =o =ö*

2SG= garganta CLN:pele= coçar =**CSVT** ser.evidente =STV =DYN

‘Você comeu peixe *hĩso-ukukulemō*, sua garganta evidentemente coça continuamente (fica coçando).’

c. *Kunatoi anō Kakatima a pi salehe**poma***

Kunatoi =a =nō Kakatima

Kunatoi =3SG =ERG Kakatima

*a= pi= salehe =**po** =ma*

3SG= CONT= mirar =**CSVT** =PST

‘Kunatoi mirou Kakatima.’

Nos exemplos (52a-c) *=po* introduz a noção de permanência aos verbos. Assim como nos exemplos (49a-c) e (50b), em que esse morfema é inserido em verbos com o sentido de carregar.

Vimos nesta seção que o morfema derivacional *=po* introduz nos verbos as noções ‘conservar’, ‘manter’, ‘permanecer’, e que sua origem possivelmente é a raiz verbal *po* ‘possuir, guardar’, sincronicamente usada em Sanōma como uma forma livre.

5.6.2.6 Recíproco *=so*

O morfema derivacional *=so* tem a função de tornar os verbos recíprocos, isto é, verbos em que a ação ou o estado afetam mutuamente os participantes da sentença.

O morfema recíproco intransitiviza verbos transitivos, como os dos exemplos abaixo.

(53) a. *wano tönö hi suö a pi ipama*

wano =tö =nö hi suö a= pi =ipa =ma

homem =CLN:gnr =ERG DEM mulher 3SG= gostar =INTNS =PST

‘O homem gostava muito dessa mulher.’

b. *suö tä wano tä ã naha kui töpö pipasolasoma*

suö =tä wano =tä ã =naha ku =i

mulher =CLN:gnr homem =CLN:gnr ANA =OBL existir =N.VIS

töpö= pi =pa =so =la =so =ma

3PL= gostar =DER =RECIP =DISTR =PFV =PST

‘A mulher e o homem gostaram um do outro.’ / ‘A mulher e o homem se gostaram.’

A sentença (53a) é transitiva e possui um sujeito (*wano tä* ‘homem’) e um objeto (*suö a* ‘mulher’). Em (53b) os argumentos topicalizados *wano tä* e *suö tä* se fundem, tornando-se um único argumento não marcado para caso (portanto absolutivo) expresso por meio de *ã naha kui töpö*, que em tradução literal significa ‘esses que existem’ e se refere aos nomes *suö tä* ‘mulher’ e *wano tä* ‘homem’.

O constituinte *ã naha kui töpö* é o sujeito do verbo intransitivo *pipaso* ‘gostar um do outro’. Note que o morfema de aspecto perfectivo em (53b) é *=so*, que é usado em verbos intransitivos, em contraposição a *=li*, que é usado em verbos transitivos (ver seção 5.6.3.1 sobre morfemas aspecto).

Apresentamos a seguir a alternância ocorrendo em uma sentença bitransitiva.

(54a) é a sentença cujo verbo não foi derivado pelo morfema recíproco. Ela possui um argumento oblíquo (*ipa husopö a* ‘minha esposa’), que é o alvo, um argumento ergativo (*kamisa* ‘eu’), que é o agente, e um argumento absolutivo (*pi ni* ‘tabaco’), que é o tema.

(54) a. *ipa husopö a naha kamisa nö pi sa ni simöpalöma*

ipa husopö =a =naha kami =sa =nö pi

1POS esposa =3SG =OBL 1 =1SG =ERG tabaco

sa= ni= simö =pa =li =ma

1SG= CLN:tabaco= mandar =DER =PFV =PST

‘Eu mandei tabaco para a minha esposa.’

b. *Kunatoi a suö tä ã naha kui töpönö pi ni simöa hetupasolasoma*

Kunatoi =a suö =tä ã =naha ku =i

Kunatoi =3SG mulher =CLN:gnr ANA =OBL existir =N.VIS

=tö =pö =nö pi ni= simö =a hetu

=cln:gnr =3PL =ERG tabaco CLN:tabaco= enviar =PFV.VWLLado

=pa =so =la =so =ma

=DER =RECIP =DISTR =PFV =PST

‘Kunatoi e a mulher mandaram tabaco um para o outro.’

Note que (54b) possui marcação argumental atípica em Sanöma. O fato de haver um argumento aparentemente ergativo, marcado para caso com *=nö* (*ã naha kui töpö* ‘esses que existem’), e um argumento absolutivo, não marcado para caso (*pi ni* ‘tabaco’), nos faz esperar que o verbo receba a marcação típica de verbos transitivos. No entanto, o verbo é marcado para aspecto perfectivo com *=so*, que é o morfema usado em verbos intransitivos.

Esse tipo de verbo com o morfema recíproco, que possui um argumento marcado com *=nö* e um argumento absolutivo, porém a marcação de verbos intransitivos na língua Yanomama, é analisado por Ferreira (2017, p. 521) como semi-transitivo.

Em Sanöma, quando um argumento recebe o morfema *=nö* e o verbo recebe morfologia de intransitivo, como o perfectivo *=so/=laso*, assumimos a análise de que o verbo é intransitivo e que o argumento marcado com *=nö* é um instrumento, e que *=nö*, nesses casos, não é o morfema de caso ergativo, mas o morfema homófono de caso instrumental. Em sentenças desse tipo, o argumento marcado para caso instrumental é inanimado, ou seja, não é um ser

vivo. No entanto, no caso específico das sentenças derivadas com o recíproco =so, o argumento recíproco, apesar de poder ser uma entidade animada, opera como argumento instrumental. Em outras palavras, o argumento marcado por =nõ em verbos recíprocos é um instrumento da reciprocidade, e não um argumento ergativo.

Esta seção mostrou que o morfema recíproco =so cria verbos intransitivos a partir de verbos transitivos, como nos exemplos em (53) em que o verbo transitivo de (53a) torna-se um verbo intransitivo quando o recíproco é inserido (53b).

Em sentenças bitransitivas, o recíproco =so deriva o verbo transitivo, tornando-o intransitivo. Na sentença derivada, o tema permanece com a função sintática de argumento absolutivo, mas deixa de ser objeto e passa a operar como sujeito do verbo intransitivo. O agente e o alvo, que na sentença não derivada possuíam as funções sintáticas de argumento ergativo e argumento oblíquo, respectivamente, na sentença derivada passam a ser um único argumento instrumental, isto é, um argumento que atua como instrumento da reciprocidade.

5.6.3 Enclíticos flexionais

As seções a seguir apresentam as funções e os usos dos morfemas flexionais verbais apresentados no Quadro 7.

5.6.3.1 Aspecto

Segundo a definição de Comrie (1976), aspecto é a categoria que expressa diferentes maneiras de ver a constituição temporal interna de uma situação. Apesar de ter relação com a categoria ‘tempo’, o aspecto se refere à temporalidade interna da situação, enquanto o tempo é uma categoria dêitica, que se refere a um tempo externo à situação.

A língua Sanöma marca morfologicamente os aspectos perfectivo, durativo, distributivo e celerativo.

Aspecto perfectivo

Segundo Comrie (1976, p. 16) perfectividade indica a visão de uma situação como um todo, sem distinguir as várias fases que a compõem (tradução nossa).

O quadro abaixo apresenta os morfemas de aspecto perfectivo em Sanöma

Quadro 13 – Morfemas de aspecto perfectivo

transitivo	intransitivo
<i>=li</i>	<i>=laso, =so</i>
	<i>=ki</i>
	<i>=pi</i>
	<i>=a</i>

O morfema de aspecto perfectivo *=li* (ou seus alomorfes *=ni*, *=nö*¹⁰) ocorre com verbos dinâmicos transitivos, e sua contraparte *=laso* ou *=so* ocorre com verbos dinâmicos intransitivos. Os perfectivos *=ki*, *=pi* e *=a* ocorrem tanto em verbos transitivos quanto em verbos intransitivos em contextos que serão apresentados ao longo desta seção.

Verbos atributivos e posicionais naturalmente possuem aspecto imperfeito, que não é marcado morfologicamente. No entanto, quando estão em sua versão incoativa, esses

¹⁰ Quando uma sílaba nasal antecede o morfema *=li*, ele é nasalizado e se realiza como [ni], como em [nokomanike] ‘moqueou’, em que a sílaba [ma] é o gatilho para a nasalização de *=li*, fazendo com que ele se realize como [ni]. Perceba que quando a sílaba que o precede o morfema *=li* é oral, ele mantém sua realização como [li]: nokopalike ‘moqueou’

Quando uma sílaba contendo a vogal baixa [a] ocorre após o morfema *=li*, ele é realizado como [li] (grafado como /lõ/, como em /säpalöma/.

Quando as duas situações ocorrem (*=li* é precedido por sílaba com consoante nasal e é sucedido por sílaba com vogal baixa, ele se realiza como [ni] (grafado como nö), como em /thomönöma/.

verbos passam a ser verbos dinâmicos derivados, e por isso são marcados pelo morfema de aspecto *=li*, quando são verbos transitivos e por *=laso* ou *=so* quando são intransitivos.

Nos exemplos em (55) *=li* ocorre em verbos dinâmicos transitivos não derivados de outras subclasses verbais:

(55) a. *aloamö könö Totolima a ösö wani wälali ke*

aloamö =kö =nö *Totolima*

jararaca =CLN:comprido =ERG *Totolima*

a= *ösö=* *wani=* *wä* =*la* =**li** *ku* =*he*

3SG= CLN:pele= DEPR= morder =DISTR =PFV TEST =PST.H.REC

‘A cobra jararaca mordeu Totolima.’

b. *Totolima anö ala a wani säpalöma*

Totolima =*a* =nö *ala* *a=* *wani=* *sä* =*pa* =**li** =*ma*

Totolima =3SG =ERG *arara* 3SG= DEPR= *bater* =DER =PFV =PST

‘Totolima matou uma arara.’

O perfectivo de verbos intransitivos ocorre como *=laso* (ou seu alomorfe [nasol]¹¹) em raízes verbais monossilábicas (56a) e como *=so* em raízes com duas ou mais sílabas, ou em radicais compostos por raízes com uma ou mais sílabas e morfemas derivacionais (56b):

(56) a. *Venezuela hamö Totolima a hul^{laso}löma*

Venezuela =*hamö* *Totolima* *a=* *hu* =**laso** =*olö* =*ma*

Venezuela =LOC *Totolima* 3SG= *ir* =PFV =AND =PST

‘Totolima foi para a Venezuela.’

¹¹ O morfema *=laso* se realiza como [nasol] quando é precedido por uma sílaba nasal, como em *kõnasolöma*, em que a vogal nasal [õ] é o gatilho para a nasalização de *=laso*.

b. *Totolima a naköpö käpasoma*

Totolima a= nakö pö= kä =pa =so =ma

Totolima 3SG= dente 3PL= quebrar =DER =PFV =PST

‘O dente de Totolima quebrou.’

Os perfectivos =li e =laso / =so também ocorrem em verbos dinâmicos derivados de verbos atributivos, isto é, na versão incoativa dos verbos atributivos, como nos exemplos abaixo, em que os verbos *hetehe* ‘ser leve’ e *amatosi* ‘ser duro’ estão em sua forma dinâmica.

(57) a. *au wö sa hetehepamanöma*

au wö sa= hetehe =pa =ma =li =ma

2POS cesto 1SG= ser.leve =DER =CAUS=PFV =PST

‘Tornei teu cesto leve.’

b. *ana amo amatosipasoma*

ana amo= amatosi =pa =so =ma

cogumelo CLN:cogumelo= ser.duro =DER =PFV =PST

‘O cogumelo endureceu.’

O morfema de aspecto perfectivo =ki (e seu alomorfe =kö¹²) ocorre em sentenças com verbos dinâmicos derivados de verbos posicionais, isto é, quando os verbos posicionais estão em sua versão incoativa, como no exemplo abaixo:

(58) *Totolima anö ãkomakö alaköma*

Totolima =a =nö ãkoma kö= ala =ki =ma

Totolima =3SG =ERG banana 3PL= colocar.sobre =PFV =PST

‘Totolima colocou as bananas (no jirau).’

¹² Assim como ocorre com o perfectivo =li, quando uma sílaba contendo a vogal baixa [a] ocorre após o morfema =ki, ele é realizado como [ki] (grafado como kö), como em makeköma.

O perfectivo =*pi*¹³ ocorre em apenas dois exemplos em nosso corpus, seguido do verbo *kõ*, ‘retornar’.

(59) a. *kama hai ã sai a naha a kopõma*

kama=hai ã sai =a =naha a= ko =pi =ma
 3 =GEN ANA casa =3SG =OBL 3SG= voltar =PFV =PST
 ‘Voltou para a casa dele.’

b. *kama hai ã pelupö a monösoma maaki pö a naha a lisi a kopõma*

kama=hai ã pelupö a= monö =so =ma =maaki
 3 =GEN ANA filho 3SG= perder =PFV =PST =CONCS

pö =a =naha a= lisi =a ko =pi =ma
 pai =3SG =OBL 3SG= encontrar =PVF voltar =PFV =PST
 ‘O filho se perdeu, mas reencontrou o pai.’

Na análise de Ferreira (2017) sobre a língua Yanomama os morfemas de aspecto perfectivo =*pi* e =*ki* também são utilizados quando o falante deseja marcar a direção da ação. O morfema =*pi* nessa língua é usado em verbos de movimento marcando a direção cislocativa (em direção ao falante) glosada como ‘venitiva’ pelo autor, enquanto a direção translocativa (afastando-se do falante) glosada como ‘andativa’ é marcada por =*ki*.

Em nossos dados da língua Sanõma temos exemplos de verbos de movimento em que =*ki* pode estar indicando direção translocativa (60a). No entanto, nossos exemplos com o morfema =*pi* não coincidem com a leitura de direção cislocativa, como mostram os exemplos em (59) acima.

(60) *sama a pata hălă wălăkiölöma*

sama a= pata= hălă wălă =ki =ölö =ma
 anta 3SG= grande= nadar descer.rio =PFV =AND =PST
 ‘A anta grande está descendo o rio a nado.’ [afastando-se do falante]

¹³ O morfema =*pi* sofre o mesmo processo fonológico que =*li* e =*ki*. Realiza-se como [pĩ] (grafado como pö) quando é precedido por uma sílaba contendo a vogal baixa [a], como em *kopõma*.

Para Borgman (1990), o morfema *=pi* em Sanöma é um marcador de mudança de foco “*change focus*” e é utilizado quando o foco do verbo é um objetivo final ou uma base em direção a qual a ação se dirige. Nossos exemplos (59) com *=pi* coincidem com a análise de que esse morfema denota uma ação perfectiva relacionada a um objetivo atingido, em que o objetivo é um local. Não adotaremos no entanto a terminologia de *change focus*, mas de aspecto.

A alternância cislocativo/translocativo ocorre em Sanöma com verbos de transferência, em que *=pi* acarreta uma leitura cislocativa ao verbo, sendo usado quando o alvo da transferência é o falante (61a). Por outro lado, *=ki* gera uma leitura translocativa, pois é usado quando a transferência ocorre para o outro participante da sentença, que não o falante (61b).

61) a. *kamisa naha noa mi tä totopike*

kami =sa =naha noa =mi tä= toto =pi ku =he
 1 =1SG =OBL trocar =NEG CLN:gnr= dar =PFV TEST =PST.H.REC
 ‘Não trocou comigo. Me deu.’

b. *kamisanö Kunatoi a naha sote a totoki ke*

kami =sa =nö Kunatoi =a =naha
 1 =1SG =ERG Kunatoi =3SG =OBL

sote a= toto =ki ku =he
 peneira 3SG= dar =PFV TEST =PST.H.REC
 ‘Eu dei a peneira para Kunatoi.’

O perfectivo *=a* é utilizado nos verbos não finais em construções com verbos seriais. Esse tipo de construção é muito produtiva em Sanöma e em outras línguas Yanomami¹⁴. A definição de Ferreira (2017), para as construções com verbos seriais na língua Yanomama será utilizada também para esse tipo de construção na língua Sanöma, pois aparentemente tratam-se do mesmo fenômeno. Segundo o autor “*The Yanomama serial verbs constructions conveys*

¹⁴ Ferreira (2017, p. 561) analisa construções com verbos seriais na língua Yanomama, que são muito similares às do Sanöma.

one simple predicate expressed by the main verb (always the first one of the series) which is followed by one or more minor verbs that add grammatical meanings to that main predicate”.

Quando essas construções são perfectivas, o verbo final será marcado pelo perfectivo =li ou =laso/=so, ou =ki, e o verbo não final será marcado por =a. Note nos exemplos abaixo que os verbos principais são marcados pelo perfectivo =a e os verbos secundários são marcados pelos perfectivos =li (62a) e =so (62b-c).

(62) a. *hoko nakö hasu a kopalöma*

hoko =nakö *hasu* =a *ko* =pa =li =ma

bacaba =CLN:folha tirar =PFV voltar =DER =PFV =PST

‘Tirou as folhas de bacaba novamente [do telhado].’

b. *a wani ke a henasoma*

a= wani= ke =a hena =so =ma

3SG= DEPR= cair =PFV amanhecer =PFV =PST

‘Caiu de manhã cedo.’

c. *koataka naha ökoma wa saki tähä a löpö a toitasoö*

koataka =naha *ökoma* wa= sa =ki =tähä

fogo =OBL banana 2SG= assar =PFV =REL.PRS

a= löpö =a toita =so =ö

3SG= cozinhar =PFV bom =PFV =DYN

‘Quando você assa banana na brasa ela fica bem cozida.’

Aspecto durativo

Durativo é o aspecto que indica que uma situação durou um certo período de tempo. Sua diferença para o aspecto imperfectivo é que o imperfectivo diz respeito à estrutura interna de uma situação (COMRIE, 1976), enquanto o durativo apenas indica a duração da

situação. Comrie (op. cit., p. 41) comenta que é possível haver formas perfectivas que inerentemente duram um certo período de tempo. Dessa forma, os aspectos durativo e imperfectivo não são incompatíveis. O autor afirma ainda que é preciso fazer uma distinção entre as noções de ‘imperfectivo’ e de ‘durativo’, em que o primeiro diz respeito à estrutura interna da situação (duração e sequência de eventos), enquanto o durativo se refere apenas ao fato de que a situação dura um certo período de tempo.

Em Sanõma o aspecto durativo é expresso pelo morfema *=ti*, como mostram os exemplos (63a-b). Assim como ocorre na língua Yanomama (FERREIRA, 2017, p. 320), *=ti* também pode expressar um situação habitual (63c).

(63) a. *Totolima anõ Kakatima a naha mauka kökö pälämatike*

Totolima =a =nõ Kakatima =a =naha mauka

Totolima =3SG =ERG Kakatima =3SG =OBL manga

kökö= pälä =ma =ti ku =he

3PL= cair.de.lugar.alto =CAUS=**DUR** TEST =PST.H.REC

‘Totolima derrubou mangas para Kakatima.’

b. *sätänapī tā inamoti tāhä*

sätänapī tā= inamo =ti =tāhä

não-indígena CLN:gnr=brincar =**DUR** =REL.PRS

‘Quando o não indígena brincou.’

c. *pata tā ĩsõnõmotima*

pata tā= ĩsõnõ =mo =ti =ma

homem.velho CLN:gnr=pintar.com.carvão =INTRZ =**DUR** =PST

‘Os homens mais velhos se pintaram de preto.’

Aspecto distributivo

O aspecto distributivo, expresso pelo morfema *=la*, marca o plural de verbos em contextos perfectivos. Devido à sua semântica é possível que esse morfema não seja aspectual, mas seja um marcador de pluralidade de eventos (SANCHEZ-MENDES, 2014). Indica que uma ação foi realizada uma vez por mais de uma entidade (nesses casos o sujeito do verbo intransitivo ou o agente do verbo transitivo será plural (64a)), ou mais de uma vez por uma entidade (neste caso o objeto é plural (64b-c)). O morfema *=la* coocorre com morfemas de aspecto perfectivo.

(64) a. *silakapö hãanasoke*

silaka *pö=* *hã* *=a* *=la* *=so* *ku* *=he*
 flecha 3SG= estar.apoiado.na.diagonal =DER =DISTR =PFV TEST =PST.H.REC
 ‘Muitas flechas se apoiaram.’

b. *suö tönö halo ösöpö ãhulalöma*

suö *=tö* *=nö* *halo* *ösö=*
 mulher =CLN:gnr=ERG embrulho CLN:pele=

pö= *ãhu* *=la* *=li* *=ma*
 3PL= espremer =DISTR =PFV =PST
 ‘A mulher torceu as roupas.’

c. *sa nakö naha ai wapö halolali*

sa *=nakö* *=naha* *ai* *wa=* *pö=* *halo* *=la* *=li*
 folha =CLN:folha =OBL outro 2SG= 3PL= embrulho =DISTR =PFV
 ‘Em uma folha você embrulha outros [caranguejos].’

Aspecto Celerativo

O morfema de aspecto celerativo é utilizado para indicar que uma ação ocorreu rapidamente (65a), ou de forma repentina (65b).

(65) a. *ĩ mo maketakinö*

<i>ĩ</i>	<i>mo=</i>	<i>make</i>	<i>=ta</i>	<i>=ki</i>	<i>=nö</i>
ANA	CLN:semente=	colocar.sobre	=CEL	=PFV	=REL.PST

‘Colocou a fruta [rapidamente].’

b. *polakapi ulu töpö ose walotakinö*

<i>polakapi</i>	<i>ulu</i>	<i>tö=</i>	<i>pö=</i>
dois	criança	CLN:gnr= 3pl=	

<i>ose=</i>	<i>walo</i>	<i>=ta</i>	<i>=ki</i>	<i>=nö</i>
pequeno=	chegar	=CEL	=PFV	=REL.PST

‘Duas crianças chegaram [repentinamente].’

5.6.3.2 Espaço

Assim como a categoria de tempo, categorias de espaço em Sanöma também possuem dois diferentes paradigmas que dependem do tipo de evidencial que está sendo marcado. Evidencialidade é a categoria que expressa qual é a fonte da informação que está sendo transmitida, isto é, se a ação ou evento que está sendo narrado foi testemunhado pelo falante ou se ele não o testemunhou, mas recebeu a informação em segunda mão (não testemunhado). Em Sanöma, ainda é possível omitir se a informação foi testemunhada ou não. Os dois primeiros tipo de evidenciais (testemunhado e não testemunhado) são

morfologicamente marcadas, enquanto o terceiro (neutro) não (ver seção 5.6.3.4 sobre evidencialidade).

Antes de apresentar os paradigmas de espaço utilizados com cada tipo de evidencial, pontuamos que há duas categorias de espaço marcadas morfologicamente em Sanöma: localização e direção. Localização se refere ao local onde ocorre a ação ou evento que está sendo narrado em relação à localização do falante no momento da fala. A categoria direção indica se a ação está ocorrendo em direção ao falante, ou na direção oposta, portanto afastando-se dele.

Localização relativa

Os pontos de referência utilizados para indicar uma localização relativa em Sanöma são o curso de água mais próximo do falante, ou seja, um rio ou igarapé, e o relevo. Assim, tomando-se o rio como referência, é possível informar, por meio de morfemas, se a ação ou evento se realiza na mesma margem do rio, na margem oposta, ou na direção rio acima ou rio abaixo de onde está o falante no momento da enunciação. Também é possível expressar, por meio de morfemas, se a ação ou evento ocorre numa altitude mais alta ou mais baixa, ou ainda, se está localizada acima do falante, como em cima de uma árvore, em cima de um telhado, ou ainda, se a localização é próxima ou distante e se é visível para o falante, ou se está encoberta por algum objeto. Essas categorias foram observadas em línguas do mundo por Talmy (2000).

Há dois paradigmas de morfemas de localização (Quadro 14) e algumas regras que condicionam sua utilização.

Quadro 14 – Morfemas de Localização

série 1 testemunhado	série 2 não testemunhado	significado
=e	---	próximo visível
=i	---	próximo não visível
=tasó	=ti	pouco distante, mesmo plano e margem do rio
=lasó	=li/=hali	distante, rio-acima, plano mais elevado ou outra margem do rio
=kölö	=kili	distante, rio-abaxo ou plano menos elevado

Cada uma das séries apresenta posições distintas em relação à raiz verbal. Enquanto a série 1 (usado em sentenças testemunhadas) se liga diretamente à raiz, os morfemas da série 2 se ligam ao verbo auxiliar *k(u)*, que indica o evidencial testemunhado. A série 2 é usada apenas em sentenças marcadas como testemunhadas (com *k(u)*) no tempo presente. Nos demais contextos (testemunhadas no passado e não testemunhadas no presente e no passado) a série 1 é utilizada.

(66) a. *Kunatoi a kalipalo kulali*

Kunatoi a= kalipalo ku =la =li

Kunatoi 3SG= trabalhar TEST =PRS =RIO.AC

‘Kunatoi está trabalhando (rio acima).’ (testemunhado, presente)

b. *Kunatoi a kekölö ke*

Kunatoi a= ke =kölö ku =he

Kunatoi 3SG= cair =RIO.AB TEST =PST.H.REC

‘Kunatoi caiu (rio abaixo).’ (testemunhado, passado)

c. *Kunatoi a kalipalolaso thai*

Kunatoi a= kalipalo =laso tha =i

Kunatoi 3SG= trabalhar =RIO.AC N.TEST =HOD

‘Kunatoi está trabalhando (rio acima).’ (não testemunhado, presente)

Note no exemplo (66a) que o morfema de localização *=li* ‘rio acima’ se liga ao morfema de testemunhado *k(u)*. Já em (66b), o morfema de localização (*=kölö* ‘rio abaixo’) não se liga ao morfema de testemunhado *k(u)* mas à raiz *ke* ‘cair’. O mesmo ocorre em (66c), em que o morfema de espaço *=laso* ‘rio acima’ não se liga ao verbo auxiliar *tha*, que marca o evidencial não testemunhado, mas à raiz verbal *kalipalo* ‘trabalhar’.

A diferença de posição do morfema de localização em relação a raiz do verbo principal e aos morfemas de evidencialidade e de tempo sugere que existem ao menos dois níveis da oração em Sanöma: o sintagma verbal - que contém o verbo principal -, e o sintagma flexional - que contém o verbo auxiliar (que marca evidencialidade) e a flexão de tempo.

Em (66a) o adjunto de espaço está no nível mais acima: o do sintagma flexional. Assim, como ele possui escopo sobre tudo o que está nos níveis abaixo dele, ele modifica toda a oração (o verbo auxiliar, a flexão e o verbo principal).

Em (66b) e (66c) o adjunto de espaço está no nível do sintagma verbal, portanto abaixo do sintagma flexional. Portanto, ele possui escopo somente sobre o verbo principal, e não sobre o verbo auxiliar e a flexão de tempo.

Pelo que foi exposto, em situações testemunhadas e no presente, a informação sobre a localização é relevante não somente para descrever o evento ou ação, mas também para descrever a fonte da informação e o tempo presente. Enquanto que em situações não testemunhadas no presente, no passado ou testemunhadas no passado, é relevante informar a localização apenas da ação ou evento, e não para as informações de evidencialidade e tempo.

Sentenças não marcadas para evidencialidade utilizam a série 1 de espaço. Note nos exemplos abaixo que os morfemas da série 1 se ligam diretamente à raiz verbal, e os morfemas de tempo o sucedem.

(67) a. *Kunatoi a kalipalolasoa*

Kunatoi a= kalipalo =laso =a

Kunatoi 3SG= trabalhar =RIO.AC =PRS

‘Kunatoi está trabalhando (rio acima).’ [evidencial neutro]

b. *Kunatoi a kalipalolasoma*

Kunatoi a= kalipalo =laso =ma

Kunatoi 3SG= trabalhar =RIO.AC =PST

‘Kunatoi trabalhou (rio acima).’ [evidencial neutro]

Na língua Yanomama as marcas de localização não ocorrem com verbos atributivos, mas somente ocorrem com verbos posicionais e com verbos dinâmicos. Raízes dinâmicas derivadas de atributivos no entanto, podem receber marcas de localização (Ferreira, 2017, p. 204). Em Sanöma, no entanto, as marcas de localização podem ocorrer com todas as subclasses verbais, inclusive, portanto, com os verbos atributivos, como mostra o exemplo (68).

(68) a. *ipa sai a naha ana amo äpätikölöa*

ipa sai =a =naha ana

1POS casa =3SG =OBL cogumelo

amo= äpäti =kölö =a

CLN:cogumelo= macio =RIO.AB =PRS

‘Tem cogumelo macio em minha casa (rio abaixo).’ / ‘O cogumelo está macio em minha casa (rio abaixo).’

Direção relativa

A língua Sanöma se enquadra nas línguas *satellite frame* no que diz respeito a *path of motion*, isto é, a língua expressa por meio de morfemas a direção de um movimento (TALMY, 2000). O falante é a referência para indicar se a ação é ‘cislocativa’, ou seja, ocorre em direção

ao falante, aproximando-se dele, ou se é ‘translocativa’, isto é, ocorre na direção oposta, afastando-se dele¹⁵.

Assim como ocorre com as marcas de localização, as marcas de direção também possuem dois paradigmas. A série 2 é usada em sentenças marcadas com o evidencial testemunhado, no tempo presente e se liga à cópula *k(u)*, que denota ‘testemunhado’. A série 1 é utilizada nos demais contextos e se liga diretamente à raiz verbal.

Quadro 15 – Morfemas de direção

série direção 1	série direção 2	significado	glosa
<i>=ima</i>	<i>=imi</i>	Cislocativo	VEN
<i>=[V]lō¹⁶</i>	<i>=(i)ma+Locação 2</i>	Translocativo	AND

Os exemplos abaixo apresentam os morfemas de cislocativo da série 1 (69a) e da série 2 (69b). Repare que o exemplo (69a) é marcado pelo evidencial não testemunhado *tha* e que o morfema *=ima* ‘cislocativo’ se liga diretamente à raiz *lälä* ‘correr’ e que em (69b) o morfema *=imi* ‘translocativo’ se liga à cópula *ku*, que expressa o evidencial testemunhado.

¹⁵ Utilizaremos nas glosas os termos “andativo”, correspondente a translocativo e “venitivo”, correspondente a cislocativo. Esses termos foram traduzidos do inglês “*andative*” e “*venitive*”, que são utilizados por Ferreira (2017) nas glosas para os morfemas de direção da língua Yanomama. Como a proposta desta tese é, sempre que possível, utilizar as mesmas glosas e as mesmas abreviaturas que outros estudos em línguas Yanomami, a fim de promover a padronização da terminologia para essa família linguística, estamos usando a mesma terminologia de Ferreira, pois trata-se do trabalho mais recente e mais completo sobre uma língua dessa família.

¹⁶ O morfema translocativo da série 1 é composto por uma vogal + *lō*. A vogal é determinada pela última vogal do morfema que a antecede. Assim, nos exemplos, o morfema translocativo será representado pela vogal igual à vogal que o antecede, seguido de *lō*, como nos exemplos (70) em que o morfema *=(V)lō* está representado como *=olō* pois é precedido por um morfema terminado em [o].

(69) a. *maa tönö sai a naha ulu töpö lälä**ima** thai*

maa =tö =nö sai =a =naha

água =CLN:gnr=INS casa =3SG =OBL

ulu tö= pö= lälä =**ima** tha =i

criança CLN:gnr= 3PL= correr =**VEN** N.TEST =HOD

‘As crianças estão correndo para a casa por causa da chuva. (cislocativo, não testemunhado).’ [O falante está dentro da casa]

b. *maa tönö sai a naha ulu töpö lälä **kimi***

maa =tö =nö sai =a =naha

água =CLN:gnr=INS casa =3SG =OBL

ulu tö= pö= lälä ku =**imi**

criança CLN:gnr= 3PL= correr TEST =**VEN**

‘As crianças estão correndo para a casa por causa da chuva (cislocativo, testemunhado).’ [O falante está dentro da casa]

Assim como ocorre com morfemas de localização, também os morfemas de direção possuem escopos diferentes conforme a fonte da informação e o tempo. Somente em sentenças testemunhadas e no tempo presente o morfema de direção possui escopo sobre os dois níveis da sentença: o sintagma verbal e o sintagma flexional. Em sentenças testemunhadas no passado e em sentenças não testemunhadas (no presente e no passado) o morfema de direção possui escopo somente sobre o sintagma verbal. O sintagma flexional, que contém o verbo auxiliar que marca o evidencial não testemunhado, não está dentro do escopo do morfema de direção.

Essas diferentes posições do morfema de direção em relação aos sintagmas verbal e flexional podem gerar diferentes significados às sentenças, fazendo com que a direção seja uma informação relevante tanto para o verbo principal quanto para o evidencial em sentenças testemunhadas e no tempo presente, mas seja relevante somente para o verbo principal, e não para o evidencial e o tempo em sentenças testemunhadas e no passado.

Nos exemplos abaixo são utilizados morfemas que expressam translocativo:

(70) a. *suötönö ulu tä halepolöma*

suö =*tö* =*nö* *ulu*

mulher =CLN:gnr =ERG criança

tö= *hale* =*po* =***olö*** =*ma*

CLN:gnr= carregar =CSV =**AND** =PST

‘A mulher está carregando a criança (na direção oposta ao falante).’

b. *patasoma a hĩso salo hikali a naha a huulasolöma*

patasoma *a=* *hĩso* =*salö* *hikali* =*a* =*naha*

mulher.velha 3SG= estar.bravo =REAS roça =3SG =OBL

a= *hu=lasö* =***olö*** =*ma*

3SG= ir =PFV =**AND** =PST

‘A mulher ficou brava, por isso foi para a roça.’

É interessante comentar que, como mostram os exemplos abaixo, ao contrário do que esperaríamos, os morfemas de direção não ocorrem apenas com verbos de movimento:

(71) a. *ĩsã ãĩ kakaimake*

ĩsã *ãĩ=* *kaka* =*ima* *ku* =*he*

beiju CLN:beiju= rasgar =VEN TEST =PST.H.REC

‘Trouxe o [pedaço de] beiju rasgado.’

b. *ĩsã ãĩ kakalöma*

ĩsã *ãĩ=* *kaka* =*lölö* =*ma*

beiju CLN:beiju= rasgar =VEN =PST

‘Levou o [pedaço de] beiju rasgado.’

Nos exemplos acima, a inserção do morfema de direção introduziu a noção de movimento a um verbo dinâmico que não é de movimento, fazendo com que, em vez de ‘O beiju rasgou’, que seria a tradução das sentenças se não houvesse nelas os morfemas de direção, a leitura da sentença seja a de que houve um deslocamento do beiju rasgado, e sua direção é indicada pelos morfemas cislocativo ou translocativo.

Como mostra o Quadro 15, em sentenças testemunhadas no presente, em que o morfema de translocativo da série 2 é utilizado, é preciso ser expresso também um morfema de localização, indicando não apenas que o evento se afastou do falante, mas informando a localização para a qual se dirigiu. Sem o morfema de localização não é possível, portanto, o uso do morfema de direção translocativa da série 2.

(72) a. *maa töñö sai a naha ulu töpö lälä kömati*

maa =tö =nö *sai* =a =naha

água =CLN:gnr =INS casa =3SG =OBL

ulu tö= pö= lälä *ku* =ima =ti

criança CLN:gnr= 3PL= correr TEST =AND =MM.PLAN

‘As crianças estão correndo para a casa por causa da chuva. (translocativo, mesmo plano) (O falante está fora da casa)’

b. *maa töñö sai a naha ulu töpö lälä kömani*

maa =tö =nö *sai* =a =naha

água =CLN:gnr =INS casa =3SG =OBL

ulu tö= pö= lälä *ku* =ima =li

criança CLN:gnr= 3PL= correr TEST =AND =RIO.AC

‘As crianças estão correndo para a casa por causa da chuva. (translocativo, rio acima) (O falante está fora da casa)’

c. *maa tönö sai a naha ulu töpö lälä kömakili*

maa =tö =nö *sai* =a =naha

água =CLN:gnr=INS casa =3SG =OBL

ulu tö= pö= *lälä* *ku* =**ima** =**kili**

criança CLN:gnr= 3PL= correr TEST =AND =RIO.AB

‘As crianças estão correndo para a casa por causa da chuva. (translocativo, rio abaixo)

(O falante está fora da casa)’

Em sentenças não testemunhadas, ou mesmo em testemunhadas no passado, não há a exigência de se expressar os morfemas de localização junto aos de direção. No entanto, apesar de não obrigatórios, eles também podem ocorrer:

(73) a. *maa tönö sai a naha ulu töpö lälä **tasolö** thai*

maa =tö =nö *sai* =a =naha

água =CLN:gnr=INS casa =3SG =OBL

ulu tö= pö= *lälä* =**tasolö** =**olö** =**tha** =i

criança CLN:gnr= 3PL= correr =MM.PLAN =AND =N.TEST =HOD

‘As crianças estão correndo para a casa por causa da chuva. (translocativo, mesmo plano, não testemunhado)’ (O falante está fora da casa)’

No quadro abaixo são apresentadas as combinações de morfemas de direção translocativa e localização. Note que a Série 1 de morfemas de direção combina-se apenas com os morfemas de localização da Série 1, e os da série 2 combinam-se com os da série 2.

Quadro 16 – Combinação de Morfemas de Localização e de Direção

loc. 1 + dir. 1	dir. 2 + loc. 2	significado
= <i>tas</i> o= <i>ol</i> ö	= <i>ima</i> = <i>ti</i>	Translocativo, mesmo plano e margem do rio
= <i>las</i> o= <i>ol</i> ö	= <i>ima</i> = <i>ni</i>	Translocativo, rio-acima, plano mais elevado, ou outra margem do rio
= <i>köl</i> ö= <i>ol</i> ö	= <i>ima</i> = <i>kili</i>	Translocativo, rio-abaixo ou plano menos elevado

Note que a ordem em que se apresentam os morfemas de direção e localização são opostas nas séries 1 e 2. Enquanto a série 1 apresenta a ordem localização – direção, a série 2 apresenta a ordem direção – localização. Assim como ocorre com os morfemas de tempo, a série 1 se liga diretamente à raiz verbal, enquanto a série 2 se liga à cópula de testemunhado *k(u)*.

A coocorrência dos morfemas de espaço com o morfema de futuro =*pö* ou com outros morfemas que são utilizados em contextos de futuro não será objeto deste trabalho.

5.6.3.3 Tempo e modalidade

Tempo nas orações principais em Sanöma é uma categoria marcada por meio de três paradigmas distintos, cuja ocorrência depende de como a evidencialidade é expressa. Evidencialidade é a categoria que marca a maneira como foi obtida a informação que está sendo veiculada: se o próprio falante viu o evento que está narrando (evidencial testemunhado), se ele não viu, mas lhe contaram (evidencial não testemunhado), se ele não viu, mas possui evidências objetivas sobre a realização de uma ação ou evento (evidencial inferido). Sanöma possui ainda um evidencial neutro, que é usado quando o falante não deseja expressar como obteve a informação da cena que está narrando.

Na seção 5.6.3.4 mostraremos que o evidencial testemunhado é marcado pela cópula *ku* ou pela ausência de cópula, o não testemunhado é marcado pela cópula *tha*, o evidencial inferido é marcado por *noa* e o evidencial neutro não é marcado morfológicamente.

Há diferentes paradigmas de tempo, que se ligam a diferentes tipos de evidenciais. As categorias de tempo não são homogêneas entre os paradigmas. O evidencial testemunhado possui um paradigma de tempo distinto dos evidenciais não testemunhado e inferido. Estes compartilham o mesmo paradigma de tempo. O paradigma de tempo utilizado com o evidencial não marcado é ainda outro. Há, portanto, três paradigmas de tempo em Sanöma, que serão apresentados ao longo desta seção.

O tempo futuro é marcado de formas diferentes e independem do evidencial que está sendo expresso. O futuro, portanto, será apresentado ao final desta seção, após mostrarmos os paradigmas de tempo presente e passado usados com cada tipo de evidencial.

O Quadro 17 abaixo apresenta o paradigma de tempo utilizado em sentenças marcadas como testemunhadas. Esse morfemas podem se ligar à raiz verbal ou à cópula *ku*. O termo ‘hodierno’ indica que a ação ou evento ocorreu no mesmo dia da fala. ‘Pré-hodierno’ expressa uma ação anterior ao dia da fala (LINDSTEDT, 2001).

Evidencial testemunhado

Quadro 17- Morfemas de tempo usados em contextos testemunhados

morfema	glosa
= <i>la</i> , = $\emptyset$	presente
= <i>he</i>	passado hodierno recente
= <i>pi</i>	passado hodierno não recente
= <i>pili</i>	passado pré-hodierno

O evidencial testemunhado possui as quatro categorias de tempo apresentadas no quadro acima: presente (= *la*, = $\emptyset$) que indica que a ação ou evento ocorreu simultaneamente ao momento da fala; e três tipos de passado, sendo dois passados hodiernos, que expressam eventos ou ações que ocorreram no mesmo dia da fala. O passado hodierno recente (= *he*) expressa algo que ocorreu há pouco tempo ou acabou de acontecer. O passado hodierno não

recente (=pi), algo que ocorreu no mesmo dia da fala, porém, num período anterior, isto é, se a fala ocorreu na hora do almoço, =pi expressa algo que aconteceu de manhã cedo, e não que acabou de acontecer. O passado pré-hodierno (=pili) expressa tudo aquilo que ocorreu no dia anterior ao momento da fala ou antes do dia anterior.

Note nos exemplos abaixo os morfemas de tempo (em negrito) utilizados em situações testemunhadas, com a cópula *ku* e sem ela.

(74) a. *sätänapī tō= pō= kalipalo kule*¹⁷

sätänapī tō= pō= kalipalo ku =la =e

não-indígena CLN:gnr= 3PL= trabalhar TEST =PRS =PROX.VIS

‘Os não-indígenas estão trabalhando.’ [+ testemunhado]

b. *sätänapī tō= pō= kalipalo po*

sätänapī tō= pō= kalipalo po =la =e

não-indígena CLN:gnr 3PL= trabalhar DYN =PRS =PROX.VIS

‘Os não-indígenas estão trabalhando.’ [+ testemunhado]

c. *sätänapī tō= pō= kalipalo kulali*

sätänapī tō= pō= kalipalo ku =la =li

não-indígena CLN:gnr 3PL= trabalhar TEST =PRS =RIO.AC

‘Os não-indígenas estão trabalhando rio acima.’ [+ testemunhado]

¹⁷ Note nos exemplos (74a e b) que os morfemas de presente (=la) e de localização (=e) se fundem em decorrência de dois processos fonológicos: o primeiro é um processo de harmonia vocálica em que há o alteamento da vogal baixa [a] em decorrência da presença de [e], que é mais alta, gerando [‘lee]; no segundo processo, o segundo [e] é apagado, formando [le]. Em (74c) não ocorre processo fonológico e o morfema de presente é realizado como [la].

Existe na língua o morfema =i ‘próximo e não-visível’, complementar a =e ‘próximo e visível’. Quando o morfema =i é produzido à direita do morfema de presente =la, não há processo fonológico envolvido e ambos os morfemas são produzidos na sequência =la =i, gerando [‘laj].

d. *sätänapi töpö kalipalo ke*

sätänapi *tö=* *pö= kalipalo* *ku* **=he**

não-indígena CLN:gnr 3PL= trabalhar TEST =PST.H.REC

‘Os não-indígenas trabalharam [agora há pouco].’ [+ testemunhado]

e. *sätänapi töpö kalipalo kipi*

sätänapi *tö=* *pö= kalipalo* *ku* **=pi**

não-indígena CLN:gnr= 3PL= trabalhar TEST =PST.H.NREC

‘Os não-indígenas trabalharam [hoje de manhã].’ [+ testemunhado]

f. *sätänapi töpö kalipalo kipili*

sätänapi *tö=* *pö= kalipalo* *ku* **=pili**

não-indígena CLN:gnr= 3PL= trabalhar TEST =PST.PRE.HOD

‘Os não-indígenas trabalharam [ontem ou antes].’ [+ testemunhado]

g. *sätänapi töpö kalipalopili*

sätänapi *tö=* *pö= kalipalo* **=pili**

não-indígena CLN:gnr 3PL= trabalhar =PST.PRE.HOD

‘Os não-indígenas trabalharam [ontem ou antes].’ [+ testemunhado]

Note que quando a cópula *ku* não é utilizada no presente em verbos dinâmicos, há a necessidade de ocorrer o morfema que indica a classe dos dinâmicos =po, como em (74b). Em verbos estativos (posicionais e atributivos), o morfema de presente (=/*a*) se liga diretamente à raiz.

O morfema =∅ do tempo presente é exclusivo de sentenças em que ocorre um morfema de direção (seção 5.6.3.2). Esse tipo de morfema é incompatível com o presente =/*a*, como sugerem os exemplos em (75).

(75) a. **sätänapī töpö hu kulaimi*

sätänapī tō= pō= hu ku =la =imi

não.indígena CLN:gnr= 3PL= ir TEST =PRS =VEN

Leitura buscada: 'Os não-indígenas estão vindo.' [+testemunhado]

b. *sätänapī töpö hu kimi*

sätänapī tō= pō= hu ku =imi

não.indígena CLN:gnr= 3PL= ir TEST =VEN

'Os não-indígenas estão vindo.' [+testemunhado]

Evidenciais não testemunhado e inferido

Em sentenças marcadas como não testemunhadas, em que o morfema *tha* é utilizado como cópula verbal, outro paradigma de tempo é utilizado, com categorias de passado diferentes às de sentenças testemunhadas, como apresentado no quadro a seguir.

Quadro 18- Morfemas de tempo usados com os evidenciais não testemunhado (*tha*) e inferido (*noa*)

morfema	glosa
=i	Presente e Passado Hodierno
=li	Passado Pré-hodierno

Note que tanto o presente como o passado hodierno são marcados pelo morfema (=i). A diferença entre a marcação desses dois tempos verbais, é a presença, à esquerda da cópula *tha*, do morfema de passado que é usado em sentenças neutras para evidencialidade (=ma) (76b). O mesmo padrão se realiza no passado pré-hodierno (76c).

(76) a. *sätänapi töpönö sai a thaataso thai*

sätänapi =tö =pö =nö

não.indígena =CLN:gnr =3PL =ERG

sai a= thaa =taso tha =i

casa 3SG= fazer =RIO.AC N.TEST =HOD

‘Os não-indígenas estão construindo uma casa rio-acima.’ [-testemunhado]

b. *ĩ tähä sami motola a wania sisapasoma thai*

ĩ =tähä *sami* *motola* *a= wani =a*

ANA =REL.PRES um motor 3SG= quebrar =PFV.VWL

sis =pa =so =ma *tha =i*

somente =DER =PFV =PST N.TEST=HOD

‘Naquele momento, somente o motor quebrou.’ [-testemunhado]

c. *mala ti kelasoma thali*

mala ti= ke =laso =ma tha =li

mala CLN:madeira= cair =PFV =PST N.TEST=PRE.HOD

‘A mala caiu.’ [-testemunhado]

Evidencial não marcado

Sentenças em que a evidencialidade não é expressa possuem outra marcação de tempo, com ainda menos categorias que sentenças marcadas como não testemunhadas (com a cópula *tha*). Como mostra o quadro abaixo, sentenças não marcadas para evidencialidade possuem uma categoria de tempo passado.

Quadro 19- Morfemas de tempo usados com o evidencial neutro

morfema	glosa
= <i>a</i> , = $\emptyset$	Presente
= <i>ma</i>	Passado

O morfema de presente =*a* ocorre somente quando um morfema de locação (= *tasö*, = *lasö*, = *kölö*) também está ligado ao verbo (ver seção 5.6.3.2 sobre morfemas de espaço), como mostra o exemplo (77a). Nos demais contextos, não existe marcação morfológica de presente (morfema = $\emptyset$).

(77) a. *ki hamö ipa sai a öpa kölöa*

ki =*hamö* *ipa* *sai* *a*= *öpa* =*kölö* =*a*

lá =LOC 1POS casa 3SG= estar.em.pé =RIO.AB =PRS

‘Minha casa é lá. (distante, rio abaixo)’ [evidencial neutro]

b. *ki hamö ipa sai a öpaa*

ki =*hamö* *ipa* *sai* *a*= *öpa* =*a*

lá =LOC 1POS casa 3SG= estar.em.pé =POST

‘Minha casa é lá. (distante, rio abaixo)’ [evidencial neutro]

Apesar de termos afirmado que não há marcação de presente quando a locação não é expressa, o exemplo (77b) possui um morfema =*a* após o verbo. Apesar de possuir a mesma forma que o presente não marcado para evidencialidade, o morfema =*a* que se liga ao verbo *öpa* ‘estar em pé’ em (77b), não é um marcador de presente, mas um morfema de classe verbal usado em verbos posicionais (sobre subclasses verbais, ver seção 5.5). Note que ele também ocorre no passado (78).

O morfema de classe =*a* não é utilizado com outras subclasses verbais. Verbos atributivos não recebem marca de classe no presente (79a), nem tampouco os verbos dinâmicos, que recebem a sua própria marca de classe (= *ö*) (80a) e não o morfema de presente, como ilustram os exemplos abaixo. No entanto, em todas as subclasses verbais,

quando o morfema de locação é realizado, o morfema de presente =*a* também ocorre (79b) e (80b).

(78) *ki hamö ipa sai a öpaama*

ki =hamö *ipa* *sai* *a*= *öpa* =*a* =*ma*

lá =LOC 1POS casa 3SG= estar.em.pé =POST =PST

‘Minha casa fica lá. (distante, rio abaixo)’ [evidencial neutro]

(79) a. *ipa halo ösö hāsiti*

ipa *halo* *ösö*= *hāsiti*

1POS embrulho CLN:pele= seco

‘Minha roupa está seca.’ [evidencial neutro]

b. *ipa halo ösö hāsitikölöa*

ipa *halo* *ösö*= *hāsiti=kölö* =*a*

1POS embrulho CLN:pele= seco =RIO.AB =PRS

‘Minha roupa [que está localizada rio abaixo] está seca.’ [evidencial neutro]

(80) a. *hikali a naha Totolima kalipaloö*

hikali =*a* =*naha* *Totolima* *a*= *kalipalo* =*ö*

roça =3SG =OBL Totolima 3SG= trabalhar =DYN

‘Totolima trabalha na roça.’ / ‘Totolima está trabalhando na roça.’ [evidencial neutro]

b. *hikali a naha Totolima kalipalokölöa*

hikali =*a* =*naha* *Totolima* *a*= *kalipalo* =*kölö* =*a*

roça =3SG =OBL Totolima 3SG= trabalhar =RIO.AB =PRS

‘Totolima trabalha na roça rio acima.’ / ‘Totolima está trabalhando na roça rio acima.’
[evidencial neutro]

Os exemplos de (77) a (80) apresentam evidências a favor da análise de que o morfema de presente =*a* de sentenças não marcadas para evidencialidade só ocorre quando um

morfema de localização é realizado. Nas sentenças em que a localização não é marcada morfologicamente, não há morfema de presente em sentenças com evidencial neutro.

O passado nesse tipo de sentença é marcado por *=ma*, e a ocorrência desse morfema não está condicionada ao aparecimento de morfemas de localização, como mostram os exemplos abaixo.

(81) a. *sama a pata hălăma*

sama a= pata hălă =ma

anta=3SG= grande nadar=PST

‘A anta nadava.’ / ‘A anta estava nadando.’ [evidencial neutro]

b. *sama a pata hălăkölöma*

sama a= pata hălă =kölö =ma

anta 3SG= grande nadar =RIO.AB =PST

‘A anta nadava rio abaixo.’ / ‘A anta estava nadando rio abaixo.’ [evidencial neutro]

O quadro abaixo resume as marcas de tempo usadas com cada tipo de evidencial (*ku* ‘testemunhado’, *tha* ‘não-testemunhado’, $\emptyset$ ‘neutro’) descritas até agora nesta seção:

Quadro 20- Paradigmas de tempo usados com cada tipo de evidencial

Evidencial				
[neutro]	[+test]	[-test]	Categoria de Tempo	
=a, ∅	=la, ∅	=i	Presente	Hodierno
=ma	=he		Passado hodierno recente	
	=pi		Passado hodierno não recente	
	=pili	=li	Passado pré-hodierno	

Sanöma possui diversas formas de expressar o tempo futuro, porém apenas uma delas ocorre com o uso de um morfema de tempo futuro propriamente. Sentenças com determinados morfemas que possuem outras funções, que não a marcação de tempo, podem ter também uma leitura de futuro. Um desses casos ocorre com um morfema de modalidade, que expressa a alta probabilidade de uma ação ou evento ocorrer (=kitä). Outras estratégias usadas para marcar ações que ainda não aconteceram é o uso do verbo *pi* ‘querer’ com o morfema de presente próximo testemunhado *kule* formando *pia kule*, e o verbo *pi* ‘querer’ usado juntamente com a conjunção =*salö*, que em orações subordinadas indica ‘razão, propósito’, mas pode ocorrer em orações principais junto ao verbo *pi* ‘querer’. A seguir exemplificamos cada uma das formas de expressão de contextos de futuro.

Futuro: *pö*

O morfema =*pö* é utilizado para marcar futuro em orações principais, mas não é obrigatório. Nos exemplos que possuímos em nosso corpus, esse morfema se liga a verbos dinâmicos.

(82) a. *hena tähä sanöma tönö hitiki tusäpö*

hena =*tähä* *Sanöma* =*tö* =*nö* *hi*
 amanhã =REL.PRS *Sanöma* =CLN:gnr =ERG árvore

ti= *kö*= *tusä* =*pö*
 CLN:madeira= 3PL= cortar =FUT

‘Amanhã o *Sanöma* vai cortar árvores. [para abrir um local para roça]’

b. *ökomasö wäkäpö*

ökoma *sö*= *wäkä* =*pö*
banana CLN:palmeira= cair =FUT

‘A bananeira vai cair.’

c. *ipa husopö a naha sa ekuköpö*

ipa husopö =a =naha sa= eku =ki =pö

1POS esposa =3SG =OBL 1SG= ir.em.direção =PFV =FUT

‘Estou andando em direção a minha esposa.’ / ‘Vou me casar com minha esposa.’

d. *hena tä sai tähä sa mǎĩĩpö*

hena =tä sai =tähä sa= mǎĩĩ =pö

amanhã =CLN:gnr verdadeiro =REL.PRS 1SG= mergulhar =FUT

‘Amanhã cedo vou mergulhar [para pegar caranguejos].’

e. *hena tähä sa hiwöhamopö*

hena =tähä sa= hiwöha =mo =pö

amanhã =REL.PRS 1SG= vacinar =INTRZ =FUT

‘Amanhã vou tomar vacina.’

Modalidade - *kitä*

O núcleo *kitä* ocorre na mesma posição em que ocorrem morfemas de tempo em Sanöma, e assumimos que ele é formado pela cópula *k(u)*, que marca o evidencial testemunhado (ver seção 5.6.3.4 sobre marcação de evidencialidade), e por morfemas de tempo. No entanto, para afirmarmos que esse elemento possui de fato a composição assumida, é necessária uma sessão de elicitación específica para identificar seus contextos de ocorrência.

Para Borgman (1990, p. 172), *kitä* (o autor o grafava como *kite*) é um dos três marcadores de evidencialidade e indica ‘suposição’, podendo ocorrer em todos os tempos verbais: “A strong supposition is indicated by the marker kite. This supposition usually refers to future time, but can refer to the present, both present and future at once, and the past.”. Em nosso corpus não possuímos exemplos de *kitä* no passado ou no presente, somente no futuro e com o sentido de haver alta probabilidade de uma ação ou evento ser realizado.

Nossa análise não difere significativamente da descrição de Borgman (op. cit.) sobre a função do morfema. Apenas estamos utilizando termos distintos para indicar que o falante

avalia ser muito possível uma ação ou evento ocorrer. Borgman (1990) o faz por meio da expressão “forte suposição”, o que estamos classificando como “alta probabilidade”.

O que há de diferente em nossa proposta em relação à de Borgman (op. cit.), é que não estamos adotando a análise de *kitä* como morfema de evidencialidade, mas sim como um morfema de modalidade (TIMBERLAKE, 2007), pois sua semântica se relaciona com possibilidades e probabilidades e não com a forma como a fonte da informação foi obtida. O uso de *kitä* indica uma ação que ainda não ocorreu e que o falante julga como muito provável que ocorra (PALMER, 1986).

Nos exemplos que possuímos em nosso corpus, *kitä* coocorre com o verbo de negação *ma* ‘não existir’

(83a-b). Sentenças com *kitä* coocorrem com sentenças no modo imperativo

(83c), declarativo no passado

(83d-e). Sintaticamente, a sentença com a qual *kitä* coocorre pode estar em subordinação

(83a,b,e) ou coordenação

(83c,d). Em todos os casos, a sentença com *kitä* indica que existe uma alta probabilidade de uma ação ou evento ocorrer.

(83) a. *satehe epi öko wa kökö sä pa li wi ãtä kua mai¹⁸ kitä*

satehe =*epi* *öko* *wa*= *kökö*= *sä* =*pa* =*li* =*wi*
muito =INTNS caranguejo 2SG= 3PL= bater =DER =PFV =NMLZ

ã *tä*= *ku* =*a* *ma* =*o* *kitä*
ANA CLN:gnr= existir =PFV.VWL NEG =STV MODAL

‘Você não vai matar muitos caranguejos.’ Lit.: ‘O ato de matar muitos caranguejos não vai existir.’

¹⁸ Um processo morfofonológico de harmonia vocálica faz com que o fone [i] de *kitä* influencie a realização do morfema estativo =o, que se realiza também como [i].

b. *õko kanenesoma oamo pasio wi ãtä kua mai kitä*

õko *kanenesoma* *oa* =*mo* *pasi* =*o* =*wi*
 caranguejo *kanenesoma* comer =INTRZ ser.evidente =STV =NMLZ

ã *tä=* *ku* =*a* *ma* =*o* *kitä*
 ANA CLN:gnr= existir =PFV.VWLNEG =STV MODAL

‘Caranguejo *kanenesoma* obviamente não é de comer.’ Lit.: ‘O ato de comer caranguejo *kanenesoma* obviamente não vai existir.’

c. *pai hamö a huu ti wa monöso kitä*

pai =*hamö* *a=* *huu* =*ti* *wa=* *monöso kitä*
 longe=LOC 3SG= ir =PROIB 2SG= perder MODAL

‘Não vá para longe, você vai se perder!’

d. *suö tönö plosösö kö oa löma pe epi ulu tä si nia apa kitä*

suö =*tö* =*nö* *plosösö* *kö=* *oa* =*li* =*ma*
 mulher =CLN:gnr=ERG esp.cobra CLN:comp= comer =PFV =PST

pe =*epi* *ulu* *tä=* *si.nia* =*apa* *kitä*
 muito =INTNS criança CLN:gnr= diarreia =INTNS MODAL

‘A mulher comeu cobra *plosösö*. Seu filho ficará com muita diarreia.’

e. *huwisa ha sa hamisoma kutenö sa inamo mai kitä*

huwisa =*ha* *sa=* *hami* =*so* =*ma* =*kutenö*
ontem =OBL 1SG= machucar =RECIP =PST =REAS

sa= *inamo* *ma* =*o* *kitä*
 1SG= jogar NEG =STV MODAL

‘Ontem me machuquei, por isso não vou jogar [futebol].’

Intenção - pia kule e pia salo

Os morfemas *pia kule* e *pia salo* não são propriamente morfemas de futuro, mas são utilizados em contextos de futuro, isto é, uma leitura de futuro é frequente quando esses morfemas são usados. Sentenças com esses morfemas possuem o sentido de “ter a intenção de fazer algo”. Em português também podemos utilizar sentenças com o verbo ‘querer’ em contextos de futuro, como em ‘Está querendo chover.’ com o sentido de ‘Parece que vai chover.’ ou ‘Estou querendo ficar gripado.’ com o sentido de ‘Parece que vou ficar gripado’.

Os exemplos com *pia kule* - em que *pi* é o verbo ‘querer’ e *kule* é a contração dos morfemas de testemunhado (=ku), de presente (=la) e de localização próxima e visível (=e) -, tanto podem expressar “intenção de fazer algo” quanto podem expressar um futuro próximo, que está prestes a acontecer¹⁹.

Note que os exemplos (84a-b) podem ter tanto a interpretação de ‘querer fazer algo’, quanto de um futuro próximo, em (84c) no entanto, *pia kule* só pode ser lido como ‘quer’, pois trata-se de um futuro não imediato.

(84) a. *kama hai ã ai pusopö a ose täa pia kule*

kama=hai ã ai pusopö a= ose=

3 =GEN ANA outro esposa 3SG= pequeno=

tä =a pi =a ku =la =e

pegar =PFV.VWL querer =PFV.VWLTEST =PRS =PROX.VIS

‘Quer pegar outra esposa mais nova.’ / ‘Está prestes a pegar outra esposa mais nova.’

[Se casar com uma segunda mulher mais nova que a primeira]

¹⁹ A expressão que se utiliza como resposta à pergunta ‘A comida está pronta?’, quando falta muito pouco tempo para a comida ficar pronta, é ‘Pia kule.’, ou seja, ‘A comida está na iminência de ficar pronta, está praticamente pronta.’

b. *ulu tönö sätänapī tā mö pia kule*

ulu =tö =nö sätänapī tā=

criança =CLN:gnr=ERG não-indígena CLN:gnr=

mö pi =a *ku* =la =e

ver querer =PFV.VWL TEST =PRS =PRÓX.VIS

‘A criança quer ver o não-indígena.’ / ‘A criança está prestes a ver o não-indígena.’

c. *kama hai ĩ sai a kolo naha Pakokai kalipalo hena pia kule*

kama=hai ĩ *sai* =a =kolo =naha *Pakokai* a=

3 =GEN ANA casa 3SG =fora =OBL *Pakokai* 3SG=

kalipalo hena pi =a *ku* =la =e

trabalhar cedo querer =PFV.VWL TEST =PRS =PROX.VIS

‘Pakokai quer trabalhar do lado de fora de sua casa de manhã cedo.’

A expressão *pia salo* também indica intenção e futuro, porém não um futuro imediato, como no caso de *pia kule*, mencionado acima. O morfema =*sal*o é também uma conjunção utilizada em orações subordinadas que denota ‘razão, propósito’. Como marca de futuro/intenção, ela pode ocorrer ao final da sentença principal (85a), ou como conjunção (85b).

(85) a. *wisatei ha Kunatoi a namö hulasolö pia salo*

wisatei =ha *Kunatoi* a= *namö* *hu* =laso =olö

fim.de.tarde =OBL *Kunatoi* 3SG= caçar ir =PFV =AND

pi =a =sal

querer =PFV.VWL =REAS

‘Kunatoi quer ir caçar no final da tarde.’ / ‘Kunatoi vai caçar no final da tarde.’

b. *Pakokai a sanömo pia salo kama hai ã halo ösö hasupalöma*

Pakokai *a=* *salu* *=mo* *pi* *=a* *=salo*

Pakokai 3SG= lavar =INTRZ querer =PFV.VWL =REAS

kama *=hai ã* *halo* *ösö=*

3 =GEN ANA embrulho CLN:pele=

hasu *=pa* *=li* *=ma*

tirar =DER =PFV =PST

‘Pakokai tirou a roupa para tomar banho.’ / ‘Pakokai quer/vai tomar banho, por isso tirou a roupa.’

5.6.3.4 Evidencialidade

A língua Sanöma marca por meio de morfemas a maneira como foi obtida a informação que está sendo veiculada, se em primeira-mão, isto é, se o falante presenciou a ação ou evento que está descrevendo (evidencialidade direta), ou se a fonte da informação não ocorreu em primeira-mão, mas o falante a recebeu por meio de outra pessoa que presenciou o evento ou ação (evidencialidade indireta). Há também um morfema que indica que apesar de o falante não ter presenciado a ação, ele possui fortes evidências de que ela ocorreu. A esse tipo de evidencial chamaremos “inferência”. Ao tipo de morfemas que marca a categoria “fonte da informação” dá-se o nome de evidenciais (AIKHENVALD, 2004) (CHAFE; NICHOLS, 1986).

Em português a evidencialidade não é expressa por meio de morfemas funcionais, mas lexicalmente, por meio de expressões como ‘vi que’, ‘ouvi dizer’, ‘me contaram’.

Em Sanöma, sentenças testemunhadas, isto é, cuja informação foi obtida em primeira mão, tendo sido presenciada pelo falante, são marcadas pela cópula *ku*. Note nos exemplos abaixo que o morfema *ku* recebe à sua direita marcas de tempo e espaço.

(86) a. *ulu a õkõ kule*

ulu *a=* *õkõ* *ku* *=la* *=e*

criança 3SG= chorar **TEST** =PRS =PROX.VIS

‘A criança está chorando.’ (O falante está vendo a criança que está chorando.)

b. *amitosõ ito kulai*

amito *ösö=* *ito* *ku* *=la* *=i*

avião CLN:pele= pousar **TEST** =PRS =PROX.NVIS

‘O avião está pousando.’ (O falante não está vendo o avião, apenas está ouvindo o barulho do motor.)

b. *hama töpö waloki ke*

hama *tö=* *pö=* *walo* *=ki* *ku* *=he*

visitanteCLN:gnr= 3PL= chegar =PFV **TEST** =PST.HOD.REC

‘Os visitantes chegaram.’ (O falante viu quando os visitantes chegaram.)

Também é possível produzir sentenças testemunhadas sem a cópula *ku*. Neste caso será utilizada apenas a morfologia de tempo, porém o mesmo paradigma de tempo utilizado com a cópula *ku*. Abaixo e na seção 5.6.3.3 sobre morfemas de tempo apresentamos outro paradigma que não contém cópula, mas que é utilizado em contextos não-marcados para evidencialidade.

(87) *ipa hawa anö sama a niapalipili*

ipa *hawa=a* *=nö* *sama* *a=* *nia* *=pa* *=li* *=pili*

1POS pai =3SG =ERG anta 3SG= flechar =DER =PFV =PST.PRE.HOD

‘Meu pai flechou uma anta.’

Sentenças não testemunhadas pelo falante, isto é, cuja fonte da informação não é direta, recebem o morfema *tha*. Tanto *tha* (não testemunhado) quanto *ku* (testemunhado) ocorrem na mesma posição dentro da sentença, em distribuição complementar, e operam como verbos auxiliares, que carregam morfemas funcionais. Note nos exemplos abaixo, que clíticos de tempo ocorrem à direita e à esquerda de *tha*.

(88) *ösö laköpaköma thai*

*ösö= lakö =pa =kö =ma **tha** =i*

CLN:pele= afundar =DER =PFV =PST **N.TEST** =PST.HOD

‘A canoa afundou.’ (Alguém contou para o falante, ele não viu a canoa afundando.)

Também é possível omitir se a informação foi obtida em primeira ou segunda mão. Neste caso, a morfologia funcional (em negrito no exemplo abaixo) se liga diretamente à raiz verbal, sem a necessidade de um morfema que indique a fonte da informação:

(89) *suö töpö ãkomolasotima*

*suö tö= pö= ãko =mo =**laso** =**ti** =**ma***

mulher CLN:gnr= 3PL= caranguejo =INTRZ =**RIO.AC** =**DUR** =**PST**

‘As mulheres estavam pegando caranguejo rio acima.’

Uma terceira categoria de evidencial indica a inferência sobre a ocorrência de uma ação ou evento a partir de evidências objetivas obtidas pelo falante. Quando o evidencial inferencial, expresso pelo morfema *noa*, é utilizado, o falante indica que, apesar de não ter testemunhado a ação ou evento, teve acesso a elementos que atestam sua ocorrência.

(90) a. *Awaris hamö ipa ulu a huu noa*

Awaris =hamö ipa ulu a= huu noa

Awaris =LOC 1POS criança 3SG= ir INFR

‘Meu filho foi para Awaris.’ (O falante não viu o filho indo para Awaris, mas viu o filho chegando de volta em sua canoa. Assim, infere que o filho foi para Awaris.)

b. *wa sanömo noa*

wa= sanömo noa

3SG= tomar.banho INFR

‘Você tomou banho.’ (O falante viu sua esposa com o cabelo molhado quando ela chegou em casa, porém não a viu se banhando.)

c. *wa walokö noa?*

wa= walo =ki noa

2SG= chegar =PFV INFR

‘Você chegou?’ (Surpreso, o falante vê em sua comunidade alguém que ele não tinha conhecimento de que iria para lá. Ele não presenciou o momento de sua chegada.)

O morfema *noa* pode hospedar morfemas de tempo, indicando que uma ação ocorreu no passado recente ou que se realizará no futuro. Quando *noa* é expresso sem morfologia de tempo, como nos exemplos acima (90), a leitura é de passado recente.

(91) a. *ipa husopöa anö salaka a sokö noai*

ipa husopö =a =nö salaka a= sokö noa =i

1POS esposa =3SG =ERG peixe 3SG= pescar INFR =PST.H.REC

‘Minha esposa pescou.’ (O falante viu sua esposa voltando do rio trazendo peixes, mas não a viu pescando.)

b. *sa huu noapö*

wa= huu noa =pö

1SG= ir INFR =FUT

‘Eu estou indo.’ (O falante estava andando junto com outras pessoas, porém ficou para trás, assim, avisa que, como os demais estão à sua frente, ele também irá. O fato de os companheiros estarem caminhando à sua frente é uma evidência de que o falante também irá.)

O inferencial *noa* pode coocorrer com o morfema de evidencial não testemunhado *tha*. Neste caso, *noa* precede *tha*, e a marcação de tempo recai somente sobre a cópula *tha*, ficando *noa* sem morfema de tempo.

(92) a. *ipa husopöa anö salaka a sokö noa thai*

ipa husopö =a =nö salaka a= sokö noa tha =i

1POS esposa =3SG =ERG peixe 3SG= pescar INFR NTEST =PST.H.REC

‘Minha esposa pescou.’ (O falante viu sua esposa voltando do rio trazendo peixes, porém não a viu pescar.)

b. *a tiä noa thali*

a= tiä noa tha =li

3SG= tecer INFR NTEST =PST.H.NREC

‘Ele teceu.’ (O falante viu a peneira, mas não a viu sendo feita.)

Também é possível que o evidencial inferido *noa* ocorra entre o morfema de passado *ma* e o evidencial não testemunhado *tha*.

(93) a. *ipa husopöa a sanömoma noa thali*

ipa husopö a= sanömo =ma noa tha =li

1POS esposa 3SG= tomar.banho =PST INFR NTEST =PST.H.NREC

‘Minha esposa tomou banho.’ (O falante não testemunhou a ação, mas viu a esposa chegar em casa com o cabelo molhado.)

Borgman (1990) glosa o morfema *=ma* que precede *tha* como “completivo”. Segundo o autor, quando o “completivo” ocorre com o “verificado no passado” *tha*, o sentido da sentença é de que a ação ou evento foi verificado no passado e não há indicação de que a mesma condição continue existindo no momento da fala. Quando o completivo não coocorre com *tha*, o autor (op. cit.) analisa que a condição que foi verificada no passado prevalece no presente. Não descartaremos a assunção de Borgman de que a coocorrência de *=ma* e *tha* indica uma condição que prevalece, mas precisamos de mais elementos para assumir essa análise. Por ora, manteremos a análise de *=ma* como sendo um morfema de passado em contextos de sentenças marcadas como não testemunhadas.

Hipótese sobre as origens dos evidenciais *ku* ‘testemunhado’ e *tha* ‘não- testemunhado’

Temos a hipótese de que os auxiliares *ku* ‘testemunhado’ e *tha* ‘não testemunhado’ tenham como origem verbos que são utilizados atualmente na língua e possuem significados amplos. Existe na língua Sanõma um verbo com a mesma forma do auxiliar *ku* cujo sentido é ‘existir’, ‘estar localizado’ ou ‘possuir’. Este verbo é utilizado quando o falante não deseja precisar a posição em que se encontra uma entidade. Para dar informações mais detalhadas sobre a posição, há verbos posicionais com sentidos bastante específicos. Note no par de exemplos em (94) o contraste entre o sentido amplo de *ku* ‘existir’ e o sentido específico do verbo posicional *lo* ‘estar sentado’.

(94) a. *ipa sai a naha Pakokai a kua*

ipa sai =a =naha Pakokai a= ku =a
 1POS casa =3SG =OBL Pakokai 3SG= existir =PRS
 ‘Pakokai está em minha casa.’

b. *ipa sai a naha Pakokai a loa*

ipa sai =a =naha Pakokai a= lo =a
 1POS casa =3SG =OBL Pakokai 3SG= estar.sentado =PRS
 ‘Pakokai está em minha casa sentado.’ / ‘Pakokai está sentado em minha casa.’

O ambiente sintático que teria gerado o processo de gramaticalização desse verbo para que passasse a operar como um auxiliar marcando o evidencial testemunhado, seria o de orações relativas, como as dos exemplos abaixo (as orações relativas estão entre colchetes e as que estão fora do colchete são as orações principais):

(95) a. [*ĩ a kule*] *a kalipaloö*

[*ĩ a= ku =la =e*] *a= kalipalo =ö*
 [ANA 3SG= existir =PRS =PROX.VIS] 3SG= trabalhar =DYN
 ‘Esse que está ali, ele está trabalhando.’

b. [ĩ a ku he] a kalipaloö

[ĩ a= ku =he] a= kalipalo =ö

[ANA 3SG= existir =PST.H.REC] 3SG= trabalhar =DYN

‘Esse que estava ali [agora há pouco] está trabalhando.’

c. [ĩ a ku pili] a kalipaloö

[ĩ a= ku =pili] a= kalipalo =ö

[ANA 3SG= existir =PST.PRE.HOD] 3SG= trabalhar =DYN

‘Esse que estava ali [ontem ou antes], ele está trabalhando.’

Note nos exemplos acima que na oração relativa *ku* é usado como verbo, com o sentido de ‘estar localizado’. A ele se ligam os morfemas de tempo que são exclusivos de orações relativas (=la ‘presente’ (95a), =he ‘passado hodierno recente’ (95b) e =pili ‘passado pré hodierno’ (95c)).

Nossa hipótese parte da ideia de que o uso frequente desse tipo de construção com o verbo *ku* ‘existir’ e morfemas funcionais teria gerado o processo de gramaticalização do verbo *ku*, que passa a ser um auxiliar que acompanha verbos principais e que possui a função de indicar o evidencial testemunhado.

Sincronicamente, o verbo e o morfema de evidencial testemunhado são um exemplo de sincretismo.

O fato de Sanöma ser uma língua de núcleo final teria acarretado um reordenamento desse verbo auxiliar, que passa a ocorrer no final das orações principais, após o verbo, hospedando morfemas funcionais, como ilustram os exemplos abaixo (o verbo auxiliar está em negrito):

(96) a. ĩ a kalipalo **kule**ĩ a= kalipalo **ku** =la =eANA 3SG= trabalhar **TEST** =PRS =PROX.VIS

‘Ele está trabalhando.’

b. *ĩ a kalipalo ke*

ĩ *a=* *kalipalo* *ku* *=he*

ANA 3SG= trabalhar **TEST** =PST.H.REC

‘Ele estava trabalhando [hoje de manhã].’

c. *ĩ a kalipalo kipili*

ĩ *a=* *kalipalo* *ku* *=pili*

ANA 3SG= trabalhar **TEST** =PST.N.HOD

‘Esse estava trabalhando [ontem ou antes].’

O mesmo tipo de processo de gramaticalização pode ter ocorrido no caso do morfema *tha*, que indica ‘não-testemunhado’. Existe na língua um verbo com significado amplo que possui a mesma forma da cópula de não testemunhado: *tha* ‘fazer’.

O quadro abaixo resume a marcação de evidencialidade na língua Sanöma.

Quadro 21: Morfema de evidencialidade

morfema	glosa	correspondente em português
∅	não marcado	-
<i>k(u)</i>	[+testemunhado]	‘vi que’
<i>tha</i>	[-testemunhado]	‘ouvi dizer’
<i>noa</i>	inferido	‘evidentemente’

Nossa análise sobre os tipos de evidenciais morfologicamente marcados em Sanöma difere em parte da análise de Borgman (1990, p. 165). O autor considera que a língua marca morfologicamente três graus de conhecimento do falante sobre a ação ou evento que está relatando: testemunhado, verificação e suposição. O quadro abaixo apresenta uma comparação entre a análise de Borgman (1990) e a nossa análise.

Quadro 22: Morfemas de evidencialidade. Comparativo com análise de Borgman (1990)

morfema	glosa	glosa (Borgman, 1990)
∅	não marcado	-
<i>k(u)</i>	[+testemunhado]	[+testemunhado]
<i>tha</i>	[-testemunhado]	verificado no passado
<i>noa</i>	[+inferido]	verificado no presente
<i>kitä</i>	(modalidade)	suposto

O evidencial testemunhado, de acordo com o autor, seria marcado pelo morfema *ku* mais os morfemas de espaço e tempo, ou apenas de tempo. Conforme apresentamos nesta seção, nós concordamos com a análise de Borgman (1990) em relação ao morfema de evidencial testemunhado.

O evidencial verificado, para Borgman (op. cit.), seria marcado pelo morfema =*noa* no tempo presente e por *thai* ou *thali* no passado. Isto é, *noa* indicaria uma ação não testemunhada cuja verificação estivesse ocorrendo no presente, enquanto *tha* expressaria uma ação não testemunhada cuja verificação tenha ocorrido no passado recente (*thai*) ou no passado distante (*thali*). O autor não faz menção sobre a coocorrência de *noa* com morfemas de passado.

Para Borgman (op. cit.), a evidência pode ser obtida tanto visualmente, isto é, o falante vê uma evidência que atesta a ocorrência da ação ou evento, quanto pode ser obtida ouvindo o relato de alguém que testemunhou a ação.

Quando *noa* coocorre com *tha*, o autor analisa que a verificação foi feita por meio da escuta do relato de alguém que presenciou a ação ou evento. Em nosso *corpus*, no entanto, temos exemplos em que esses dois morfemas coocorrem cujo sentido não é de uma evidência obtida por meio do relato de alguém que testemunhou a ação, mas sim de uma evidência vista pelo falante, como são os casos de (92a) e (93a).

Sobre o evidencial *tha*, nossa opção por analisá-lo como um marcador de evidencial não testemunhado e não como um morfema de evidencial verificado decorre do fato de que em nossos dados há diversos exemplos em que *tha* é utilizado em contextos em que não houve verificação, como em (88), em que o falante não viu a cena, nem tampouco viu algum indício de sua ocorrência, mas somente ouviu o relato de alguém que testemunhou a ação, ou ainda, que obteve a informação também de segunda-mão. Borgman (1990) analisa que quando *tha* ocorre sem *noa*, ele expressa um evidencial cuja verificação ocorreu no passado.

Consideramos insuficiente a explicação de Borgman (1990) sobre sua análise de que *noa* seria um morfema de “verificado no presente”, *tha* seria um morfema que expressa “verificado no passado” e a coocorrência de ambos expressaria um evidencial verificado em que a verificação é o relato de alguém que testemunhou o evento.

Nossa coleta de dados nos mostrou que *tha* possui a função de não testemunhado, em contraposição à *ku* “testemunhado”, e que o *status* de *noa* é diferente do *status* desses dois morfemas, pois revela que, com base em evidências objetivas, o falante infere a ocorrência de uma ação ou evento. Nos dois primeiros, o falante assume como verdade os fatos que está relatando, com *noa*, o falante expressa que trata-se de uma inferência, e não de uma certeza.

Devido à complexidade do tema, precisamos de mais dados e de uma análise mais aprofundada para compreender cada nuance de sentido presente nos evidenciais em Sanõma.

O terceiro evidencial descrito por Borgman (1990) é o “suposto” (*supposition* segundo o autor). Este evidencial seria marcado pelo morfema *kitä*, que ocorre em sentenças no passado, no presente e no futuro.

Considerando que *kitä* não indica fonte da informação, não o analisamos como um morfema de evidencialidade, mas como um morfema de modalidade, que indica que, sob a análise do falante, existe alta probabilidade de uma ação ou evento ocorrer (ver seção 5.6.3.4 sobre tempo e modalidade).

Dessa forma, nossa análise considera que a língua Sanõma possui um sistema com três evidenciais: testemunhado, não testemunhado e inferido. Diferentemente da análise de Borgman (1990), que considera um sistema que também contém três evidenciais, porém, com diferentes categorias: um testemunhado e dois verificados, sendo que o que diferencia os verificados é o momento da verificação em relação ao momento da fala, ou seja, o tempo da verificação.

Outras línguas da família Yanomami possuem sistemas mais complexos, que expressam diferentes graus de evidencialidade não testemunhada. A língua Yanomama, por exemplo, possui cinco tipos de evidenciais, com diferentes graus e formas de verificação (FERREIRA, 2017, p. 601): (i) testemunhado (*eye-witnessed*), (ii) escutado, (iii) inferido com base em evidências objetivas, (iv) assumido por sendo comum ou razão lógica, (v) reportado.

Sanöma possui uma morfologia menos rica para exprimir as mesmas categorias, que se neutralizam em menos tipos. Assim, as categorias “testemunhado” e “ouvido” do Yanomama compõem a categoria do evidencial testemunhado do Sanöma, marcado por *ku*; “inferido” e “assumido” do Yanomama se enquadram na categoria “inferido”, marcado por *noa* em Sanöma e o evidencial “reportado” do Yanomama é o equivalente ao não-testemunhado (*tha*) do Sanöma.

Outra variante da língua Yanomami, o Xamatauteri, descrito por Ramirez (1994), possui um sistema com quatro evidenciais, sendo (i) um testemunhado, que é a categoria equivalente ao testemunhado (*ku*) da língua Sanöma, (ii) um deduzido, (iii) um inferido, estes dois tipo são neutralizados em Sanöma no evidencial inferido, marcado por *noa*. Há também o reportado, que é o equivalente ao não testemunhado (*tha*) do Sanöma.

Segundo a análise de Aikhenvald e Dixon (1998), o fato de a língua Sanöma possuir menos evidenciais do que outras línguas Yanomami pode ser explicado pela maior distância de Awaris à área linguística das bacias dos rios Içana e Vaupés, na região do alto rio Negro no noroeste amazônico.

Para Aikhenvald e Dixon (1998) essa região pode ser considerada uma área linguística, pois ela apresenta um grande número de traços linguísticos compartilhados por línguas de três famílias não aparentadas (Aruák, Tukano e Naduhup). Segundo os autores, as línguas dessa região possuem ricos sistemas de evidencialidade, o que seria um dos traços linguísticos utilizados para considerá-la uma área linguística (AIKHENVALD, 2004) (AIKHENVALD & DIXON, 1998).

Estes traços teriam se espalhado entre línguas faladas em regiões mais próximas, o que poderia explicar o fato de que grupos Yanomami que habitam regiões vizinhas ou próximas às bacias dos rios Içana e Vaupés possuam em suas línguas sistemas com mais evidenciais morfologicamente marcados do que outras línguas Yanomami geograficamente mais distantes.

O Ninam, que é a língua falada na parte do território Yanomami do Brasil mais distante à área linguística das bacias dos rios Vaupés e Içana, possui um sistema com somente dois evidenciais (testemunhado e não testemunhado) (GOMEZ, 1990).

5.7 Negação

A negação em Sanöma pode ser expressa de duas formas: (i) por meio de um morfema de negação (=mi), que se posiciona à direita da raiz verbal, e (ii) com um verbo (*ma* ‘não existir’) que é utilizado como verbo secundário em construções multi-verbais e possui a função de negar o verbo principal. Essas duas estratégias de negação já foram descritas por Kroeger (2005) e (COMRIE & THOMPSON, 2007) em línguas do mundo.

O morfema =mi ocupa a penúltima posição na sentença, podendo ser seguido, de forma opcional, pelo morfema intensificador =ipö em todas as classes de verbos. Em verbos dinâmicos e atributivos, localiza-se imediatamente à direita da raiz, ou à direita de um morfema derivacional, que se liga à raiz. Em verbos posicionais, o morfema de negação ocorre à direita do morfema posicional =a, em contextos de presente e passado, e do morfema estativo =o, no futuro. Em verbos irregulares somente possuímos exemplos de =mi em contextos de presente. O morfema ocorre à direita do morfema estativo =o. Sendo assim, verbos negados com o morfema =mi não possuem marcação de tempo, espaço, aspecto ou modalidade.

Os esquemas abaixo indicam os morfemas que podem coocorrer com =mi em verbos dinâmicos (97), atributivos (98), posicionais (99) e irregulares (100). Os morfemas entre parênteses são opcionais, isto é, =mi pode ocorrer diretamente ligado à raízes dinâmicas e atributivas, mas entre raízes dessas classes e =mi pode ocorrer um morfema derivacional, a depender do contexto. O mesmo ocorre com o morfema intensificador =ipö.

Verbos dinâmicos

raiz verbal (=morfema derivacional) =*mi* (=morfema intensificador)

- (97) X (=pa/=po/=mo) =*mi* (=ipö)
 raiz (=DER/=CSV/=INTRZ) =NEG (=INTNS)

Verbos atributivos

raiz verbal (=morfema derivacional) =*mi* (=morfema intensificador)

- (98) X (=mo) =*mi* (=ipö)
 raiz (=INTRZ) =NEG (=INTNS)

Verbos posicionais

raiz verbal =morfema de classe verbal =*mi* (=morfema intensificador)

- (99) X =a/=o =*mi* (=ipö)
 raiz =POST/=STV =NEG (=INTNS)

Verbos irregulares

raiz verbal =morfema estativo =*mi* (=morfema intensificador)

- (100) X =o =*mi* (=ipö)
 raiz =STV =NEG (=INTNS)

Verbos negados com =*mi* possuem leitura imperfectiva. Considerando que o tempo presente não é marcado morfologicamente em Sanöma em sentenças não testemunhadas sem marcação de espaço (ver seção 5.6.3.3 sobre tempo), a ausência de morfologia de tempo

nos verbos com *=mi* nos leva a assumir que o tempo *default* dessas sentenças é o presente²⁰. Outro fato que corrobora essa assunção é a necessidade de evidenciar as categorias de passado e futuro por meio da expressão de advérbios de tempo, como *huwisa* ‘ontem’ (101a), ou *hena tähä* ‘amanhã’ (101b) para que verbos com *=mi* tenham leitura de passado ou de futuro.

(101) a. *huwisa ha suö tönö thãitata thaami*

huwisa =ha suö =tö =nö thãĩ tata= thaa =mi
 ontem =REL.PST mulher CLN:gnr =ERG tipoiaCLN:tipoia= fazer =NEG
 ‘Ontem a mulher não estava fazendo tipoia (de carregar bebê).’

b. *hena tähä ISA töpö kuomi*

hena =tähä ISA tö= pö= ku =o =mi
 amanhã =REL.PRS ISA CLN:gnr= 3PL= estar =STV =NEG
 ‘Amanhã o pessoal do ISA não vai estar.’

Como qualquer outro verbo da língua Sanöma, o verbo de negação *ma* ‘não existir’ carrega morfemas de tempo, espaço, aspecto ou modalidade. Assim, a negação com o verbo *ma* é utilizada em contextos perfectivos e de não presente (passado ou futuro).

Nesta seção apresentaremos primeiramente os exemplos da estratégia de negação com o morfema *=mi*, e posteriormente, da negação feita com o verbo *ma* ‘não existir’.

5.7.1 Negação com o morfema *=mi*

Em raízes dinâmicas o morfema *=mi* pode se ligar diretamente à raiz (102a) ou a um morfema derivacional, como *=po* ‘conservativo’ em (102c). O exemplo (102b) mostra que o uso de *=mi* no passado perfectivo com verbos dinâmicos não é permitido.

²⁰ É possível considerar que *=mi* ocorra apenas como negação de verbos não finitos.

(102) a. *Totolima anö amatosilemö a wani oami*

Totolima =a =nö amatosilemö a= wani= oa =**mi**

Totolima =3SG =ERG jeju 3SG= DEPR= comer =NEG

‘Totolima não come jeju.’

b. * *Totolima anö huwi sa ha amatosilemö a oami*

Totolima =a =nö huwisa =ha amatosilemö a wani= oa =**mi**

Totolima =3SG =ERG ontem =OBL jeju 3SG= DEPR= comer =NEG

Leitura buscada: ‘Totolima não comeu jeju ontem.’

c. *suö tönö sii toto ãhua maaki toto kakapomi*

suö =tö =nö si toto= ãhu =a =maaki

mulher =CLN:gnr=ERG rede CLN:cipó= espremido =DER =CONCS

toto= kaka =po =**mi**

CLN:cipó= rasgar =CSVT =NEG

‘A mulher torceu a rede mas ela não rasgou.’

Em verbos atributivos, o morfema de negação =*mi* se liga diretamente à raiz, ou a um morfema derivacional, como =*mo* ‘intransitivizador ou reflexivo’ em (103a). Com raízes dessa classe verbal, =*mi* pode ocorrer em sentenças com leitura de presente (103a,b), de passado (103c) e de futuro (103d).

(103) a. *sa mamo ninimomi*

sa= mamo= nini =mo =**mi**

1SG= olho= estar.doendo =INTRZ =NEG

‘Meu olho não está doendo.’

b. *ulu tä ia maaki a pötömi*

ulu tä= ia =maaki a= pötö =mi
 criança CLN:gnr= comer =CONCS 3SG= estar.esticado =NEG
 ‘A criança está comendo mas não está de barriga cheia.’

c. *huwisa ha ulu tä iama maaki a pötömi*

huwisa =ha ulu tä= ia =ma =maaki
 ontem =REL.PST criança CLN:gnr= comer =PST =CONCS

a= pötö =mi
 3SG= estar.esticado =NEG

‘Ontem a criança comeu mas não ficou de barriga cheia.’

d. *hena tähä sa inamo kule maaki sa motami*

hena =tähä sa= inamo ku =la =he =maaki
 amanhã =REL.PRS 1SG= brincar TEST =PRS =PROX.VIS =CONCS

sa= mota =mi
 1SG= estar.cansado =NEG

‘Amanhã vai ter jogo [de futebol] e eu não vou ficar cansado.’

Em raízes de verbos posicionais, assim como em raízes atributivas, a negação com =mi pode ocorrer em sentenças com leitura de passado, presente ou futuro. No presente e no passado, =mi ocorre após o morfema de classe verbal =a (104a-b), usado em verbos posicionais. No futuro, =mi sucede o morfema estativo =o (104c).

(104) a. *sai a naha ipa husopö a kuami*

sai =a =naha ipa husopö a= ku =a =mi
 casa =3SG =OBL 1POS esposa 3SG= estar =POST =NEG
 ‘Minha esposa não está em casa.’

b. *hama tä waloki tähä huwisa ha ipa husopö a kuami*

hama =tä *walo* =ki =tähä *huwisa* =ha

visitante=CLN:gnr chegar =PFV =REL.PRS ontem =REL.PST

ipa *husopö* a= *ku* =a =**mi**

1POS *esposa* 3SG= *estar* =POST =NEG

‘Ontem, quando o visitante chegou, minha esposa não estava em casa.’

c. *hena tähä ISA töpö kuomi*

hena =tähä ISA *tö*= *pö*= *ku* =o =**mi**

amanhã =REL.PRS ISA CLN:gnr= 3PL= *estar* =STV =NEG

‘Amanhã o pessoal do ISA não vai estar.’

Em raízes de verbos irregulares, somente possuímos exemplos de =*mi* em contextos de presente, em que ocorre após o morfema estativo =*o*. É preciso verificar se sua ocorrência é possível em contextos de passado e futuro também.

(105) a. *a amisi kōomi*

a= *amisi* *kō* =o =**mi**

3SG= *estar.com.sede* *voltar* =STV =NEG

‘Não voltou a sentir sede.’

b. *hāwä potomo kōkō wai miomiiipö*

hāwä *potomo* *kōkō*= *wai*= *mi* =o =**mi** =ipö

morcego *potomo* CLN:colet= DIMIN= *dormir* =STV =NEG =INTNS

‘Os morcegos *potomo* realmente não dormem.’

5.7.2 Negação com o verbo *ma* ‘não existir’

Assim como o morfema *=mi*, o verbo *ma* ‘não existir’ também pode ser usado após verbos estativos, nos mesmos contextos em que o morfema *=mi* é utilizado, aparentemente sem que haja alteração do significado das sentenças.

Há um contexto, no entanto, em que somente o verbo *ma* pode ser usado, e o morfema *=mi* não pode ocorrer: em raízes de verbos dinâmicos em situações perfectivas (106a). Nesses casos, apesar da leitura perfectiva, o verbo de negação não recebe morfologia de aspecto perfectivo.

Em sentenças perfectivas durativas, o morfema de aspecto durativo (*=ti*) é expresso à direita do verbo de negação *ma* ‘não existir’

(106b). Nesse exemplo o verbo é durativo e perfectivo²¹.

(106) a. *Totolima anö huwisa ha amatosilemö a oa **ma**ama*

Totolima =a =nö huwisa =ha amatosilemö

Totolima =3SG =ERG ontem =OBL jeju

*a= wani oa **ma** =o =ma*

3SG= DEPR= comer NEG =STV =PST

‘Totolima não comeu jeju (peixe) ontem.’

b. *Totolima anö huwisa ha sa walo tähä amatosilemö a oa **matima***

Totolima =a =nö huwisa =ha sa= walo =tähä

Totolima =3SG =ERG ontem =OBL 1SG= chegar =REL.PRS

*amatosilemö a= wani= oa **ma** =ti =ma*

*jeju 3SG= DEPR= comer **não.existir** =DUR =PST*

‘Ontem quando eu cheguei Totolima não comeu jeju.’

²¹ Sobre a ocorrência do morfema de aspecto durativo em verbos perfectivos, ver a seção Aspecto 5.6.3.1.

O exemplo (107a) abaixo mostra que o verbo de negação *ma* ‘não existir’ pode ocorrer em verbos atributivos nos mesmos contextos em que o morfema *=mi* é utilizado, sem haver alteração aparente de significado. Note que o exemplo (107a) abaixo é semelhante ao exemplo (103a) com exceção da forma como a negação é produzida, que em (103a) ocorre por meio do morfema *=mi*, e em (107a), por meio do verbo *ma* ‘não existir’.

(107) a. *huwisa ha ulu tä iama maaki a pötö maama*

huwisa =ha ulu tä= ia =ma =maaki

ontem =REL.PST criança CLN:gnr= comer =PST =CONCS

a= pötö ma =o =ma

3SG= esticado NEG =STV =PST

‘Ontem a criança comeu mas não ficou de barriga cheia.’

Assim como ocorre com verbos atributivos, a negação de verbos posicionais no passado pode ser feita tanto com o morfema *=mi* quanto por meio do verbo *ma* ‘não existir’. No exemplo abaixo a negação do verbo *ku* ‘estar’ está sendo feita por meio do verbo secundário *ma* em uma construção multi-verbal. Note que *ma* recebe morfologia de classe verbal, pois pertence à classe dos verbos posicionais, sendo o antônimo de *ku* ‘estar, existir’, e de tempo.

(108) a. *huwisa sai a naha sa waloköma maaki ipa husopö a kuo maama*

huwisa sai =a =naha sa= walo =ki =ma =maaki

ontem casa =3SG =OBL 1SG= chegar =PFV =PST =CONCS

ipa husopö =a ku =o ma =o =ma

1POS esposa =3SG estar =STV NEG =STV =PST

‘Ontem quando voltei para casa minha esposa não estava.’

Assim como nas demais classes verbais, em raízes de verbos irregulares a negação no passado perfectivo também é feita com o verbo *ma* ‘não existir’ em uma construção multi-verbal em que *ma* é o verbo secundário que tem a função de negar o verbo principal e carregar a morfologia de tempo.

(109) a. *mumai ha ipa ulu a mio **maa** kipi*

mumai =ha ipa ulu a= mi =o ma =o ku =pi

noite =OBL 1POS criança 3SG= dormir =STV NEG =STV TEST =PST.H.NREC

‘Meu filho não dormiu à noite’

Para expressar a alta probabilidade de uma ação ou evento não ocorrer se realiza o verbo *ma* acompanhado pelo morfema de modalidade *kitä* (ver mais sobre o morfema *kitä* na seção 5.6.3.3 sobre tempo e modalidade).

(110) a. *sa kalipalo **mai**²² kitä*

*sa= kalipalo **ma** =o kitä*

1SG= trabalhar NEG =STV MODAL

‘Eu não vou trabalhar.’

b. *satehe epi ãko wa kökö säpali wi ãtä kua **mai** kitä*

satehe =epi ãko wa= kökö= sä =pa =li =wi

muito =INTNS caranguejo 2SG= 3PL= bater =DER =PFV =NMLZ

*ã tä= ku =a **ma** =o kitä*

ANA CLN:gnr= existir =PFV.VWL NEG =STV MODAL

‘Você não vai matar muitos caranguejos.’ Lit.: ‘O ato de matar muitos caranguejos não vai existir.’

²² Um processo morfofonológico de harmonia vocálica faz com que o fone [i] de *kitä* influencie a realização do morfema estativo =o, que se realiza também como [i].

5.8 Resumo do capítulo

Este capítulo apresentou as quatro subclasses verbais da língua Sanõma: Dinâmicos, Posicionais, Atributivos e Irregulares. Essa classificação foi baseada na análise de Ferreira (2017) sobre a língua Yanomama, que utiliza critérios morfológicos para a diferenciação das subclasses verbais. Essa análise difere das classificações sugeridas em Borgman (1990) e Ramirez (1994).

Em 5.6 apresentamos as funções e os usos dos morfemas que se ligam às raízes verbais. Mostramos que os morfemas que ocupam a posição pré-verbal são clíticos de concordância. Os morfemas que ocupam a posição pós verbal se dividem em derivacionais, flexionais, e oracionais. Clíticos derivacionais modificam o sentido do verbo ou criam verbos a partir de outras raízes verbais, ou de raízes nominais. Clíticos flexionais introduzem categorias gramaticais como tempo, espaço, aspecto e evidencialidade. Os enclíticos oracionais são os subordinadores, que marcam orações subordinadas. Os enclíticos oracionais são o tema do próximo capítulo (Orações Subordinadas).

A seção sobre a negação de verbos mostrou que a língua Sanõma possui duas estratégias para a negação de verbos: (i) o morfema de negação (=mi) ligado ao verbo à direita da raiz; e (ii) por meio do verbo *ma* ‘não existir’ em construções multi-verbais à direita do verbo principal, negando-o.

Ambas estratégias podem ocorrer com todos os tipos de verbos. No entanto, em verbos dinâmicos e irregulares =mi ocorre somente em contextos de presente. Para expressar a negação de verbos dinâmicos e irregulares no passado é utilizado o verbo *ma*. Este, por sua vez, carrega morfologia de tempo e aspecto.

Em verbos de estado (atributivos e posicionais), o morfema =mi pode ser utilizado em contextos de passado, presente e futuro, enquanto o verbo *ma* pode ser utilizado apenas em contextos de passado. É preciso verificar como se dá o uso do verbo *ma* em contextos de futuro.

Para expressar a alta probabilidade de uma ação ou evento não ocorrer, o verbo *ma* ‘não existir’ coocorre com o morfema de modalidade *kitä*.

6 Orações subordinadas

Sanöma possui os seguintes tipos de orações subordinadas: (i) temporais, marcadas por *=tähä*, por *=nö*, *=ha* ou *=paha* (ii) causais, marcadas por *=kutenö* ou por *=salo*, (iii) contrafactuais, marcadas por *=kōnaha*, e (iv) e concessivas, marcadas por *=maaki*.

As relativas são marcadas (i) por *=wi*, (ii) pelo morfema *noai* que em orações principais expressa o evidencial inferido, (iii) pelo paradigma de tempo que expressa o evidencial testemunhado em orações principais.

Assim como ocorre com as sentenças interrogativas, na última sílaba de orações subordinadas também não há realização de oclusão glotal. Pode-se perceber, portanto, um prolongamento da última vogal. Orações principais declarativas, por outro lado, são marcadas por uma oclusão glotal na última sílaba, que se realiza de forma breve.

Nos exemplos abaixo orações subordinadas estão entre colchetes e orações principais estão fora do colchete.

6.1 Orações subordinadas adverbiais temporais

Diferentes categorias de tempo relativo em subordinadas adverbiais são expressas por diferentes morfemas: (i) o passado relativo é marcado por *=nö* ou por *=ha*, que expressam uma ação ou evento que ocorreu antes da ação ou evento expresso pela oração principal. O presente relativo é expresso por *=tähä*, que marca algo que acontece no momento da ação ou evento expresso pela oração principal. (iii) uma ação ou evento que ocorre em um período de tempo no qual se realiza a ação ou evento expresso na oração principal, é marcado por *=paha*¹.

¹ As marcas que estão sendo analisadas como tempo relativo, podem ser analisadas como aspecto, pois expressam uma relação entre o tempo do evento e o tempo do tópico. Para assumirmos essa análise precisamos de uma pesquisa mais aprofundada sobre o tema. No momento manteremos a proposta de tempo relativo a fim de seguirmos a análise que tem sido feita sobre esses morfemas nas línguas Yanomami.

6.1.1 Passado relativo

O morfema que indica o passado relativo (=nő) pode ocorrer diretamente após raízes de verbos dinâmicos (1a). Em raízes posicionais (1b) e irregulares (1d), o morfema =nő não se liga diretamente, mas é intermediado pelo morfema =o, que ocorre em verbos posicionais no passado e em verbos irregulares no presente e no passado. Verbos atributivos necessitam ser derivados em verbos dinâmicos para poderem receber o morfema de passado relativo (1c).

(1) a. [salo sa hanő **nő**] ai töpö naha satä totomaö

salo sa= hanő =**nő** ai =tö =pö =naha
 animal 1SG= cortar =REL.PST outro=CLN:gnr=3PL =OBL

sa= tǎ= toto =ma =ö
 1SG= CLN:gnr= dar =CAUS =DYN

‘Depois de cortar a caça eu a dei para outras pessoas.’

b. [sa loo **nő**] sa iapaloö

sa= lo =o =**nő** sa= ia =palo =ö
 1SG= estar.sentado =STV =REL.PST 1SG= comer=REPET =DYN
 ‘Depois que me sento eu como.’

c. [au wö sa hetehepamanö **nő**] lope epi wa kai huuma

au wö sa= hetehe =pa =ma =li =**nő**
 2POS cesto 1SG= estar.leve =DER =CAUS=PFV =REL.PST

lope =epi wa= kai= huu =ma
 ser.rápido =INTNS 2SG= APP= ir =PST

‘Depois que esvaziei seu cesto você caminhou rápido.’

d. [*olosi ti naha a tuo **nö***] *olosia a hukölöma*

olosi =ti =naha a= tu =o =**nö**

caju =CLN:madeira =OBL 3SG= subir =STV =REL.PST

olosi a= hukö =li =ma

caju 3SG= colher =PFV =PST

‘Depois de subir no cajueiro, pegou o caju.’

Outro morfema que expressa passado relativo é =*ha*, como ilustram os exemplos abaixo.

(2) a. [*ipa ulu sa halepoö **ha***] *pe epi sa hõ ninii*

ipa *ulu* *sa=* *hale* =po =ö =**ha**

1POSS criança 1SG= levar =CSVT =DYN =REL.PST

pe =*epi* *sa=* *hõ=* *nini* =ö

grande =INTNS 1SG= costas= doer =DYN

‘Depois que carreguei meu filho, fico com muita dor nas costas.’

b. [*silaka a hãki **ha***] *sa tuki ke*

silaka a= hã =ki =**ha**

flecha 3SG= estar.na.diagonal =PFV =REL.PST

sa= *tu* =ki *ku* =he

1SG= subir =PFV TEST =PST.H.REC

‘Depois que a flecha ficou presa, eu subi [na árvore para pegá-la de volta].’

c. [au wö a hetehe **ha**] hama töpönö a wö silölöma

au wö a= hetehe =**ha** hama

1POS cesto 3SG= estar.leve =REL.PST visitante

=tö =pö =nö a= wö silö =la =ma

=CLN:gnr =3PL =ERG 3SG= cesto levar =DISTR =PST

‘Depois que seu cesto ficou leve, os visitantes o carregaram.’

d. [hama tä hasuoö **ha**] moko tä pimönöha apama

hama tä= hasu =o =ö =**ha**

visitanteCLN:gnr= passar =STV =DYN =REL.PST

moko tä= pii.mönöha=apa =ma

mulher.jovem CLN:gnr= estar.feliz =INTNS =PST

‘Depois que o visitante passou, a moça ficou feliz.’

6.1.2 Presente relativo

O morfema =*tähä* ‘presente relativo’ indica que a ação ou evento expresso na oração subordinada ocorre ao mesmo tempo que a ação ou evento expresso na oração principal. Note nos exemplos abaixo que =*tähä* se liga diretamente a raízes de verbos dinâmicos (3a) e de verbos atributivos (3c). No entanto, entre =*tähä* e raízes posicionais há o morfema =*a*, que marca verbos posicionais (3b), entre =*tähä* e raízes de verbos irregulares há o morfema =*o*, que é glosado como ‘estativo’, mas também é utilizado em verbos irregulares (3d).

- (3) a. [Boa Vista hamö sa huu **tähä**] amoati naha sa hapalo pia salo

Boa Vista =hamö sa= huu =**tähä**

Boa Vista =LOC 1SG= ir =REL.PRS

amoati =naha sa= hapalo pi =a =salo

rádio =OBL 1SG= falar querer =DER =REAS

‘Quando for a Boa Vista vou conversar pela radiofonia.’

- b. [pii ni makea **tähä**] ni hotesoma

pii ni= make =a =**tähä**

tabaco CLN:tabaco= estar.sobre =POST =REL.PRS

ni= hote =so =ma

CLN:tabaco= estar.podre =PFV =PST

‘Quando estava apoiado [na prateleira], o tabaco estragou.’

- c. [ipa halo ösö hāsiti **tähä**] sa ösö tälöma

ipa halo ösö= hāsiti =**tähä**

1POS embrulho CLN:pele= estar.seco =REL.PRS

sa= ösö= tä =li =ma

1SG= CLN:pele= pegar =PFV =PST

‘Quando minha roupa estava seca eu a recolhi (do varal).’

- d. [ulu tä mio **tähä**] kama hai ã pöpönö a waloa kōkōma

ulu tä= mi =o =**tähä** kama=hai ã

criança CLN:gnr= dormir =STV =REL.PRS 3 =GEN ANA

pöpönö a= walo =a kō =ki =ma

mãe 3SG= chegar =PFV voltar =PFV =PST

‘Quando a criança estava dormindo, sua mãe voltou.’

O marcador de duração relativa *=paha* é utilizado em orações subordinadas adverbiais temporais e pode ser traduzido por ‘enquanto’. Ele denota que dentro do período de tempo em que o evento ou ação ocorreu, a ação ou evento expresso pela oração principal se realizou.

Assim como ocorre com *=tähä*, *=paha* também se liga diretamente a raízes dinâmicas (4a²-b) e atributivas (4d), é intercedido pelo morfema *=a* ‘posicional’ em raízes posicionais (4c) e pelo morfema *=o* ‘estativo’ em raízes irregulares (4e).

(4) a. [*ipa ulu saa halepo **paha***] *tä wisama*

ipa ulu sa= a= hale =po =paha
1POS criança 1SG= 3SG= carregar=CSVT =REL.DUR

tä= wisa =ma

CLN:gnr= entardecer =PST

‘Enquanto eu carregava meu filho, entardeceu.’

b. [*suö tönö nasi koko hölöka **paha***] *a amamo kule*

suö =tö =nö nasi koko= hölöka =paha
mulher =CLN:gnr=ERG mandioca CLN:mandioca= ralar =REL.DUR

a= amamo ku =la =e

3SG= cantar TEST =PRS =PROX.VIS

‘A mulher estava cantando enquanto ralava mandioca.’

c. [*salo a ala **paha***] *a nokisoma*

salo a= ala =a =paha a= noki =so =ma
animal 3SG= estar.sobre=POST =REL.DUR 3SG= moquear =PFV =PST

‘Enquanto estava apoiado (no jirau) a carne moqueou.’

² Em (4a), o morfema derivacional *=po* ocorre após a raiz e antes de *=paha*. Por ser um morfema derivacional, podemos considerar que ele faz parte da raiz, pois atua em propriedades lexicais, e não funcionais, do verbo.

d. [au wö a hetehe **paha**] hama töpönö a wö silölöma

au wö a= hetehe =**paha** hama

1POS cesto 3SG= estar.leve =REL.DUR visitante

=tö =pö =nö a= wö silö =la =ma

=CLN:gnr =3PL =ERG 3SG= cesto levar =DISTR =PST

‘Enquanto seu cesto estava leve, os visitantes o carregaram.’

e. [sa mio **paha**] maa tä häläma

sa= mi =o =**paha** maa tä= hälä =ma

1SG= dormir =STV =REL.DUR água CLN:gnr= chover =PST

‘Choveu enquanto eu estava dormindo.’

6.2 Orações subordinadas adverbiais causais

Os morfemas =salo e =kutenö indicam que a ação ou evento expresso na oração subordinada é a causa da ação/evento expresso na oração principal. Note nos exemplos abaixo que as conjunções =salo e =kutenö são intercambiáveis, isto é, ambas podem ser utilizadas com o mesmo significado.

(5) a. [ulu tä kelaso **kutenö**] a ökö kule

ulu tä= ke =laso =kutenö

criança CLN:gnr= cair =PFV =REAS

a= ökö ku =la =e

3SG= chorar TEST =PRS =PROX.VIS

‘A criança está chorando porque caiu.’

b. [ulu tä kelaso **salo**] a ökö kule

ulu tä= ke =laso =salo

criança CLN:gnr= cair =PFV =REAS

a= ökö ku =la =e

3SG= chorar TEST =PRS =PROX.VIS

‘A criança está chorando porque caiu.’

(6) a. [atakusa a makea **kutenö**] ulu töpönö a täami

atakusa a= make =a =**kutenö**

espingarda 3SG= estar.sobre =POST =REAS

ulu =tö =pö =nö a= tä =a =mi

criança =CLN:gnr=3PL =ERG 3SG= pegar=DER =NEG

‘As crianças não pegam a espingarda pois ela está sobre [um jirau].’

b. [atakusa a makea **salo**] ulu töpönö a täami

atakusa a= make =a =**salo**

espingarda 3SG= estar.sobre =POST =REAS

ulu =tö =pö =nö a= tä =a =mi

criança =CLN:gnr=3PL =ERG 3SG= pegar=DER =NEG

‘As crianças não pegam a espingarda pois ela está sobre [um jirau].’

(7) a. [hiti amatosi **kutenö**] wati tusöpami

hi =ti amatosi =**kutenö** wa= ti= tusö =pa =mi

árvore =CLN:madeira ser.duro=REAS 2SG= CLN:madeira= cortar =DER =NEG

‘Você não corta a árvore pois ela é dura.’

b. [*hi ti amatosi **salo***] *wati tusöpami*

hi =*ti* *amatosi* =**salo** *wa*= *ti*= *tusö* =*pa* =*mi*
 árvore =CLN:madeira ser.duro=**REAS** 2SG= CLN:madeira= cortar =DER =NEG
 ‘Você não corta a árvore pois ela é dura.’

6.3 Orações subordinadas adverbiais contrafactuais

As orações subordinadas adverbiais contrafactuais expressam uma ação ou evento que não ocorreu, mas que se tivesse ocorrido, teria condicionado a realização da ação ou evento expresso pela oração principal. Na sentença do português ‘Se eu tivesse comido, estaria de bom humor.’, está claro que o falante não comeu, e, portanto, não está de bom humor.

Em Sanöma, o subordinador contrafactual pode ocorrer com verbos de todas as classes. Note que =*könaha* se liga diretamente à raízes de verbos dinâmicos (8a-b). Raízes de verbos posicionais não recebem o morfema imediatamente à sua direita, mas recebem o morfema =*a*, que indica a classe dos verbos posicionais (8c) à esquerda de =*könaha*. Raízes de verbos atributivos recebem o morfema contrafactual imediatamente à sua direita (8d), e raízes de verbos irregulares necessitam do morfema estativo =*o* à esquerda de =*könaha* (8e).

(8) a. [*salaka a noma **könaha***] *pe epi samakö iapalopi*

salaka *a*= *noma* =**könaha** *pe* =*epi*
 peixe 3SG= morrer =**CNT.FACT** grande =INTNS

samakö= *ia* =*palo* =*pi*
 1PL= comer =REPET =COND

‘Se os peixes morressem nós comeríamos muito.’

- b. [*hena tähä Boa Vista sa huu **könaha***] *poo sa kökö sulipi*

hena =*tähä* *Boa Vista sa*= *huu* =***könaha***

cedo =REL.PRS *Boa Vista 1SG*= *ir* =CNT.FACT

poo sa= *kökö*= *su* =*li* =*pi*

facão 1SG= DL= *pegar* =PFV =COND

‘Se eu fosse para Boa Vista amanhã, traria facões.’

- c. [*salo a alaa **könaha***] *pole anö a oalipi*

salo *a*= *ala* =*a* =***könaha***

animal 3SG= *estar.sobre* =POST =CNT.FACT

pole =*a* =*nö* *a*= *oa* =*li* =*pi*

cachorro =3SG =ERG 3SG= *comer* =PFV =COND

‘Se a carne estivesse apoiada [no jirau] o cachorro a comeria.’

- d. [*yanomami tä kai äpäti **könaha***] *sa hapalopi*

yanomami tä= *kai*= *äpäti* =*o* =***könaha***

yanomami CLN:gnr= APP= *fácil* =STV =CNT.FACT

sa= *hapalo* =*pi*

1SG= *falar* =COND

‘Se língua Yanomami fosse fácil eu falaria.’

- e. [*a tuo **könaha***] *olosi a oapi*

a= *tu* =*o* =***könaha*** *olosi a*= *oa* =*pi*

3SG= *subir* =STV =CNT.FACT *caju 3SG*= *comer* =COND

‘Se subisse [no cajueiro] comeria caju.’

O subordinador contrafactual =*könaha* também pode ocorrer em raízes flexionadas. Note que o verbo dinâmico em (9a) está no passado e o verbo atributivo em (9b) teve sua valência aumentada pelo morfema causativizador =*ma*.

(9) a. [sa kalipaloma **könaha**] ipa pole sa tälipi

sa= kalipalo =ma =**könaha** ipa pole sa= tä =li =pi

1SG= trabalhar =PST =CNT.FACT 1POS cachorro 1SG= pegar=PFV =COND

‘Se eu tivesse trabalhado teria comprado um cachorro.’

b. [salaka sapö haloma **könaha**] salaka sapö halo sakipi

salaka sa= pö= halo =ma =**könaha**

peixe 1SG= 3PL= estar.embrulhado =CAUS=CNT.FACT

salaka sa= pö= halo sa =ki =pi

peixe 1SG= 3PL= estar.embrulhado assar =PFV =COND

‘Se eu tivesse embrulhado os peixes, eu os teria assado embrulhados.’

6.4 Orações subordinadas adverbiais concessivas

Orações subordinadas marcadas por =*maaki* expressam uma oposição à ideia apresentada na oração principal. Note que em sentenças com leitura de presente, a conjunção *maaki* se liga diretamente à raízes de verbos dinâmicos (10a) e atributivos (10d). Raízes de verbos posicionais e irregulares, no entanto, não podem receber a conjunção =*maaki* diretamente, mas é necessário um morfema de classe verbal entre a raiz e a conjunção. Assim, o morfema =*a* ‘posposição’ ocorre após a raiz posicionais (10c), e entre a raiz e a conjunção =*maaki* ocorre o morfema =*o* ‘estativo’, que, apesar do nome com que é glosado, é utilizado em verbos irregulares em contextos de presente, e em outros ambientes (10c) ver mais sobre o morfema =*o* na seção 5.5 sobre classes verbais.

(10) a. [sa älälämo **maaki**] ai tä huomi

sa= älälämo =**maaki** ai tä= huo =mi

1SG= gritar =CONCS outro CLN:gnr= responder =NEG

‘Eu grito mas a outra pessoa não responde.’

- b. [Kunatoi anö ilo a pi niaköma **maaki**] kama hai ã silaka a hãmaki ke

Kunatoi =a =nö ilo a= pi= nia =ki =ma =maaki

Kunatoi =3SG =ERG guariba 3SG= CONT=flechar =PFV =PST =CONCS

kama=hai ã silaka a= hã =ma =ki ku =he

3 =GEN ANA flecha 3SG= estar.na.diagonal=CAUS=PFV TEST =PST.H.REC

‘Kunatoi flechou o macaco guariba mas sua flecha ficou presa (nos galhos da árvore).’

- c. [silaka a hãa **maaki**] sa thapa komi

silaka a= hã =a =**maaki** sa= tha =pa kō =mi

flecha 3SG= estar.na.diagonal=POST=**CONCS** 1SG= fazer =DER voltar =NEG

‘A flecha está presa [na árvore] mas eu não a vou pegar de volta.’

- d. [hiti amatosi **maaki**] sati päpali

hi =ti amatosi =maaki sa= ti= pä =pa =li

árvore =CLN:madeira ser.duro=CONCS 1SG= CLN:madeira= cortar =DER =PFV

‘A árvore é dura, mas eu derrubo.’

- e. [a tuo **maaki**] olosi a täami

a= tu =o =maaki olosi a= tä =a =mi

3SG= subir =STV =CONCS caju 3SG= PEGAR=DER =NEG

‘Sobe [no cajueiro] mas não pega caju.’

O quadro abaixo sintetiza os tipos de orações subordinadas adverbiais que ocorrem na língua Sanöma e as conjunções utilizadas em cada tipo.

Quadro 1 – Conjunção utilizada com cada tipo de oração subordinada adverbial

tipo de oração subordinada adverbial	categoria de tempo relativo	morfema	tradução
temporal	presente relativo	= <i>tähä</i>	‘quando’, ‘se’
	passado relativo	= <i>nö</i>	‘depois de’, ‘então’
	passado relativo	= <i>ha</i>	‘depois de’, ‘então’
	duração relativa	= <i>paha</i>	‘enquanto’
causal		= <i>kutenö</i>	‘porque’, ‘como’
		= <i>salo</i>	‘porque’
contrafactual		= <i>könaha</i>	‘se’
concessiva		= <i>maaki</i>	‘mas’, ‘não obstante’, ‘embora’

6.5 Orações relativas

Orações relativas funcionam como um modificador do nome (COMRIE, 1989) (KEENAN & COMRIE, 1977). Nas orações relativas em Sanõma o núcleo relativizado é interno, isto é, o nome que é modificado por meio da oração relativa está contido na própria relativa. A oração principal retoma o argumento relativizado por meio de um pronome anafórico (*ĩ*), que recebe morfemas de concordância (classificador nominal e/ou o morfema de número), e nos contextos em que o nome relativizado possui uma posposição (como no caso de argumentos locativos), ela também é marcada no pronome anafórico na oração principal.

Identificamos duas estratégias de marcação do verbo na oração relativa: (i) por meio da nominalização do verbo da relativa com o morfema *=wi*; e (ii) flexionando o verbo da relativa com morfemas que indicam evidencialidade.

Na relativização com *wi*, o verbo não é flexionado para tempo, mas pode receber morfemas de classe verbal (11), morfemas derivacionais e de aspecto (12).

Na segunda estratégia, o verbo pode ser marcado como testemunhado, ou como inferido. Para o verbo da oração relativa ser marcado como testemunhado, é utilizado o paradigma de tempo que indica que o falante testemunhou a ação. Para o verbo ser marcado como inferido, é utilizado o morfema que expressa esse evidencial (*noa*) e o paradigma de tempo que coocorre com esse evidencial.

Nos exemplos abaixo, em que *=wi* nominaliza o verbo da oração relativa, vemos que verbos de todas as classes podem ser nominalizados por esse morfema. Em (11a) o verbo da relativa é dinâmico, em (11b) é um verbo posicional, em (11c), um verbo atributivo, e em (11d), o verbo da oração relativa pertence à classe dos irregulares.

A oração principal (fora dos colchetes nos exemplos) se inicia com um pronome anafórico (*ĩ*), que se refere ao argumento relativizado. Este, por sua vez, concorda com o argumento relativizado. Note que em (11a), *ĩ* é marcado pelo classificador nominal genérico *tä*, que concorda com o argumento *ulu tä* ‘a criança’, expresso na oração relativa. Em (11b), o pronome anafórico *ĩ* é marcado pelo morfema *kökö* ‘classificador nominal de coletivo’, que concorda com o argumento *ökoma kö* ‘bananas’, o núcleo relativizado. Em (11c), *ĩ* é marcado pelo classificador nominal *ösö*, que classifica objetos que possuem a função de envolver, embrulhar algo, concordando com o argumento *halo ösö* ‘roupa’. Em (11d), os morfemas *=tö* (classificador nominal genérico) e *=pö* (plural de terceira pessoa) que marcam o pronome anafórico concordam com o argumento *wasu töpö* ‘inimigos’, que é o núcleo relativizado.

(11) a. [*ulu tä älälämo wi*] *ĩ tä kuami*

ulu *tä=* *älälämo* *=wi* *ĩ* *tä=* *ku* *=a* *=mi*

criança CLN:gnr= comunicar =NMLZ ANA CLN:gnr= existir =POST =NEG

‘Criança não se comunica.’ / Criança que se comunica não existe.

b. [*ökoma kö sätäo wi*] *ĩ kökö tate*

ökoma *kökö=* *sätä* *=o* *=wi*

banana CLN:coletivo= estar.pendurado =STV =NMLZ

ĩ *kökö=* *tate*

ana CLN:coletivo= estar.maduro

‘As bananas que estão penduradas estão maduras.’

c. [halo ösö heu **wi**] ã ipa ösö

halo ösö= heu =**wi** ã ipa =ösö
 estar.embrulhado CLN:pele= estar.molhado=**NMLZ** ANA 1POS =CLN:pele
 ‘A roupa molhada é minha.’ / ‘A roupa que está molhada é minha.’

d. [wasu töpö hasuo **wi**] ã töpö waitili

wasu tö= pö= hasu =o =**wi** ã tö= pö= waitili
 perigo CLN:gnr= 3PL= passar =STV =**NMLZ** ANA CLN:gnr= 3PL= feroz
 ‘Os inimigos que passam são ferozes.’

Note nos exemplos abaixo, que o verbo nominalizado da oração relativa pode receber morfologia de aspecto (12a) e derivacional (12b) (em negrito nestes exemplos).

(12) a. [ulu tä **kelaso wi**] ã a aulu

ulu tä= ke =**laso** =wi ã a= aulu
 criança CLN:gnr= cair =**PFV** =NMLZ ANA 3SG= estar.doente
 ‘A criança que caiu está doente.’

b. [salaka sapö haloma **wi**] ã ipa tä

salaka sa= pö= halo =**ma** =wi ã ipa =tä
 peixe 1SG= 3PL= estar.embrulhado =**CAUS**=NMLZ ANA 1POS =CLN:gnr
 ‘Os peixes que embrulhei são meus.’

Orações relativas com o nominalizador =wi também podem ter a função de criar neologismos para nomear objetos não indígenas, ou para criar nomes a partir de verbos. No exemplo (13a), a oração relativa é a expressão utilizada para nomear a máquina que desidrata cogumelos. Em (13b) a oração relativa pode ser traduzida por “nossos alimentos”. Em (14a) o verbo atributivo *hĩso* causativizado ‘fazer ficar bravo’ é marcado por *wi* para criar o nome ‘raiva’

(13) a. [ana amopö hãsitima wi] ã sa tä totoa pia kule

ana amo= pö= hãsiti =ma =wi

cogumelo CLN:gnr= 3PL= estar.desidratado =CAUS=NMLZ

ã sa= tä= toto =a pi =a ku =la =e

ANA 1SG= CLN:gnr= dar =PFV querer =PFV TEST =PRS =PROX.VIS

‘Vou entregar a máquina que seca cogumelo.’

b. [Sanöma samakönö sama tökö nii pewö oa wi] ã tökö waheta

Sanöma =samakö =nö sama= tö= kö= nii

Sanöma =1PL =ERG 1PL= CLN:gnr= DL= comida

pewö= oa =wi ã =tö =kö waheta

TOT= comer =NMLZ ANA =CLN:gnr= DL livro

‘Livro de tudo o que nós, Sanöma, comemos.’

(14) a. [hĩsoma wi] ã tä hiopö

hĩso =ma =wi ã tä= hiopö

estar.bravo=CAUS =NMLZ ANA CLN:gnr= ser.ruim

‘Raiva é ruim’ / ‘O ato de fazer ficar bravo é ruim.’

Outras duas formas de marcação de orações relativas flexionam o verbo e indicam evidencialidade. O paradigma de tempo utilizado em sentenças testemunhadas atua como relativizador em orações relativas testemunhadas; já o morfema que indica inferência e o morfema de tempo são utilizados como relativizador em orações relativas marcadas pelo evidencial inferido.

Nos exemplos em (15) o paradigma de tempo utilizado em sentenças testemunhadas é utilizado como relativizador. O mesmo sistema de concordância utilizado nas relativas nominalizadas (apresentado acima) ocorre nesse tipo de construção relativa. Note que na oração principal de (15a) a anáfora ã é marcada pelo classificador nominal genérico *tä* não marcado para plural, concordando, portanto, com o argumento da relativa que também está no singular: *sai a* ‘casa’. Já em (15b), o anafórico ã é marcado pelo classificador nominal

genérico *tä* seguido do morfema de plural *pö*, concordando, portanto, com o argumento que está no plural na oração relativa: *Sanöma töpö* ‘os Sanöma’. Em (15c), a anáfora recebe o morfema de caso locativo *ha*, o mesmo que marca toda a oração relativa. A oração relativa, portanto, modifica um argumento locativo.

O paradigma de tempo utilizado em contextos testemunhados, indica que a oração relativa expressa uma ação testemunhada, diferentemente do que ocorre nas relativas marcadas por *noai* (16), em que a ação ou evento expressos na relativa não foram testemunhados, mas são inferidos pelo falante com base em evidências.

(15) a. [*Sanöma töpönö sai a thaapili*] *ĩ tä toita*

Sanöma =*tö* =*pö* =*nö* *sai* *a*= *thaa* =*pili*

Sanöma =CLN:gnr=3PL =ERG *casa* 3SG= *fazer* =PST.PRE.HOD

ĩ *tä*= *toita*

ANA CLN:gnr= ser.bom

‘A casa que os Sanöma fizeram é boa.’

b. [*Sanöma töpönö sai a thaapole*] *ĩ töpö ötö*

Sanöma =*tö* =*pö* =*nö* *sai* *a*= *thaa* =*po* =*la* =*e*

Sanöma =CLN:gnr=3PL =ERG *casa* 3SG= *fazer* =DYN =PRS =PROX.VIS

ĩ *tö*= *pö*= *ötö*

ANA CLN:gnr= 3PL= ser.generoso

‘Os Sanöma que estão fazendo a casa são generosos.’

c. [*sai samaa thaa piale ha*] *ĩ ha salo pö kua apa*

sai *sama*= *a*= *thaa* *pi* =*a* =*la* =*e* =**ha**

casa 1PL= 3SG= *fazer* *querer* =DER =PRS =PROX.VIS=**LOC**

ĩ =*ha* *saló* *pö*= *ku* =*a* =*apa*

ANA =LOC *animal* 3PL= *existir* =POST =INTNS

‘O local onde queremos fazer a casa tem muita caça.’

Nos exemplos abaixo, o relativizador é *noa* mais o morfema de passado hodierno *i*. Esse conjunto de morfemas indica que a ação ou evento expresso na relativa ocorreu no mesmo dia da enunciação, e que apesar de não o ter testemunhado, o falante possui evidências para inferir sobre sua realização.

(16) a. [*pole anö ulu tä ösö wälali noai*] *ĩ witi pili a hai ĩ pole a?*

pole =*a* =*nö* *ulu* *tä*= *ösö*= *wäla* =*li*
cachorro =3SG =ERG criança CLN:gnr= CLN:pele= morder =PFV

noa =*i* *ĩ* *witi* =*pili* =*a* =*hai* *ĩ* *pole* =*a*
INFR =PST.HOD ANA INT.PRO =INDEF =3SG =GEN ANA cachorro =3SG
'De quem é o cachorro que mordeu a criança?'

b. [*pole anö ulu tä ösö wälali noai*] *ĩ witi pili a hai ĩ ulu a?*

pole =*a* =*nö* *ulu* *tä*= *ösö*= *wäla* =*li*
cachorro =3SG =ERG criança CLN:gnr= CLN:pele= morder =PFV

noa =*i* *ĩ* *witi* =*pili* =*a* =*hai* *ĩ* *ulu* =*a*
INFR =PST.HOD ANA INT.PRO =INDEF =3SG =GEN ANA criança =3SG
'De quem é a criança que o cachorro mordeu?'

Note nos exemplos acima, que o argumento relativizado é repetido na oração principal, diferentemente do que ocorre nos demais exemplos, em que apenas a marca de concordância indica qual é o argumento nuclear. Duas hipóteses podem ser levantadas para explicar o fato de o argumento relativizado estar expresso na oração principal: (i) a distância entre o argumento na relativa e sua posição na principal é grande, pois são intermediados pela expressão interrogativa de posse '*witi pili a hai*', (ii) o fato de tanto o argumento ergativo quanto o argumento absolutivo da relativa serem nomes não classificados no singular, e portanto, marcados pelo morfema de singular de terceira pessoa *a*. A repetição do argumento na oração principal pode ser uma estratégia adotada para evitar ambiguidade sobre o argumento relativizado.

Note que no exemplo abaixo não há repetição do argumento na oração principal. Este é expresso por meio do pronome anafórico *ĩ* e pela concordância com a terceira pessoa do singular.

(17) [*suötönö nasi koko hölöka noai*] *ĩ a nomasoma*

suö =*tö* =*nö* *nasi* *koko*= *hölöka* =*noa* =*i*
mulher =CLN:gnr =ERG mandioca CLN:mandioca= ralar =INF =PST.HOD

ĩ *a*= *noma* =*so* =*ma*

ANA 3SG= morrer =PFV =PST

‘A mulher que ralou mandioca morreu’

6.6 Resumo do capítulo

Este capítulo apresentou os oito diferentes tipos de orações subordinadas adverbiais em Sanõma: sendo três temporais (presente relativo, marcado por =*tähä*, passado relativo, marcado por =*nö* e =*ha*, duração relativa, marcado por =*paha*); dois causais (marcadas por =*kutenö* e =*salo*); contrafactual (marcado por =*könaha*) e concessivo, marcado por =*maaki*.

Dentre as orações relativas, identificamos três estratégias: (i) nominalizando o verbo da relativa por meio do morfema *wi*, (i) flexionando o verbo da relativa com morfemas que indicam tempo e evidencialidade.

Identificamos os evidenciais testemunhado e inferido nas relativas. No entanto, seria interessante identificar se também os evidenciais não testemunhado e neutro são marcados nas relativas, para atestarmos se há uma completa simetria com os evidenciais expressos em orações principais.

O objetivo deste capítulo é apresentar uma descrição dos tipos de orações subordinadas e relativas em Sanõma, para que este tema possa futuramente ser aprofundado.

7 Sentenças interrogativas

Três tipos de sentenças interrogativas são apresentadas ao longo desta seção: (i) interrogativas polares, que solicitam ‘sim’ ou ‘não’ como resposta (1a), (ii) interrogativas de constituintes, que questionam a identidade de um dos constituintes da sentença utilizando um pronome interrogativo no lugar do constituinte (1b) e (iii) interrogativas adverbiais, que questionam sobre ações ou eventos: (i) sobre a maneira como uma ação ou evento foi realizada (como?), (ii) a referência temporal de ocorrência (quando?) (1c), (iii) ou o motivo pelo qual uma ação ou evento foi realizada (por que?).

(1) a. *wa temö hõ?*

wa= temö hõ

2SG= estar.vivo PTC.INT

‘Você está saudável?’

b. *witi pili a nomasoma?*

witi =pili a= noma =so =ma

INT.PRO =INDEF 3SG= morrer =PFV =PST

‘Quem morreu?’

c. *witi tähä Kakatima anö sitoto tiä mapaso pia salo?*

witi =tähä Kakatima =a =nö si toto= tiä

INT.PRO =REL.PRS Kakatima =3SG =ERG rede CLN:cipó= tecer

ma =pa =so pi =a =salo

parar =DER =PFV querer =DER =REAS

‘Quando Kakatima vai terminar a rede?’

7.1 Interrogativas polares

Em sentenças interrogativas polares a ordem dos constituintes é SOV, assim como em sentenças declarativas. Os fatores que diferenciam sentenças declarativas de sentenças interrogativas polares, portanto, são: (i) a duração da última sílaba, que em sentenças declarativas é mais breve do que em interrogativas, (ii) a oclusão glotal no final da sentenças declarativas, e sua ausência ao final de interrogativas, (iii) a opção de se utilizar a partícula *hõ* ao final de sentenças interrogativas, de forma não obrigatória.

Diferentemente do que ocorre na língua Yanomama (FERREIRA, 2017) e na língua Yanomamĩ (RAMIREZ, 2004a), sentenças interrogativas polares em Sanöma não são marcadas por entonação ascendente.

Como afirma Borgman (1990), sentenças interrogativas são marcadas pela ausência de oclusão glotal após a última sílaba, em contraposição às sentenças declarativas, em que uma oclusão glotal ocorre ao final da sentença. Nos exemplos abaixo, que foram elicitados, a partícula interrogativa *hõ* é opcional na interrogativa (2b). A diferença de duração entre a última sílaba da sentença declarativa em (2a), que é breve, e da última sílaba da sentença interrogativa em (2b), que é longa, é facilmente percebida, assim como é clara a presença da oclusiva glotal na pronúncia de (2a) e sua ausência em (2b). Não há diferença de entonação entre os dois tipos de sentenças.

Somente no exemplo abaixo o fone oclusivo glotal está representado graficamente (por meio da apóstrofe ') na sentença declarativa. A representação neste caso tem a função de marcar a diferença entre declarativas e interrogativas. Não adotamos, no entanto, inserir na grafia do Sanöma o símbolo ' indicando sentenças declarativas.

(2) a. *au husopö a loa '*

au husopö a= lo =a ?

2POS esposa 3SG= estar.sentado =POST DECL

'Sua esposa está sentada.'

b. *au husopö a loa?*

au husopö a= lo =a

2POS esposa 3SG= estar.sentado =POST

‘Sua esposa está sentada?’

Interrogativas polares com marcação de tempo e de espaço

Em Sanöma, quando categorias de tempo ou espaço estão marcadas em sentenças interrogativas polares, três paradigmas distintos são utilizados para expressar essas categorias, que são os mesmos utilizados em sentenças declarativas: (i) o paradigma com a cópula *ku*, (ii) o paradigma com a cópula *tha*, e (iii) o paradigma que não contém cópula (ver mais sobre os paradigmas de tempo na seção 5.6.3.3 e sobre evidenciais na seção 5.6.3.4).

Assim como na língua Sanöma, também a língua Yanomama possui um sistema de marcação de evidencialidade, tempo e espaço composto pela cópula *ku* e pela morfologia de tempo e espaço. Em Yanomama as “palavras *k-*”, como as denomina Ferreira (2017), operam como palavras interrogativas quando são utilizadas em sentenças interrogativas polares.

Segundo o autor, as palavras interrogativas formadas com palavras *k-* usadas em interrogativas polares são diferentes das formas *k-* utilizadas em sentenças declarativas, pois possuem categorias de tempo distintas daquelas de sentenças declarativas. Além desta distinção, há outra relevante que é a perda da função de evidencial da cópula *ku* em palavras interrogativas.

Essas duas diferenças entre a marcação de evidencialidade, tempo e espaço em sentenças declarativas e em sentenças interrogativas polares parecem estar sendo utilizadas pelo autor (op. cit.) como critério para afirmar que as palavras *k-* atuam como palavras interrogativas.

Para a língua Sanöma não adotaremos a análise de que as palavras formadas pela cópula *ku* mais os morfemas de tempo e de espaço operam como palavras interrogativas em sentenças interrogativas polares. Segundo nossa análise, em sentenças interrogativas polares, a cópula e os morfemas de tempo e espaço possuem as mesmas funções que em sentenças declarativas: marcação de evidencialidade, de tempo e de espaço.

Essa análise se baseia no fato de que as marcas utilizadas em sentenças declarativas e em sentenças interrogativas são as mesmas, não havendo diferença entre categorias temporais. Do mesmo modo, não há a perda da função evidencial da cópula *ku* em interrogativas, isto é, Sanõma também possui marcação de evidencialidade em sentenças interrogativas, e não apenas em declarativas. Além do testemunhado *ku*, as interrogativas em Sanõma também podem ser marcadas pelo não testemunhado *tha* e pelo inferido *noa*, como mostraremos adiante.

Assim como ocorre em todas as sentenças interrogativas polares em Sanõma, quando a partícula interrogativa *hõ* é utilizada, ela é o principal elemento que indica que se trata de uma sentença interrogativa, e não de uma declarativa. Quando a partícula não é utilizada, a duração mais longa da última sílaba e a ausência de oclusão glotal ao final da sentença são os traços que indicam as característica interrogativa das sentenças.

Os exemplos abaixo apresentam sentenças interrogativas com a cópula *ku* (testemunhado) (3a), sem a cópula *ku*, porém com o mesmo paradigma de tempo utilizado com a cópula *ku* (3b); com a cópula *tha* (não testemunhado) (3c), com o morfema *noa*, que expressa o evidencial inferido (3d); sem cópula e com o paradigma de tempo usado com o evidencial neutro, ou não marcado para evidencialidade (3e).

(3) a. *salaka waa sokö kipili hõ?*

salaka wa= a= sokö ku =pili hõ
 peixe 2SG= 3SG= pescar TEST =PST.H.NREC PTC.INT
 ‘Você pescou?’

b. *salaka waa soköpili hõ?*

salaka wa= a= sokö =pili hõ
 peixe 2SG= 3SG= pescar =PST.H.NREC PTC.INT
 ‘Você pescou?’

c. *ipa husopöa anö salaka a soköma **thali** hõ?*

ipa husopö =a =nö salaka

1pos esposa =3sg =erg peixe

*a= sokö =ma **tha** =li hõ*

3SG= pescar =PST **NTEST** =PRE.HOD PTC.INT

‘Minha esposa pescou?’

d. *wa huu **noa**?*

*wa= huu **noa***

2SG= ir **INFR**

‘Você foi?’

e. *sutuha wa kamakalimo sinomotima?*

sutuha wa= kamakali =mo sinomo =ti =ma

há.muito.tempo 2SG= febre =INTRZ sempre =DUR =PST

‘Faz tempo que você está tendo febre (malária)?’

As sentenças acima possuem diferentes evidenciais, que são expressos na morfologia. (3a) indica que o falante testemunhou a ação de pescar o peixe. Nesse caso, a pergunta pode estar sendo feita de maneira retórica, ou ainda, apenas para confirmar o fato. O mesmo ocorre em (3b), em que, apesar da ausência de cópula, o uso do mesmo paradigma de tempo que ocorre em sentenças com a cópula *ku* indica que se trata de uma ação testemunhada, segundo me informou o falante Sanöma. A sentença de (3c) pode ser usada no seguinte contexto: o falante está em Boa Vista se comunicando por radiofonia com alguém que está na comunidade, mesmo local onde a esposa do falante se encontra. Como o falante não viu a esposa indo pescar, nem tampouco a viu voltar, ou viu algum indício de que ela tenha pescado, ele utiliza a cópula de não testemunhado *tha*. A situação em que a pergunta de (3d) pode ser utilizada é a seguinte: o falante sabia que eu estava em sua comunidade, mas não me viu saindo de lá. Quando me vê chegando de canoa de volta em sua comunidade, infere que eu fui para outro lugar. A sentença em (3d) foi traduzida do livro “Saúde Yanomami: Um manual

etnolinguístico” (ALBERT & GOMEZ, 1997), que contém frases utilizadas na interação entre o profissional de saúde e o paciente yanomami. Neste caso, o profissional de saúde não deseja expressar a evidencialidade, e portanto, utiliza o paradigma de tempo não marcado para evidencialidade.

Assim como ocorre em sentenças declarativas, em interrogativas no presente com verbos dinâmicos, quando a cópula *ku* não é utilizada, é necessário o uso de *=po* antes do morfema de tempo (4b). Nos verbos posicionais (4c) e atributivos (4d) no presente não se usa o *=po* e a morfologia de tempo se liga diretamente à raiz verbal.

(4) a. *masulu wakö thaa kule hõ?*

masulu wa= kö= thaa ku =la =e hõ
 miçanga 2SG= DL= vestir COP =PRS =PROX.VIS PTC.INT
 ‘Você está usando as miçangas?’ (presente)

b. *salaka waa soköpole?*

salaka wa= a= sokö =po =la =e
 peixe 2SG= 3SG= pescar =DYN =PRS =PROX.VIS
 ‘Você está pescando?’ (presente)

c. *okomakö lukule?*

okoma kö= luku =la =e
 banana CLN:coletivo= estar.pendurado =PRS =PROX.VIS
 ‘As bananas estão penduradas?’

d. *wa motale?*

wa= mota =la =e
 2SG= estar.cansado =PRS =PROX.VIS
 ‘Você está cansado?’

Em nenhuma das categorias de passado o morfema que marca a classe dos verbos dinâmicos (=po) é utilizado. Note que apesar de (5b), que expressa o passado hodierno recente, (6b), que exemplifica o passado hodierno não recente e (7b), com o passado não hodierno, serem sentenças com verbos dinâmicos, a morfologia de tempo se liga diretamente à raiz verbal, sem o intermédio do morfema =po.

(5) a. *sama wa niapali ke hö?*

*sama wa= nia =pa =li **ku** =he hõ*
 anta 2SG= flechar =DER =PFV **COP** =PST.H.REC PTC.INT
 ‘Você matou uma anta?’ (passado hodierno recente)

b. *sama wa niapalehe hö?*

sama wa= nia =pa =li =he hõ
 anta 2SG= flechar =DER =PFV =PST.H.REC PTC.INT
 ‘Você matou uma anta?’ (passado hodierno recente)

(6) a. *sätänapi töpö waloki kipi hõ?*

*sätänapi tö= pö= walo =ki **ku** =pi hõ*
 não.indígena CLN:gnr=3PL= chegar =PFV **COP** =PST.H.NREC PTC.INT
 ‘Os não-indígenas chegaram?’ (passado hodierno não recente)

b. *sätänapi töpö waloki pi hõ?*

sätänapi tö= pö= walo =ki =pi hõ
 não.indígena CLN:gnr=3PL= chegar =PFV =PST.H.NREC PTC.INT
 ‘Os não-indígenas chegaram?’ (passado hodierno não recente)

(7) a. *masulu a simöpali kipili hõ?*

*masulu a= simö =pa =li **ku** =pili hõ*
 miçanga 3SG= enviar =DER =PFV **COP** =PST.PRE.HOD PTC.INT
 ‘Mandaram miçanga?’

b. *masulu a simöpalipili hõ?*

masulu a= simö =pa =li =pili hõ

miçanga 3SG= enviar =DER =PFV =PST.PRE.HOD PTC.INT

‘Mandaram miçanga?’

Em sentenças interrogativas no futuro, o morfema de tempo também se liga diretamente à raiz verbal.

(8) *salaka wa soköpö?*

salaka wa= sokö =pö

peixe 2SG= pescar =FUT

‘Você vai pescar?’

Apresentaremos adiante o sistema de marcação de categorias de espaço (localização e direção) em sentenças interrogativas polares. No tempo presente, o paradigma de espaço pode ser tanto o que contém a cópula quanto o que não a contém (ver mais sobre os paradigmas de espaço na seção 5.6.3.2). Note que (9a) faz uso da cópula, enquanto (9b) não possui cópula e utiliza o paradigma de espaço empregado em construções com evidencialidade neutra.

(9) a. *Kunatoi a kalipalo kulati hõ?*

Kunatoi a= kalipalo ku =la =ti hõ

Kunatoi 3SG= trabalhar COP =PRS =MM.PLAN PTC.INT

‘Kunatoi está trabalhando lá?’

b. *Kunatoi a kalipalotasoa hõ?*

Kunatoi a= kalipalo =tasoa =a hõ

Kunatoi 3SG= trabalhar =MM.PLAN =PRS PTC.INT

‘Kunatoi está trabalhando lá?’

Quando os morfemas de espaço são utilizados em sentenças com verbo no aspecto perfectivo o morfema de aspecto é suprimido tanto no sistema com a cópula quanto no sistema sem a cópula, como ilustram os exemplos em (10) e (11).

(10) a. **Kunatoi a waloki kulati?*

Kunatoi a= walo =ki ku =la =ti

Kunatoi 3SG= chegar =PFV COP =PRS =MM.PLAN

Leitura buscada: ‘Kunatoi chegou lá?’

b. *Kunatoi a walo kulati?*

Kunatoi a= walo ku =la =ti

Kunatoi 3SG= chegar COP =PRS =MM.PLAN

‘Kunatoi chegou lá?’

(11) a. **Kunatoi a waloki tasoa?*

Kunatoi a= walo =ki =tasoa =a

Kunatoi 3SG= chegar =PFV =MM.PLAN =PRS

Leitura buscada: ‘Kunatoi chegou lá?’

b. *Kunatoi a walo tasoa hō?*

Kunatoi a= walo =tasoa =a

Kunatoi 3SG= chegar =MM.PLAN =PRS

Leitura buscada: ‘Kunatoi chegou lá?’

Assim como nas sentenças declarativas, também nas interrogativas polares no tempo presente pode ser utilizado tanto o paradigma de marcação de espaço com cópula quanto o paradigma sem a cópula, como ilustram os exemplos em (12). No passado e no futuro, no entanto, a marcação de espaço é feita somente por meio do paradigma sem a cópula *ku*, como nos exemplos em (13).

(12) a. *Kunatoi a mota kulali?*

Kunatoi a= mota ku =la =li

Kunatoi 3SG= estar.cansado COP =PRS =RIO.AC

‘Kunatoi está cansado lá?’

b. *Kunatoi a mota**lasoa**?*

Kunatoi a= mota =laso =a

Kunatoi 3SG= estar.cansado =RIO.AC =PRS

‘Kunatoi está cansado lá?’

(13) a. *Kunatoi a mota**lasopi**?*

Kunatoi a= mota =laso =pi

Kunatoi 3SG= estar.cansado =RIO.AC =PST.H.NREC

‘Kunatoi estava cansado lá.’

b. *Kunatoi a loo**lasopö**?*

Kunatoi a= lo =o =laso =pö

Kunatoi 3SG= estar.sentado =STV =RIO.AC =FUT

‘Kunatoi vai se sentar lá.’

7.2 Interrogativas de constituintes

Em sentenças em que se pergunta sobre a identidade de um dos constituintes, o argumento sobre o qual se questiona é substituído por um pronome interrogativo. O pronome interrogativo *witi* ‘quem’ substitui nomes animados, enquanto o pronome interrogativo *kapi* ‘o que’ substitui nomes inanimados. *wi* associado a outros pronomes, conforme apresentaremos adiante, é utilizado em interrogativas de quantidade (quanto).

Os pronomes interrogativos de constituintes recebem o morfema de número e/ou o classificador nominal, e os morfemas de caso correspondentes ao constituinte que substituem.

wi naha que é utilizada em interrogativas adverbiais. O pronome interrogativo *wi naha* recebe morfemas que são utilizados em orações subordinadas ou coordenadas, como *=tähä* ‘quando’, *=salo* ‘porque’

Não há reordenamento de constituintes na sentença interrogativa, assim o pronome interrogativo permanece *in situ*, obedecendo a ordem SOV.

Diferentemente do que ocorre em sentenças interrogativas polares, a partícula interrogativa *hõ* não ocorre em sentenças interrogativas de constituintes.

Apresentamos abaixo exemplos de sentenças em que *witi* e *ka* substituem argumentos animados e inanimados de cada posição sintática: sujeito de verbo intransitivo, objeto de verbo intransitivo e sujeito de verbo transitivo.

Sujeito de intransitiva

(14) a. ***witi*** *pili a huu kimi?*

witi pili a= huu ku =imi

INT.PRO INDEF 3SG= ir TEST =VEN

‘Quem está vindo?’

b. *ĩ kapi tä kelasoke?*

ĩ ka =pi tä= ke =laso ku =he

ANA INT.PRO =FOC.INT CLN:gnr= cair =PFV TEST =PST.H.REC

‘O que caiu?’

Objeto de transitiva

- (15) a.
- Kunatoi anö ã **kapi tä** tha kule?*

*Kunatoi =a =nö ã **ka** =pi*

Kunatoi =3SG =ERG ANA INT.PRO =FOC.INT

***tä**= tha ku =la =e*

CLN:gnr= fazer TEST =PRS =PROX.VIS

‘O que Kunatoi está fazendo?’

- b.
- witi** pili waa hosalöma?*

***witi** pili wa= a= hosa =li =ma*

INT.PRO INDEF 2SG= 3SG= descartar =PFV =PST

‘De quem você se separou?’ Literalmente: ‘Quem você descartou?’

- c.
- Kunatoi anö **witi** pili **a** taama?*

*Kunatoi =a =nö **witi** pili a= taa =ma*

Kunatoi =3SG =ERG INT.PRO INDEF 3SG= ver =PST

‘Quem Kunatoi viu?’

- b.
- ã **kapi** wa **tä** motämani ke?*

*ã **ka** =pi wa= **tä**=*

ANA INT.PRO =FOC.INT 2SG= CLN:gnr=

mota =ma =li ku =he

perder =CAUS=PFV TEST =PST.H.REC

‘O que você perdeu?’

Sujeito de Transitiva

- 16) a. **witi pili anö** au halo ösö hēhalike?

witi pili =a =nö au halo

INT.PRO INDEF =3SG =ERG 2POS embrulho

ösö= hēha =li ku =he

CLN:pele= costurar =PFV TEST =PST.H.REC

‘Quem costurou sua roupa?’

Argumentos periféricos são substituídos pelos mesmos pronomes interrogativos, e também são marcados pelos morfemas de número e/ou classificador nominal, e por morfemas de caso.

Instrumento

- (17) a. **kawa nö ã kapi tönö** salaka wa sokä pii topaö?

ka=wa =nö ã ka =pi =tä =nö

2 =2SG =ERG ANA INT.PRO =FOC.INT =CLN:gnt=INS

salaka wa= sokä pii topa =ö

peixe 2SG= pescar querer ser.bom =DYN

‘Com o que você gosta de pescar?’

b. *ĩ kapi tä wasunö wa aulupaso ke?*

ĩ ka =pi tä= wasu =nö

ANA INT.PRO =FOC.INT CLN:gnr=doença =ERG

wa= aulu =pa =so ku =he

2SG= estar.doente =DER =PFV TEST =PST.H.REC

‘De que mal você adoeceu?’

Comitativo

(18) *hena tähä witi pili a solo Kunatoi a solo töpö namö huu pia kule?*

hena =tähä witi pili =a =solo Kunatoi =a =solo

cedo =REL.PRS INT.PRO INDEF =3SG =COM Kunatoi =3SG =COM

tö= pö= namö huu pi =a ku =la =e

CLN:gnr=3PL= caçar ir querer =PFV TEST =PRS =VIS

‘Com quem Kunatoi vai caçar amanhã?’

Aplicativo

(19) *hena tähä Kunatoi anö witi pili a kai namö huu pia kule?*

hena =tähä Kunatoi =a =nö witi pili

cedo =REL.PRS Kunatoi =3SG =ERG INT.PRO INDEF

a= kai= namö huu pi =a ku =la =e

3SG= APP= caçar ir querer =PFV TEST =PRS =VIS

‘Com quem Kunatoi vai caçar amanhã?’

Para perguntar sobre a identidade do possuidor de um nome, o nome do possuidor é substituído pelo pronome *witi* em uma construção com o morfema de caso genitivo *hai*, como no exemplo abaixo.

(20) *ĩ witi pili a hai ĩ kutiata ösö?*

ĩ witi pili =a =hai ĩ kutiata =ösö

ANA INT.PRO INDEF =3SG =GEN ANA canoa =CLN:pele

‘De quem é esta canoa?’

Perguntas sobre quantidades são construídas por meio do pronome interrogativo *wi* e o morfema que expressa maneira (= *naha*) seguido de um morfema composto pelo verbo *ku* ‘existir’ marcado pelo morfema =*li*.

(21) a. *wi naha kili makönö hi waheta matä thapalöma?*

wi =naha ku =li =makö =nö hi waheta

INT.PRO =assim TEST =QUANT =2PL =ERG DEM livro

ma= tä= tha =pa =li =ma

2PL= CLN:gnr= fazer =DER =PFV =PST

‘Quanto de vocês fizeram esse livro?’

b. *salaka a hua wi ã tökö naha wi naha kili wakö thamaki ke?*

salaka a= hu =a =wi ã =tö =kö =naha

peixe 3SG= pegar=DER =NMLZ ANA =CLN:gnr =DL =OBL

wi =naha ku =li wa= kö=

INT.PRO =assim TEST =QUANT 2SG= DL=

tha =ma =ki ku =he

fazer =CAUS=PFV TEST =PST.H.REC

‘Quantos peixes você pegou?’

7.3 Interrogativas adverbiais

Sentenças interrogativas adverbiais não questionam ‘quem’ ou ‘o que’, como fazem as interrogativas de constituinte, apresentadas na seção acima, mas interrogam sobre o tempo, o lugar, a maneira, ou a causa pela qual uma ação ou evento foi realizada. Para expressar essas categorias, são utilizadas expressões contendo um dos pronomes interrogativos (*witi* e *wi*) e morfemas utilizados como subordinadores em orações subordinadas declarativas de tempo (= *tähä*) e causa (= *salo*), e os morfemas que em sentenças declarativas marcam o caso oblíquo (= *naha*) e o caso locativo (= *a*, = *ha* e = *hamö*). Os pronomes interrogativos associados a esses morfemas geram as expressões *witi tähä* ‘quando’, *wi naha pii kuu salo* ‘por que’, *witi a*, *witi ha*, *witi hamö* ‘onde/aonde’ e *wi naha* ‘como’.

Apresentaremos adiante exemplos de cada tipo de sentença interrogativa adverbial do Sanöma. A intenção dessa exposição é apenas realizar um inventário dos tipos de sentenças interrogativas adverbiais, e indicar os morfemas que se associam ao pronome interrogativo em cada tipo. Um maior aprofundamento sobre o tema será levado a cabo em um trabalho futuro.

7.3.1 Interrogativas adverbiais de maneira

A língua Sanöma possui um morfema cuja forma é *naha* que possui algumas funções: é utilizado como marcador de caso oblíquo em argumentos periféricos que possuem as seguintes funções: (i) beneficiário, como em (22); (ii) em argumentos locativos, como em (23); (iii) expressando ‘assim como, igual a’, como em (24).

(22) a. *hia naha sa hapalo =ma*

hi =a =naha sa= hapalo =ma

DEM =3SG =OBL 1SG= falar =PST

‘Eu falei **para** ele.’

b. *ipa husopö a naha satä simöpalöma*

ipa husopö =a =naha

1POS esposa =3SG =OBL

sa= tä= simö =pa =li =ma

1SG= CLN:gnr= enviar =DER =PFV =PST

‘Eu o enviei **para** a minha esposa.’

(23) a. *ipa sai a naha sa kua*

ipa sai =a =naha sa= ku =a

1POS casa =3SG =OBL 1SG= estar =POST

‘Estou **em** minha casa.’

b. *hi ti naha ipa ulu a tuoö*

hi =ti =naha ipa ulu a= tu =o =ö

árvore =CLN:madeira =OBL 1POS criança 3SG= subir =STV =DYN

‘Meu filho sobe em árvore.’

O morfema *naha* utilizado em sentenças declarativas também pode expressar “assim, como”, conforme aventaram Borgman (1990) para a língua Sanöma e Ferreira (2017) para o morfema cognato da língua Yanomama:

(24) a. *Sanöma tä kui naha*

Sanöma *tä=* *ku* *=i* *=naha*

Sanöma CLN:gnr= ser =N.VIS=**assim**

‘Como um Sanöma.’ / ‘Igual a um Sanöma.’

b. *häsimo tete hösösö kui naha*

häsimo *=tete =hösö* *ösö=* *ku* *=i* *=naha*

inhambu =ovo =casca CLN:pele= ser =N.VIS=**assim**

‘Como a casca de ovo de inhambu.’ (expressão utilizada para se referir à cor azul turquesa, que é a cor do ovo de inhambu.)

c. *koli a sina kui naha*

koli *=a* *=sina* *a=* *ku* *=i* *=naha*

japim =3SG =cauda 3SG= ser =N.VIS=**assim**

‘Como a cauda do japim.’ (expressão utilizada para se referir à cor amarela, que é a cor da cauda do japim.)

d. *ĩ naha*

ĩ *=naha*

ANA =assim

‘assim’ / ‘por exemplo’

O morfema *=naha* utilizado em sentenças interrogativas é do mesmo tipo dos que ocorrem nas sentenças de (24), que podem ser traduzidos por ‘assim’ ou ‘como’. Quando ele se associa ao pronome interrogativo *wi*, a expressão pode ser traduzido por ‘como’, e é utilizada em sentenças que interrogam sobre a maneira como uma ação foi realizada, como em (25).

(25) a. **wi naha** hi salaka a sä kua totioö?

wi =naha hi salaka

INT.PRO =assim DEM peixe

a= sä ku =a toti =o =ö

3SG= bater existir =POST bem =STV =DYN

‘**Como** esse peixe é capturado?’ Lit. ‘Como matam esse peixe?’ (Peixes, p. 70)

b. **wi naha** hi ana amopö löpöma kua totioö?

wi =naha hi ana

INT.PRO =assim DEM cogumelo

amo= pö= löpö =ma ku =a toti =o =ö

CLN:cogumelo= 3PL= cozinhar=CAUSE existir =POST bem =STV =DYN

‘**Como** esse cogumelo é preparado?’ (Cogumelos, p. 54)

7.3.2 Interrogativas adverbiais de tempo

Sentenças adverbiais de tempo são produzidas com o pronome interrogativo *witi* associado ao morfema temporal =*tähä* ‘quando’. Este morfema, em contextos declarativos, é utilizado em orações subordinadas de tempo. Outra forma de se perguntar sobre tempo é utilizando “medidas de tempo”, como “dia”, “noite”, “lua”.

(26) a. **witi tähä** kamakö paöa pia salo?

witi =tähä ka makö= paöa =ö pi =a salo

INT.PRO =REL.PRS 2 2PL= dançar =DYN querer =DER REAS

‘**Quando** vocês vão dançar?’

b. *witi tä wakala a naha wa aulupasoma?*

witi =*tä* *wakala* =*a* =*naha*

INT.PRO =CLN:gnr dia =3SG =OBL

wa= *aulu* =*pa* =*so* =*ma*

2SG= estar.doente =DER =PFV =PST

‘Há quantos dias você adoeceu?’ / ‘Em que dia você adoeceu?’

7.3.3 Interrogativas adverbiais de lugar

Em sentenças interrogativas adverbiais de espaço, morfemas que em sentenças declarativas indicam caso locativo (=a, =ha, =hamö) são associados ao pronome interrogativo *witi*, como ilustram os exemplos abaixo.

(27) a. *witi ha silaka a?*

witi =*ha* *silaka* =*a*

INT.PRO =LOC flecha =3SG

‘Onde está a flecha?’

b. *witi a au si toto?*

witi =*a* *au* *si* =*toto*

INT.PRO =LOC 2POS rede =CLN:cipó

‘Onde está tua rede?’

c. *witi hamö wa huu pia kule?*

witi =*hamö* *wa*= *huu* *pi* =*a* *ku* =*la* =*e*

INT.PRO =LOC 2SG= IR querer =DER TEST PRS =PROX.VIS

‘Para onde você está indo?’

7.3.4 Interrogativas adverbiais de causa

Sentenças interrogativas adverbiais que questionam sobre a causa de uma ação ou evento fazem uso de uma expressão composta pelo pronome interrogativo *wi* e o morfema usado em interrogativas adverbiais de “maneira” (=naha) juntamente com o verbo que denota “pensar” e a conjunção explicativa =salo, utilizada em orações subordinadas de causa.

(28) a. **wi naha pii kuu salo** Kunatoi a pilitia kule?

wi =naha pii.kuu =salo Kunatoi

INT.PRO =assim pensar =REAS Kunatoi

a= pili =ti =a ku =la =e

3SG= deitar =DUR =DER TEST PRS =PROX.VIS

‘Por que Kunatoi está deitado?’

b. **wi naha pii kuu salo** hikali a naha wa huu maa kipili?

wi =naha pii.kuu =salo hikali =a =naha

INT.PRO =assim pensar =REAS roça =3SG =OBL

wa= huu ma =o ku =pili

2SG= ir NEG =STV TEST =PST.PRE.HOD

‘Por que você não foi à roça?’

Os quadros (**Erro! Autorreferência de marcador inválida.**) e Quadro 2) sistematizam os pronomes interrogativos com os morfemas de número e/ou classificador nominal e o morfema de caso que os acompanham em cada contexto apresentado neste capítulo.

Quadro 1. Pronomes interrogativos utilizados em sentenças interrogativas de constituintes

	sujeito de verbo intransitivo	objeto de verbo transitivo	sujeito de verbo transitivo	instrumento	comitativo	aplicativo	genitivo
interrogativa de constituente animado	<i>witi a</i>	<i>witi a</i>	<i>witi anö</i>		<i>witi a solo</i>	<i>witi a kai</i>	<i>witi a hai</i>
	<i>witi pili a</i>	<i>witi pili a</i>	<i>witi pili anö</i>		<i>witi pili a solo</i>	<i>witi pili a kai</i>	<i>witi pili a hai</i>
	<i>witi tä(PL¹)</i>	<i>witi tä(PL)</i>	<i>witi</i>		<i>witi tä(PL)</i>	<i>witi tä(PL)</i>	
	<i>witi pili tä (PL)</i>	<i>witi pili tä(PL)</i>	<i>tä(PL)nö</i>		<i>solo</i>	<i>kai</i>	<i>witi tä(PL)</i>
			<i>witi pili tä(PL)nö</i>	---	<i>witi pili tä(PL) solo</i>	<i>witi pili tä(PL) kai</i>	<i>hai</i>
							<i>witi pili tä(PL) hai</i>
glosa	‘Quem?’	‘Quem?’	‘Quem?’		‘Com quem?’	‘Com quem?’	‘De quem?’
interrogativa de constituente inanimado	<i>kapi tä(PL)</i>	<i>kapi tä(PL)</i>	<i>kapi tönö</i>	<i>kapi tönö</i>			
	<i>kapi CLN(PL)</i>	<i>kapi CLN(PL)</i>	<i>kapi CLN(PL)nö</i>	<i>kapi CLN(PL)nö</i>	---	---	---
glosa	‘O que?’	‘O que?’	‘O que?’	‘Com que?’			
interrogativa de quantidade	<i>wi naha kili tä(PL)</i>	<i>wi naha kili tä(PL)</i>	<i>wi naha kili anö</i>	<i>wi naha kili anö</i>	<i>wi naha kili töpö solo</i>	<i>wi naha kili töpö kai</i>	
	<i>wi naha kili CLN²(PL)</i>	<i>wi naha kili CLN(PL)</i>	<i>wi naha kili tä(PL)nö</i>	<i>wi naha kili tökönö</i>	<i>wi naha kili CLN(PL) solo</i>	<i>wi naha kili CLN(PL) kai</i>	---

¹ A abreviatura PL está sendo utilizada neste quadro para indicar que neste ambiente pode ser usado qualquer um dos morfemas de plural: *pö* ‘3PL’, que indica o plural de terceira pessoa ou *kö* ‘3DL’, que indica dual ou paucal, conforme apresentado na seção 4.2.2 sobre morfemas de número.

² A abreviatura CLN está sendo utilizada neste quadro para indicar que neste ambiente pode ocorrer qualquer um dos classificadores nominais além de *tä* ‘classificador nominal genérico’.

			<i>wi naha kili</i>	<i>wi naha kili</i>		
			CLN(PL) <i>nö</i>	CLN(PL) <i>nö</i>		
					‘Com	‘Com
					quantos?’	quantos?’
glosa	‘Quantos?’	‘Quantos?’		‘Com		
			‘Quantos?’	quantos?’		

Quadro 2. Pronomes interrogativos utilizados em sentenças interrogativas adverbiais

interrogativa	interrogativa	interrogativa	interrogativa
de maneira	de tempo	de lugar	de causa
‘como?’	‘quando?’	‘onde?’ / ‘aonde?’)	‘por que?’
<i>wi naha</i>	<i>witi tähä</i>	<i>witi a</i>	<i>wi naha pii</i>
		<i>witi ha</i>	<i>kuu salo</i>
		<i>witi hamö</i>	

7.4 Resumo do capítulo

Este capítulo mostrou que sentenças interrogativas possuem a mesma ordem de constituintes que sentenças declarativas (SOV). Portanto, o argumento sobre o qual se questiona permanece *in situ*, não havendo reordenamento.

Identificamos três tipos de sentenças interrogativas em Sanöma: (i) sentenças interrogativas polares, (ii) sentenças interrogativas de constituintes e (iii) sentenças interrogativas adverbiais.

Sentenças interrogativas polares podem fazer uso da partícula interrogativa *hõ* no final da sentença. Como o uso da partícula é opcional, há outro fator que diferencia sentenças polares de sentenças declarativas: declarativas são produzidas com uma oclusão glotal ao final da sentença, enquanto em interrogativas não há oclusão glotal no final da sentença.

Foram identificados dois tipos de sentenças interrogativas não polares: (i) sentenças interrogativas de constituintes e (ii) sentenças interrogativas adverbiais. As primeiras questionam a identidade de um dos argumentos da sentença, enquanto o segundo tipo interroga sobre a ação ou evento. Sentenças interrogativas de constituintes possuem dois tipos de pronomes interrogativos, cuja ocorrência é motivada pelo valor do traço ‘animacidade’ do argumento. Dessa forma, perguntas sobre argumentos [+animados] são feitas com o pronome interrogativo *witi*, que pode ser traduzido como ‘quem’, enquanto perguntas sobre argumentos [-animados] são feitas com o pronome interrogativo *ka*, que pode ser traduzido como ‘o que’.

Sentenças interrogativas adverbiais em Sanõma podem ser de tempo, lugar, maneira ou causa, parte delas são construídas com o pronome interrogativo *witi*, enquanto outras, com o pronome interrogativo *wi*.

O estudo sobre sentenças interrogativas não polares não se encerra com este breve capítulo, pois faz-se necessário ainda compreender as motivações para a distribuição dos pronomes interrogativos *witi* e *wi*, assim como descrever a estrutura sintática das interrogativas adverbiais, cujas características se correlacionam com as de orações subordinadas.

Referências¹

AIKHENVALD, A. Y. **Evidentiality**. Oxford: Oxford University Press, 2004.

_____. **Classifiers: A Typology of Noun Categorization Devices**. New York: Oxford University Press, 2000.

AIKHENVALD, A. Y.; DIXON, R. Evidentials and areal typology: a case study from Amazonia. **Language Sciences**, Amsterdam, v. 20, n.3, p. 241 – 257, 1998.

ALBERT, B. **O ouro canibal e a queda do céu: uma crítica xamânica da economia política da natureza**. Brasília: Universidade de Brasília, 1995.

ALBERT, B. **Povos Indígenas no Brasil**. 1999. Acesso em 07 de maio de 2019, disponível em Yanomami: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/yanomami>

ALBERT, B.; GOMEZ, G. G. **Saúde Yanomami: um manual etnolinguístico**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1997.

ALBERT, B.; GOMEZ, G. G.; MILLIKEN, W. **Urihi A: A Terra-Floresta Yanomami**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2009.

AMARAL, L. Bilinguismo, aquisição, letramento e o ensino de múltiplas línguas em escolas indígenas no Brasil. **Cadernos de Educação Escolar Indígena**, Cáceres, v. 9, n. 1, p. 13 – 32, 2011.

APIAMÖ, R. M.; SANUMÁ, M.; SANUMÁ, L. R.; MARTINS, M. S.; AUTUORI, J. **Tä saöka wi i tä waheta: tä katehamö utitii tä**. Alfabetização Sanöma: consoantes. Belo Horizonte: Fino Traço, 2017.

¹ De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 6023.

APIAMÖ, R. M.; SANUMÁ, M.; SANUMÁ, L. R.; MARTINS, M. S., & Autuori, J. **Tä saöka wi i tä waheta**: tä katehamö lotetei i tä. Alfabetização Sanöma: vogais. Belo Horizonte: Traço Fino, 2017.

AUTUORI, J. **Aspectos da fonologia da língua Sanumá (Yanomami)**. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2013.

BISERRA, R. D. **Ainda estamos vivos**: uma etnografia da saúde Sanumá. 2006. Dissertação (Doutorado em Antropologia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

BOERSMA, P.; WEENINK, D. **Praat**: doing phonetics by computer. Amsterdam: University of Amsterdam, s/d.

BORGMAN, D. **Gramática pedagógica Sanumá Yanomami (Sanumá-Português)**. Boa Vista: Missão Evangélica da Amazônia, 1976.

BORGMAN, D. Sanuma. In: DERBYSHIRE, D. C.; PULLUM, G. K. **Handbook of amazonian languages**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1990. p. 17 – 242. v. 2

CCPY. **Diagnóstico socioambiental da região de Auaris**. Boa Vista: CCPY, 2007.

CHAFE, W. **The pear stories**: cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production. Norwood/New Jersey: Ablex, 1980.

CHAFE, W.; NICHOLS, J. **Evidentiality**: the linguistic coding of epistemology. Norwood/New Jersey: Ablex, 1986.

CHOMSKY, N.; HALLE, M. **The sound pattern of english**. Cambridge: MIT Press, 1968.

COMRIE, B. **Aspect**: an introduction to the study of verbal aspect and related problems. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

_____ **Language universals and linguistic typology**: Syntax and Morphology. 2 ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.

COMRIE, B.; THOMPSON, S. A. Lexical nominalization. *In*: SHOPEN, T. (Ed.). **Language typology and syntactic description**. Grammatical categories and the lexicon. New York: Cambridge University Press, 2007. p. 334 – 381. v. 3.

DIESEL, H. **Demonstratives**: form, function, and grammaticalization. Amsterdam: John Benjamins, 1999.

_____ Distance contrasts in demonstratives. *In*: DRYER, M. S. **The world atlas of language structures online**. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2013.

DIXON, R. M. **Where have all the adjectives gone?**: and other essays in semantics and syntax. Berlin: Mouton de Gruyter, 1982.

DIXON, R. M.; AIKHENVALD, A. Y. (Eds.). **Adjective classes**: a cross-linguistic typology. Oxford: Oxford University Press, 2004.

FERREIRA, H. P. **Los clasificadores nominales del Yanomama de Papiu**. 2009. Tese (Mestrado em Antropologia Social) – Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social, Cidade do México, 2009.

_____ **Yanomama Clause Structure**. 2017. Tese (Doutorado em Linguística) – Radboud Universiteit Nijmegen, Nijmegen, 2017.

_____ **Esboço gramatical do Ȝaroamë**: língua Yanomami falada na Serra do Pacu/RR. Projeto de Documentação de Línguas Indígenas, s/d.

FERREIRA, H. P.; MACHADO, A. A.; SENRA, E. B. **As línguas yanomami no brasil**: diversidade e vitalidade. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2018 (no prelo).

FERREIRA, H. P.; HIMOTONA, A.; KREPUNA, G.; KARIUNA, M. **Dicionário de verbos português-yanomama**. Boa Vista: Instituto Socioambiental, 2011.

FIOCRUZ. **Avaliação da exposição ambiental ao mercúrio proveniente de atividade garimpeira de ouro na Terra Indígena Yanomami, Roraima, Amazônia, Brasil**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2016.

GIRARD, V. **Proto-Takanan phonology**. Berkeley: University of California Publications, 1971.

GOMEZ, G. G. Empréstimos do português e neologismos em Yanomae. **Signótica**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 61 – 74, 2009.

_____ Noun classifiers in ethnobotanical terminology of a Yanomami language of Brazil. In: KERKE, S. V.; VOORT, H. V. (Eds.). **Indigenous languages of lowland South America**. Leiden: Research School of Asian, African, and Amerindian Studies (CNWS), 2000. p. 9 – 24.

_____ **The Shiriana dialect of Yanam (Northern Brazil)**. 1990. Tese (Doutorado) – Columbia University, New York, 1990.

GONGORA, M. F. **Ääma ashichaato**: replicações, transformações, pessoas e cantos entre os Ye'kwana do Rio Auaris. 2017. Dissertação (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

GREENBERG, J. H. **Language in the Americas**. Stanford: Stanford University Press, 1987.

_____ **Universals of language**. Cambridge: The MIT Press, 1966.

GRINEVALD, C. A morphosyntactic typology of classifiers. In: SENFT, G. (Ed.). **Systems of nominal classification**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 50 – 92.

GUIMARÃES, S. **Cosmologia Sanumá**: o xamã e a constituição do ser. 2005. Dissertação (Doutorado em Antropologia) - Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

HALE, K.; KEYSER, S. **Prolegomenon to a theory of argument structure**. Cambridge: MIT Press, 2002.

IGGESEN, O. A. **Number of cases**. In: DRYER, M. S.; HASPELMATH, M. (Eds.). **The world atlas of language structures online**. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2013.

JAKOBSON, R.; FANT, C. G.; HALLE, M. **Preliminaries to speech analysis**. Cambridge: MIT Press, 1952.

JAKOBSON, R.; HALLE, M. **Fundamentals of language**. Berkeley: The Hague: Mouton, 1956.

KEENAN, E. L.; COMRIE, B. Noun phrase accessibility and universal grammar. **Linguistic Inquiry**, Cambridge, v. 8, n. 1, p. 63-99, 1977

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. **A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KROEGER, P. R. **Analyzing grammar: an introduction**. New York: Cambridge University Press, 2005.

LINDSTEDT, J. Tense and Aspect. *In*: HASPELMATH, M. **Language typology and language universals: an international handbook**. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2001. p. 768 – 783.

MARTINS, M. S. Conhecimento Indígena: Cogumelos Comestíveis Sanöma. *In*: RICARDO, B.; RICARDO, F. **Povos indígenas no Brasil: 2011-2016**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2017. p. 293 – 296.

MARTINS, M. S.; AUTUORI, J.; SANUMA, C.; SANUMA, L. R.; SANUMA, O. I.; SANUMA, M.; APIAMO, R. M. **Salaka pö** - peixes, crustáceos e moluscos. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2016.

MARTINS, M. S.; ISHIKAWA, N. K.; APIAMO, R. M.; SANUMA, M.; SANUMA, O. I.; SANUMA, L. R.; AUTORI, J. **Ana amopö** - cogumelos: enciclopédia dos alimentos Yanomami (Sanöma). São Paulo: Instituto Socioambiental, 2016.

MAX PLANCK INSTITUTE. **The Leipzig Glossing Rules:** conventions for interlinear morpheme-by-morpheme glosses. Leipzig, 2015.

MIGLIAZZA, E. **Yanomama grammar and intelligibility.** 1972. Tses (Doutorado em Linguística) – Indiana University, Indiana, 1972.

_____ Maku, Sape and Uruak languages: current status and basic lexicon.

Anthropological Linguistics, Indiana, v. 20, n.3, p. 133 – 140, 1978.

_____ Languages of the Orinoco-Amazon region: current status. *In*: KLEIN, H. E.;

STARK, L. (Eds.). **South American indian languages:** retrospect and prospect. Austin:

Texas University Press, 1985. p. 17 – 139.

MORAES, F. T. Amazônia brasileira abriga 453 garimpos ilegais, mostra estudo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://folha.com/ob2iehzv>. Acesso em: 10 dez. 2018

MÜHLHÄUSLER, P. Personal pronouns. *In*: HASPELMATH, M.; KÖNIG, E.;

OESTERREICHER, W.; RAIBLE, W.; (Eds.). **Language typology and language universals:**

an international handbook. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2001.

OLIVEIRA, M. W. O povo Yanomami está contaminado por mercúrio. *In*: RICARDO, B.;

RICARDO, F. **Povos Indígenas no Brasil:** 2011-2016. São Paulo: Instituto

Socioambiental, 2017. p. 285 – 287.

PALMER, F. **Mood and modality.** Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

PATEO, R. D. **Niyayou**: antagonismo e aliança entre os Yanomami da Serra do Surucucus (RR). 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

PAYNE, T. E. **Exploring language structure**: a student's guide. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2006.

RAMIREZ, H. **Le parler Yanomami des Xamatauteri**. 1994. Tese (Doutorado em Linguística) – Université de Provence, Aix-en-Provence, 1994.

RAMOS, A. **Memórias Sanumá**: espaço e tempo em uma sociedade Yanomami. Brasília: Marco Zero, Editora Universidade de Brasília, 1990.

SANCHEZ-MENDES, L. **A modificação de grau em Karitiana**. 2014. Tese (Doutorado em Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2014.

SHIBATANI, M. **The grammar of causation and interpersonal manipulation**. Philadelphia: John Benjamins, 2002.

STASSEN, L. Predicative possession. *In*: HASPELMATH, M.; KÖNIG, E.; OESTERREICHER, W.; RAIBLE, W; (Eds.). **Language typology and language universals**: an international handbook. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2001.

TALMY, L. **Toward a cognitive semantics**: concept structuring systems. Cambridge, MA: MIT Press, 2000. v. 1.

TIMBERLAKE, A. Aspect, tense, mood. In: SHOPEN, T. **Language typology and syntactic description**. Grammatical categories and the lexicon. New York: Cambridge University Press, 2007. p. 280 – 233. v. 3.

VALENTE, R. (16 de maio de 2019). Invasão em terra indígena chega a 20 mil garimpeiros, diz líder ianomâmi. **Folha De São Paulo**. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://folha.com/4myoq5i6>. Acesso em 12 jun. 2019.

VENDLER, Z. **Verbs and times**. *The Philosophical Review*, Durham, v. 66, n. 2, p. 143 – 160, 1957.

VERDUM, R. **Os Yawaripe**: contribuição à história do povoamento Yanomami. 1996. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 1996.